

XXX N.º XXVII XXX

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX CADERNO DE CULTURA XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

MEDICINA

NA·BEIRA·INTERIOR

DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉCULO XXI

XX

XX NOV. 2013 XX



MEDICINA NA·BEIRA·INTERIOR DA·PRÉ·HISTÓRIA·AO·SÉCULO·XXI

NOV.2013

SUMÁRIO

- 7 Ainda a questão do desaparecimento do túmulo de Amato Lusitano
J. A. David de Moraes
- 13 Doutor Amado (1511-1568), sete apontamentos
Alfredo Rasteiro
- 23 O caminho de Hades — o verbo, a palavra, a voz de Amato
Maria José Leal
- 27 Amato Lusitano, leitor da Odisseia
António Maria Martins de Melo
- 31 O mercador de Salónica, o seu gato e os seus criados: contribuição para o estudo das zoonoses nas "Centurias" de Amato Lusitano
J. A. David de Moraes
- 35 A pedra bezoar e o unicórnio nos comentários de Amato Lusitano a Dioscórides: propriedades, valor, tradição e tradução
José Silvío Moreira Fernandes e António Manuel Lopes Andrade
- 41 Amato Lusitano - os bezoares e a tradição das pedras curativas
Maria do Sameiro Barroso
- 47 Anotações metalinguísticas nas obras de Amato e de Laguna: a metáfora terminológica
Ana Margarida Borges
- 51 Da romã à nêspera: propriedades e fins terapêuticos de alguns frutos comuns em Portugal nas Enarrationes de Amato Lusitano
Emília Oliveira
- 57 Gracia Nasi (1510-1569) - a senhora judia única no seu tempo
João Maria Nabais
- 63 História da história de Amato Lusitano
João Rui Pila e Ana Leonor Pereira
- 73 Crise económica e saúde pública em Castelo Branco do séc. XIX - nota de investigação
Maria Adelaide Neto S. Salvador
- 79 Breve história da assistência em Vila Velha de Ródão
Maria de Lurdes Cardoso
- 81 A paixão do Dr. Vasconcelos Sobral
Antonieta Garcia
- 87 Evocação/memória de alguns médicos notáveis da Beira Interior - Concelho do Fundão (X): Dr. João José de Amaral
Joaquim Candeias Silva
- 97 Assistencialismo e Misericórdias no Distrito de Castelo Branco: um balanço historiográfico
Inês Nogueira de Melo
- 101 Nomes para um território: Fernando Namora e a Beira Baixa
Rui Jacinto
- 102 Apresentação da Antologia Amato Amato
Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata e Pedro Miguel Salvador
- 105 Amato Lusitano na medalhística portuguesa - duas novas obras
Pedro Miguel Salvador e Hugo Landeiro Domingues



FICHA TÉCNICA

Título:
CADERNOS DE CULTURA
MEDICINA NA BEIRA INTERIOR
DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉCULO XXI

Edição
Nº XXVII de Novembro 2013

PUBLICAÇÃO NÃO PERIÓDICA

Diretor:
António Lourenço Marques

Coordenadora:
Maria Adelaide Neto Salvador

Secretariado:
Quinta Dr. Beirão, 27 - 2.º E
6000-140 Castelo Branco - Portugal
Telef.: 272 342 042

Design da capa:
Hugo Landeiro Domingues sobre lustração:
Curatium Medicinalium: Centuria Septem -
Veneza: Francesco Storti, 1653-1654

Composição, paginação, impressão
e acabamento:
GRAFISSE - Artes Gráficas, Lda.
Rua Jornal do Fundão, 4-B, 6230-406 Fundão

ISSN: 206/2013

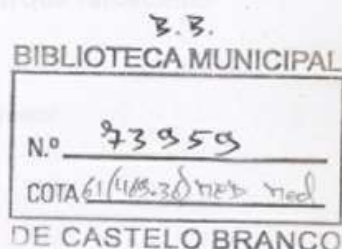
Depósito legal N.º: 366600/13

Os textos assinados são, na forma e no conteúdo, da inteira responsabilidade dos respetivos autores e não devem ultrapassar 2.500 palavras, incluindo a biografia e os anexos. Este número inclui as atas das XXIV Jornadas de Estudo "Medicina na Beira Interior - da pré-história ao séc. XX", sendo distribuído no âmbito das mesmas jornadas.

Patrocínio:



Câmara Municipal de Castelo Branco



MEDICINA E TESTEMUNHOS

Pensar que a ciência corresponde a um conhecimento "objetivo", válido universalmente e independente da vontade humana, foi uma perspectiva que vingou até um tempo ainda não muito longínquo, mas é uma ideia que hoje se reconhece não corresponder exatamente à realidade.

O conhecimento científico pertence à história humana e é o resultado do trabalho de pessoas concretas que, à sua maneira, se interessaram pela descoberta e pela compreensão da estrutura e do funcionamento da natureza. Pessoas vivendo em sociedade, numa determinada conjuntura histórica, num ambiente cultural determinado e, naturalmente, imbuídas de uma orientação ideológica também particular sobre como fazer a ciência e qual o seu papel. Se a ciência, de facto, procura a "verdade", também a própria verdade não é um conceito inato e imutável, mas uma ideia que é produto de uma reflexão continuada, com nuances ao longo da história do pensamento.

E, verdadeiramente, o trabalho de descobrir os caminhos da ciência ao longo do tempo, até se atingir o estado presente, só é possível através do estudo dos testemunhos que a atividade dos cientistas foi produzindo, e que são tão variados. Eles são também a prova evidente dessa relatividade do conhecimento, porque uma das características mais poderosas é precisamente a sua tão certa mudança. Tal não invalida que o conhecimento aceite no seu tempo, não fosse considerado então o conhecimento certo, ao mesmo tempo que era certo também que se renovaria para dar lugar a outros e novos conhecimentos. E assim sucessivamente.

Um outro traço comum, que perpassa em toda a história da ciência, é verificar-se que houve sempre

um esforço genuíno e o amor dos seus agentes criadores pelo entendimento das realidades tão variadas do mundo, ao mesmo tempo que pretendiam a sua aceitação pela comunidade, persuadindo-a da justiça dos pontos de vista que apontavam.

Ter a consciência deste percurso, que é um conhecimento de grande riqueza para se entender a ciência do presente e as suas direções futuras, implica pois o estudo perseverante das fontes e dos testemunhos respetivos. É neste espírito que se enquadra a insistência no estudo da obra ou das fontes relacionadas com Amato Lusitano, com a realização anual, durante 25 anos, das Jornadas de Estudo "Medicina na Beira Interior – da pré-história ao século XXI". Um manancial significativo de trabalhos originais – várias dezenas – apresentados nestes encontros interdisciplinares, e que estão registados nos Cadernos de Cultura, tal como mais este exemplar presente exemplifica, prova a justeza desta constância.

Na Primeira Centúria, logo na abertura, Amato Lusitano referiu-se ao "perpétuo testemunho", que a sua obra em mãos, "nem má nem inútil" prestaria à medicina, melhor dizendo, interpretando as suas palavras, ao amor dedicado à medicina. Que testemunho mais expressivo que este, ou seja, a escrita da sua obra, poderia ser legado pelo médico ao edifício da ciência em construção? Sim. São testemunhos perpétuos que ao serem visitados ou revisitados ampliam a profundidade do caminho em que verdadeiramente brota a ciência.

O diretor

AUDITÓRIO DA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

Dia 9 – 18h30 – Sessão de abertura.

- ## 20hoo Encerramento

Dia 10 — 09h30

- 11h00 — Intervalo para café**

Mesa redonda:

- “Os Comentários de Amato Lusitano a Dioscórides – do Index às Enarrationes”

Coordenação: Prof. Doutor António Lopes Andrade

Intervenções de:

- 13h00 – 14h30 Almoço,**

- 16h30 — Intervalo para café**

- Grácia Nasi (1510-1569), a senhora judia dona do seu destino – Doutor João Maria Nabais
- Miguel de Unamuno: “Um médico das almas dos doentes ibéricos” - Jornalista Miguel Santolaya Silva
- Faianças, Porcelanas e Vidros ao serviço da Saúde - Prof. Doutor Augusto Moutinho Borges e Doutor Chegão Vilhena Cardoso
- Progresso e retrocesso de uma medicina, cada vez mais desumana - Doutor Luis Lourenço
- Novos elementos para um inventário das representações amatianas - Doutor Pedro Miguel Salvado

4

MEMÓRIA DAS XXIV JORNADAS DE ESTUDO
MEDICINA NA BEIRA INTERIOR - DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉCULO XXI

Auditório da Biblioteca Municipal de Castelo Branco
9 e 10 de Novembro de 2012



Mesa de abertura das XXIV Jornadas. Da esquerda para a direita; Prof. Doutor Alfredo Rasteiro; Dr.ª Cristina Granada (vereadora em representação do Presidente da Câmara Municipal de Castelo Branco); Prof. Doutor António Lopes Andrade; Dr. António Salvado, da organização. Dr. António Lourenço Marques lendo as palavras de abertura.

CONFERÊNCIA INAUGURAL

“AMATO: LETRAS DE UM PERCURSO”, PROF. DOUTOR JOÃO ALVES DIAS



AINDA A QUESTÃO DO DESAPARECIMENTO DO TÚMULO DE AMATO LUSITANO

*J. A. David de Moraes**

"Aqui jaz; esta foi a terra que Amato pisou, ao morrer. / Portugal
o berço, na terra dos Macedónios o sepulcro. Como se encontra
longe do solo pátrio a sepultura!"¹

Diogo Pires, 1568.1



Fig. 1 – Cidade de Salónica, c. 1700: à direita da muralha oriental situava-se o cemitério judeu.

Introdução

Na "Nótula sobre o túmulo de Amato Lusitano", publicada nos "Cadernos de Cultura – Medicina na Beira Interior da Pré-História ao Século XXI", em 2008, escrevemos:

"Tendo-nos deslocado, em Setembro de 2007, a Salónica (actual Thessaloniki), tentámos identificar o túmulo de Amato Lusitano (1511-1568), que ali faleceu vitimado pela peste, ao procurar combatê-la. Os factos que apurámos foram os seguintes: quando os nazis alemães se instalaram em Salónica, controlando o estratégico acesso à Europa Central, começaram a praticar 'o seu desporto favorito', isto é, eliminar judeus. Dos cerca de 50 000 judeus que ali viviam, 45000 foram enviados para Auschwitz e gaseados (...). Quanto ao antigo cemitério judeu, foi arrasado pelos alemães, em 1943, e sobre ele foi construída uma piscina. O espaço onde se localizava o cemitério constitui, hoje em dia, o campus universitário da 'Aristotle University of Thessaloniki'. Assim, infelizmente, nunca mais será possível proceder-se à identificação do túmulo do grande médico português que foi Amato Lusitano, gorando-se, pois, a possibilidade de de aí vir a ser-lhe prestada uma justa homenagem."

Assim, por interposta pessoa (uma especialista grega de História da Arte) e por via de trabalhos de historiadores gregos (vide infra), induzimos os leitores dos "Cadernos de Cultura" em erro, qual seja, a atribuição da autoria do dismantelamento do cemitério judaico de Salónica aos alemães. É verdade que no nosso livro, "Eu, Amato Lusitano", no capítulo "O 'Mistério' do desaparecimento do túmulo de Amato Lusitano",³ procurámos corrigir o erro, mas o facto é que quem não tenha lido aquele livro quedar-se-á pela informação errónea inicial. Decidimos, pois, que o mais avisado seria dar à luz, neste espaço, uma versão aclaradora daquela nótula inicial.

Contextualização

Depois da segregação que confinou os luso-hebreus às judiarias;⁴ depois dos massacres em 1385 (Lisboa, Évora, Coimbra), em 1449 (Lisboa: assalto à "judiaria grande"), os violentos motins em 1482/1484 e a "grande matança de Lisboa" (1506);^{5,6} depois da conversão forçada ao catolicismo ("os baptizados em pé");⁷ depois de terem sido esbulhados dos seus teres e haveres; depois de se saber estar eminente a instalação em Portugal da Inquisição, empenho maior de D. João III⁸ – depois de todas estas vicissitudes, os criptojudeus portugueses

(‘oficialmente’ designados cristãos-novos) viviam com um olho na Flandres e outro no Norte de África. Na Flandres, gozavam de uma certa tolerância étnica; no Norte de África, entravam directamente no Império Otomano, que os acolhia boamente. Lembre-se que o Império Otomano se estendia então até à Algéria (logo, logicamente, o acesso era fácil a partir da Península Ibérica), mas a vigilância marítima era muito intensa por parte das forças navais portuguesas e espanholas, daí que os luso-hebreus seguissem com grande expectativa a disputa da praça-forte de Tunes.⁹ Enfatize-se que, deliberada e explicitamente, Amato Lusitano não deixou de assinalar esse facto: encontrava-se em Lisboa “(...) no ano em que a ilustre cidade de Tunes foi submetida (...)”, manu militari, pelas forças congregadas por Carlos V.¹⁰ Gorada, pois, a possibilidade antes antevista (expectativa da derrota da esquadra cristã às mãos de Hayreddin Barbarossa, almirante ao serviço de Grão Turco e terror do Mediterrâneo no século XVI), os luso-hebreus, em fuga preventiva face à eminente instalação da Inquisição, rumaram para outras paragens, designadamente a Flandres. Assim, na segunda metade do ano de 1535 (ou no início de 1536?) – a cidade de Tunes caiu em poder de Carlos V em Junho de 1535 –, João Rodrigues de Castelo Branco chegou a Antuérpia.¹¹ Passou depois, sucessivamente, a Ferrara, Ancona, Pesaro, Ragusa e, em 1559, instalou-se definitivamente no Império Otomano, em Salónica, a “nova Jerusalém” para os luso-hebreus expatriados.¹²

A afluência de hebreus sefarditas a terras otomanas era tal que, na cidade de Salónica, eles se tornaram mesmo maioritários: em 1613, por exemplo, constituíam 68% da população. Outrossim, tendo os criptojudeus assumido, abertamente, a condição de seguidores da lei mosaica,¹³ a sua religião florescia com a criação de escolas talmúdicas e sinagogas.¹⁴ Só no século XVI, foram ali edificadas quinze novas sinagogas, entre as quais se contavam a “Lizbon Yashan” (1510), “Portukal” (1525), “Evora” (1535) e “Lizbon Chadash” (1536).¹⁵

Naquela cidade da Macedónia, Amato Lusitano foi encontrar o convívio de muitos e doutos amigos lusitanos, fugidos à Inquisição portuguesa, como Abraão Franco, ex-auditor do duque de Aveiro,¹⁶ “Judas Abarbanel, neto do ilustre Judas ou Leão Hebreu, filósofo platónico que escreveu os célebres Diálogos de Amor, e muitos outros companheiros do exílio pátrio.”¹⁷

Ali continuou a trabalhar na sua já vasta produção médico-literária: terminou a redacção da VI Centúria e escreveu a VII Centúria.¹⁸ E, como sempre, dedicou-se denodadamente à sua clínica, tanto mais que Salónica era uma cidade “(...) atacada por doenças muito graves e de grande severidade. (...)”¹⁹

Em Janeiro de 1568, surgiu uma epidemia de peste, morrendo na cidade “umas trezentas pessoas ou mais, em cada dia”. Muita gente fugia da urbe, principalmente os ricos, refugiando-se em quintas e aldeias,²⁰ mas Amato permaneceu, acorrendo a todos, indistintamente, e mantendo-se firme no cumprimento das suas obrigações clínicas e deontológicas: “(...) Para tratar os doentes jamais curei de saber se eram hebreus, cristãos ou sequezes da lei maometana. (...)”²¹ Viria a falecer, em 1568, vitimado pela peste que ele próprio tentava debelar.

O “mistério” do desaparecimento do túmulo de Amato Lusitano

A derradeira informação que nos chegou de Amato Lusitano foi o seu elogio fúnebre, feito pelo grande poeta neo-latino Diogo Pires ou Didaco Pirro Lusitano (citação em epígrafe).

A tumulação de Amato ocorreu, pois, em 1568, no cemitério hebraico de Salónica, e depois disso seguiu-se um silêncio de séculos, até que em 1930 Jaroslav Šik terá procurado identificar a sua sepultura, mas em vão.²² Convirá referir que o cemitério judaico de Salónica – que começou a ser cobiçado pela edilidade grega logo após a conquista da cidade aos otomanos, em 1912 – era o maior cemitério hebraico conhecido (ocupava cerca de 35 hectares,²³ enquanto, por exemplo, o cemitério judaico de Praga tem apenas cerca de um hectare) e possuía quase meio milhão de sepulturas, ali depositadas ao longo de muitos séculos.²⁴ Assim, compreende-se que Jaroslav Šik tenha procurado a campa de Amato Lusitano “em vão”: impossibilidade óbvia de escrutinar todas as campas, lajes deterioradas ou partidas, inscrições eventualmente esbatidas pelo tempo e pelos fungos, vandalismo anti-semita, reutilização do material das sepulturas, etc., etc.? E que competências teria o croata (?) Jaroslav Šik em matéria de paleografia hebraica?

Possivelmente a partir da frustrada identificação tumular de Jaroslav Šik, um autor grego, Joseph Nehama, cidadão “de Salonique”, escreveu em 1951: “(...) Sa tombe, que l’on pouvait voir encore dans le cimetière juif salonicien, un peu avant la fin du dix-neuvième siècle, a disparu mystérieusement [ênfase nossa] (...)”²⁵ Ora, uma coisa é, num cemitério multi-secular e com centenas de milhar de campas, não se ter conseguido localizar ou identificar um determinado túmulo, e outra coisa é afirmar-se que o túmulo “desapareceu misteriosamente”. Que ‘mistério’ se pretende, pois, insinuar com semelhante afirmação?

A nós, quando procurávamos inteirar-nos do destino final da campa amatiana, uma técnica superior

grega, formada em História da Arte, informou-nos em Thessaloniki (Salonika, em 1937 passou, oficialmente, a designar-se Thessaloniki), como já referido supra, que o cemitério judaico – e com ele o túmulo de Amato Lusitano – tinha sido “destruído pelos nazis alemães, para construírem uma piscina”. E uma conhecida investigadora grega, Rena Molho (1946-....), escreveu: “(...) ‘Thessaloniki’s most ancient Jewish community stopped its continuous development only with the arrival of the Nazis,²⁶ who eliminated 96% of its population and succeeded in destroying its cultural wealth and monuments. They looted the Community’s archives and religious treasures, bombed most of its 60 synagogues and schools, desecrated its 400,000 Jewish graves cemetery and murdered almost 50,000 Jews living in the city in 1943. (...)’²⁷ – ênfases nossas. Assim, importa saber algo sobre Rena Molho e os seus trabalhos respeitantes aos judeus de Salónica: “(...) Her book, ‘The Jews of Thessaloniki, 1856-1919: A Unique Community’, received the Athens Academy Award in December 2000, and in 2001 it was published in Greek by Themelion publishing house. After this it became a university handbook distributed to Greek students of Jewish History. (...)’²⁸ – ênfases nossas.

Daqui se conclui que a elite universitária grega premiou um livro em que se propala que os nazis destruíram o multi-secular cemitério hebreu (o que é historicamente falso! – vide infra). Curiosamente, esse livro cobre o período de 1856-1919, sendo que a destruição daquele campo sagrado ocorreu em 1942! (os arquivos de Salónica do período de 1430 a 1950 só foram profundamente investigados por Mark Mazower – vide infra). Compreende-se, assim, como se disseminou entre os historiadores gregos a sua versão ‘oficial’ da destruição do cemitério judeu de Salónica, versão essa que se inculca aos estudantes de História grega do século XX. A conclusão última que se colhe – e os tempos presentes têm-se encarregado de o mostrar – é que, para os gregos, o conceito de ‘verdade’ é muito relativo.²⁹

Ora, a documentação historiográfica e os testemunhos presenciais recolhidos mostram que, apesar de os alemães terem usado o mármore das campas dos judeus para fazerem uma piscina e repararem e construírem estradas, foi, efectivamente, o município de Thessaloniki – que há muito desejava expropriar os “quase trinta e cinco hectares”³⁰ do mega cemitério hebraico, para efectuar a expansão leste da cidade³¹ (Figs 1, 2 e 3) – que aproveitou o ensejo para proceder à sua sumária e brutal demolição, obviamente com a cumplicidade das autoridades germânicas.³² Contudo,

em nome da verdade histórica, não podemos nem devemos aceitar o branqueamento das motivações e do comportamento dos gregos de então para com os judeus tessalonicenses aquando da ocupação conivente da Grécia pelas tropas hitlerianas.



Vejamos, pois, os factos concretos, comprovados pelas investigações do mais credenciado investigador da ocupação nazi da Grécia, Mark Mazower:³³ “(...) O cemitério judaico (...) fora objecto de controvérsia entre a comunidade [hebraica] e o município [grego] durante décadas. (...) O cemitério cobria uma vasta área (...) e continha centenas de milhares de campas. (...) Em 1940, foram proibidos mais enterros no velho cemitério, embora de facto continuassem a realizar-se, porque não se tomaram medidas para construir novos. (...) A 17 de Outubro [de 1942], o governador-geral da Macedónia, Vasilis Simonides [colaborador activo dos ocupantes nazis],³⁴ informou a comunidade judaica que deveria transferir o cemitério existente e construir dois novos nos arredores da cidade. Qualquer atraso levaria à imediata demolição do cemitério. Quando o rabi principal pediu que as obras fossem adiadas para depois do Inverno, a municipalidade ordenou o início da demolição. Assim, na primeira semana de Dezembro, quinhentos trabalhadores, seguindo as instruções do engenheiro-chefe do município, destruíram milhares de túmulos [durante uma semana], alguns datando do século XV, e amontoaram as lápides de mármore e os tijolos. (...) Recordou um sobrevivente [da deportação

de perto de 50 000 judeus para Auschwitz]:^{35,36} – ‘A cena era devastadora. Havia pessoas a correr entre os túmulos, implorando aos demolidores que poupassem os dos seus parentes; em lágrimas, recolhiam os restos mortais.’ (...) Escreveu uma testemunha ocular: – ‘A vasta necrópole (...) apresentava agora o espectáculo de uma cidade violentamente bombardeada, ou destruída por uma erupção vulcânica.’ (...) As autoridades militares alemãs requisitaram parte do mármore para a construção de estradas e de uma piscina. [Fig. 4]

Organizações e indivíduos gregos levaram mais



Fig. 4 – Vista parcial das pedras tumulares do cemitério judaico de Salónica, após a sua demolição, prontas para serem reutilizadas.

e, ainda há poucos anos, viam-se pedras tumulares empilhadas nos adros das igrejas da cidade, ou incrustadas em muros ou ruas da Cidade Alta [Fig. 5].

(...) Os alemães tinham dado luz verde, mas



Fig. 5 – Existem ainda pedras tumulares do antigo cemitério judaico de Salónica dispersas pela cidade (reproduzido de: http://www.lo-tishkach.org/en/index.php?categoryid=51&p17_sectionid=29&p17_imageid=22)

a iniciativa não partira deles. Depois da guerra, as autoridades gregas adoptaram a ideia de que a terra fora definitivamente expropriada (...).³⁷ – ênfases nossas. E, hoje em dia, quem procure o centenário cemitério judeu de Salónica encontra ali instalada “The Aristotle University of Thessaloniki”.³⁸

Qual é, pois, a situação actual do profanado cemitério hebreu? O espaço, como dito supra, foi ocupado – que não expropriado – em grande parte pela universidade de Thessaloniki,³⁹ mas, em lúdimo sentido, continua a pertencer, legalmente, à comunidade judaica da cidade.⁴⁰ Assim, tratando-se de terra (con)sagrada, sempre que as autoridades gregas efectuem interven-

ções de construção no solo da universidade, convergem para ali rabinos e judeus de várias partes do mundo, protestando contra essa profanação (Fig. 6).⁴¹

Obviamente, o túmulo de Amato Lusitano, datan-



Fig. 6 – Construções em curso, em 2007, nos terrenos da Universidade de Salónica, no antigo cemitério hebreu (reproduzido de Yeshiva World News).

do de 1568, também não foi poupado nas demolições feitas pelas autoridades gregas em Dezembro de 1942. O destino último dos restos mortais de Amato poderá, pois, ter sido um dos seguintes: foram destruídos aquando da construção das fundações da Universidade, ou jazem ali, debaixo de toneladas de betão? Quanto à sua campa funerária: foi aproveitada para reparar estradas, construir uma piscina, ou foi reutilizada em habitações e muros de Salónica; estará entre as lajes, não identificadas, arrumadas em adros de igrejas?⁴²

CONCLUSÃO

Sobre o pretenso “mistério” do desaparecimento do túmulo de Amato Lusitano, se seguirmos a ‘vulgata’ que actualmente se ensina nas universidades gregas, concluiremos que ‘foram os nazis’ que, em 1942, destruíram o centenário cemitério hebreu de Salónica e, concomitantemente, o seu túmulo. Todavia, se seguirmos as investigações isentas de autores modernos, que compulsaram, descomprometidamente, a documentação coeva (ainda) existente nos arquivos históricos, então não restam dúvidas de que foram os interesses de expansão urbanística da cidade de Salónica para fora das suas antigas muralhas, na direcção leste (Fig. 3), que determinaram que os serviços municipalizados da cidade arrasassem, literalmente, o espaço consagrado – logo, sagrado e inviolável, segundo os princípios religiosos judaicos – do monumental cemitério. Como é sobejamente sabido, na lógica urbanística ‘moderna’ de expansão e de interes-

ses imobiliários, é o menosprezo que prevalece sobre os valores patrimoniais, religiosos e culturais: o túmulo de Amato e os de outros largos milhares de luso-hebreus da diáspora de Salónica acabaram, pois, por ser vítimas do “progresso” salonicense e da sede de helenização que se seguiu à conquista de Salónica aos otomanos.⁴³ Mas, importará recordar que a animosidade contra os judeus gregos de Salónica tinha raízes históricas mais fundas: “(...) A Grécia tinha [em Salónica] uma classe comercial bem enraizada que via na comunidade judaica um competidor a desalojar. (...)”⁴⁴ Assim, logo em 1912, aquando da conquista da Macedónia aos otomanos, o nosso cônsul-geral em Constantinopla relatava, com base nas informações recebidas do cônsul de Portugal em Salónica: “(...) Com respeito ao massacre e pilhagem sobre a população israelita de Salónica pelos soldados gregos, não sofre dúvida a sua averiguação. (...)”⁴⁵⁻⁴⁶

Em suma: neste contexto, no que respeita à destruição planeada do cemitério hebraico de Salónica e, concomitantemente, da sepultura de Amato Lusitano, não se deverá pactuar com o branqueamento da História que os gregos estão a fazer, e cuja versão ‘oficial’ tem estado a proliferar.⁴⁷ De feito, está-se perante uma versão auto-desculpabilizadora que as autoridades e a intelligentsia gregas construíram e fomentam, deliberadamente, e que, em nome da verdade histórica, importa denunciar.

Tão-só este ano, 2013, é que, pela primeira vez, se assinalou em Salónica, com uma marcha simbólica, a destruição da então secular e próspera comunidade judaica tessalônicaense.⁴⁸

Notas ao Texto:

- 1 - “Epitáfio de Amato Lusitano, médico incomparável. Morreu de peste, quase sexagenário, em Salónica, no ano de 1568.”, in: Américo da Costa Ramalho, 1991, p. 5; idem, 1994, p. 216-217.
- 2 - J. A. David de Moraes, 2008, p. 143.
- 3 - J. A. David de Moraes, 2011, pp. 77-85.
- 4 - A discriminação ‘oficial’ dos judeus portugueses ter-se-á iniciado no reinado de D. Pedro I, com a instituição das judiarias: “(...) Nas villas e logares onde havia ‘ara’ de judeus mandou D. Pedro que tivessem (...) logares proprios para viverem apartados. (...)”, J. Mendes dos Remedios, vol. I, 1895, p. 156.
- 5 - Jorge Martins, 2010, p. 23.
- 6 - Samuel Usque, 1553, *Diálogo terceiro*, cap. 29. “A Matança de Portugal. Año 5266”.
- 7 - “(...) Vendo El-rei que ainda isto não bastava, (...) determinou usar com eles a violência que havia usado com seus filhos; e arrastando-os pelas pernas, outros pelas barbas e cabelos, dando-lhes punhadas no rosto, e espancando-os, às igrejas onde lhe deitaram a água os levaram (...)”, Samuel Usque, 1553, *Diálogo terceiro*, cap. 28. “Quando os fizeram cristãos por força. Portugal Año 5257”.
- 8 - “(...) Foi D. João III um solícito tutelar da religião, por isso lhe chamam o piedoso. Piedoso aqui não vem de piedade, sentimento de compaixão, mas de pietismo, forma essa em que se sublima a devoção extremada. (...) O estabelecimento da Inquisição foi o acto de política interna que mais apaixonou D. João III. (...) Fugiram por todos os caminhos quantos podiam representar espírito de progresso, temerosos da noite que se adensava sobre a Nação. (...) Pinheiro Chagas, na peugada de Herculano, chama-lhe o mais estúpido e fanático dos reis. (...) Aos doze anos, caiu de uma varanda à rua (...). Que a queda foi grave conclui-se do facto de haver sido encontrado sem fôlego, jorrando sangue da fronte por uma grande brecha, acima do olho direito. Já ninguém o julgava. Passou o dia todo e a noite sem recuperar os sentidos, em estado de coma. À sua volta é de crer que murmurassem os físicos: morre ou fica tonto. Não morreu. (...)”, Aquilino Ribeiro, 2008, pp. 152, 160-161. Aquando da aclamação de D. João III, Gil Vicente (1965, p. 1308) pôs na boca do “Povo em geral” o seguinte desejo: “(...) Bonança nos seja dada, / Que a tormenta passada / Foi tanta e tão desigual, / Que no mundo he soada. (...)” Ora, a verdade é que “O Piedoso” veio acrescentar à ‘tormenta passada’ ainda mais tormenta, ‘tanta e tão desigual’ que no mundo se tornou bem conhecida!
- 9 - J. A. David de Moraes, “João Rodrigues (de Castelo Branco): a problemática da homonímia”: comunicação a apresentar às “Jornadas Medicina na Beira Interior, da Pré-História ao Século XXI”, Castelo Branco, 2013.
- 10 - Amato Lusitano (A.L.), *IV Centúria*, cura 19; João J. Alves Dias, 2011, pp. 24-25.

- 11 - Não confundir, como tem acontecido – v. g. António M. L. Andrade, 2009, p. 10-13, etc. –, João Rodrigues (Amato Lusitano) médico, com João Rodrigues (Mestre Janne Rodrigo, Jan Roderigo ou Jan Rodrigue) comerciante, que aportou em Antuérpia em 1534 e foi logo preso por alegada entrada ilegal no país.
- 12 - Cidade sucessivamente helénica, romana, bizantina, otomana e grega – tornou-se otomana em 1430, conquistada por Murad II, e grega em 1912.
- 13 - “(...) Salónica. Verdadeira madre do judeísmo (...). Nesta se tem recolhido a maior parte destes meus filhos perseguidos e desterrados da Europa e outras muitas partes do universo (...).” Samuel Usque, 1553, *Diálogo Terceiro*, cap. 34. “Salónica ano de 5305 da criação do mundo”.
- 14 - “(...) A virga-férrea violentaram o judeu ao mimetismo católico – por fora o evangelho de Cristo, por dentro a lei de Moisés. (...)”, Ricardo Jorge, 2010, p. 25.
- 15 - “(...) Uma vez libertos dos terrores do Santo Ofício, todos esses expatriados se entregavam à prática do judaísmo, uns continuando às claras a vida que só a ocultar e muito a medo já seguiam, outros dando o seu apoio e aderindo à crença mosaica como uma consequência do seu exodo. Os contemporâneos [em Portugal] lamentavam-se do facto e citavam muito a propósito Amato Lusitano esse, dizia, criado em nossas escolas e baptizado em nossas pias e que foi acabar entre Turcos (...)”, Mendes dos Remedios, vol. II, 1928, p. 209.
- 16 - “(...) Salónica era considerada o centro espiritual dos judeus do império (...)”, Marianna Birnbaum, 2005, p. 118.
- 17 - “[Os judeus de Salónica] rezavam em sinagogas com nomes das terras que tinham há muito abandonado – Yspanya, Cécilyan (Siciliana), Magrebi, Lzbon, Talyan (Italiana), Otranto, Aragon, Katalan, Pulya (Apúlia), Evora, Portukal, e muitas outras –, designações que sobreviveram até à destruição das próprias sinagogas, no incêndio de 1917. (...)”, Mark Mazower, 2009, p. 56. Vide, também, *History of the Jews of Thessaloniki*: http://en.wikipedia.org/wiki/History_of_the_Jews_of_Thessaloniki (consultado em Outubro de 2010).
- 18 - “(...) Toda a cidade [de Salónica] vive ao ritmo da sua maioria sefardita que impõe o feriado do sábado a todas as etnias e actividades da cidade, incluindo os correios. (...)”, Edgar Morin, 1994, p. 16.
- 19 - A. L., *VII Centúria*, cura 96.
- 20 - Idem, *VII Centúria*, cura 98.
- 21 - “Salónica foi, num espaço reduzido, uma nova Sefarad. (...) Tem judeus de cima a baixo da escala social, desde banqueiros, grandes empresários, médicos, letrados, aos operários, estivadores, carregadores, domésticas, passando pelos artesãos, lojistas, carroceiros. Há mesmo proprietários fundiários e rendeiros judeus. (...) Além disso, a comunidade dispôs a partir de 1515 de uma tipografia (a primeira tipografia otomana só apareceria em 1728). (...)”, Edgar Morin, 1994, pp. 14, 16-17.
- 22 - “(...) O judeu é aquele que, até à porta de uma câmara de gás, continuaria ainda a corrigir um texto. Houve rabinos que o fizeram. (...)”, George Steiner, 2006, p. 59.
- 23 - A. L., *VII Centúria*, Dedicatória.
- 24 - Difundiam-se “(...) ‘febres pútridas’, emanações tóxicas e doentias que enlouqueciam os cavalos e se manifestavam nas ‘faces doentias e lábios exangues’ dos habitantes da cidade. (...)”, Mark Mazower, 2009, p. 23.
- 25 - Já Giovanni Boccaccio, autor que viveu a grande peste de Florença de 1348, dizia no *Decameron* que a cidade ficou então praticamente abandonada à pilhagem, porque a fuga para os campos era tida como a solução para tentar escapar à pestilência.
- 26 - *Juramento Médico de Amato Lusitano*, in: Augusto d’Esaguy, 1955.
- 27 - Jaroslav Sik, 1931, pp. 9-20.
- 28 - Ver: “(...) Map of the cemetery before the war, with the buildings that the University planned on building if the land was to be confiscated. One can see that the exact size of the cemetery was total 358,000 m2. (...)”, in: http://www.lo-tishkach.org/en/index.php?categoryid=51&p17_sectionid=29&p17_imageid=226 (consultado em Agosto de 2013).
- 29 - A fundação do cemitério é, geralmente, datada do século XV (nessa altura foi ampliado, após o início da chegada dos judeus sefarditas, expulsos de Espanha e de Portugal), mas ele já existia antes: lembremos os judeus romaniotas (judeus de expressão grega), ali instalados no tempo de Alexandre da Macedónia, ‘O Grande’, ou em 70 d.C., aquando da destruição do Segundo Templo pelos romanos. Lembre-se, outrossim, que o apóstolo Paulo pregou numa sinagoga em Salónica (Epístolas I e II aos Tessalonicenses: “(...) Durante a pax romana, Paulo de Tarso, o filho de fariseu que teve a revelação de Cristo no caminho de Damasco, veio pregar aos judeus helenizados de Salónica. Ainda não tinha separado radicalmente o ramo cristão do seu tronco judeu. (...)”, Edgar Morin, 1994, p. 14.
- 30 - Jos. Nehama, 1955, p. 213.
- 31 - Joseph Nehama (1880-1971), judeu grego, é o reputado autor da *Histoire des Israélites de Salanique*, em 7 vols (1935-1978), mas que, começando nos judeus romaniotas, vai apenas até à eclosão do movimento messiânico sabbateano (1669).
- 32 - Historiograficamente, não foi com a chegada dos nazis que “parou o desenvolvimento contínuo da antiga comunidade judaica”. O seu cerceamento começou bem antes, aquando da conquista da cidade, com o “massacre e pilhagem sobre a população israelita de Salónica pelos soldados gregos”, Manuella Franco, 2004, p. 138. Vide também, infra, as notas 40 e 43.
- 33 - Rena Molho (1946-....). *The Jerusalem of the Balkans. Salónica 1856-1919*, cap. Salónica: from a Multinational Empire to a National State. In: <http://www.jmth.gr/web/thejews/pages/history/pages/his.htm> (consultado em Julho de 2011).
- 34 - Rena Molho: http://en.wikipedia.org/wiki/Rena_Molho_%28historian%29 (consultado em Julho de 2011).
- 35 - “(...) Não se trata de descobrir o segredo dos Templários, mas sim de construí-lo. (...)”, ironiza Umberto Eco, 2007, p. 334. *Mutatis mutandis*, para os gregos não se trata de apresentar a verdade histórica sobre os acontecimentos ocorridos em Salónica em 1942, mas sim de (re)construir essa (H)história.
- 36 - Mark Mazower, 2009, p. 424.
- 37 - Salónica, até ao final do século XIX, estava confinada em cerca de 13 km de muralhas.
- 38 - Os alemães, mais interessados no esforço de guerra do que nos problemas urbanísticos da edilidade de Salónica, deram cobertura à decisão dos gregos, mas não fizeram “o trabalho sujo” (como, aliás, aconteceu nos campos de concentração): esse, foi obra dos gregos!
- 39 - Mark Mazower (D. Phil.: Oxford University 1988; Master of Arts: Johns Hopkins University 1983; Bachelor of Arts: Oxford University 1981) é, quicá, actualmente, o maior especialista mundial da História de Salónica dos séculos XV-XX. É professor de História na Columbia University, de New York, e lecciona também em universidades inglesas. O seu livro “*Inside Hitler’s Greece: The Experience of Occupation, 1941-44*” recebeu o “*Fraenkel Prize in Contemporary History*” e o “*Longman/History Today Award for Book of the Year*”.
- 40 - “(...) Vasillis Simonides (Greek governor of Macedonia in Salónica) provided the Germans with Greek policemen to guard the ghettos and participated in the looting of Jewish assets. Simonides did not mention the impending deportations to his superiors in Athens (...)”: <http://sephardichorizons.org/Volume1/Issue3/BookReview.html> (consultado em Julho de 2013). Vide, também, Mark Mazower, 2009, p. 437.
- 41 - “(...) Deportação de 46 000 Judeus de Salónica, a maioria para Auschwitz; desaparece assim o maior centro de judaísmo sefardi na Europa. (...)”, Elie Barnavi

et al, 1992, p. 212. Mais rigorosamente, e segundo os dados oficiais dos arquivos de Auschwitz-Birkenau, de Salónica foram deportados 48 674 judeus (48 233 para Auschwitz-Birkenau e 441 para Bergen-Belsen), Paul Isaac Hagouel, 2006, p. 17.

"(...) La langue ladino disparaît avec les juifs de Salonique (...)", Jacques Attali, 2009, p. 54. O ladino era a língua dos judeus sefarditas: vide *Dicionário do Judaísmo Português*, 2009, pp. 305-306.

36 - Lembremos a filosofia subjacente à actuação dos membros das SS, executores do plano de extermínio dos judeus, advertindo-os clinicamente: "(...) Seja como for que esta guerra acabe, a guerra contra vós fomos nós a vencê-la. (...)". Simon Wiesenthal, 1970. Nas suas memórias, "(...) Speer [arquitecto e ministro do armamento e da produção bélica de Hitler, e que com ele privava] chega à conclusão de que o eixo absoluto e inabalável da existência de Hitler era o ódio pelos judeus. A política e os planos de guerra de Hitler eram, na íntegra, 'mera camuflagem para este verdadeiro factor de motivação'. (...)". George Steiner, 2010, p. 97. Historicamente, fica por explicar as razões por que os Aliados não bombardearam ou sabotaram as linhas férreas que continuaram a transportar judeus para os campos de extermínio até às vésperas da capitulação alemã!

37 - Mark Mazower, 2009, pp. 422-424. Vide, outrossim, Esther Benbassa, Aron Rodrigue, 2001, p. 290.

38 - "(...) The Aristotle University of Thessaloniki (...) is the largest university in Greece and in the Balkans. (...)". http://en.wikipedia.org/wiki/Aristotle_University_of_Thessaloniki (consultado em Julho de 2011). A Universidade ocupa 23 hectares (idem), o que levanta a questão do destino dado pelo governador-geral de Salónica, Vasilis Simonides, aos restantes 12 hectares do cemitério hebreu?

39 - Vide, v. g., Mark Mazower, 2009, Fig. da p. 509.

40 - David Rubel, 2008, elaborou um pormenorizado relatório sobre esta problemática: *A Report on Preventing any Further Desecration of the Jewish Cemetery of Thessaloniki, Greece. Findings, Concerns and Recommendations*.

41 - "(...) Today [Thursday, November 22nd, 2007], a delegation of leading rabbis and laymen from New York are holding a protest at the site of the historic Jewish cemetery at the Aristotle University of Thessaloniki where construction is continuing to destroy the historic and sacred resting place of members of the Salonica Jewish community. (...) Any such action is considered sacrilege and a violation of Jewish law. (...)". <http://www.theyeshivaworld.com/article.php?p=12061> (consultado em Julho de 2010).

42 - "Actualmente, os únicos vestígios da predominância dos judeus que ainda sobreviverem são alguns nomes (...) em desbotadas fachadas de lojas, pedras tumulares com caracteres hebraicos empilhadas em adros de igreja, um lar de idosos e a sede da comunidade.", Mark Mazower, 2009, p. 13.

43 - "(...) Conforme a nação grega crescia em direcção às suas mitológicas fronteiras, crescia também o seu empenho na helenização política, financeira, económica e cultural dos seus novos territórios. (...)". Manuela Franco, 2004, p. 138. Posteriormente, aquando da deportação dos judeus para os campos de extermínio nazis, "(...) Dos docentes e discentes universitários, dos empresários e das associações de advogados, mal se ouviu um murmúrio. A municipalidade perguntou ao governador-geral quando poderia anunciar as vagas nos empregos anteriormente ocupados por judeus, e mudou os nomes às poucas ruas da cidade que homenageavam figuras judias. (...)". Mark Mazower, 2009, p. 436.

44 - Manuela Franco, 2004, p. 138.

45 - Idem, p. 123.

46 - Após a ocupação de Salónica pelas tropas gregas (1912), em especial a Áustria, Espanha e Portugal começaram a dar vistos aos judeus da cidade. Todavia, depois do acordo entre a Grécia e a Turquia, segundo o nosso cónsul-geral em Constantinopla, "(...) as autoridades gregas recusam a legalização dos documentos provenientes do nosso consulado e apresentados pelos israelitas que se consideram de origem portuguesa e requereram a reintegração na sua primeira nacionalidade. (...)". Manuela Franco, 2004, p. 143. Face à atitude grega, dos vistos provisórios concedidos então pelo nosso consulado em Salónica a "umas 500 famílias" (cerca de 2500 pessoas), apenas "(...) poucas centenas de pessoas [seriam] repatriadas em 1944 (...)". Manuela Franco, 2004, p. 119. Lembre-se que "(...) Os sefardim são maioritários em Salónica desde meados do século XVI e assim continuaram até 1912. (...)". Edgar Morin, 1994, p. 16.

Recorde-se, retrospectivamente, que em 1912 houve a aprovação, pela câmara dos deputados e pelo senado portugueses, de um projecto ("projecto Bravo"), elaborado pelo deputado Manuel Bravo) que propunha a abertura do planalto central de Angola à colonização israelita (uma espécie de compensação pela expulsão dos judeus de Portugal), podendo mesmo vir daí a resultar uma "raça neoportuguesa", uma "Nova Lusitânia" ou uma "Palestina Portuguesa", João Medina e Joel Barromi, 1987-1988, pp. 86, 91, 96-97, 99-100. Deslocou-se então a Angola, a convite do "Jewish Territorial Organization" (ITO), o Prof. John Walker Gregory, da Universidade de Glasgow, que elaborou um extenso estudo sobre essa projectada colonização, concluindo mesmo pela preferência de Angola, comparativamente com outros territórios também perspectivados, idem, pp. 105-139. Todavia, o projecto não chegaria a ser concretizado, quer por vicissitudes internas, quer externas – o "Sionismo" acabou por prevalecer face ao "Territorialismo" (procura de um território outro para os judeus, que não a Palestina). Outrossim, houve ainda "(...) a sugestão deixada por Emílio Costa – colonizar o deserto Alentejo com 30 000 judeus (...)". Ibidem, p. 85.

Mais tarde, na sequência das perseguições anti-judaicas iniciadas em 1938 na Alemanha nazi, na "Noite de Cristal" (a designação de "cristal" decorreu dos vidros partidos em 267 sinagogas e 7500 lojas destruídas, a que se associou o assassinato de muitos judeus) e das perseguições subsequentes, o advogado francês Jacques Politis veio a Portugal apresentar o "Avant-Projet de Protocole sur l'installation de colons juifs dans les colonies portugaises", e também o presidente norte-americano Franklin D. Roosevelt concebeu um plano para o fomento da colonização de Angola por judeus. Todavia, mais uma vez o projecto não se concretizou (por susceptibilidades do governo inglês, animosidades do governo português, etc.) – vide Ansgar Schäfer, 1995a, pp. 32-45; idem, 1995b, pp. 52-64. Em suma: "(...) Menos conhecidos porém são os planos e projectos elaborados ao longo de trinta anos (1912-1943) que visavam o aproveitamento das colónias portuguesas, nomeadamente Angola, para se resolver de uma vez para sempre, através da fundação de um Estado israelita, a questão das perseguições e maus tratos que o povo israelita tem sofrido ao longo da sua história. (...)". Idem, 1995b, p. 52.

47 - "(...) SALONIKA (THESSALONIKI). The old cemetery was destroyed in 1943 [1942] by the Nazis. Aristotelian University stands on that site today. (...)". in: http://www.yvelia.com/kolhakehila/archive/documents/books/gen_gr_bibl_002.htm; "(...) SALONIKA: Alternate name: THESSALONIKI. The Nazis destroyed the old cemetery in 1943. Aristotelian University stands on the former cemetery site. (...)". in: <http://www.iaigsjewishcemeteryproject.org/greece/salonika-alternate-name-thessaloniki.html> (consultados em Agosto de 2013); etc.

Manifestamente, mais do que uma "tragédia grega", as autoridades e a inteligência gregas estão a representar 'uma comédia grega'. "Uma mentira, repetida mil vezes, torna-se uma verdade.", Joseph Goebbels (1897-1945), 'ministro do Povo, Alegria e da Propaganda' de Adolfo Hitler.

48 - "(...) Greece finally commemorates the destruction of Thessaloniki's Jewish

community. The organizers of Saturday's march from Thessaloniki's Freedom Square to the old rail yards near the Greek city's port, commemorating the 70th anniversary of the first deportation of the town's Jews to Auschwitz-Birkenau drew over 3,000 participants. The large number of marchers, the great majority of whom were not Jewish, surprised the organizers. (...)". in: <http://www.go-greece.net/2013/03/20/greece-finally-commemorates-the-destruction-of-thessalonikis-jewish-community/> (consultado em Agosto de 2013).

Bibliografia

- ANDRADE António M. Lopes. As tribulações de Mestre João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano) à chegada a Antuérpia, em 1534, em representação do mercador Henrique Pires, seu tio materno. *Medicina na Beira Interior, da Pré-História ao Século XXI – Cadernos de Cultura 2009*, nº 23, pp. 7-14.
- ATTALI Jacques. *Dictionnaire Amoureux du Judaïsme*. France: Plon/Fayard, 2009.
- BARNAVI Elie et al. *História Universal dos Judeus. Da Gênese ao Fim do Século XX*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1992.
- BENBASSA Esther, RODRIGUE Aron. *História dos Sefarditas. De Toledo a Salónica*. Instituto Piaget, 2001.
- BIRNBAUM Mariana. *A Longa Viagem de Gracia Mendes*. Lisboa: Edições 70, 2005.
- DAVID DE MORAIS JA. Nótula sobre o túmulo de Amato Lusitano. *Medicina na Beira Interior da Pré-História ao Século XXI – Cadernos de Cultura 2008*; nº 22: 143. Disponível on-line: http://www.historiadamedicina.ubi.pt/cadernos_medicina/vol22.pdf
- DAVID DE MORAIS JA. *Eu, Amato Lusitano. No V Centenário do seu Nascimento*. Lisboa: Edições Colibri, 2011.
- D'ESAGUY Augusto. *Oração e Juramento Médico de Moisés Maimonide e Amato Lusitano*. Lisboa: edição do autor, 1955.
- DIAS João J. Alves. *Amato Lusitano e a sua Obra. Séculos XVI e XVII*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2011.
- ECO Umberto. *O Pêndulo de Foucault*, 18ª edição. Lisboa: Difel, 2007.
- FRANCO Manuela. *Diversão balcânica: os israelitas portugueses de Salónica. Análise Social 2004*; 39 (170): 119-147.
- HAGOUEL Paul Isaac. *The History of the Jews of Thessaloniki and the Holocaust*, 2006. http://www.academia.edu/1826205/The_History_of_the_Jews_of_Thessaloniki_and_the_Holocaust (consultado em Julho de 2011).
- JORGE Ricardo. *Pro Israel*, pp. 15-32, 1925. Prefácio in: SCHWARZ Samuel. *Os Cristãos-Novos em Portugal no séc. XX*. Lisboa: Cotovia, 2010.
- Lo Tishkach Foundation European Jewish Cemeteries: http://www.lo-tishkach.org/en/index.php?categoryid=51&p17_sectionid=29&p17_imageid=22 (consultado em Julho de 2011).
- LUSITANO Amato. *Centúrias de Curas Medicinais (I a VII)*, vols I a IV. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Médicas, 1983.
- LUSITANO Amato. *Centúrias de Curas Medicinais*, vols I e II. Lisboa: Centro Editor da Ordem dos Médicos, 2010.
- MARTINS Jorge. *Breve História dos Judeus em Portugal*, 2ª ed. Lisboa: Vega, 2010.
- MAZOWER Mark. *Salónica. Cidade de Fantasmas. Cristãos, Muçulmanos e Judeus de 1430 a 1950*. Colares: Pedra da Lua, 2009.
- MEDINA João, BARROMI Joel. O projecto de colonização judaica em Angola. *CLIO – Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, 1987-1988; 6, pp. 79-140.
- MENDES DOS REMÉDIOS J. *Os Judeus em Portugal*, vol. I. Coimbra: P. França Amado, 1895.
- MENDES DOS REMÉDIOS J. *Os Judeus em Portugal*, vol. II. Coimbra: Coimbra Editora, 1928.
- MOLHO Rêna. *The Jerusalem of the Balkans. Salonica 1856-1919*: www.jmth.gr/web/thejews/pages/pages/history/pages/his.htm (consultado em Julho de 2011).
- MORIN Edgar. *Vida e os seus*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- NEHAMA Jos. *Amato Lusitano à Salonique*, pp. 213-4. In: *Vários. Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*. Câmara Municipal de Castelo Branco, 1955. Reproduzido de: *Les médecins juifs à Salonique. Revue d'Histoire de la Médecine Hébraïque* 1951, Avril, nº 8.
- NEHAMA Joseph. *Histoire des Israélites de Salonique*, 7 vols. Salonique: Librairie Molho, 1935-1978.
- PAULO. *Epístolas I e II aos Tessalonicenses. Bíblia Sagrada*, 2ª edição. Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, 2000.
- RAMALHO Américo da Costa. *Prefácio*, pp. 3-6. In: SANTORO Mario. *Amato Lusitano ed Ancona*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica e Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1991.
- RAMALHO Américo da Costa. *Latim Renascentista em Portugal*, 2ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1994.
- RIBEIRO Aquilino. *Príncipes de Portugal. Suas Grandezas e Misérias*. Portugal Editora, 2008.
- RUBEL David. *A Report on Preventing any Further Desecration of the Jewish Cemetery of Thessaloniki, Greece. Findings, Concerns and Recommendations*, 2008. http://davidrubelconsultant.com/publications/The_Jewish_Cemetery_of_Thessaloniki_Report.pdf (consultado em Agosto de 2013).
- SCHÄFER Ansgar. Os projectos para uma colonização israelita de Angola. *História 1995a*, ano XVII, nº 9, pp. 32-45.
- SCHÄFER Ansgar. Angola, terra prometida? *História 1995b*, ano XVII, nº 14, pp. 52-64.
- ŠIK Jaroslav. *Die Jüdische Ärzte in Jugoslawien*. Zagreb, 1931, pp. 9-20. Referido por Marianna Birnbaum (2005, p. 195, nota nº 276).
- STEINER George, 2006, in: JAHANBEGLOO Ramin, STEINER George. *Quatro Entrevistas com George Steiner*. Lisboa: Fendá, 2006.
- STEINER George. *George Steiner em The New Yorker*. Lisboa: Gradiva, 2010.
- USQUE Samuel. *Consolação às Tribulações de Israel (1553)*, vols I e II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989 (vol. II, edição fac-similada).
- VICENTE Gil. *Romance á aclamação de D. João III*, pp. 1302-1308. In: *Obras de Gil Vicente*. Porto: Lello & Irmão, 1965.
- WIESENTHAL Simon. *Gli assassini sono fra noi*. Milano: Garzanti, 1970. In: LEVI Primo. *Os que Sucumbem e os que se Salvam*. Lisboa: Editorial Teorema, 2008, p. 7.
- Yeshiva World News. <http://www.theyeshivaworld.com/article.php?p=12061> (consultado em Julho de 2011).
- Yeshiva World News. <http://www.theyeshivaworld.com/article.php?p=12061&sthash.0Q3Fty.dpuf> (consultado em Julho de 2011).

* Doutoramento e agregação em Medicina.

DOCTOR AMADO (1511-1568), SETE APONTAMENTOS*

Alfredo Rasteiro**

1 – João Rodrigues: Nascimento, Baptismo, Circuncisão/ B'rit Milá

Foram identificados irmãos e sobrinhos de Amato Lusitano (Joaquim Candeias da Silva: «João Rodrigues ... Amado, Lusitano, de Castelo Branco, (1511-1568): Contributo para uma aclaração dos seus elos familiares», *Cadernos de Cultura, Medicina na Beira Interior da pré-história ao século XXI*, nº 26, 2012, pp. 67-73):

- Filipe Rodrigues (Mercador), pai da Catarina Rodrigues (Aires), avô do Doutor Filipe Rodrigues *Montalto Lusitano* (1567-1616), médico de Maria de Medici (1575-1642), Autor da «Optica», Florença, 1606 e da «Archipathologia», Paris, 1614;

- Pedro Brandão (In Dioscoridis, IV, 157), Legista por Salamanca (1537), pai do Médico António Brandão (Quinta Centúria, 4,6,16,55);

- José Amado (Terceira Centúria, 8; Quarta Centúria, 49).

O nome da mãe de Filipe Montalto, Catarina Rodrigues, filha de Filipe Rodrigues, casada com o Boticário António Aires, terá vindo da avó paterna, mãe de Amato, irmã (?) do magnata Henrique Pires-Cohen que foi supliciado em Ancona nos Autos da Fé de 1556, pai do poeta Pirro/Flávio/Diogo Pires (1517-1607).

Neste universo familiar endogâmico, defensivo e conjectural, a enxertia do patronímico Aires, do Botário António Aires, emerge como troca intencional de um «P» por «A», no encobrimento do patronímico «Pires», a averiguar em Arquivos.

Assim, havendo nomes que sugerem vínculos familiares, é possível que os nomes dos pais do Doutor João Rodrigues possam ter sido Rodrigo e Catarina, de «Rodrigo, pai de Rodrigues» e por existir uma sobrinha Catarina, filha do irmão Filipe, especulação que conduz a (João ?) Rodrigo Amado (?), mercador (?) e a Catarina Pires-Cohen(?), Amado (pelo casamento), doméstica.

Os registos paroquiais de Santa Maria do Castelo, de Castelo Branco, actualmente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, sugerem que a mãe do Doutor Amado faleceu em casa de seu filho Filipe, em 13 de Junho de 1567, «e jaz enterrada dentro na igreja e

comprou cova; derão a prenda ao P. Baltazar Gonçalves» no mesmo templo e ano de Baptismo do bisneto Filipe (*Montalto*), baptizado em 6 de Outubro de 1567 (Castelo-Branco, M. S.: *Medicina na Beira Interior, da Pré-história ao século XX*, nº 7, 1993, pp. 7-32).

Judeus e Religião Hebraica estavam proibidos, desde 1497.

A Inquisição, pedida em 1515, 1525 e 1531, chegou em 1536.

Em Castelo Branco, circa 1511 num País fanáticamente Católico, Apostólico, Romano nasceu «Juan Roderin», na Paróquia de Santa Maria do Castelo de Castelo Branco. Estudou Medicina na Universidade de Salamanca e saíu Bacharel formado em 19 de Março de 1532 (Teresa Santander: «Escolares medicos en Salamanca», 1984, p. 324).

Foram seus companheiros de estudo:

- **Duarte Gomes** (Salomão Usque, Salusque, David Zaboca, Eduardus Gomez Lusitanus) bacharel formado em 23.IV.1532, tradutor de «Canções de Petrarca» para castelhano, inicialmente professor em Lisboa, autor da Oração de Sapiência de 1535, desaparecida;

- **Luis Nunes**, que lhe serviu de testemunha, bacharel em 13.IV.1532, António Luis, bacharel em 14.VIII.1532 e **Tomás Rodrigues** (da Veiga), bacharel em 4.IV.1533, Professores na Universidade de Coimbra;

- **Manuel Raynel**, formado em 22.XII.1531, casado com uma Benveniste;

- **Manuel Lindo**, bacharel em 28.IV.1533, autor de um «Livro de Marinharia», 1539.

Em 1534 Mestre «**Jan Rodrigue**» passa por Antuérpia, trabalha na empresa de seu tio materno Henrique Pires-Cohen, estuda, escreve, exerce medicina, importa figos de Algarve e comparece perante a justiça, por problemas de migração, munido dos títulos e salvo-condutos mais adequados (Andrade, A.M.L.: *As tribulações de mestre João Rodrigues...*, *Cadernos de Cultura* (Castelo Branco), 2009, nº 23, 7-14).

1535 foi o ano em que Carlos V/Carlos I de España (1500-1558) empreendeu a aventura de Tunes, levando em sua companhia o infante Dom Luis (1506-1555), irmão de D. João III, Prior do Crato, pai de D. António

(1531-1595). Em 1535 pensamos que João Rodrigues passou por Lisboa, reviu os colegas «Luis Nuniz» (Luis Nunes?), Manuel Lindo e outros (Amato Lusitano: QUARTA CENTÚRIA, 19, 1553), colheu informações, prescreveu novidades como a «Raiz da China» que Vicente Gil «a Tristanis» trouxe de Diu (Primeira Centúria, 90ª, 1549; Segunda Centúria, 31ª, 1551; Garcia d'Orta, Coloquios, 1563) e experimentou a «Batata doce» (*Ipomoea batatas* L.), então «frequentissima» em Lisboa (In Dioscoridis, Veneza, 1553, Lib. II, En. 100).

O «Iuslurandum» (1561) não esquece as viagens terrestres e marítimas, incômodas e numerosas: «... non navigatio, non crebrae perigrinationes,....».

O «Index Dioscoridis», seu primeiro livro («Ioanne Roderico Casteli albi Lusitano autore»), surgiu em Antuerpia, em 1536, incompleto, repleto de imperfeições. A identificação Amato Lusitano aparece pela primeira vez em 1551 nas «Curationum medicinalium Centuria Prima», concluídas em 1 de Dezembro de 1549, em Ancona e na apresentação dos «In Dioscoridis anazarbei de medica materia» (1553) ao Senado de Ragusa (Roma, 15 de Maio de 1551).

«In Dioscoridis», concluído em 1551, esclarece:

«In lucem enim superioribus illis annis, commentarios, sub nomine Ioannis Roderici Lusitani, euulgauimus», «Author Ioannes Rodericus Lusitanus est dictus Doctor Amatus» («In Dioscoridis», Lib. I, De Acoro. En. 2, p. 6, texto e margem, 1553).

O nome português «el doctor Amado» foi registado por Andres de Laguna (1510-1560): «Pedacio Dioscorides», 1555 em «Anthylide» (p. 39) e em «Unguento Elatino» (p. 360).

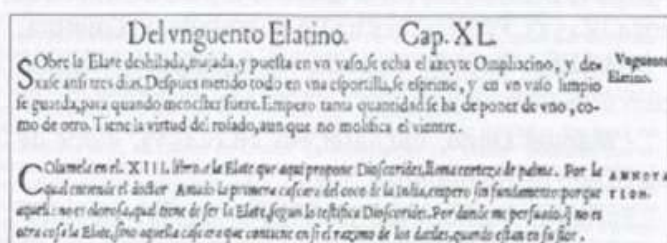


Fig. 1. Laguna: «el doctor Amado»

Os «Colóquios», Goa, 1563 de Garcia d'Orta (1511-1568) deturparam os nomes «Amato» e «de Laguna». Impedimento do Impressor João de Endem, impreparação do substituto, limitações da Imprensa de Goa (pioneira no Império português), síndrome do primeiro livro e presbiopia do Doutor Garcia explicam - Colóquio 15. Canela, página 59v. - as gralhas «a-mato Insitano» e o empastelamento «Tordelaguna» por Doutor de Laguna.

ta por tempos antes em outra menos perfeita cōcer
raime la elles escriptores, e por em eu diguo que hũa
especia nunca se pode mudar em outra mas q̃ ha
boa canella se pôde por tépos fazer maa; e chamaré
lhe casia lignea mas não porque acasia lignea, e ho
Cinamomo sejam varias especies se nã são nascidas
diuersas terras de hũa mesma especie depois a ma-
to Insitano teue que avia todas as especies, e a este y
Imitou matcololense se cō outros algũs, e perderra
deiro diz Tordelaguna que Quêfor a casa da India
de lizboa achara todas as especies do Cinamomo

Fig. 2- «Coloquios», p. 59 v: «a ma-to Insitano» e «Tordelaguna»

A adopção do nome Amato pode estar relacionada com questões do foro íntimo: regresso a patronímico familiar, integração na nação lusitana, Circuncisão na idade adulta...

Segundo Amato, no decurso da sua permanência em Ferrara, cidade habitada por importante comunidade judaica lusitana, nos últimos três dias de um mês de Novembro que se situou entre 1546 e 1549, foi «atacado» por um «tumor phymate», localizado na coxa, que o impediu de sair de casa e de andar, a pé e a cavalo («Primeira Centúria», 1551, Cura XXIX), tema que voltou a tratar na «Scholia» da Cura LX da «Segunda Centúria», 1552 onde explica que os «phymata» eram tumores nascidos nas «ínguas» e «pequenas chagas no pénis», segundo Galeno (120-200): «De placitis Hippocratis et Platonis», Livro VIII.

Porquê a confusa explicação, porquê a insistência, porquê o «magister dixit» ilustríssimo, claríssimo, que procurou em Galeno?

Implicâncias relativas ao «Segredo médico» impediram o esclarecimento das causas, origens e consequências de um «tumor phymata» que abalou a saúde do Doutor Amado nos últimos três dias de um remoto mês de Novembro.

Amado observava o Calendário Judaico e conhecia o Calendário romano anterior ao Gregoriano, iniciado em 1582.

«Ultimos três dias de Novembro» parecem apontar para a coincidência, não sei se admissível, da celebração da «Hanuká», «Festa dos Macabeus», ou «Festa das Luzes», nos finais do mês de Kislev (Novembro/Dezembro), simbolismo do Candelabro de oito braços e exaltação da Liberdade, protesto individual e comunitário contra a opressão e a tirania. (Maria Antonieta Garcia: «Os Judeus de Belmonte», UNL, 1993, pp. 76-77; «Judaísmo no feminino», UNL, 1999, pp. 209-211).

João Rodrigues cresceu em ambiente condicionado pela Educação cristã sectária geradora de Inquisições, Cortes de Bórgias e Concílios de Trento (1545-1563),

desvios intoleráveis do «Pai nosso», das Epístolas de Paulo de Tarso, das Pregações de Francisco de Assis e Fernando de Bulhões, de uma Igreja que volta a nascer no Concílio Vaticano II (1962-1965) e na caridade do Papa Francisco (2013-).

«Que nenhum caluniador de estômago delicado se ofenda!» (Amato Lusitano: «Primeira Centúria», Cura XXIX).

2 – «In Dioscoridis»: desenhos velhos e plantas (des)conhecidas

Descrição científica e representação gráfica completam-se.

Ao longo dos séculos, sucessivos editores, tradutores e comentadores da «Matéria médica» de Dioscorides (40-90) - 600 plantas, 35 produtos de origem animal e 90 minerais - inseriam nas suas obras, sempre que possível, desenhos copiados de trabalhos anteriores.

Com muita pena dos seus Autores, o «Index Dioscoridis», Antuerpia, 1536, o «In Dioscoridis», Veneza, 1553; Estrasburgo (Argentorati), 1554; Veneza, 1557 de Amato Lusitano e os «Coloquios», Goa, 1563 de Garcia d'Orta (1510-1568) saíram desprovidos de gravuras.

Diferentes destes, os livros de Leonhart Fuchs (1501-1566): «De Historia stirpivm» 1542 e «New Kreuterbuch», 1543 e os livros de Andreas Vesal (1514-1564): «Fabrica», 1543 e «Epitome», 1543 pelos seus conteúdos, textos e especialmente pela independência e qualidade dos desenhos, traçados segundo Regras da Perspectiva, marcaram a Revolução científica do século XVI.

Fuchs reconheceu o mérito dos seus Artistas e imortalizou-os: «Historia stirpivm» e «New Kreuterbuch» abrem com o retrato de Fuchs e fecham com as imagens e os nomes de Albrecht Mayer (1510-1561), desenhos; Veit Rudolf Speckle (1505-1550), gravuras; e Heinrich Fullmaurer (1520-1552), aguadas e retoques finais.

Vesálio, irritado com os Artistas que «deram vida» aos seus esboços, omitiu os seus nomes e, vincando o seu desagrado, mostrou-se gentil para com o jovem Nicolau Stópio que o ajudou a acondicionar as preciosas placas gravadas que o próprio Vesálio levou a Basileia («Fábrica», 1543, Carta a Joanne Oporino).

Dez anos depois, em 1553 surgiu o «In Dioscoridis» de Amato Lusitano, que ainda não tinha gravuras. Teve poesia de apresentação de Nicolau Stópio (1520?-1568), o Amigo que o apoia na «Sétima Centúria, XLI, 1561 no atrito com o Pietro Andrea Matthioli (1501-1577) do «Adversus Amathum», 1558.

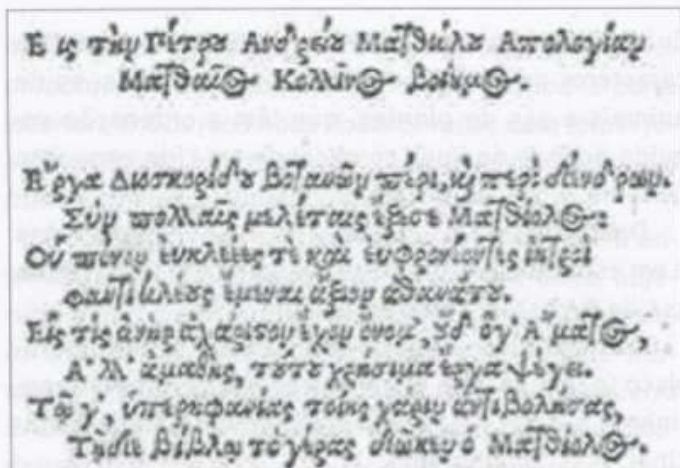


Fig. 3– Matthioli: Prefácio grego do «Adversus Amathum»

Na época, a cidade de Lyon imitava Paris e Basileia (Bale) e mantinha ligações estreitas com a cidade de Veneza nas artes e indústrias da seda e em actividades editoriais.

Em 1549 o livro de Leonhart Fuchs (1501-1566): «De Historia stirpivm commentarii insignes», Isingrin, Basileia, 1542 foi reeditado em Lyon pela Tipografia Arnoletti. Impossibilitados de utilizar as gravuras originais, os Arnoletti encarregaram Clément Boussy de realizar cópias (João José Alves Dias: obra citada).

Depois do livro de Fuchs, em 1550 e 1552 os Arnoletti reeditaram e ilustraram o «Pedani Dioscoridis Anazarbei» de Jean Ruel (1479-1537) que, inicialmente, não tinha gravuras. Utilizaram as placas que Clément Boussy preparara para o livro de Fuchs (Lyon, 1549) e adicionaram um caderno com trinta «Chalcographvs» de Jacques Dalechamps (1513-1588).

Em seguida, em 1558, após o falecimento do «Typograpvs» Arnoletti, lutando contra restrições económicas, a Viúva Arnoletti deu à estampa uma nova edição do «In Dioscoridis» do Doutor Amado, comentado por R. Constantins e profusamente ilustrado com as gravuras copiadas por Clément Boussy e já utilizadas nas reedições dos livros de Fuchs (Lyon, 1549) e de Ruell (Lyon, 1550 e 1552). Alguns exemplares receberam sobras do fascículo de Dalechamps (30 gravuras em chapa de cobre).

Impossibilitada de agir sôzinha, a Viúva «Arnoletti» adiantou o lançamento simultâneo das quatro edições lyonesas de 1558: Arnoletti, Teobaldo Pagano, Guglielmo Rovillium e Mathias Bonhomme. Diversificaram a folha do rosto e mantiveram o Colofão: «Lugduni, Excudebat Vidua Balthazaris Arnoletti».

Os Arnoletti, agora representados pela Viúva, cuidaram apresentação, substituíram numeração árabe e caracteres germânicos por letras Latinas, utilizaram bonitos caracteres hebraicos quadrados na página 92, juntaram escassos comentários do médico Robert

Constantin (1530-1566) com uma ou outra frase em caracteres gregos e reutilizaram 360 gravuras, 15 de animais e 345 de plantas, que têm a ordenação seguida no livro de Ruell começando em Lírio enquanto que, em Fuchs, começam no Absinto.

Das 343 gravuras copiadas de Fuchs, apenas uma é em espelho, «Verbascio 4», Dedaleira (p. 676, Figura 514 de Fuchs) tal como em Ruellio.

São de Dalechamps o Hippocampo (p. 237), o Trovisco (p. 726) e uma enganosa *Lonchitis prior* («Sapatinho», p. 569), Polipódio em Laguna (Materia Medica, 1555, página 367).

Erros na colocação de gravuras serão apenas três: incerteza na identificação de *Lonchitis* (p. 569), «Triticum», por trigo e por cevada (p. 312 e p.314) e alfarrobeira (p. 198), ilustrada como se fosse um «Breyter Indianischer Pfeffer», gravura 420 do New Kreuterbuch, 1543 de Fuchs.

A Gravura do Castanheiro (Figura 212 de Fuchs) sugere a forma como poderiam aplicar-se «Regras da Perspectiva» ao desenho de Plantas.

Consideremos as linhas envolventes de um tronco: cruzam-se num Centro de perspectiva, acima da Copa. Do Centro de perspectiva partem espaços angulares que recebem frutos, ramos, ou folhas, desde a menor dimensão à maior, de forma que para a mesma amplitude angular o maior tamanho corresponde ao que está mais próximo, castanhas como troncos.

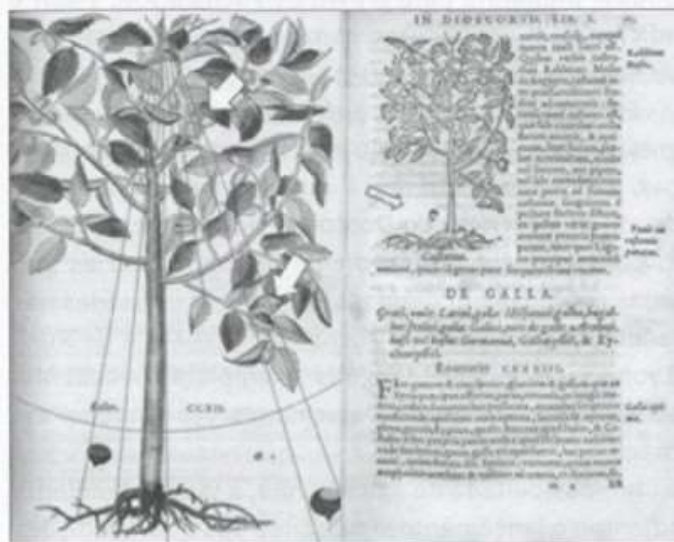


Fig. 4 – Castanheiro em Fuchs (adaptado) e «Amato» (1558)

3. Amado e os Descobrimentos

«In Dioscoridis» do Doutor Amado reconhece contributos de Jean de la Ruelle, Antonio Musa Brasavola, Jacques Dubois, Leonhart Fuchs e Georg Bauer, comenta opiniões de Laguna e de Matthiolo, recorda clientes, parentes, condiscípulos e amigos:

- LVDOVICVS, Luís Nunes, professor em Coimbra, condiscípulo em Salamanca, revisor do «Lexico Nebrissensis Anthuerpie», 1545, Médico da Rainha de França, colaborador de Laguna (Lib.I, «Tamaras», En.135, «Tamarindo», En.136, «Palmitos», En.137 e «Romãs», En.138);

- Sebastianus Pinto (Lib.I, En. 120);

- Francisco Ferreiriae (Lib.I, De Ebano, En.119);

- Franciscus Lusitanus «qui Ancona agit» (Lib.I, En.15);

- Didaco Mendio (Lib.I. De Rosis, En.120 e De Elate, En.137);

- Domina Beatrix à Luna (Lib.II, De Cervi masculi genitali, En.39), a propósito de uma «Pedra Bezoar», que fora de um vice-Rei da Índia, adquirida por cento e trinta ducados de ouro. Dona Gracia, Beatriz de Luna, *La Señora*, será sempre recordada como uma das mulheres mais notáveis de quantas nasceram na terra portuguesa, patrocinadora da(s) BIBLIA(s), 1552 de Ferrara e do «*piqueno ramo de fruta nova (d)a nossa nação portuguesa*» que é a CONSOLAÇAM AS TRIBULAÇOENS DE ISRAEL, Ferrara, 1553 de Samuel Usque.

Amato Lusitano, atento às coisas do seu tempo, e do seu mundo, não esqueceu o vistoso Bezoário de cor azul formado no estômago de um ruminante, que esteve nas mãos de um vice-rei da Índia e chegou a Beatriz de Luna que o adquiriu, por «centum & triginta aureis ducatis».

Considerados antídotos contra todos os venenos os Bezoários, e concreções equivalentes, eram procurados, disputados e atingiam elevados preços como aquela «*pedra do fel do porco espinho*», «*pedra bazar*» de cor avermelhada oferecida a D. Francisco Coutinho, Conde de Redondo, 8º vice-rei da Índia (1561 e 1564) recordada por Garcia d'Orta no final dos «Colóquios», Goa, 1563 «*porq(ue) por mais meezinhas q(ue) (h)aja contra a poçonha mais sam neces(s)arias, e tãbem parece ser que em Roma teria esta pedra muyta valia*» o que pode recordar, ou não, o apontamento de Amato.

O Doutor Amado estudou, experimentou e divulgou «Materia Médica» de todos os pontos do Mundo onde aportavam naves lusitanas e contribuiu para a fixação de «novos» Termos: botânicos, zoológicos, mineralógicos.

Lusitânia e Portugal são presenças constantes nas Obras de Amado e a terminologia «lusitânica» portuguesa («*Lusitanice*»), proposta por Amado será depois adoptada por Laguna, apoiado por Luís Nunes.

A «Materia médica» abre com «*lirio decor de ceo*» (Lib.I, En.1) e assume que Amato é o «Author Ioannes Rodericus Lusitanus» (Lib.I, En.2). Ligado à sua Pátria de origem pormenoriza habitats («*anethum sylvestre*», L.I, En. 3; «*iunca auellanada*», Lib.I, En. 4) e refere plantas novas, animais e materiais provenientes de novas

terras e ilhas distantes que começavam a chegar à Europa em navios portugueses tripuladas por navegantes lusos e mercadores portugueses. «Batata doce» (*Ipomoea batatas* L.), por exemplo, trazida do Brasil, tornou-se «frequentíssima» em Lisboa (1551) depois de ter sido cultivada no Arquipélago de Cabo Verde e na Ilha da Madeira (In Dioscoridis, Lib.II, En.100).

Amado recorda genericamente os «*Medici Lusitani nostri*» que percorreram o interior da Ásia, contactaram os Reis da Índia, e regressaram (Lib.II, En.52).

Não esqueceu o exílio e a diáspora. Na passagem por Antuérpia, a propósito de Lentilhas (L.II, En.101) recorda o «*De victus ratione febricitantium*» de Brudus Lusitanus, filho de Mestre Dionysos, referido na Primeira Centúria, II.

Mestre Dionysos foi aquele que discutiu a doença do rei D. Manuel com Pierre Brissot (1478-1522) em 1518 (P. Brissot: «*Apologetica disceptatio, qua docetur per loca sanguis mitti debeat in viscerum inflammationibus, praesertim in pleuritide*», Paris, 1525).

De Dionísio ficou-nos um «*Dialogus circa quasdam[m] questiones in medicina / editus a Dionísio i[n] medicina doctore et inuictissimi atq[ue] maximi loa[n]nis huius nominis tertij Lusitaniae regis [et] Algarbioru[m] [et]c. medico Ordinisq[ue] sancti Iacobi milite. - [Lisboa : Germão Galharde, ca 1530-1535]. A Biblioteca Nacional de Lisboa possui o único exemplar conhecido deste livrinho; mostrou-o na Internet.*

Na Feitoria de Flandres, encerrada em 1549, o Doutor Amado não esquece o encarregado, o português Manuel Cirnius, enviado do Rei a negócios junto dos Belgas (Lib.I, En. 76 «*De Manna Thuris*). Sucedeu-lhe Lourenço Pires de Távora, que procedeu ao encerramento da Feitoria, em 1549.

Do «*Cardamomo*» (L.I, En. 5), diz: «*Nec enim hodie, apud Indos cu(m) quibus magnum est Lusitanorum commercium...*»

Do «*Spica nardo*» (Lib.I, En.6) regista: «*Qvi Lusitanorum nauigationes in Indiae interiora cognouerunt, facile persuaderi possunt credere, Lusitanos ipsos, optima & uera Indica nardo abundare: quod ita esse, certius est, quàm hic à me multis monstrari opus sit, quam quotannis Lusitani inde ingentem classem omnium genere aromatum, ornatam in Lusitaniam uehant, ...*»

«*De Malabathro*» (Lib.I, En.11) regista, na margem, «*Malabar regio apud Indos*»: «*Est apud Indiam regio quaedam Malabar dicta, cuius maritimae ciuitates sunt, Batequala, Cananor, Calicut, Chalequa, Tanor, Cochym, Charamandel, & aliae plures, quas Lusitani nostri, nō tam habitant, quam frequentant: in qua regione, planta quaedam magni nominis & pretij, uiti-cosa nascitur, quae lupi salitarii modo, aut uolubilis,*

allis haeret, circumuoluitur'eu arboribus, folio uiridi perpetuo, amplo, persimili folio nucis, quod à parte exteriori, tribus fatis notis lineis ornatur, nam totum folium undulatu(m) est, quod paucis foliis herbarum uel fruticu(m) euenire notauimus.»

Do «*Calamo aromatico*» (L.I, En. 17) distingue o originário «*ex India Lusitani nostri, singulis annis adferunt, ueluti mercatores ex ipsa India per mare Rubrum in Chairum, & Alexandriam deferentes, Venetia portant...*»... e, a propósito do «*Mel*», fala da «*noua terra Brasilio*», da cana sacarina e do açúcar da Ilha da Madeira (Lib.II, En. 77).

Colaborador da Casa Comercial de Henriques Pires-Cohen, desde 1534, João Rodrigues seleccionou e avaliou produtos medicinais originários do vasto mundo, estudou-os e divulgou-os.

Do Brasil, refere «*Brasilium arborem*», «*pao que tinge pannos*», segundo Barros (Conde de Ficalho: *Colóquios dos Simples e drogas da Índia*, 1895, p. 289), referência que nos mostra como o «*magister dixit*» e o conhecimento prévio de uma Leguminosa asiática, *Caesalpinia Sappan*, L. condicionaram a informação nova, não apenas em Amado mas também em Camões (1524-1580), vinte anos depois, em «*Pau vermelho*», espécie asiática que «*representa*» toda a Flora do Novo Mundo em «*Os Lusíadas*», Canto X, 140, 1572.

«*De Ebano*» (L.I, En. 119), a propósito do Guaiacum, mostra a barafunda que foi a escolha das medicações para a sífilis, doença aparentemente nova que se expandiu depois de 1549 (cerco de Nápoles): «*... Est quoque hodie radix quaedam subtilis, quam quoque ex Peru prouincia superioribus (sic) annis repertam, Hispani adferre coeperunt, & eam Sarcam parrillam, sua uoce appellitant, quod uerbum ego rubum uiticosam uerterem, ad multos usius accommodatam, de cuius laudibus, non deerit quoque qui encomium nobis describat. Radicem chynarum capite de calamis attingimus, de qua nos plura in lucem deo duce mittemus.*»

«*Matéria Médica*» trata produtos de origem predominantemente vegetal, mas também animal, e mineral.

Do «*terrestris crocodilus*» (Lib.II, En.59) do Nilo, o Doutor Amado registou a mobilidade do maxilar superior e recordou a dissecação de uma cabeça por Giovanni (Ioannes) Baptista Cananus (1515-1579), seu amigo «*integerrimus*».

Contemporâneo de Samvel Vsque, Amado não esquece os corcodilos da Ilha de São Tomé, propriedade de D. Manuel, Duque de Beja, successor do D. João II que em 1543 para lá mandou «*os mininos aos lagartos*» (Samvel Vsque: *Consolaçam às tribulações de Israel*, 1553).

Em «De cornu cerui» recorda o «elephanto» que em 1515 foi enviado ao Papa pelo «Rei Emanuele» e o rinoceronte que naufragou e morreu (Lib.II, En.52), um e outro referidos por Matthiolo (Pietro Andreae Matthioli: «Comentarii in sex libros Pedacii Dioscoridis», Brescia, 1544;) e por Laguna.



Fig. 5 – Matthiolo: Elefante

Albrecht Dürer (1471 - 1528) procurou informação disponível e immortalizou o rinoceronte.

Laguna fez copiar «em espelho» a figura do elefante de Matthiolo (1544) e melhorou-a com as Armas do Rei de Portugal e um Cornaca, antepassado do Poeta Subhro Bandyopadhyay, amigo do José Saramago falecido em 2010 (Andrés Laguna: «Pedacio Dioscorides Anazarbeo, acerca de la materia medicinal, y de los venenos mortíferos», 1555).



Fig. 6 – Laguna: Elefante com Escudo de Portugal

As «Cvrationvm medicinalivm centvriae septem» exemplificam conhecimentos de Medicina e aplicações de Matéria Médica desde as águas salubérrimas de Norcheria (Primeira Centúria, I) que curavam

mordeduras de víbora nos pés de gente paupérrima, até à prescrição do electuário de gemas e pedras preciosas (Primeira Centúria, XXI) desejado por ricos agiotas e banqueiros.

As «Pastilhas preciosas» de Amato copiam o «Electarium de gemmis» de Mesue o Novo (Século X-XI) citado por Garcia d'Orta (Colóquio 44 «Das pedras preciosas», «letuairos cordiais» p. 165), cotado por Ficalho (1837-1903): Colóquios dos simples e drogas da Índia, 2º volume, p. 223. A confecção de tal preciosidade exigia produtos que vinham dos confins da Terra conhecida, a preços exorbitantes, «mesmo que por conta de um banqueiro»: safiras, jacintos, esmeraldas, caranguejos, coral branco e vermelho, pérolas, espódio, raspas de marfim, corno de veado, seda, casca de limão, sementes de papoila branca, azedas, portulaca, goma arábica, rosas, tormentilha, alcaçuz, aloés, amido, sândalos branco e vermelho, coentros, cânfora, almiscar, âmbar, ouro, prata e osso de coração de veado, tudo moído com açúcar, administrado em rodinhas.

O «osso do coração» está descrito em Galeno (120-200): «Das dissecções», X, VII; «Do uso das partes do corpo humano», VI, XIX.

Plínio (23-79) condenava os Mágicos da Região da Média, antepassados dos Médicos, por serem aldrabões e prescreverem coisas inimagináveis, inatingíveis, incríveis, repulsivas, raras, impossíveis de adquirir, impróprias de manipular. Depois, perdido o doente, recaíam sobre este as culpas do péssimo desfecho, por incumprimento da receita.

E por tudo isto, a abertura simbólica das «receitas» dos médicos mantém o «udjat» egípcio, o Olho de Horus e a fistula do saco lacrimal dos Alquimistas, o «Recipet» Rx, R/ ou R., *Recebe em nome de Cristo*. Erre ponto sem mais nada para agnósticos e descrentes. Haja saúde!

4 - Humanismo e Medicina

Entre as acções levadas a cabo no âmbito do Projecto «Dioscorides e o Humanismo Português. Os Comentários de Amato Lusitano», tive a honra de participar no Colóquio «Humanismo e Medicina» na Universidade da Madeira, Funchal, em 16 e 17 de Maio de 2013 com uma comunicação intitulada «Ilha da Madeira. Ocupação Britânica e abertura ao Turismo médico». Do muito que me cumpriu destacar, não esqueci os produtos com interesse médico e alimentar adaptados à Ilha da Madeira, nomeadamente a Cana do açúcar (*Saccharum spp.*) e a Batata doce (*Ipomoea batatas L.*).

Amado lembrou a «Cana do açúcar» a propósito do Mel de abelhas, dizendo ter sido levada à «nova

terra Brasilio» e às Ilhas da Madeira, S. Tomé e Canárias, destacando a «magna copia» da «succhari confectura» na Ilha da Madeira (In Dioscoridis, Veneza, 1553, Lib. II, En. 77) que tornou possível a «Cúria Romana» em figuras de alfenim (açúcar), tamanho natural, que o Capitão donatário Simão Gonçalves da Câmara (1460-1530) ofereceu ao Papa Leão X (1475-1521) em 1512.

É desta época o magnífico «Altar da Natividade», da Escola de João de Ruão (1510-1572), que o magnata Joe Berardo (1944-) levou em 1994 de uma aldeia próxima de Ançã para o seu «Jardim Museu Tropical Monte Palace» no Funchal onde, na sombra idílica de árvores frondosas, bafejada pela brisa marinha, regada por chuvas que não avisam, se desfaz sem remédio, sem qualquer resguardo, sob o olhar incrédulo do viajante.



Fig. 7 - «Natividade» do século XVI a «banhos», na Madeira

Como tudo o que é «Império» se desfaz, excepto os do Espírito Santo açoreano, depois das velas rotas e mastros quebrados das Bíblias de Ferrara (1553), com eleitos que fazem fraca a forte gente (Os Lusíadas, 1572, III, 138, 8), permanecemos náufragos.



Fig. 8 - «Naufragio», de John William Waterhouse (1849-1917)

5 - Américo da Costa Ramalho (1921-2013)

Américo da Costa Ramalho, natural de Almeida (12 Outubro 1921) faleceu em Coimbra (4 Junho 2013). Impulsionou o estudo da obra do Didacus Pyrrhus Lusitanus/ Iacobus Flavius Eborensis/ Isaías Cohen/ Diogo Pires (1517-1607), primo do Doutor Amado, divulgou a elegia «Ad Joannem Rodericum medicum lovanivum petitvrvs» e o epitáfio de 1568 «Amati Lvsitani, medici physici praestantissimi» (Ramalho, A.C.: Latim Renascentista em Portugal, INIC, 1985, pp. 206-217).



Fig. 9 - Américo da Costa Ramalho (1921-2013).

Entre os seus discípulos, Carlos Ascenso André apresentou «De Lusitanorum Tvmvlo in vrbe Ferraria» («Diogo Pires. Antologia poética», 1983, páginas 42-43), composição que recorda as arcas tumulares dos judeus portugueses de Ferrara, violadas em 1473, no governo de Ercole I d'Este (1431-1505), utilizadas na ornamentação da entrada do Palazzo comunale de Ferrara. Nos dezoito versos desta composição, o 13º e o 16º celebram a Vida e condenam a fraude: «neque nigrae cuncta fauillae/ Cedere, ubi e gelido corpore uita fugit;...nullis fraudibus esse locum».

6 - Rocha Brito e o luslurandum.

«Amato Lusitano e a sua obra. Séculos XVI e XVII», Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa, 2011 de João José Alves Dias guarda imagens do rosto de todas as obras impressas de João Rodrigues Lusitano que chegaram até nós, identifica actuações de censores e apresenta imagens de censuras. Gratos pelo trabalho apresentado, aproveitamos a tradução do «Amati iuslurandum», página 37, para exemplificar sinais de censura. A nota 124 regista: Curationum Medicinalium, VI: luslurandum, p. (381-382). J. O. Leibowitz, «Le sermant médical d'Amatus Lusitanus»/ «Amatus Lusitanus»/ Revue d'Histoire de la Médecine Hébraïque, nº 13 (5-2) Jul. 1952, p. 77-90 e, certamente por lapso, não

indica tradutor (para português). Diz, porém, página 125, que tinha sido apresentado na primeira edição de «Duas Centúrias: Quinta e Sexta», no final da Sexta, em Veneza, 1560 na Oficina de Vincenzo Valgrisi, tendo tido como editor científico Giovanni Marinelli. Posteriormente, o Iusjurandum irá figurar no fim da «Sétima», 1566, na mesma Oficina. Acontece até que o conjunto «Quinta» e «Sexta», da Oficina Gulielmum Rouillium, 1580 repete «duas vezes» o «Amati Iusjurandum» (J.J.A.Dias: Obra citada, p. 151).

A primeira versão portuguesa do «Amati Iusjurandum» foi apresentada em 1937 por A. da Rocha Brito na «Revista de Medicina e Cirurgia Coimbra Médica»: - «Juramento de Amato Lusitano. Ao Prof. Ricardo Jorge, o mais insigne biógrafo de Amato» (Coimbra Médica, 1937, Ano VI, nº 1, pp. 33-38) e outros o seguiram, sem indicarem proveniência, ou mencionando uma enviesada origem, por exemplo: «Esta versão difere da transcrita pelo Prof. Miller Guerra (1912-1993) no seu estudo do «IV Centenário» (pp. 173-175), reproduzida do prefácio de Lopes Dias (1900-1976) à primeira publicação em português da Primeira Centúria de Amato...» (Francisco António Gonçalves Ferreira (1912-1994): «História da saúde e dos serviços de saúde em Portugal», Gulbenkian, 1990, p. 162).

Alberto Moreira da Rocha Brito (1885-1960), Brasileiro de Campinas, Estudante e Professor ordinário da Faculdade de Medicina de Coimbra, alcançou a regência de História e Filosofia médica e Ética profissional (Decreto de 25 de Maio de 1917), tendo tomado posse em 4 de Junho de 1917. Foi regente de Dermatologia e completou a sua carreira académica na Cadeira de Clínica Médica. Admirava Maximiano Lemos (1860-1923) e conhecia a obra de Ricardo Jorge (1858-1939), de quem aguardou julgamento e crítica.



Fig. 10 – A. da Rocha Brito (1885-1960)

O «Iusjurandum» saiu numa «Revista de Medicina e Cirurgia» depois de aparecer, com data de Agosto de 1936, no Prefácio da tradução do livro de (Paul Louis Édouard) Maurice de Fleury (1860-1936): «O Médico», «Prefacio e Tradução de A. da Rocha Brito», Arménio Amado - Editor, Coimbra, 1937 publicado em simultâneo no Brasil, na Livraria Académica de Saraiva & C.^ª Editores, Largo do Ouvidor, S. Paulo.



Fig. 11 – Rocha Brito: «Iusjurandum», 1936

A propósito do livro e da obra do Psiquiatra Maurice Fleury, Brito fala-nos de Ética médica, da contribuição portuguesa para a implantação da Ética e do exercício da Medicina.

Professor de «História e Filosofia médica e Ética profissional» A. da Rocha Brito dedica este seu Prefácio à Memória dos Médicos «portugueses» «Jerónimo de Miranda, Henrique Jorge Henriques, Rodrigo de Castro e Zacuto Lusitano». Enaltece a elevação moral, a nobreza profissional e a curiosidade médica destes quatro médicos, destaca os princípios que informaram o exercício da Medicina que praticaram, sublinha deveres dos médicos para com os doentes, para com a sociedade e para com os colegas de profissão, aponta questões de honorários, qualidade dos remédios e exigências do Ensino médico e termina com judiciosas considerações acerca da introdução dos novos conhecimentos que foram sendo adquiridos ao longo da Vida.

A meio do Prefácio Rocha Brito como que tropeça no «Iusjurandum», como se isto fosse uma luminosa novidade que lhe estava escondida e que era urgente divulgar aos portugueses, depois de trezentos e setenta e cinco anos de intolerâncias, perseguições e censuras.

Somatório de princípios, o «Iusjurandum» difere do Juramento dito de Hippocrates por ter sido a fórmula encontrada pelo Doutor Amado para nos mostrar como sempre procedeu, ao longo de toda a sua vida, como se de um Testamento se tratasse.

O exemplar do livro de Maurice de Fleury: «O Médico», existente na Faculdade de Medicina de Coimbra conserva o Ex-Libris «obrigatório» de Arnaldo Frago, comemorativo da Revolução Nacional de 28 de Maio de 1926.

7. Nicolau Stopio, Vesalio e Amado

Em 1553 Amato Lusitano publicou em Veneza, na Oficina de «Gualtiero Scoto», a primeira edição do «In Dioscoridis», que não incluiu gravuras. Este livro teve segunda edição de Wendelinus Rihelius, Estrasburgo (Argentorati), 1554 com bonitos caracteres germânicos nos termos alemães e, quanto às sobras da primeira edição, foram reaproveitadas por Iordani Zilleti, Veneza, 1557 (J.J.A.Dias: Obra citada).

Nesta época Lyon, ligada a Veneza nas artes e indústria da seda, desenvolvia actividades editoriais e imitava Basileia (Bâle).

Em 1549 a Tipografia dos Arnolleti reeditou «De Historia stirpium commentarii insignes», Isingrin, Basileae, 1542 de Leonhart Fuchs (1501-1566) e incluiu-lhe novas gravuras, realizadas por Clément Boussy, a partir de gravuras originais das edições de Basileia (J.J.A.Dias: Obra citada).

Na mesma linha editorial, em 1550 e 1552 Baltazar Arnolleti reeditou o «Pedani Dioscoridis Anazarbei» de Jean Ruel (1479-1537), que até aí não tivera gravuras, introduziu-lhe as ilustrações anteriormente preparadas por Clément Boussy para a edição lyonesa do livro de Fuchs e acrescentou-lhe, ainda, um fascículo com trinta «Chalcographys» isto é, gravadas em chapa de cobre, de Jacques Dalechamps (1513-1588).

Em 1558 os Arnoletti lançaram terceiras edições do «In Dioscoridis», 1553 de Amato Lusitano e acrescentaram-lhe 15 gravuras de animais, 345 figuras de plantas e um ou outro comentário que incluiu frases completas em caracteres gregos do «novo autor» Robert Constantin (1530-1566). O texto inicial de Amato (1553) incluía termos em caracteres gregos, mas prescindiu completamente de frases escritas nesta língua.

Os Arnoletti cuidaram da apresentação, mudaram caracteres germânicos em letras latinas, substituíram a numeração árabe por números latinos no início dos capítulos, transformaram duas linhas de letras hebraicas em três linhas de bonitos caracteres quadrados hebraicos muito visíveis, no alto da página 92.

As linhas hebraicas, que falam do Aloés, seguidas pelo comentário, que critica a deficiente interpretação do salmo 45 pelo Anabaptista infeliz Thomas Muntzer (1491-1525), foram acolhidas em Santa Cruz de

Coimbra, onde se estudava a língua hebraica, e os Salmos, mas foram riscadas em Toledo, e Madrid.



Fig- 12 - «In Dioscoridis», 1558 da Fac. Med. Coimbra

O exemplar «Arnolleti» da Biblioteca Nacional, e o exemplar «Paganum» da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra conservam pareceres e assinaturas dos «Calificadores», respectivamente: Padre Jesuíta Fernandez, Toledo, 2 de Setembro de 1613 e Doutor Sayoane Veloso, médico, Madrid, 2 de Março de 1613. Veloso, talvez por ser médico, talvez por se sentir obrigado a riscar alguma coisa antes que o riscassem a ele, limitou os estragos à página 92.

As 360 gravuras do «novo livro» tinham sido utilizadas nas reedições das obras de Fuchs e de Ruell. Seguem a mesma disposição do livro de Ruellio, começando em «Lírio» enquanto que, no livro de Fuchs, começavam em «Absinto».

Para o livro do Doutor Amado foram igualmente disponibilizadas sobras do fascículo de Dalechamps, que não chegou ao exemplar adquirido por Santa Cruz de Coimbra.

Pretendendo poupar espaço, papel, tinta e tempo de impressão, a edição lyonesa de 1558 suprimiu a «Carta ao Leitor» do «Typographys» Gualter Escoto, a «Cantiguinha divertida» «Hilarivs cantivncvla», de Arnaldo Arlenio Peraxylus (Arndt van Eyndhouts da Aarle) e a «Ode» de Nicolau Stopio e, em vez destas três peças literárias, ofertou aos leitores uma «Carta de apresentação» de R. Constantin.

A carta de Gualter Escoto referia anteriores traduções da Obra de Dioscórides e dizia da proveniência das novas drogas que chegavam à Europa, trazidas de

ilhas longínquas, em frotas portuguesas. Arlénio e Stópio, intelectuais prestigiados, apadrinhavam a Obra.

Salvou-se a carta do Doutor Amado ao Senado de Ragusa (Dubrovnik), datada de Roma, 15 de Maio de 1551.

Na época, Stópio era um editor considerado e o doutor Amado contou com o seu apoio quando se sentiu perseguido pelo «cão raivoso» Pietro Andrea Matthioli (1501-1577), referenciado na «Scholia» que se segue à Memória XLI, na «Sétima Centúria», 1561 (A. Rasteiro: Amavel Doutor Amado, Revista Ordem dos Médicos, 27, 115, 2011, pp.55-57).

Nicolau Stopio é um nome ligado à Medicina, e aos Médicos. Na juventude esteve próximo de Andreas Vesal (1514-1564) que o elogiou de forma desmedida na «Carta» a «*Joanne Oporino Graecarvm literarvm apvd Basiliensis professori, amico charissimo suo*»:

«Accipies brevi simul cum bis literis per Medilaneses mercatores Danonos, tabulas ad meos de Humani corporis fabrica libros, & corundem Epitomen sculpeas. Vtinam tam integrè ac tutò Basileam perferantur, atque sedulò cum sculpeore & Nicolao Stopio hic Bombergorum negotiorum fidelissimo curatore, in humanioribusq; studijs apprimè versato iuvene, eas composui: ne aliqua ex parte attenentur, aliudue incommodum ipsis ueclura inferat» («Fabrica», 1543).

Herman Boerhaave (1668-1738) e Bernhard Siegfried Albinus (1697-1770) recordaram este episódio no «Praefatio» das reedições da «Fábrica» e «Epítome» «Apud» Joannem du Vivie e Joan. & Herman Verbeek, «Lugdunum Batavorum» (Leiden), 1725, estranhando a omissão de Jan Stephan von Calcar (c.1449-1546) por parte de Vesálio em contraste com os agradecimentos a Stópio:

«Labor supra humano Tabulas confecit: tum corpora aptando, quam oculos, manus, mentem, pictores regendo. Pictore usus videtur praecipue Joanne Stephano, insigni ea aetate Artifice; cujus opera, & industria imprimis egere se scribit ipso anno 1539. Laudat & praestitam sibi in his operam a Nicolao Stopio. Sculptorem quoque suum commemorat ibidem, nom nominat, quem omnium artificiosissimum Joannem Calcar fuisse cognoscimus.»

O Mosteiro de Santa Cruz adquiriu exemplares destas obras, actualmente no Instituto de Anatomia, Coimbra.

Como Editor, Stópio publicou uma tradução latina do «Actuarii Ioannis Filii Zachariae, Methodi Medendin Libri Sex,» Venetijs, MDLIII, realizada a partir de um texto grego por «Cor. Henricum Mathisium», obra distinguida com um «Motv proprio & c.» do Papa Júlio III «Cum sicut dilectus filius Nicolaus Stopius nobis nuper exponi fecit ad communem omnium studiosorum utilitatem, sua propria impressa, Actuarij Ioannis filij Methodi Medendi libros sex,...». A inclusão do «Motv proprio & c.» do Papa, assinala a pompa, a circunstância, os meios e o ambiente em que Stopio se movimentava. Faleceu em 8 de Maio de 1568.

João Zacarias (João Actuario), «Actuário» por estar na Corte, foi médico do imperador Andronico (1328-1341); o Editor Stópio incluiu dois poemas: apresentação («*Medicinae candidatis*») e fecho.

As «Anotações de Hieronymi Vvolffii», Basileae, ex officina Hervagiana MDLXXII acolhem uma versão latina da «Aesopica rana» apresentada por Stopio.

* Trabalho desenvolvido ao encontro do projecto de investigação «Dioscorides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano» no âmbito do Projecto FCOMP-01-0124-FEDER-009102.

** Prof. ass. jub. Oftalmologia, F.M.U.C.

O CAMINHO DE HADES – O VERBO, A PALAVRA, A VOZ DE AMATO

Maria José Leal*



HADES com o seu cão Cérbero

São muitos os caminhos, diferentes para cada um e nem sempre com o mesmo percurso, mais agreste ou mais ameno, mais linear ou mais tortuoso.

Caminhos diferentes mas com direcção inexorável – a morte, Hades a única direcção que todas as criaturas têm indiscutivelmente como certa.

Hades o senhor dos mundos subterrâneos da mitologia grega, o mais enigmático do triunvirato, que com Zeus senhor dos céus e com Poseidon senhor dos mares, compõem a fratria responsável pela governância da criação.

Hades com o seu inseparável companheiro com três cabeças, o cão Cérbero, materializando e exorcizando um desconhecido, que malgrado todo o avanço científico e tecnológico, permanece nas esferas do imaginário de todas as civilizações.

Tudo o que é conhecido morre, as criaturas, animais, plantas, a própria Terra tal como os outros astros, todos seguem o mesmo caminho.

À pergunta: caminho para onde? Responde Ptolomeu (90-168) de forma sintética mas com o sabor da tentação dos deuses...

“Sei que sou mortal, por natureza efêmero; mas quando desenho a meu belo prazer as deslocações para lá e para cá dos corpos celestiais, já não toco a terra com os meus pés: estou na presença do próprio Zeus e encho o meu copo de ambrósia”¹

Respondem os Poetas com as suas vivências:

A morte nos faz cair em seu alçapão,
É uma mão que nos agarra
E nunca mais nos solta.
A morte para todos faz capa escura,
E faz da terra uma toalha;
Sem distinção ela nos serve,
Põe os segredos a descoberto,
A morte liberta o escravo,
A morte submete rei e papa
E paga a cada um seu salário,
E devolve ao pobre o que ele perde
E toma do rico o que ele abocanha.²

A Morte

....

Porque a vida e a morte são uma só coisa
como são uma só coisa o rio e o mar

O Adeus Final

.....

Povo de Orphalese,
o vento convida-me a deixar-vos
Tenho menos pressa que o vento;
contudo tenho de partir

.....

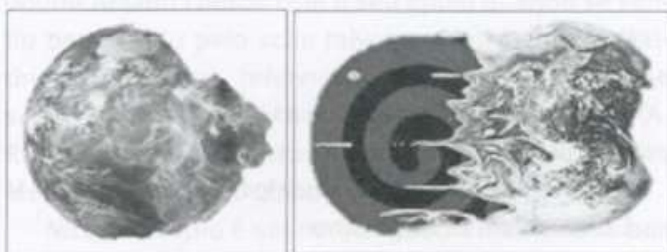
Apenas um instante,
um momento de repouso sobre o vento,
e outra mulher me dará à luz³

Para o item morte encontraram-se 5057 entradas na base de dados da Biblioteca Nacional e 6037 na Porbase, números bem demonstrativos do lugar que tal tema ocupa nas preocupações dos indivíduos.

Discernem as escolas filosóficas sobre a permanência da identidade ou sobre a anulação da individualidade para além da morte... tal como Amato não se entrará em discussões de carácter filosófico nem em outras de carácter religioso, mas apenas e tão só no facto da própria morte e no modo como ela é vivenciada.

A arte e as suas manifestações sempre foram um refrigério, um exorcismo bem representativo de como as culturas sempre lidaram com a morte.⁴⁻⁸

A morte, algo de indispensável ao equilíbrio ecológico e o absurdo da não morte, é uma reflexão que José Saramago largamente desenvolveu na sua obra *As Intermittências da Morte*.



A morte da Terra pelo Fogo ou pelo Degelo

“No dia seguinte ninguém morre...” (assim começa o romance e continua...) “Roguemos, por favor, não se vá [a morte] embora. Porque a única condição que a espécie humana tem para continuar a viver é morrendo.”⁹

Pela seu mister, Amato conviveu em proximidade e intimamente com a realidade da morte, sempre presente, sempre a mesma e também sempre diferente, consoante as particularidades afectivas e sociais de cada moribundo, não esquecendo as vivências pessoais e relacionais de quem os assiste, relação esta a que Amato não se exclui.

Embora mantendo quase sempre uma distância profissional foi a doença súbita e gravíssima do hebreu Alizalain de 27 anos na data de 4 de Setembro de 1546, que desencadeou, no seu dizer, a escrita destas crónicas, como ele mesmo refere na Cura 9 da Primeira Centúria, pormenorizando que: “morreu na Segunda-feira seguinte, de modo que só durou 48 horas.”

Esta referência a datas tão precisas patenteia quanto esta morte deve porventura ter tocado Amato. Na discussão clínica diz ainda: “Entretanto Alizalain morreu de esfacelo e não de apoplexia... e foi assim arrebatado, com grande dor de todos os seus amigos, no meio da carreira da vida. É todavia de grande conforto para os seus amigos o facto de ter vivido santamente e ter morrido inocentemente, naquele dia em que os judeus aconselham a pedir a Deus perdão para os seus pecados.”

Era o *Yom Kipur* ou *Kippur* “o Dia do Perdão” um dos dias mais importantes do judaísmo que marca o final dos “Dez Dias de Arrependimento” após o início de cada *Rosh Hashaná* “Cabeça do Ano” o ano novo judeu. No calendário hebreu começa no crepúsculo que inicia o décimo dia do mês de Tishrei (que coincide com Setembro ou Outubro do calendário gregoriano), continuando até ao seguinte pôr-do-sol. Os judeus tradicionalmente observam esse feriado com um período de jejum de 25 horas e oração intensa.

Decerto Amato tinha ideado de há muito as suas crónicas, o Verbo, a acção criadora, a manifestação do Imanifestado¹⁰, palpitava conceptualmente no seu cérebro. O Pneúma, a sua Palavra efémera, transmitida pelas ondas sonoras da sua Voz, ia-se tornar criatura, qual demiurgo materializando pela Palavra escrita a sua criação.

A morte de Alizalain foi o desencadeante, o click deste processo, em tempo do *Yom Kipur*, a ritualização comunitária e individual da morte do pecado para o recomeço de um homem novo purificado, em sintonia com o início de cada novo ano o *Rosh Hashaná*.

Quando o Verbo da Voz se torna Palavra escrita, logo no Prefácio da Primeira Centúria após a dedicação ao Ilustre Príncipe Cosme de Médicis, Amato enumera os três factores pelos quais se realiza a cura: o Médico, o Doente, a Doença, quanto ao primeiro nas suas atribuições cita Mesué: *Não adies o auxílio, pois ao que morre uma só vez, depois disso nenhuns socorros aproveitam*. A função demiurga do médico condicionado pelas limitações temporais da oportunidade em momento adequado ocupando a morte um lugar de charneira nesta actuação.



A morte do Usurário e do Mendigo - Gautier de Coligny (1177-1236) *La Vie et les miracles de Notre-Dame*, França (c. 1260-1270).

No universo das 701 curas das Sete Centúrias Amato relata 106 curas em que ocorreram mortes (15,69%), algumas delas envolvendo mais do que um indivíduo, nomeadamente em casos de doenças infecciosas ou recém nascidos.

Os relatos não têm um padrão de descrição, variando os pormenores desde os mais sucintos aos mais explicativos. A patologia é muito variada desde acidentes, ferimentos, febres, apoplexias, disenterias, hemorragias digestivas, tumores, mordeduras de animais, etc., não se escusando a citar as causas iatrogénicas como também as de descuro do próprio doente ou dos seus familiares.

Como nota interessante, Amato assinala a data de calendário e por vezes a hora do falecimento e/ou referências astronómicas como solstício, nascer das plêiades ou lua cheia, em 19 curas (17,83% dos 106); destes, três são ilustres anciãos de boa saúde, os restantes são crianças ou jovens saudáveis o que talvez leve a fazer supor, tratar-se de casos em que mais directa ou mesmo de forma pessoal se viu envolvido, e/ou poderem corresponder essas datas a referências marcantes para ele próprio, correlacionadas ou não com as próprias doenças.

Este envolvimento é patente na Cura 20 da Segunda Centúria em que Amato descreve a argumentação que usou para defender o colega a quem a família da jovem paciente imputara a responsabilidade da morte por má prática, tendo o mesmo sido preso e a questão posta em Tribunal. Tal argumentação, com referências aos escritos de reconhecidos mestres, à luz dos conhecimentos da época, que não serão discutidos aqui, rebate completamente a acusação.

“Por vezes o mal prevalece sobre a melhor arte e até muitas vezes se encontram doenças que necessariamente matam, entra as quais se deve colocar a que vitimou esta rapariga.”

Nestas andanças jurídicas, interessante notar a nomeação que faz do então Governador de Ancona, Vicêncio de Nobilis, parente do papa Júlio III; nesse mesmo ano 1550, Amato Lusitano fora chamado a Roma onde tratou com sucesso o Papa de doença das vias respiratórias, prestando de igual modo serviços médicos a outras pessoas da sua família. Amato foi decerto o melhor advogado de defesa que o desafortunado Calaphurra poderia ter encontrado.

Na Cura 84 da Quinta Centúria relata o caso do suicídio dum jovem frade que ingeriu vitríolo, Amato narra em pormenor a sequência do desgosto de amor não correspondido e a sequência do acto do jovem “...os médicos, chamados para o verem, em breve o deixaram deplorar-se e com razão, visto que, nesse dia, trocou a vida pela morte, e o bom do frade sofreu o castigo da sua paixão. Isto aconteceu em Pesaro no dia 5 de Fevereiro de 1556.”

É o único suicídio relatado nas Centúrias, a data e o local estão claramente assinalados. Na tradução consultada da edição de Bordéus de 1620¹¹ os comentários de Amato sobre o caso são parcos, praticamente omissos; talvez fosse esperada uma sapiente dissertação sobre os efeitos físicos dos estados da alma como o faz em múltiplas outras ocasiões, como por exemplo os que descreve na Cura 13 da Sexta Centúria:

“Em que se refere o caso extraordinário de um rapaz que por temor, teve morte breve....com efeito os males do espírito produzem estranhas alterações no corpo humano...”

Não foram consultados os originais de outras edições pelo que se desconhece se nessas outras foram expressas; assim, pelo momento ficam omissas as opiniões de Amato, decerto condicionadas pela época e suas contingências, sobre o suicídio, um acto paradoxal, mas por vezes não absurdo, o que tem merecido as reflexões de outros autores^{12 13}.

No dizer de Edgar Morin é impossível conhecer o homem sem lhe estudar a morte, porque, talvez mais

do que na vida, é na morte que o homem exprime o que a vida tem de mais fundamental¹⁴.



A Morte e as Representações do Além na Idade Média: inferno e Paraíso na obra Doutrina para crianças (c. 1275) de Ramon Llull

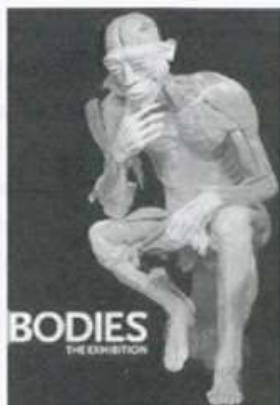
Costumes ancestrais de ritualização da morte mais ou menos genuínos desde o tempo de Amato ou mesmo precedendo-o, ainda permanecem na nossa cultura, de modo geral não escapando ao aproveitamento turístico/económico que lhe aproveita. São exemplo do culto aos mortos a celebração celta *Samhain*, o *Allhallow-even* na véspera de Todos-os-Santos. De tradição portuguesa celebra-se em Trás-os-Montes a Festa dos Caretos em Podence no concelho de Macedo de Cavaleiros, assim como o culto da Senhora da Boa Morte no Santuário Mariano de Correlhã, Ponte de Lima, distrito de Viana do Castelo, idem em Mira de Aire no Concelho de Porto de Mós no distrito de Leiria, entre outras.

Rituais com idêntico significado abundam em todas as culturas; a Irmandade da Boa Morte em Cachoeira no interior do estado da Bahia no Brasil, a cerca de 120Km da cidade de Salvador, constituída só por mulheres de origem africana, cultua a mesma Senhora, ritualizando a morte na sua expressão de sincretismo animista-católico e afro-português.

Como é que actualmente a morte é encarada e vivenciada individual e colectivamente? A morte foi ostracizada da convivência diária, as soluções tecnológicas criam no cidadão comum a fantasia que serão capazes de curar ou mesmo evitar todas as doenças. A doença e a ocorrência da morte deixaram o ambiente familiar, os moribundos encontram-se ocultos nas Instituições de Saúde e cada vez mais nas Unidades de Cuidados Intensivos.

As condicionantes financeiras, a constatação das limitações da tecnologia e sobretudo os espíritos avisados irão decerto encontrar um outro equilíbrio para o vivenciar da Morte¹⁵.

Contrapondo esta morte ocultada, o manuseio das tecnologias avançadas traz para o teatro da rua ou dos meios de comunicação em directo, a violência dos



Mumificação pelo anatomista
Gunther von Hagens

espectaculares desastres de viação, marítimos ou aéreos, das catástrofes naturais ou da guerra, dos suicidas homens bomba que explodem esfrangalhados arrastando na sua morte um número incontável de inesperadas vítimas.

Por outro lado os artistas não sossegam e as suas expressões revestem-se neste contexto de formas duma agressividade contundente expondo despidoradamente a Morte em contraponto à quase organizada ocultação do moribundo cidadão comum. Os artistas, muitos sem o saberem, são o alter-ego das sociedades, o seu escape catártico.

Cita-se a propósito Gunther von Hagens o anatomista alemão que criou a plastinação, uma forma de conservar o corpo de uma pessoa morta como se fosse uma mumificação... as suas Exposições têm corrido o mundo com um enorme sucesso¹⁶.

O mesmo para os artistas de *graffiti*, autores anónimos para o grande público, cujas obras sobre o tema já mereceram a atenção dos estudiosos de Arte, expostas que estão pelos murais das nossas cidades, chocantes aos olhos dos transeuntes desprevenidos¹⁷.

A Caminho de Hades qual é o papel do médico? De certo aplanar as dificuldades proporcionando o melhor conforto e qualidade ao enfermo enquanto o Caminho não terminar sabendo usar criteriosamente a informação e o armamentário disponíveis.

Quanto a estes dois, incontestável é o progresso ocorrido desde o século XVI de Amato, quanto à sua utilização mantem-se, embora noutra escala, os mesmos limites e as mesmas contingências.

Pertinentes são a este propósito os comentários de Amato manifestos de grande sabedoria, humildade e compaixão na Sexta Centúria Cura 73.

Citando Hipócrates:

"Só com o prognóstico se devem deixar os lamentados. Ao que acrescenta o seu parecer pessoal: Todavia, para não parecermos insensíveis, se formos chamados de novo a ver os que assim estão lamentavelmente perdidos, é nossa obrigação visitá-los para que eles próprios não caiam no desespero, pois na profissão médica não raramente acontecem coisas extraordinárias."

E também na Primeira Centúria Cura 31:

"Não se pode conseguir que todos tornem à saúde, como diz Hipócrates no livro primeiro dos Prognósticos, o que um engenhoso Poeta cantou assim:

"Non est in Medico semper relevetur ut aeger
Interdum docta plus valet arte malum"

"Não está sempre na mão do Médico que o doente seja curado

Às vezes o mal tem mais força do que a arte do sabedor"

...É o fim do Caminho... é a inexorável chegada a Hades...

Relatos de morte:

I Centúria – Curas: 9*, 31, 36, 45, 50, 51, 56, 62, 67, 91*, 92*, 94*.

II Centúria – Curas: 4, 7, 8, 10, 17, 20*^a, 24, 26, 30, 33, 41, 42, 45, 50, 53, 61, 62, 65, 82, 86, 90

III Centúria – Curas: 14, 22, 32, 35*, 41*, 46, 64, 72*, 73, 74, 85, 90.

IV Centúria – Curas: 23*, 56, 57, 71, 72*, 77.

V Centúria – Curas: 3, 8, 11, 20, 30, 33, 46, 56, 58, 63, 71, 73*, 84*[#], 91, 98*

VI Centúria – Curas: 3*, 8, 10, 13*, 16, 20, 26, 29*, 36, 37, 52, 53, 57, 62, 71*, 73, 82.

VII Centúria – Curas: 2, 3, 6, 10, 12, 23, 25, 26, 30*, 33, 41, 50, 61, 62, 65, 66, 67, 72*, 77, 85, 88, 90, 98.

total de 106/701 curas (15,69 %)

*referida a data da morte - total 19/106 (17,83%)

^a defesa de colega acusado em tribunal

[#] suicídio

Notas ao texto:

- 1 - Ptolomeu *Almagesto* in: Tyson, Neil Degrasse *Morte Por Buraco Negro e Outros Embarços Cósmicos* Gradiva, Lisboa, 1999
- 2 - Héliand de Froidmont *Les vers de la mort*, poème du XIIe siècle traduit par Michel Boyer et Monique Santucci, Paris Champion (Traductions des Classiques français du Moyen Âge), 1983
- 3 - Kahlil Gibran *O Profeta* Ed. Pergaminho, Lisboa, 2009
- 4 - Ariès Philippe *L'Homme devant la mort*, Seuil, Paris, 1977
- 5 - Ariès Philippe *Images de l'homme devant la mort*, Seuil, Paris, 1983
- 6 - Antonin Artaud *L'Art et la mort*, Denoel, Paris, 1929
- 7 - Marie de Hennezel & Jean-Yves Leloup *L'Art de Mourir Traditions religieuses et spiritualité humaniste face à la mort aujourd'hui*, Editions Robert Laffont, Paris, 1997
- 8 - Ariès Philippe *Sobre a História da Morte no Ocidente Desde a Idade Média*, Editorial Teorema, Lisboa, 1989
- 9 - José Saramago *As Intermitências da Morte*, Caminho, Lisboa 2005
- 10 - João I, 1-5 *No princípio era o Verbo e o Verbo estava em Deus, e o Verbo era Deus*
- 11 - Amato Lusitano *Centúrias de Curas Medicinas*, Tradução de Firmínio Crespo, Ed. Univ. Nova de Lisboa, Lisboa, 1980
- 12 - Jean Améry *Atentar contra si – discurso sobre a morte voluntária*, Assírio e Alvim, Lisboa, 2009
- 13 - Pierre-Emmanuel Dauzat *O Suicídio de Cristo*, Editorial Notícias, Lisboa, 2000
- 14 - Edgar Morin *O Homem e a morte*, Publ. Europa- América, Lisboa, 1988
- 15 - Maria Filomena Mónica *A Morte*, Ed. Fundação Francisco Manuel dos Santos, Lisboa, 2011
- 16 - <http://www.auladeanatomia.com/guinter/gunther.htm>
- 17 - Jens Besser *Muralismo Morte: The Rebirth of Muralism in Contemporary Urban Art*, From Here to Fame, Berlim, 2010

*Médica, investigadora

AMATO LUSITANO, LEITOR DA ODISSEIA

António Maria Martins de Melo*

Na prova escrita de Português, do 12.^o Ano de Escolaridade, deste ano de 2012, os alunos foram chamados a ler um excerto da obra *Retalhos da vida de um médico*, do escritor Fernando de Namora (1919-1989), que nos dá conta da história de uma pneumonia *sui generis*. Com efeito, o doente que ia ser internado recusava-se ao costumeiro banho prévio, uma medida preventiva contra a invasão de parasitas indesejados na unidade de saúde. À interpelação do médico, se tomava banho em casa, ele havia de responder que

«Tomei, sim senhor, antes das sortes e do casamento. A gente não vai chapinhar na água toda a vez que se lembre. Está um homem sujeito a apanhar um catarral ou um resfriamento». Por fim, embora contrariado, acabou por ceder ao regulamento e lá tomou o seu banho. De má lembrança, contudo, pois uns dias mais tarde, quando o médico estava de serviço e interrogava o enfermeiro acerca da identidade de um doente, este havia de lhe atirar ao rosto palavras amargas: «– Sou eu, Sr. Doutor! Tenho um catarral e é por sua culpa. Eu bem lhe disse que não se brinca com a água»¹.

Fosse ele vivo e talvez fizesse sua esta sagaz reflexão de Miguel Torga (1907 – 1995) no seu Diário XVI:

«Coimbra, 8 de Fevereiro de 1991 – Cento e oito mil alunos fizeram hoje a prova de acesso à Universidade, debruçados sobre uma página deste *Diário*. Deus os tenha ajudado. Quando escrevi o texto em causa, estava longe de imaginar que ele viria a ser motivo de mortificação académica. Em Portugal, a apetência literária morre na escola. Poucos mestres se empenham em ensinar os discípulos a gostar dum autor. Que o diga Camões. Oxalá que, entre tantos jovens que me leram neste dia compulsivamente, alguns deles passem a ler-me voluntariamente, não por conta de qualquer júri ou computador, mas por real prazer, e descubram que um escritor não é dentro da pátria um inimigo público embuçado, mas uma prestável voz fraterna»².

Deliberadamente se abriu esta comunicação com a menção a dois dos mais celebrados autores da literatura portuguesa, da segunda metade do século XX; ambos eles concluíram os seus cursos universitários na área da medicina e daí decorreu o seu exercício profissional. Predominante, pois um espaço significativo seria reservado, ao longo da sua vida, para a literatura, ou mais prosaicamente, para a escrita. Como que dando largas à percepção tradicional da dicotomia corpo e alma. Mais do que um conflito, trata-se da singular simbiose de uma harmonia desejável no Homem de todos os tempos: sim à ciência, mas também ao desenvolvimento da sensibilidade, tendo em vista uma interpretação mais próxima do sofrimento humano, da angústia existencial da finitude da vida. E a coragem do acto da escrita, só por si, é revelador desta capacidade alargada para a compreensão da fragilidade da existência humana, na sua realização singular, particular, em cada ser humano.

Para a captação desta *humanitas* – e vem a propósito mencionar a célebre frase terenciana *homo sum humani nihil a me alienum puto*, isto é, «Um homem eu sou: e nada do que é humano eu considero alheio à minha natureza»³ – muito concorre a leitura dos textos da Literatura que apresentam a Outra perspectiva, mediada pela visão do artífice da palavra, mediada por aquele que tem um acesso privilegiado à sempre misteriosa alma humana: «É que a poesia expressa o que é universal», já dizia Aristóteles, na sua *Poética* (1451 b)⁴.

É este o caminho não só para a excelência no exercício da medicina, mas também em todos os outros campos profissionais da actividade humana. Uma excelência que se inspira inequivocamente num nobilíssimo ideal antropológico, estético, cultural e pedagógico, que coloca em lugar destacado a importância da Literatura, de modo particular a Clássica, isto é, a dos autores gregos e latinos. E continua o ilustre académico das Universidades de Coimbra e do Minho, Aguiar e Silva, no clarividente artigo intitulado «Reflexões tempestivas sobre a crise das Humanidades», recordando o afamado discurso de Hegel, de 29 de Setembro de 1809, proferido enquanto reitor do *Gymnasium* de

Nürnberg Nuremberga, a propósito das *litterae humaniores*, isto é, dos estudos clássicos. Dizia ele que, se a excelência deve ser o fundamento e o ponto de partida, «então a fundamentação do estudo mais elevado deve ser e permanecer a literatura grega, em primeiro lugar, a latina, depois. A perfeição e a glória destas obra-primas devem ser o banho espiritual, o baptismo secular que primeiro e indelevelmente afina e impregna a alma, no respeito do gosto e do conhecimento»⁵.

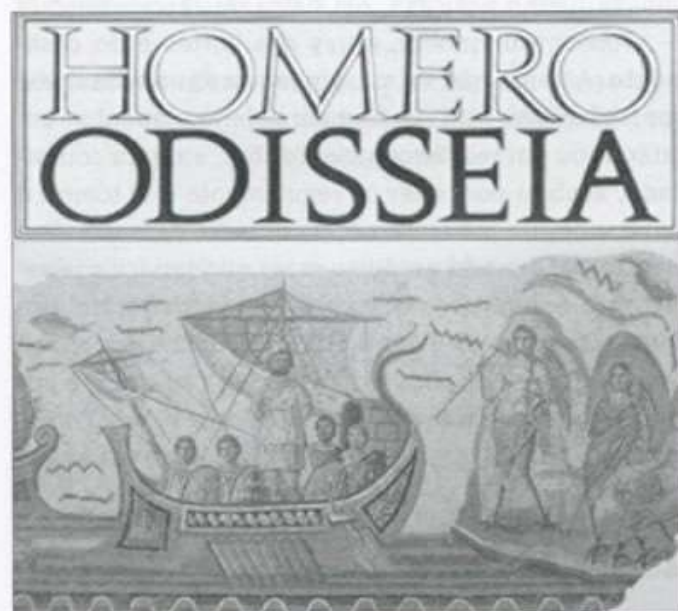
Nesta linha de pensamento se posiciona o humanista aqui celebrado, João Rodrigues de Castelo Branco, mais conhecido por Amato Lusitano. Em primeiro lugar, escreveu sabiamente as suas reflexões na grande língua de comunicação da sua época, o Latim, fazendo jus ao seu epíteto de humanista. Mas, por outro lado, por essa via mais rapidamente granjeou celebridade e respeito entre os seus pares além-fronteiras, tendo mesmo concitado a inveja de outros, como a de Pietro Andrea Mattioli, que não gostou das referências pouco abonatórias acerca da sua pessoa nos comentários sobre Dioscórides que ele havia redigido. Por isso, o médico humanista italiano, natural de Siena, respondeu-lhe violentamente com a sua *Apologia adversus Amatam Lusitanum*, de 1558. Este facto apressou a fuga do médico albicastrense para a sua derradeira morada de exilado no Império Otomano, em Salónica, na Grécia, onde viria a falecer em Janeiro de 1568.

No *Index* e nos seus comentários a Dioscórides, amiúde menciona autores antigos, como os gregos Tefrasto (327-287 a. C.) e Serapião de Alexandria (220 a. C.) o latino Plínio-o-Antigo (23-79), o médico Galeno (c. 130-200), Écio de Amida (502-575) e o árabe Avicena (980-1037). Isto sem descurar as autoridades contemporâneas, como Hermolau Barbaro (c. 1434-1493), Giovanni Manardi (1462-1536), Vesálio (1514-1564), além do já referido humanista de Siena, entre outros. O que supõe o domínio do grego e do árabe, para além do latim, e desde logo augurava boas perspectivas para a sua investigação filológica. Com efeito, para cada planta, junta ele a sua designação em grego e latim, que faz acompanhar da versão em vernáculo, como em espanhol, em francês, em alemão, em italiano, em português e, mais raramente, em pérsico. Se a estas línguas se acrescentar o hebraico, bem pode concluir-se que o antigo estudante da Universidade de Salamanca era um verdadeiro poliglota. Na época, esta condição era muito favorecida pelo facto de um estudante de medicina ser obrigado, geralmente, à prévia obtenção do grau de bacharel em Artes e Filosofia.

E foram as suas preocupações filológicas que o conduziram até à *Odisseia* de Homero. Um dos livros que, a par da Bíblia, é dos mais lidos ao longo da história do

ocidente e que, por isso mesmo, mais influência terá exercido no seu imaginário. Já Platão, no seu tempo, uns quatro séculos após o aparecimento dos Poemas Homéricos, proclamava, na *República* (606e), que Homero fora o educador da Grécia. Para tal concepção muito terá contribuído a acção de Hiparco, filho de Pisístrato que, no século VI a. C., instituiu o hábito da recitação integral dos dois poemas durante o festival ateniense das Panateneias como refere, entre outros, Frederico Lourenço no seu ensaio «Dois poemas de autor anónimo: a *Ilíada* e a *Odisseia*»⁶.

Em Roma, até ao tempo de Horácio, como já referiu a Professora Maria Helena da Rocha Pereira, no seu celebrado manual universitário, *Estudos de História da Cultura Clássica, Volume I, Cultura Grega*, as crianças romanas aprendiam a ler pela *Odisseia*, numa tradução elaborada pelo escravo Lívio Andronico, no início da segunda metade do século III a. C. E assim se abria um caminho auspicioso para a Literatura Latina.



Mas terá Amato lido a *Odisseia*? E a *Ilíada*? A nossa resposta é afirmativa, desde logo porque é inquestionável que os dois poemas épicos tenham feito parte do cânone escolar humanista da época. Acresce, depois, que, como tudo indica, o humanista português cursou Artes no Estudo de Salamanca, antes de se inscrever no curso de medicina, tendo alcançado o grau de bacharel a 19 de Março de 1532, como dirimiui definitivamente esta questão a antiga directora do Arquivo da Universidade de Salamanca, Teresa Santander. Por isso, é natural que tenha lido estes textos na língua original, o grego⁷.

Vem confirmar indirectamente esta afirmação um excerto da obra pioneira que D. Manuel Gonçalves Cerejeira dedicou ao mestre Clenardo, humanista flamengo. Situa-se essa passagem no volume

primeiro, páginas 113 a 114, sendo citada a partir de um texto proferido por José Vitorino de Pina Martins, em 1989, em Lisboa, na Universidade Católica Portuguesa, por ocasião da reedição dos dois volumes em 1974 e 1975:

«Quando Clenardo entrou em Coimbra, era já tempo de férias. Por felicidade ainda pôde ouvir o mestre Vicente Fabrício na aula de grego. Ficou assombrado com o *novo milagre* a que assistiu: 'Fabrício comentava Homero sem o traduzir de grego para latim, como se estivesse na própria Atenas. Nunca até então, confessava, vira coisa assim em parte alguma'. E os discípulos imitavam o professor, não se servindo senão da língua grega quase em tudo. Se lhe era lícito meter-se a profeta, muito Coimbra havia de florescer no estudo das línguas». E pouco depois: «Com tais princípios, ainda um dia Coimbra havia de sobrepujar a própria Salamanca», comentava o humanista».

No *Index*⁹, entrada XXVII, Amato vai falar do helénio, «a nossa énuia da Campânia». Trata-se de uma planta muito familiar nas hortas, que se chama ínula, devido ao seu caule pequeno. A sua raiz grande, amarga, mas de muito bom aroma, preparada com açúcar ou mel, é muito eficaz contra as maleitas dos tempos dele; daqui a fama de que a énuia-campana tornasse as entranhas saudáveis. E termina com uma nota acerca da origem do seu nome: ou porque nasceu das lágrimas de Helena, ou porque foi descoberta pelo troiano Heleno.

Nos *Comentários*¹⁰, a que corresponde o mesmo número de entrada do *Index*, como geralmente acontece, ele retoma o assunto da énuia. Mas logo há uma diferença, quando se refere à identificação: fala ele da énuia da Campânia («enuia campana»), a que acrescenta a outra énuia, que ele identifica com a énuia egípcia, o helénio egípcio, a *nepente*.

No comentário, Amato Lusitano dirá que Plínio fala dela no livro 21, capítulo 10. E diz que a descrição do autor latino é diferente da de Dioscórides. De facto, enquanto este refere uma énuia egípcia com folhas de lentilha e ramos pequenos de serpão espalhados pelo chão, aquele (Plínio-o-Antigo) diz que ela não possui folhas de lentilha, mas antes do serpão.

E, mais à frente, continua:

«Verum enulae radix adeo laetificat, ut in omnium apothecariorum ore sit, enula Campana reddit praecordia sana: immo hac de causa, a multis creditum est, hanc nepentem herbam illam ab Homero

tanta laude decantatam esse, quia perpetuam pariat laetitiam, et tristiam omnem aboleat, omnes abigendo curas, et malorum omnium oblivionem inducendo, praecipue si eius succus vino immistus bibatur».

«A raiz da énuia alegre de tal forma que aparece na boca de todos os boticários, a énuia da Campânia restabelece a saúde das entranhas. Por essa razão, muitos acreditaram que esta nepente é aquela planta cantada por Homero com tamanha celebridade, pois ela produz uma alegria perpétua e faz desaparecer toda a tristeza, ao afastar todos os cuidados e ao induzir o esquecimento de todos os males, principalmente se se beber o suco dela misturado com vinho».

E Amato Lusitano acrescenta logo de seguida:

«Quae omnia vera esse crediderim, modo de Aegypcio helenio campano dicantur, cum in nostra enula haec prorsus non reperiantur; nec Itali illius radices quotidie coctas, et saccharo vel melle et aromatibus paratas licet esitent, talia experiuntur».

«Eu ter-me-ia atrevido a acreditar que todas estas coisas que se dizem acerca do helénio egípcio são verdadeiras, embora não se descubram na nossa énuia estas características, nem os Italianos experimentam todos os dias as raízes cozidas daquela, preparadas com açúcar ou mel e com plantas aromáticas, ainda que comam tais substâncias».

E conclui o médico albicastrense:

«De illa igitur enula Aegyptia vera nepenthe sic cecinit Homerus libro 4 Odysseae:

Tum love nata Helena hic meditata est pharmaca potu
Ac subito iniecit medicamina rara Lyaeo
Vnde bibunt proceres nepenthes incluta succo
Gramina, quae irarum, sive omnis cladis et omnis
Vsque mali herbarum ducunt obliviam potu.
Haec si mixta scyphis aliquis praesumpserit, ille
Luce illa nunquam lacrimas effundet obortas,
Non si vel genitor materque Acherontis arenas
Rapta petat Stygias, non si natumque fratremque
Coram disiectos ferro, atque in sanguine mixtos
Hoste oculis videat claris.

Ceterum helenium ab Heleno Troiano inventum sibi nomen vindicasse, non vero ab Helena ut poetarum narrant fabulae, crediderim».

«Portanto, acerca daquela énuia verdadeira do Egipto, a nepente, Homero, no Livro quarto da Odisseia, (IV.219-226) escreveu do modo seguinte:

Então Helena, filha de Júpiter, preparou aqui uma poção para ser bebida e subitamente lançou o medicamento raro no vinho donde os próceres bebem, a nepente e as gramas célebres pelo suco, as quais prolongam os esquecimentos das iras, ou de toda a desgraça e até de todo o mal pela bebida das ervas. Se alguém ingerir estas poções misturadas em taças, esse jamais há-de derramar as lágrimas, nascidas nesse dia, mesmo que o pai e a mãe, arrebatados, se dirijam para as areias infernais de Aqueronte e mesmo que veja com olhos límpidos o seu filho e o seu irmão destroçados diante de si pelo ferro, e mergulhados no sangue inimigo.

Em suma – diz Amato – eu atrever-me-ia a acreditar que o nome helénio foi encontrado pelo troiano Hele- no e que, de facto, não derivou de Helena, como nar- ram as fábulas dos poetas».

Notas ao texto:

1 - Fernando Namora, *Retalhos da Vida de um Médico*, Lisboa, Ber- trand, 1975.

2 - Miguel Torga, *Diário XVI*, Coimbra, Edição do Autor, pp. 61-62.

3 - Terêncio, «O homem que se puniu a si mesmo», tradução de Wal- ter de Medeiros, in Terêncio, *Comédias*. Vol. I, introdução geral de Walter de Medeiros; introdução, tradução do latim e notas de Walter de Medeiros e Aires Pereira do Couto. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2008, p. 219.

4 - Aristóteles, *Poética*. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira, tradução e notas de Ana Maria Valente, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p. 54.

5 - Vítor Manuel de Aguiar e Silva, «Reflexões tempestivas sobre a crise das Humanidades», in *As letras / Humanidades: presente e futuro*. Comemoração dos 25 anos do Instituto de Letras e Ciências Humanas (1976-2001), coord. de Manuel Gama e Virgínia Soares Pe- reira. Braga, Universidade do Minho / Instituto de Letras e Ciências Humanas, Centro de Estudos Humanísticos, 2004, p. 14.

6 - Frederico Lourenço, «Dois poemas de autor anónimo: a *Ilíada* e a *Odisseia*», in Virgínia Soares Pereira e Ana Lúcia Curado, *A Anti- guidade Clássica e nós: herança e identidade cultural*, Braga, Uni- versidade do Minho / Centro de Estudos Humanísticos, 2006, p. 35.

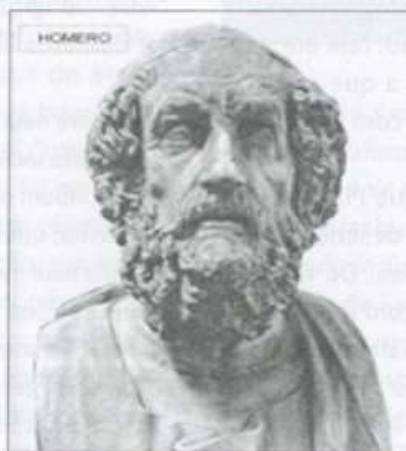
7 - Cf. António Manuel Lopes Andrade, «A Senhora e os destinos da Nação Portuguesa: o caminho de Amato Lusitano e de Duarte Go- mes», in *Cadernos de Estudos Sefarditas*, n.ºs 10-11, 2011, pp. 92-93.

8 - José Vitorino de Pina Martins, «Manuel Gonçalves Cerejeira e os Estudos Humanísticos em Portugal», *Lusitania Sacra*, 2.ª série, 2 (1990) p. 56.

9 - Amato Lusitano (1536), INDEX DIOSCORIDIS. | En candide Lector. | HISTORIALES DI- | oscoridis campi, Exegemataque sim- | plicium, atque eorundem Collationes | cum his quae in officinis habentur, ne | dum medicis et Myropolio= | rum Seplasiarijs, sed Bona= | rum li- terarum studio | sissimis perquam | necessarium | opus. | IOANNE RODERICO CASTE | li albi Lusitano autore. | EXCVDEBAT ANTVERPIAE VI- | dua Martini Caesaris. M.D.XXXVI.

10 - Amato Lusitano (1553), AMATO LUSITANO, IN DIOSCORIDIS | ANAZARBEI DE MEDICA | MATERIA LIBROS QVINQVE | ENARRATIONES ERVDITISSIMAE | DOCTORIS AMATI LVSITANI MEDICI | AC PHILOSOPHI CELEBERRIMI, | quibus non solum Officinarum Seplasia- | rijs, sed bonarum etiam literarum stu- | diosis utilitas adfertur, quum pas- | sim simplicia Graece, Latine, | Italice, Hispanice, Germa- | nice, & Gallice pro- | ponantur. | Cum Priuilegio Illustriss. Senatus Veneti ad decennium. | VENETIIS. MD LIII. | [Venetijs apud Gualterum Scotum | M.D.LIII.]

Universidade Católica Portuguesa – Braga
antmelo@braga.ucp.pt



O MERCADOR DE SALÓNICA, O SEU GATO E OS SEUS CRIADOS.

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DAS ZOONOSES NAS "CENTÚRIAS" DE AMATO LUSITANO

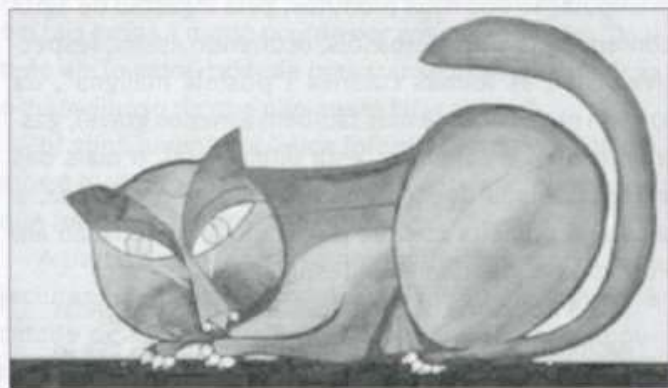
J. A. David de Moraes*

"Clinical medicine seems to consist of a few things we know, a few things we think we know (but probably don't), and lots of things we don't know at all."

C. D. Naylor. Lancet 1995.

Resumo:

O autor apresenta uma pesquisa efectuada nas "curas" das "Centúrias" de Amato Lusitano interessando possíveis zoonoses, quer parasitárias quer infecciosas, e analisa o caso particular da "cura" 65 da VII "Centúria" em que é referida a morte de cinco indivíduos após arranhadela e mordedura por um gato. É depois analisada a possibilidade de a infecção ter sido devida a raiva ou a bartonelose, por *Bartonella henselae* ("doença da arranhadura do gato").



(A crédito de Aldemir Martins)

1 - Introdução

Quer na vertente clínica quer na epidemiológica, é unanimemente reconhecida a importância crescente que, nas últimas décadas, as zoonoses têm adquirido a nível planetário,¹ muito em especial no que respeita às zoonoses designadas reemergentes e emergentes,² sendo que tal facto determinou mesmo o aparecimento de várias revistas desta sub-especialidade, de que a mais conhecida é, por certo, a "*Emerging Infectious Diseases*", publicada pelo *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC), de Atlanta, USA.³

Ora, se compulsarmos as "Centúrias" de Amato Lusitano,⁴ vemos que é escassa a existência de "curas" que podem, com segurança, ser atribuídas a zoonoses. Assim, este trabalho pretende ser, principalmente, uma contribuição para o estudo desta problemática na obra amatiana.

2 - Uma zoonose transmitida por um gato, descrita na "cura" 65 da VII "centúria"

"De um gato raivoso que causou a morte a cinco pessoas na mesma casa:

"Xuares, um mercador de Salónica, e quatro dos seus criados domésticos, de ambos os sexos, no mesmo dia foram mordidos e arranhados pelos dentes e garras de um gato. Conjuntamente e pouco depois, atacados de sintomas gravíssimos, vieram a falecer. Este gato estava não só raivoso, mas ainda foi envenenador e infeccioso. Matado ele, poderia preparar-se um veneno eficaz e maravilhoso de que não quero falar agora.

Comentários: "Ao tocar neste assunto ocorre-me à lembrança ter eu visto, em tempos, em Roma, um epitáfio inscrito e gravado na sepultura de um infeliz homem de Hispânia que morrera da mordedura de uma gata, e diz assim: 'Visitante, aprende um novo género de morte: Quando arrastava uma gata malvada, morde-me o dedo, e venho a morrer.'"

3 - Discussão

Começemos por sistematizar as zoonoses que encontramos descritas por Amato Lusitano:

3.1 Zoonoses parasitárias.

É possível identificarem-se nas "Centúrias" os seguintes parasitas responsáveis por zoonoses:⁵

– *Taenia saginata*. Tem como hospedeiro definitivo o homem (verme adulto) e como hospedeiros intermédios os bovinos (fase larvar: *Cysticercus bovis*). Veja-se a "cura" 74 da VI "Centúria": uma mulher da Ilíria "(...) expeliu pela boca um verme largo, ainda vivo, do comprimento de quatro côvados [2,64 m], (...) talvez da espessura de uma unha, de cor muito branca. (...) O corpo era formado por uma só peça, tendo no entanto várias divisórias (...), como sementes (pevides) de abóbora; (...) [era um] verme espalmado a que se costuma chamar ténia, isto é, fita (...)."

– *Taenia solium*. O hospedeiro definitivo é também o homem, mas o hospedeiro intermediário é o porco. O homem, além da forma adulta (intestinal), pode, outrossim, apresentar a forma larvar (*Cysticercus cellulosae*), com localizações muscular e/ou cerebral (neurocisticercose). Embora Amato não tenha dedicado nenhuma das suas “curas” especificamente a esta espécie de parasita, sabemos, contudo, que observou a forma adulta deste cestodo dado que se referiu ao corpo segmentado de parasitas com morfologia em “sementes de abóbora” e em “sementes de pepino”: os primeiros, correspondem a proglótis distais de *T. saginata*, enquanto os segundos, mais pequenos, a proglótis de *T. solium* (“cura” 74 da VI “Centúria”).

– *Echinococcus granulosus*. O hospedeiro definitivo é, em geral, o cão, sendo hospedeiros intermediários diversos herbívoros domésticos (ovelha, cabra, boi e porco). O homem alberga tão-só a fase larvar (quisto hidático), de que nas “Centúrias” se descreve pelo menos um caso (“cura” 76, VII “Centúria”).⁶

– *Toxocara canis* (hospedeiro definitivo: cão) ou *T. cati* (hospedeiro definitivo: gato). Clínica e epidemiologicamente, é possível que um problema ocular descrito por Amato num doente do Egipto correspondesse a um granuloma da retina provocado pela larva de um destes nemátodos (V “Centúria”, “cura” 77).⁵

– *Dracunculus medinensis*. O homem é o hospedeiro definitivo habitual e certos micro-artrópodos aquáticos, *Cyclops*, constituem os hospedeiros intermediários. É muito ilustrativa a descrição que Amato faz de um caso de dracunculose que observou (“cura” 64, VII “Centúria”).^{5,7}

– *Diriofilaria repens*. Trata-se de uma filariose dos cães, bastante frequente na região mediterrânica, e que se transmite através da picada de mosquitos. Acidentalmente, o homem pode também ser contagiado, e a localização humana preferencial é a peri-ocular (“cura” 63, VII “Centúria”).^{5,7}

– *Leishmania donovani*. Como é sabido, esta protozoose tem o cão como hospedeiro definitivo e os flebotomos como agentes transmissores da doença. As “curas” 86 da I “Centúria” e 39 da VI “Centúria” são compatíveis com casos clínicos de leishmaniose.⁵

3.2 Zoonoses infecciosas (por vírus e bactérias)

É óbvio que na longuíssima experiência clínica de Amato Lusitano existiram, por certo, muitas e variadas zoonoses infecciosas, mas, pela escassez de dados anamnéticos e pela inexistência, então, de exames complementares de diagnóstico, nunca se conseguirá precisar a sua etiologia, designadamente: brucelose, arboviroses, hantaviroses, ehrlichiose, rickettsioses, febres he-

morrágicas, tularémia, borrelioses, etc.² O grosso das zoonoses infecciosas tratadas por Amato estará, pois, ‘encriptado’, em especial nas “curas” que cursaram com febre.

Vejamos, pois, as principais entidades clínicas que neste domínio conseguimos apurar:

– **Peste bubónica.** O seu agente etiológico é o bacilo *Yersinia pestis*, os reservatórios habituais são ratos, e a transmissão da doença faz-se através de piolhos daqueles murídeos. Nas fases avançadas e ‘malignas’ (forma pulmonar), a doença pode também ser transmitida por contacto directo, homem a homem.⁸ Além das referências à doença que nos foram dadas por Amato (“curas” 27, 53, 72, VII “Centúria”), deverá lembrar-se que ele próprio acabou por falecer com esta pestilência, quando a andava a combater em Salónica.⁹

– **Carbúnculo ou antraz.** O *Bacillus anthracis* tem como reservatórios habituais os gados em geral, e o seu contágio faz-se por contacto directo com animais, por manipulação dos seus produtos, pela ingestão de água contaminada e por aerossóis, ocorrendo assim, respectivamente, as formas cutânea (“pústula maligna”, de longe a mais corrente mas também a menos grave), gastrointestinal e pulmonar, esta última fatal, o mais das vezes. Era uma doença muito frequente na Europa, e ainda na primeira metade do século XX a situação em Portugal era grandemente desprestigiante:

“(…) A frequência do carbúnculo é uma das vergonhas nacionais. (...) É uma das 8 doenças infecciosas que os delegados de saúde revelam serem mais frequentes em Portugal.(...)”¹⁰

Amato, como ele próprio refere, teve de se debater, frequentemente, com esta situação clínica:

“(…) Já tratámos muitos outros doentes atacados de antrazes. (...)” – IV “Centúria”, “cura” 9.

Todavia, as duas “curas” que ele relata não são compatíveis com o diagnóstico de infecção pelo *Bacillus anthracis*: a) “(...) *Dum carbúnculo nascido na pálpebra inferior do olho*. (...)”, tendo inchado “(...) também o outro [olho] e até a região do pescoço e peito. (...)”, I “Centúria”, “cura” 97; b) “(...) *De um carbúnculo, chamado antraz, funesto e maligno que atacava principalmente a pálpebra inferior do olho* (...)”; produziu “(...) uma chaga enegrecida e com crosta”, febre e “dor grave e violenta. (...)”, IV “Centúria”, “cura” 9. Na primeira “cura”, a descrição da lesão e a sua extensão não são muito conformes com a típica “pústula maligna”.¹¹ Na segunda “cura”, a ocorrência de “dor grave e violenta” está em desacordo com a sintomatologia que caracteriza o carbúnculo: “(...) The fully developed lesion is painless (...)”¹² Ora, a leitura atenta de Amato mostra que ele e os médicos do seu tempo usavam o vocábulo “carbúnculo” num sentido muito lato, daí que ele refira,

por exemplo, “carbúnculos [bubões] que abundam em tempos de peste.”, IV “Centúria”, “cura” 9.

– **Raiva e bartonelose.** A descrição da “cura” 65 da VII “Centúria” (supra) é, infelizmente, falha de dados epidemiológicos e clínicos: em toda a evidência, ela foi feita por Amato tão-só com base em informações que obteve, mas é óbvio que ele não terá assistido medicamente aqueles doentes – a riqueza habitual de dados clínicos e terapêuticos das suas “curas” está aqui completamente ausente. Assim, o que se pode apurar da “cura” em causa é apenas o seguinte:

a) epidemiologicamente: a doença ocorreu na sequência de cinco indivíduos (um mercador de Salónica e quatro empregados) terem sido “mordidos e arranhados pelos dentes e garras de um gato.” Tratava-se de um “gato raivoso”, mas a adjectivação aqui deverá significar apenas gato “enraivecido”, que não gato contagiado com raiva. A etiologia vírica da raiva não era, obviamente, conhecida, e aceitava-se que, etiopatogenicamente, em tais casos a morte ocorria por envenenamento: “Matado ele [o gato], poderia preparar-se um veneno eficaz e maravilhoso de que não quero falar agora.”

b) clinicamente: a única informação de que dispomos é que a doença era extremamente grave, uma vez que todos os doentes faleceram.

A partir daqui, entra-se no domínio de meras conjecturas. Os cinco óbitos assinalados respeitavam à cidade de Salónica, a que Amato acrescentou um outro, este ocorrido em Roma. Estamos, pois, perante territórios otomano e italiano, o que não será de espantar posto que a infecção por *Bartonella henselae* tem distribuição à escala planetária: é, pois, passível de ocorrer em qualquer local onde existam gatos, que são os seus reservatórios naturais – via de regra assintomáticos –, e que, aliás, em geral apresentam índices de contágio bastante elevados, quer os gatos vadios quer os domésticos (Fig. 1).



“Julie Manet com gato” (1887), Pierre-Auguste Renoir.

O gato a que Amato se refere tinha “raiva” (leia-se: estava “enraivecido”), mas sucede que quer os gatos contagiados pelo vírus da raiva quer por *Bartonella* sp. podem ter comportamentos agressivos – “(...) Cats that have been experimentally injected with *Bartonella* have been reported to develop a variety of symptoms, including fever, loss of appetite, enlarged lymph nodes, aggressive behavior, and generalized tremors. (...)”¹⁴

Epidemiologicamente, a única coisa que podemos acrescentar é que a raiva urbana é, na esmagadora maioria dos casos, provocada por mordedura de cão, que não por mordedura de gato, embora os felinos possam também, eventualmente, transmitir a doença.¹⁵ A sugerir a provável abundância de canídeos em Salónica, Amato Lusitano refere vários casos de indivíduos mordidos por cães (II “Centúria”, “cura” 78; V “Centúria”, “cura” 85; VII “Centúria”, “cura” 41). Aliás, a doente a que respeita a última destas “curas” acabaria por falecer, manifestando sintomas de hidrofobia, como é habitual nos casos de raiva, falecendo também uma sua criada e mais “(...) um jovem, forte, mordido por um cão (...) de modo que já toda a gente se queixava aqui [em Salónica] de cães e se declaravam atacados de raiva. (...)” Outrossim, na “cura” 85 da V “Centúria”, Amato refere mais o caso de um jurisconsulto que, tendo sido mordido por um cão, “contraiu a morte disso”.

Clinicamente, o vírus neurotrópico da raiva era, no tempo de Amato, 100% mortal (ainda hoje assim é, salvo nos casos em que se recorreu à vacinação prévia ou à administração de soro anti-rábico). Quanto às bartonelas em geral, elas podem ser também mortais,

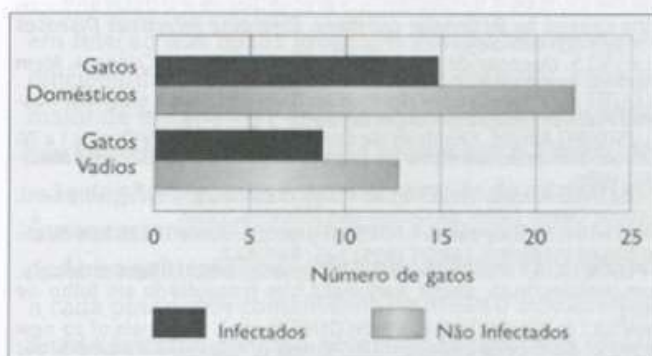


Fig. 1 - Amostra aleatória de gatos de San Francisco (USA): tinham bacteriemia por *Bartonella henselae* 41% de gatos de estimação e 41% de gatos vadios (reproduzido de J.S. Loutit, 2003).

Mas tanto a raiva como as bartoneloses têm distribuição mundial.¹³

em especial as formas septicémicas e as endocardites, e, nestas formas clínicas, no século XVI a mortalidade deveria atingir os 100% uma vez que não existiam antibióticos.¹⁶ É verdade que a *Bartonella elizabethae* é a que mais frequentemente apresenta maior gravidade (evolução habitual para endocardite)¹⁷ mas também a *Bartonella henselae* – responsável pela “doença da arranhadura do gato” – e as demais bartonelas podem apresentar mortalidade elevada, em função da virulência da estirpe e do terreno imuno-genético dos doentes.¹⁸

Em suma: os casos referidos por Amato Lusitano na “cura” 65 da “VII Centúria” (cinco em Salónica e um em Roma), decorrentes da arranhadura e mordedura por gatos, teriam sido devidos a raiva ou a bartonelose? Pessoalmente, entendemos que eles são clinicamente mais sugestivos de raiva, embora epidemiologicamente sejam, talvez, mais consentâneos com infecção por *Bartonella*.¹⁹

Notas ao texto:

- 1 - “Zoonose: *Maladie infectieuse atteignant l'animal, mais également transmissible à l'homme*”, Patrice Bourée, 1989, p. 121.
- 2 - J. A. David de Moraes, 2009.
- 3 - CDC: <http://wwwnc.cdc.gov/eid/> – disponível, gratuitamente, on-line.
- 4 - Amato Lusitano, 1983; idem, 2010.
- 5 - J. A. David de Moraes, 2012.
- 6 - Daniel Cartucho, Gabriela Valadas, 2002; J. A. David de Moraes, 2012.
- 7 - J. A. David de Moraes, 2008; idem, 2012.
- 8 - Idem, 2011a.
- 9 - Ibidem, 2011b.
- 10 - “(...) Um médico do distrito de Beja tratou, só ele e num meio pequeno, 1500 carbúnculos em 9 anos. No distrito de Castelo Branco é rara a semana, no verão, em que qualquer médico não trata muitos carbúnculos. No liceu da Guarda o médico escolar verificou no ano de 1934-1935 que 11% dos alunos tinham cicatrizes de carbúnculos. (...)”, Fernando da Silva Correia, 1938, p. 236.
- 11 - Nos diagnósticos diferenciais com este pretenso carbúnculo, podemos evocar a infecção estafilocócica, a tularémia, a infecção por parapoxvirus orf, etc., R. K. Holmes, 1991, pp. 575-577.
- 12 - Idem, 1991, pp. 576.
- 13 - Aceita-se que as *Bartonella* sp. têm distribuição mundial, salvo a *Bartonella bacilliformis*, que existe apenas no Peru e em algumas áreas restritas de países vizinhos.
- 14 - Arnold Plotnick, s.d.
- 15 - No livro “Doenças de Cães e Gatos Transmissíveis a Crianças”, Silva Leitão (1984, pp. 17-18) tece as suas considerações sobre a raiva reportando-se apenas aos cães. F. A. Gonçalves Ferreira (1967, p. 675) escreve: “(...) O reservatório na raiva urbana é o cão, nas nossas regiões (...)”. Na raiva silvática, os reservatórios mais frequentes costumam ser o lobo, a raposa, o chacal, o coiote, o morcego e o vampiro.
- 16 - A importância clínica e epidemiológica das *Bartonella* sp. é conhecida desde há muito. Ainda no século XIX (1885), ficou tristemente célebre o caso do estudante de Medicina Daniel Alcides Carrión, que se injectou, voluntariamente, com um inóculo de “verruca peruana” (formação dermato-angiomatosa da *Bartonella bacilliformis*), desenvolvendo uma forma septicémica da doença (“febre de Oroya”), que o vitimou – a entidade clínica passou, então, a designar-se por “doença de Carrión”, em homenagem àquele estudante peruano. Depois, durante a I Grande Guerra, a “febre das trincheiras” (infecção por *Bartonella quintana*) constituiu um assinalável flagelo para os exércitos beligerantes: “(...) Trench fever, the clinical manifestation attributed to *Bartonella quintana*, affected an estimated 1 million people during World War. (...)”, Cédric Foucault et al, 2006, p. 217. Quanto às demais bartonelas, o seu sucessivo isolamento é relativamente recente (a *B. henselae* foi isolada apenas em 1990 e a *B. elizabethae* em 1993), mas a sua importância clínica é crescente e constitui motivo de preocupação, em especial para os infectologistas e cardiologistas actualizados.
- 17 - “(...) Four species of *Bartonella* have been described as a cause of endocarditis in humans: *Bartonella quintana*, *B. henselae*, *B. elizabethae*, and *B. vinsonii* subsp. *berkhoffii*. Although infection with the latter two species has been reported only as single cases, endocarditis caused by *B. quintana* and *B. henselae* has been increasingly recognized (...)”, John L. Klein et al, 2002, p. 202.

18 - A grande acuidade das bartoneloses revelou-se em especial nas “endocardites culturalmente negativas”, e em que, portanto, o tratamento com antibióticos é estabelecido de forma empírica. Num estudo em 22 doentes com endocardite com hemoculturas negativas, apurou-se, depois de investigações apropriadas, que “(...) Five were infected with *B. quintana*, 4 with *B. henselae*, and 13 with an undetermined *Bartonella* species. (...)”, Didier Raoult et al, 1996, p. 646.

19 - Mesmo nos nossos dias, em que a etiopatogenia das bartoneloses é já conhecida, a grande maioria dos médicos portugueses mantém uma preocupante ignorância sobre esta zoonose (diríamos mesmo, sobre as zoonoses emergentes em geral), como o atesta um nosso caso clínico, que aqui resumimos a mero título ilustrativo: tratava-se de uma doente de 65 anos de idade, do sexo feminino, que foi arranhada pela sua gata. Desenvolveu uma lesão angiomatosa (angiomatose bacilar) no local da arranhadura. Foi vista, sucessivamente, por sete médicos, de várias especialidades, em nove consultas. Os diagnósticos formulados foram erisipela e tromboflebite, sendo medicada com uma vasta gama de fármacos. Como a lesão não regredisse, procurou um veterinário, que nos referenciou então a doente. Face à história epidemiológica e à lesão presente, para nós o diagnóstico presuntivo era, obviamente, bartonelose (“doença da arranhadura do gato”). Solicitámos, pois, a respectiva análise, que confirmou o diagnóstico: presença de anticorpos para *B. henselae*. Instituída a terapêutica adequada, Doxiciclina, a lesão regrediu por completo – J. A. David de Moraes et al, 1997.

Bibliografia

- BOUREE P. *Dictionnaire de Parasitologie*. Paris: Edition Marketing, 1989.
- CARTUCHO D, VALADAS G. Abscessos de drenagem pura e branca – a propósito de uma “cura” em Amato Lusitano. *Medicina na Beira Interior, da Pré-História ao Século XXI* – Cadernos de Cultura 2003 (16): 33-35.
- CDC – *Emerging Infectious Diseases*: <http://wwwnc.cdc.gov/eid/>
- CORREIA F S. *Portugal Sanitário*. Lisboa: Direcção Geral de Saúde Pública, 1938.
- DAVID DE MORAIS J A, BACELLAR F, FILIPE A R. Doença da arranhadura do gato com compromisso ósseo em indivíduo imuno-competente: uma forma rara de evolução. *Revista Portuguesa de Doenças Infecciosas* 1997; 20 (2): 48-53.
- DAVID DE MORAIS J A. As epidemias no Éxodo dos Judeus do Egipto: A propósito de dois casos de filariose descritos por Amato Lusitano. *Medicina na Beira Interior da Pré-História ao Século XXI* – Cadernos de Cultura 2008; nº 22: 17-25. Disponível on-line: http://www.historiadamedicina.ubi.pt/cadernos_medicina/vol22.pdf
- DAVID DE MORAIS J A. Zoonoses emergentes em Portugal: epidemiologia e clínica. *Revista Portuguesa de Doenças Infecciosas* 2009; 5 (3): 95-114. Disponível on-line: <http://spdimc.org/wp/wp-content/uploads/2011/11/RPDI-VOL-5-N%C2%BA-3.pdf>
- DAVID DE MORAIS J A. Surtos epidémicos ocorridos em Portugal na primeira metade do século XX: abordagem histórico-epidemiológica. I – Peste bubónica. *Medicina Interna* 2011a; 18 (4): 259-266. Disponível on-line: http://www.spmi.pt/revista/vol18/vol18_n4_2011_259_266.pdf
- DAVID DE MORAIS J A. *Eu, Amato Lusitano. No V Centenário do seu Nascimento*. Lisboa: Edições Colibri, 2011b.
- DAVID DE MORAIS J A. As parasitoses nas “Centúrias” de Amato Lusitano. *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao século XXI* – Cadernos de Cultura 2012, nº 26: 45-54. Disponível on-line: http://www.historiadamedicina.ubi.pt/cadernos_medicina/vol26.pdf
- FERREIRA F A G. *Moderna Saúde Pública*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1967.
- FOUCAULT C, BROUQUI P, RAOULT D. *Bartonella quintana* characteristics and clinical management. *Emerging Infectious Diseases* 2006; 12 (2): 217-223.
- HOLMES R K. Anthrax. In: Wilson J D et al, ed. *Harrison's Principles of Internal Medicine*, 12 th ed., vol. 1. New York: McGraw-Hill, 1991, pp. 575-577.
- KLEIN J L, NAIR S K, HARRISON T G et al. Prosthetic valve endocarditis caused by *Bartonella quintana*. *Emerging Infectious Diseases* 2002; 8 (2): 202-203.
- LEITÃO S. *Doenças de Cães e Gatos Transmissíveis a Crianças*. Mem Martins: Europa-América, 1984.
- LOUITI J S. Infecções por *Bartonella*: diversificadas e elusivas. *Hospital Practice* (edição portuguesa) 2003; 7 (7): 9-16.
- LUSITANO Amato. *Centúrias de Curas Medicinais* (I a VII), vols I a IV. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Médicas, 1983.
- LUSITANO Amato. *Centúrias de Curas Medicinais* (I a VII), vols I e II. Lisboa: Centro Editor da Ordem dos Médicos, 2010.
- NAYLOR C D. Grey zones of clinical practice: some limits to evidence-based medicine. *Lancet* 1995; 345: 840-842.
- PLOTNICK A. *The Truth about Bartonella*: http://manhattancats.com/Articles/truth_about_bartonella.htm (consultado em julho de 2013)
- RAOULT D, FOURNIER P E, DRANCOURT M et al. Diagnosis of 22 new cases of *Bartonella* endocarditis. *Annals of Internal Medicine* 1996; 125 (8): 646-652.

*Especialista em Doenças Infecciosas, Medicina Interna, Medicina Tropical e Saúde Pública; doutoramento e agregação em Medicina.

A PEDRA BEZOAR E O UNICÓRNI NOS COMENTÁRIOS DE AMATO LUSITANO A DIOSCÓRIDES: PROPRIEDADES, VALOR, TRADIÇÃO E TRADUÇÃO*

José Sílvio Moreira Fernandes**
António Manuel Lopes Andrade***

Uma parte substancial da obra de Amato Lusitano está dedicada ao comentário do tratado grego de Dioscórides sobre a matéria médica, que constituiu nos alvares do século XVI uma das obras da antiguidade mais editada, comentada e traduzida tanto para latim como para as línguas vernáculas. O médico português integra o grupo dos primeiros humanistas que dedicaram o seu labor ao tratado matricial grego, sobretudo pela publicação da sua primeira obra, o *Index Dioscoridis*, em Antuérpia, em 1536. No entanto, teriam ainda de transcorrer dezassete anos para dar à estampa, em Veneza, o livro que lhe conferiu decididamente um lugar de destaque na galeria dos comentadores de Dioscórides, cujo título abreviado é *In Dioscoridis Anazarbei de medica materia libros quinque...enarrationes*. Venetiis, apud Gualterum Scotum, 1553. Através desta obra deu cumprimento cabal ao seu antigo desejo de comentar integralmente os cinco livros do tratado de Dioscórides, evidenciando uma experiência e um conhecimento ímpares, adquiridos ao longo da vida desde os tempos em que frequentava o Estudo de Salamanca, dava os primeiros passos no exercício da arte de Galeno em Portugal e em Antuérpia, assistia a sua família no negócio internacional de drogas e especiarias ou exercia o seu magistério na Universidade de Ferrara, uma das escolas de medicina mais reputadas da Europa.

Malgrado a atitude quase reverencial dos humanistas em relação aos textos gregos, o tratado de Dioscórides dificilmente conseguia abarcar um conjunto cada vez maior de matérias até então mal conhecidas ou completamente desconhecidas, que chegavam à Europa pela mão dos Portugueses sobretudo através da rota do Cabo. É este cruzamento fecundo entre a segurança da antiguidade e o sobressalto da modernidade que encontramos, a cada passo, nos comentários do médico albacastrense. Amato Lusitano sentiu a necessidade premente de integrar nos seus comentários ao tratado clássico de Dioscórides algumas realidades que nele não figuravam. Entre estes casos merecedores de uma atenção particular, sublinha-se o tratamento especial que é dado ao bezoar e ao unicórnio, duas matérias que não constam do tratado

grego original, mas que o médico português aproveitou para comentar, detidamente, a pretexto de duas entradas originais com as quais estabeleceu uma determinada relação. O valor incalculável que bezoar e unicórnio adquiriram no século XVI, em boa parte graças às suas miraculosas e apregoadas propriedades medicinais, entre as quais se destaca o valor de antídoto contra o envenenamento por arsénico, tornava quase obrigatória a sua inclusão entre a matéria médica. Como adiante se verá em pormenor, Amato comenta de forma verdadeiramente original as propriedades medicinais tanto do bezoar como do unicórnio, dando início, aliás, a uma prolongada e participada discussão científica nas décadas seguintes sobre a validade do efeito medicinal e terapêutico destas substâncias. Vejamos, de seguida, o que nos dizem em concreto estes textos notáveis.

No "Comentário 39" das *Enarrationes*¹, o ilustre médico albacastrense refere, a propósito das propriedades do *vergalho de cervo*² (que diz ser eficaz contra o veneno de serpente³, nos ataques de cólicas e na retenção de urina, ou até, seguindo opinião vária, como estimulante sexual), que existe uma pedra, chamada pedra bezoár-tica "primeiramente importada da Índia para Portugal, quase sempre em tamanho e forma de uma glândula, de cor cinza, a pender para o azul-escuro, composta por muitas lâminas, a que outros, na verdade, chamam pedra-bezoar, conhecida como lágrima-de-cervo, e a aprovam como antídoto, tão eficaz como divino, contra toda a espécie de veneno"⁴. Note-se que, após uma curta descrição das propriedades curativas do vergalho de cervo, Amato passa, de imediato, ao tratamento de uma matéria que congregava mais atenção e fama: a pedra bezoar. Verifica-se que tal transposição revela a sua preferência pelas propriedades deste produto que vinha validado pelo peso da tradição, pelo uso contemporâneo e pela novíssima importação de conhecimentos e matérias de origem oriental. Registe-se, a propósito, que outro nome maior do nosso Humanismo, Garcia de Orta, nos oferece nos seus *Colóquios dos Simples*⁵, informação sobre o uso do bezoar num conjunto variado de situações clí-

nicas (cólera, melancolia, envenenamentos, paludismo, lepra, sarna, impotência, etc.).

Fiel à sua curiosidade investigante, Amato percorre um conjunto diversificado de fontes para questionar a origem da pedra bezoártica. Ajunta ao já citado Rasis a credibilidade médica de Abenzoar⁶, que, no seu *Theisir*, narra um episódio sobre as propriedades curativas daquela pedra: “ele próprio, já chorado como morto, por meio daquele antídoto, se libertou do efeito da ingestão de um veneno perniciosíssimo, ao lhe ter sido dado de beber o peso de três grãos de cevada de bezoar, em cinco onças de água de abóbora.” Reproduz ainda a mesma fonte para a informação de que era igualmente eficaz na “icterícia amarela, na qual a bîlis aumenta em quantidade”.

Em Plínio⁷, uma das fontes clássicas quase sempre presente neste gênero de tratados, vai procurar informação atinente ao hábito de os cervos lutarem contra serpentes, de as retirarem dos esconderijos e de lhes darem morte certa. Também, neste contexto, verifica-se a ainda grande dependência de analogias bíblicas para ilustrar a imagem apresentada, numa clara vinculação a um certo espírito de época e por antecipação ao que a seguir será enunciado (“mostra isto o grande profeta David, no salmo, quando diz que assim como o cervo deseja as fontes de água, *assim Vos deseja a minha alma, Senhor*”). O contexto intertextual gera, neste caso, a expectativa quanto à explicitação da informação: “Com efeito, no Oriente, onde costumam encontrá-las de enorme tamanho, o cervo, depois de ter comido as serpentes, então verdadeiramente atacado pela sede, corre para águas estagnadas à sua disposição, nelas ficando imerso, por instinto natural, do mesmo modo que o sedento Tântalo, no meio das ondas, nada bebeu, pois se tivesse saboreado um pouco de água, tinha logo caído morto. Entretanto um fluido escorre para os olhos dele, paulatinamente engrossa, torna-se espesso e coagula, e forma uma excrescência do tamanho de uma glândula, que, depois de o cervo sair das águas, os homens procuram, já despreendida dos olhos. E, tal como uma coisa preciosíssima, guardam-na, designando-a como lágrima-de-cervo, ou, melhor, pedra bezoártica, isto é, pedra-antídoto.”

A descrição revela o que Amato conhece da tradição oriental sobre a origem da pedra bezoar e sobre a relação com a variante lágrima-de cervo. No entanto, é preciso ter atenção à terminologia adotada, para que se faça a distinção entre a denominação geral e as particularidades de cada pedra, consoante a sua origem. Neste caso, a pedra-antídoto ou bezoártica é explicitamente aquela que é também denominada lágrima-de-cervo. A exposição amatiana não fundamenta ainda o conhecimento sobre a natureza, as propriedades e o uso terapêutico da pedra bezoar, a partir de um saber aplicado. O que nos

é apresentado deriva da transmissão de informação da responsabilidade de Portugueses que a trazem da Índia: “Hoje, na verdade, os nossos Portugueses, que muitas coisas trazem da Índia, que nós até aqui transmitimos, testemunham que se trata desta fabulosa pedra, quando ela é, de preferência, extraída do estômago ou das entranhas de um animal. Garantem ser assim certo, posto que existe outra pedra lágrima-de-cervo, da cor do mel, larga, a tender para a forma de pirâmide, por poucos até agora vista, que nós, no momento em que isto escrevemos, temos diante dos olhos, e se chama bezoártica, muito eficaz contra as mesmas coisas, contra as quais é a pedra extraída das entranhas ou do estômago de um animal.”

Discrimina, deste modo, três tipos de pedra bezoártica: a da lágrima-de-cervo, muito apreciada e de elevado valor; a que é extraída do estômago ou das entranhas dos animais, supostamente mais vulgar; e, finalmente, uma outra, em forma piramidal, mas da mesma espécie da de lágrima-de-cervo, embora muito mais rara. Parece que o próprio Amato possuía uma dessas preciosidades.

Quanto ao uso terapêutico, a pedra bezoar aplica-se contra envenenamentos, febres infecciosas e lombrigas nas crianças. Amato experimentou esta bebida para vencer uma pleurisia rebelde. Acrescenta, sinteticamente, que a pedra é útil para o vômito (por vezes), para evacuação (sempre) e para sudação (geralmente). Para concluir esta parte da descrição, diz saber que Beatriz de Luna,⁸ na altura residente em Veneza, adquirira, por cento e trinta ducados de ouro, uma pedra, quase do tamanho de um ovo, a um nobre português, que fora vice-rei na Índia.

De outro modo, na “Enarratio 52”, o insigne médico trata da matéria relativa ao “como de cervo”, ao seu uso terapêutico, a produtos equivalentes e a preços, fontes informativos e tradições. Mostra-se, desde logo, muito crítico no que diz respeito a práticas médicas em voga na sua época. Denuncia que há o uso indiscriminado deste remédio contra lombrigas em crianças, quer administrado isoladamente, quer “com sementes de santônico, com água de beldroegas, ou com decocto de coentro, sobretudo quando a febre se tenha complicado, e, de outro modo, com vinho ou mel”. Não distingue, porém, quais as consequências nefastas do uso indevido do remédio em causa. À semelhança do que havia feito com o tratamento da precedente *enarratio*, passa, de imediato, para a análise de um outro produto, o chamado “osso de coração de cervo”, “o mais eficaz antídoto contra envenenamentos e febres infecciosas, ainda que os boticários, em vez dele, façam passar o osso mole e flexível que tiram da cabeça do boi...”. Novamente, também em relação ao uso deste produto, Amato afia a pena para zurrir todos quantos o aproveitam para fazer negócio ilícito, contrário, portanto, às mais legítimas e prestigiantes práticas

médicas: “Merecem castigo esses intrujões, impostores de toda a espécie, os quais, com falsidades e adulterações, tudo oferecem, vendendo preto por branco. Assim, no caso deste osso, que podiam comprar muito facilmente e com pouco dinheiro, de forma a escaparem da fraude, continuam a persistir nas suas práticas.”

Neste ponto, o que marca sobremaneira a exposição da matéria sobre o corno de cervo, relativamente ao qual não se detém com mais pormenor, é a atenção mais particularizada a produtos análogos, que parecem ter concitado maior interesse na época. Deriva, por isso, a exposição para o corno de monoceronte ou de unicórnio, justificando a opção com o argumento de que se tratava efetivamente de um corno “exótico e muito valioso, e um antídoto eficaz contra qualquer veneno”, remetendo, além do mais, a sua importância para a inevitável autoridade de Plínio⁹, que descreve o monoceronte, como “um animal muito feroz, com corpo semelhante a um cavalo, cabeça de cervo, patas de elefante, cauda de javali; tem um mugido aterrador, um único corno negro a meio da fronte, com a proeminência de dois côvados. Dizem que é impossível capturar viva esta fera”. Adjunta ainda a apreciação de Alberto Magno¹⁰, que parece distinguir o monoceronte do unicórnio, não colhendo, neste passo, a opinião favorável de Amato: “não concordamos, porque o monoceronte é designado unicórnio, como indica a etimologia da palavra.” Conclui a polémica referindo que, “por consenso geral, difere do unicórnio o rinoceronte, que, no ano de 1515, Lisboa inteira viu com grande aplauso de todos, vindo da Índia para o mui invencível Manuel, rei de Portugal, e que depois, com alguns elefantes, o poderoso rei enviou ao Sumo Pontífice (...). O animal “tinha, por cima das narinas, um corno de meio côvado, originado de uma substância cárnea, de onde se atribuiu o nome de rinoceronte, animal que difere, em geral, do monoceronte, o dito unicórnio.” Reconhece que, na questão do unicórnio, é muito difícil ir além do que sabemos da tradição clássica, reportada ao já citado Plínio, e que até os portugueses, que estiveram no interior da Índia, não identificaram este animal.

Não deixa de ser justificável este interesse pelo cotejo de fontes e pela apresentação de exemplos ilustrativos. Amato reedita, desta forma, uma prática muito usada na tratadística, mas aqui estendendo o espectro de análise à integração de elementos provindos do Oriente, como já verificámos acerca da comparação com Garcia de Orta. E é precisamente a contribuição dos novos conhecimentos, na última parte desta exposição, que é invocada para aduzir informação sobre os portugueses que viveram na Índia e que também tentaram investigar sobre o assunto, tendo obtido a informação de que o corno do unicórnio ou monoceronte atingia um preço elevadíssimo,

certamente por se tratar do mais forte e potente antídoto contra envenenamentos e febres infecciosas. Exemplo desse valor era o tesouro de São Marcos, em Veneza, onde “estão guardados dois cornos da espessura de um braço, com o comprimento de dois côvados, de valor incalculável, que, uma vez por ano, no dia da Ascensão, juntamente com um grande número de objetos valiosíssimos, são ostentados perante toda a gente.” No final da exposição, reitera o legado oriental para nos elucidar acerca de uma última prova acerca da eficácia do corno de unicórnio: “De resto, diz-se que, por causa da falta de água, quando os animais selvagens se vão reunir para junto dos poucos rios existentes nas regiões limítrofes da Índia, nenhum deles quer antes beber as águas até que o unicórnio, ao tocar com o seu corno, as tome de envenenadas em salubres, facto de onde é tomado o argumento da sua eficácia contra venenos.”

É notável que, no concerto de saberes, tão característico da época, ademais potenciado pela circulação de pessoas e bens por todo o planeta, um objeto nascido da mais pura mitologia tenha alcançado semelhante fama e preço.

Precisamente neste contexto se opera o processo de validação do conhecimento médico, que é atestado pela consonância entre as opiniões de Amato e as de muitos médicos coetâneos, com quem partilha a demonstração acerca da eficácia do unicórnio, para casos de ingestão de arsénico, de lombrigas em crianças e, à semelhança do bezoar, para casos de vômito (muitas vezes), sudação (algumas vezes) e evacuação (sempre).

Também diferentemente do método adotado na *enarratio* 39, Amato Lusitano, no remate desta sua exposição, opta por apresentar mais uma citação testificada de um autor clássico, desta vez, Galeno. Após dizer que “para esse tipo de como, deve ser escolhida a cor negra ou pelo menos a cinzenta”, chama a atenção para a necessidade de se cuidar que “o corno não é muito velho, porque, sem dúvida enfraquecido pelo processo de envelhecimento, perde as suas propriedades, como mostra Galeno, no livro primeiro da *Composição dos Medicamentos de acordo com as suas espécies*.”; e de ter cautela na escolha, “para que não sejais enganados, quando, por corno de monoceronte, muitos vos mostrarem uma mistura de cal e de várias outras substâncias, moldada em forma de corno; e outros, na verdade, vos venderem em vez dele osso de baleia.”

Detém-se, por isso, neste tema crítico das falsificações, de acordo com a sua atitude pedagógica de combater todo o tipo de práticas abusivas e atentatórias dos bons usos e costumes da medicina: “Não deis ouvidos àqueles que se esforçam por provar tratar-se de como de unicórnio, vertem raspadura ou raspa em água, dizendo repetidas vezes que ela logo evapora ou ferve. É possível

provar que resulta com uma qualquer raspa de osso vertida em água, como podereis experimentar com marfim.”

Particularmente interessante é a receita para se distinguir o verdadeiro como de unicórnio de um qualquer sucedâneo falsificado: “agarrando em dois cachorrinhos ou frangos, aos quais se dará de beber algum veneno em água ou em vinho, a um deles dar-se-á raspa ou raspadura do corno que se pretende experimentar, de peso igual ou maior de veneno que antes tinha sido administrado. Se, na realidade, o corno for verdadeiro e legítimo e até de unicórnio autêntico, sem dúvida, o cachorrinho ou o frango, a quem se administrou o antídoto de raspadura, não morrerá.”

Presenciamos, deste modo, a uma prova do tipo de experimentação que, embora para alguns espíritos da época fosse motivo de riso e reprovação, na realidade, conforma uma práxis científica de constante questionamento acerca das propriedades dos produtos e da sua prévia sujeição a provas, no sentido de testar a possível aplicação aos seres humanos. Consequente com este processo indutivo, Amato relata a sua própria experiência: “Assim, de facto, em Veneza, no ano passado, fiz a experiência em dois pombos pequenos, aos quais administrei arsénico, usando um como de duas libras de peso, pelo qual o vendedor me exigia dois mil ducados. Um deles, o que não tinha bebido o antídoto, morreu no intervalo de uma hora. O outro, na realidade, sobreviveu cinco horas, de onde concluímos que o corno era ótimo e autêntico, pois o arsénico, cujo veneno poucos ou nenhuns antídotos curam, é corrosivo. Estávamos profundamente convencidos de que, se fosse dado a um ser humano, escaparia livre dele, quando tivesse mais abertas as vias, por onde se extrairia o veneno, fosse por vômito ou evacuação ou sudação.”

Estamos, pois, em presença de dois textos extraordinários para renovarmos e acrescentarmos conhecimento sobre as matérias em causa. O nosso ponto de vista, predominantemente filológico, de matriz clássica e humanística, esteve centrado na descodificação textual, na interpretação de conceitos e na formulação, em língua portuguesa, de um novo texto que pretende reproduzir o mais fielmente possível o original de Amato Lusitano. É nossa convicção de que este trabalho possa contribuir para um renovado interesse pela história da medicina, sobretudo na figura de um dos mais ilustres médicos do nosso humanismo e da cultura científica ocidental.

TEXTO 1

Sobre o órgão genital do cervo¹⁴

Em grego, αἰδοῖον ἄρσεν ἐλάφου; em latim: uirga cerui; em hispânico: vergalho de cervo; em italiano, verga del cervo; em francês, verge de cerf.

Comentário 39

O vergalho de cervo¹² é eficaz não só contra o veneno de serpente, mas também, como atesta Rasis, para ataques de cólicas e retenção de urina, ou, como a outros parece, comô estimulante sexual. De resto, porém, circula hoje uma pedra,¹³ primeiramente importada da Índia para Portugal, quase sempre em tamanho e forma de uma glândula, de cor cinza, a pender para o azul-escuro, composta por muitas lâminas, a que outros, na verdade, chamam pedra-bezoar, conhecida como lágrima-de-cervo, e a aprovam como antídoto, tão eficaz como divino, contra toda a espécie de veneno. Sobre ele, Abenzoar¹⁴ dá testemunho no livro do seu *Theisir*, que ele próprio, já chorado como morto, por meio daquele antídoto, se libertou do efeito da ingestão de um veneno perniciosíssimo, ao lhe ter sido dado de beber o peso de três grãos de cevada de bezoar, em cinco onças de água de abóbora. Com efeito, no referido passo, aquele paciente, padecendo da chamada icterícia amarela, na qual a bília aumenta em quantidade, tomou, para a combater e debelar, o antídoto em água de abóbora. Na verdade, não será despropositado pesquisar sobre como se gera esta pedra ou de onde é gerada. O glorioso Abenzoar, no texto citado, segue a versão que precisamente vamos seguir. Efetivamente, os cervos, segundo regista Plínio, no capítulo 32 do livro oitavo, lutam contra as serpentes e, assim que as descobrem nos esconderijos, fazem com que elas, renitentes, saiam pela força da sua respiração. No livro 28, capítulo 9, perto do final, confirmou, dizendo que ninguém ignora que os cervos causam a sua morte violenta (isto é, às serpentes), logo que são tiradas dos esconderijos. Mostra isto o grande profeta David, no salmo, quando diz que, “assim como o cervo deseja as fontes de água, assim Vos deseja a minha alma, Senhor”. A este respeito, no Oriente, onde as costumam encontrar de enorme tamanho, o cervo, depois de ter comido as serpentes, então verdadeiramente atacado pela sede, corre para águas estagnadas à sua disposição, nelas ficando imerso, por instinto natural, do mesmo modo que o sedento Tântalo, no meio das ondas, nada bebeu, pois se tivesse saboreado um pouco de água, tinha logo caído morto. Entretanto um fluido escorre para os olhos dele, paulatinamente engrossa, torna-se espesso e coagula, e forma uma excrescência do tamanho de uma glândula, que, depois de o cervo sair das águas, os homens procuram, já desprendida dos olhos. E, tal como uma coisa preciosíssima, guardam-na, designando-a como lágrima-de-cervo, ou, melhor, pedra bezoártica,¹⁵ isto é, pedra-antídoto. Hoje, na verdade, os nossos Portugueses, que muitas coisas trazem da Índia, que nós até aqui transmitimos, testemunham que se trata desta fabulosa pedra, quando ela é, de preferência, extraída do estômago ou

das entranhas de um animal. Garantem ser isto seguramente certo, posto que existe outra pedra lágrima-de-cervo, da cor do mel, larga, a tender para a forma de pirâmide, por poucos até agora vista, que nós, no momento em que isto escrevemos, temos diante dos olhos, e se chama bezoártica, muito eficaz contra as mesmas coisas, contra as quais é a pedra extraída das entranhas ou do estômago de um animal. Na verdade, administra-se menos que o peso de três grãos de cevada, sempre contra venenos, bebida em azeite ou em água de flor-de-laranjeira amarga. Contra febres infecciosas, administra-se, para grande alívio, em água de nenúfar ou de erva-azeda, ou outra, fria. Elimina os vermes das crianças, com febre alta, quando administrada em água de beldroega, ou, sem febre, bebida em vinho. Experimentámos vencer uma pleurisia rebelde com a referida bebida. Na verdade, esta pedra completa a sua utilidade, por vezes, para o vômito, sempre para a evacuação e, geralmente, para a sudação. Mesmo agora, quando isto recomendávamos por escrito, a ilustre senhora Beatriz de Luna¹⁶, mulher riquíssima, vivendo em Veneza, adquiriu, por cento e trinta ducados de ouro, uma pedra (daquelas que descrevemos terem sido retiradas de um animal da Índia), a um nobre português, que fora vice-rei na Índia. Aquela pedra era, na realidade, como também afirmamos, quase do tamanho de um ovo. De resto, presentemente, depois de nos termos ocupado dos notáveis antídotos contra venenos, de também termos registado o assunto do unicórnio, e, uma vez que escrevemos sobre ele no capítulo sobre o corno do cervo, quanto mais não fosse por isso, ficamos por aqui, remetendo o leitor para o citado passo.

TEXTO 2

Sobre o corno do cervo¹⁷

Em grego, ἐλάφου κέρας; em latim, cornu cervinum; em castelhano, cuerno de ciervo, punta de ciervo; em italiano, corno de cervo, em francês, corne de cerf.

Comentário LII

O corno do cervo, que Dioscórides, em oposição a muitos, diz ser eficaz queimado, é hoje indiscriminadamente administrado em crianças, contra vermes, tanto de forma isolada, misturado com sementes de santónico, com infusão de beldroegas, ou com decocto de coentro, sobretudo quando a febre se tenha complicado, e, de outro modo, com vinho ou mel. No momento presente, o que aqui diremos sobre o osso de coração de cervo, é que é o mais eficaz antídoto contra envenenamentos e febres infecciosas, ainda que os boticários, em vez dele, façam passar o osso mole e flexível que tiram da cabeça do boi, como observei ser ordinariamente feito entre os Venezianos. Merecem castigo esses intrujões, impostores de

toda a espécie, os quais, com falsidades e adulterações, tudo oferecem, vendendo preto por branco. Assim, no caso deste osso, que podiam comprar muito facilmente e com pouco dinheiro, de forma a escaparem da fraude, continuam a persistir nas suas práticas. De resto, sobre o corno do monoceronte, isto é, do animal chamado unicórnio, diremos agora algumas palavras, dado que é exótico e muito valioso, e um antídoto eficaz contra qualquer veneno. Plínio, porém, descreve o monoceronte como um animal muito feroz, no capítulo 21 do livro 8, assim dizendo: “o monoceronte é um animal muito feroz, com corpo semelhante a um cavalo, cabeça de cervo, patas de elefante, cauda de javali; tem um mugido aterrador, um único corno negro a meio da frente, com a proeminência de dois côvados. Dizem que é impossível capturar viva esta fera”. Isto refere Plínio, que, sobre as propriedades do referido corno nada mais reporta. Por outro lado, Alberto Magno, no livro 22, de *Sobre os Animais*, parece distinguir o monoceronte do unicórnio, com quem, pela possibilidade de erro, não concordamos, porque o monoceronte é designado unicórnio, como indica a etimologia da palavra. Mas, por consenso geral, difere do unicórnio o rinoceronte, que, no ano de 1515, Lisboa inteira viu com grande aplauso de todos, vindo da Índia para o mui invencível Manuel, rei de Portugal, e que depois, com alguns elefantes, o poderoso rei enviou ao Sumo Pontífice, para um espetáculo digno de grande admiração, mas, no naufrágio ocorrido perto de Marselha, perdeu-se o navio e o animal pereceu no mar, e o seu couro foi levado pelos habitantes da região a Francisco, rei de França, como objeto digno de ser visto. Esta alimária, de facto, tinha o aspeto e a grandeza de um boi, mas mais largo, completamente inofensivo, com o corpo inteiro coberto com uma espécie de conchas variegadas. Com efeito, tinha, por cima das narinas, um corno de meio côvado, originado de uma substância cámea, de onde se atribuiu o nome de rinoceronte, animal que difere, em geral, do monoceronte, o dito unicórnio. Na realidade, sobre que espécie de animal é este unicórnio, nada mais temos, para além daquilo que recebemos de Plínio. Nem os nossos portugueses, que penetraram no interior da Índia, souberam relatar alguma coisa sobre este animal. Reconhecem, todavia, que, junto dos reis da Índia, o corno do unicórnio, ou seja, do monoceronte, tem um preço elevadíssimo, e até os nossos médicos portugueses, que, durante muito tempo, exerceram junto dos Indianos a arte da medicina e que depois regressaram para junto de nós, costumam dizer que, na Índia, nenhum antídoto pode ser encontrado mais forte ou mais potente que o corno de unicórnio, contra envenenamentos ou febres infecciosas. Sobre ele, também nós, na companhia de muitos médicos de grande fama, tanto de Espanha como de Itália, pudemos

comprovar, ao termos administrado uma raspa daquele corno, na quantidade de um escrúpulo¹⁸, em azeite, no caso de uma ingestão de arsénico: não só o paciente expeliu tudo através do vômito, como também, arrancado aos desfiladeiros do Orco, ficou livre de perigo. É igualmente ministrado em água de flor de laranjeira amarga, para provocar o vômito, tanto em água de nenúfar, para pestilência, como em água de erva-azeda ou em qualquer outra, fria; para crianças atormentadas com vermes, em água de ervas, ou em vinho, ou, para alívio garantido, na ocorrência de febre, em água de beldroegas, ou em água de decocto de coentro, com o peso de três grãos de cevada. Completa, porém, a sua utilidade, muitas vezes para o vômito, algumas vezes para a sudação, sempre, na realidade, para a evacuação. De facto, hoje em dia, no tesouro de São Marcos, em Veneza, estão guardados dois cornos da espessura de um braço, com o comprimento de dois côvados, de valor incalculável, que, uma vez por ano, no dia da Ascensão, juntamente com um grande número de objetos valiosíssimos, são ostentados perante toda a gente. Na verdade, para esse tipo de corno, deve ser escolhida a cor negra ou, pelo menos, a cinzenta. Do mesmo modo, há que cuidar se o corno não é muito velho, porque, sem dúvida, enfraquecido pelo processo de envelhecimento, perde as suas propriedades, como mostra Galeno, no livro primeiro da *Composição dos Medicamentos de acordo com as suas espécies*. Tende cautela, todavia, nesta escolha, para que não sejais enganados, quando, por corno de monoceronte, muitos vos mostram uma mistura de cal e de várias outras substâncias, moldada em forma de corno; e outros, na verdade, vos venderem, em vez dele, osso de baleia. Não deis ouvidos àqueles que se esforçam por provar tratar-se de corno de unicórnio e vertem raspadura ou raspa em água, dizendo, repetidas vezes, que ela logo evapora ou ferve. É possível provar que resulta com uma qualquer raspa de osso vertida em água, como podereis experimentar com marfim. Distinguireis, portanto, o verdadeiro corno de unicórnio através desta forma: agarrando em dois cachorrinhos ou frangos, aos quais se dará de beber algum veneno em água ou em vinho, a um deles dar-se-á raspa ou raspadura do corno que se pretende experimentar, de peso igual ou maior de veneno que antes tinha sido administrado. Se, na realidade, o corno for verdadeiro e legítimo, e até de unicórnio autêntico, sem dúvida, o cachorrinho ou o frango, a quem se administrou o antídoto de raspadura, não morrerá. Assim, de facto, em Veneza, no ano passado, fiz a experiência em dois pombos pequenos, aos quais administrei arsénico, usando um corno de duas libras de peso, pelo qual o vendedor me exigia dois mil ducados. Um deles, o que não tinha bebido o antídoto, morreu no intervalo de uma hora. O outro, na realidade,

sobreviveu cinco horas, de onde concluímos que o corno era ótimo e autêntico, pois o arsénico, cujo veneno poucos ou nenhuns antídotos curam, é corrosivo. Estávamos profundamente convencidos de que, se fosse dado a um ser humano, escaparia livre dele, quando tivesse mais abertas as vias, por onde se extrairia o veneno, fosse por vômito ou evacuação ou sudação. A propósito desta experiência verdadeira, o magnífico Bartolomeu Panciático, nobre mercador florentino, levou consigo para Florença este corno, que tinha indicado ao muito ilustre Príncipe como uma coisa valiosíssima e até rara, a quem propus que o referido corno fosse aí experimentado em dois homens já preparados para o suplício da forca. De resto, diz-se que, por causa da falta de água, quando os animais selvagens se vão reunir para junto dos poucos rios existentes nas regiões limítrofes da Índia, nenhum deles quer antes beber as águas até que o unicórnio, ao tocar com o seu corno, as tome de envenenadas em salubres, facto de onde é tomado o argumento da sua eficácia contra venenos.

Notas ao texto:

- 1 - Todas as referências ao texto de Amato Lusitano são resultado da tradução que está a ser realizada e que aqui é apresentada na sua versão preliminar no que diz especificamente respeito às *enarrationes* 39 e 52 dos comentários de Amato Lusitano a Dioscórides (na ed. de 1553), cuja tradução integral da autoria de José Sílvia Fernandes se apresenta em apêndice.
- 2 - Optou-se pelo registo original do termo, na sua aceção de tecnicismo médico, com valor epocal, aqui aplicado ao membro viril do veado usado para fins terapêuticos, depois de cortado e seco.
- 3 - Como atesta Rasís (nome latino atribuído a Muhammad ibn Zakariya al-Rāzi, famoso médico, filósofo e alquimista persa, que viveu entre os sécs. IX e X d. C.).
- 4 - A pedra bezoártica, mais conhecida por bezoar, é uma concreção calcúlosa que se forma no estômago de alguns animais.
- 5 - Vd. "Colóquio XLV", in *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia* [Goa, 1563], dir. e notas por Conde de Ficalho, 2 vols. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa/Imprensa Nacional, 1891-1895.
- 6 - Refere-se ao médico andaluz Ibn Zuhr, que viveu entre os sécs. XI e XII d. C.
- 7 - Cf. *NH*, VIII, 32 e XXVIII, 9.
- 8 - Trata-se da ilustre sefardita portuguesa, também conhecida pelo nome de Grácia Naci (1510-1569), conhecida entre os cristãos-novos como "A Senhora". Sobre Beatriz de Luna, veja-se C. ROTH, *Doña Grácia Naci*. Traduit de l'anglais par Claude Bonnafont. Préface de Catherine Clément. Paris, Liana Levi, 1990; A. A. BROOKS, *The Woman who Defied Kings: the Life and Times of Doña Grácia Naci - a Jewish Leader during the Renaissance*. St. Paul, Paragon House, 2003; E. MUCZNIK, *Grácia Naci*. Lisboa, A Esfera dos Livros, 2010; A. M. L. ANDRADE, "A Senhora e os destinos da Nação Portuguesa: o caminho de Amato Lusitano e de Duarte Gomes". *Cadernos de Estudos Sefarditas* 10-11 (2011), pp. 87-130.
- 9 - *NH*, VIII, 21.
- 10 - *Anim.*, XXII.
- 11 - Cf. AMATO LUSITANO, in *Dioscoridis Anazarbei de medica materia libros quinque...enarrationes*. Venetiis, apud Gualterum Scotum, 1553, pp. 186-188 (Lib. II, en. 39: *De cervi masculi genitale*).
- 12 - Menção feita ao pênis.
- 13 - Pedra bezoártica.
- 14 - Abenzoar.
- 15 - Pedra bezoártica, extraída do estômago de um animal.
- 16 - Beatriz de Luna deixou Veneza rumo a Constantinopla no verão de 1552.
- 17 - Cf. AMATO LUSITANO, in *Dioscoridis Anazarbei de medica materia libros quinque...enarrationes*. Venetiis, apud Gualterum Scotum, 1553, pp. 195-197 (Lib. II, en. 52: *De cornu cervi*).
- 18 - 24.^a parte da onça.

* Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto de I&D "Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano" (<http://amatolusitano.web.ua.pt>) do Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Fatores de Competitividade - COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Projeto FCOMP-01-0124-FEDER-009102.

**Universidade da Madeira

*** Universidade de Aveiro

AMATO LUSITANO - OS BEZOARES E A TRADIÇÃO DAS PEDRAS CURATIVAS

Maria do Sameiro Barroso*

«Aos desafortunados mortais, a terra não só engendra o mal, mas também o remédio para cada doença. A terra engendra serpentes, mas engendra também o remédio contra elas. Da terra procede todo o gênero de pedras, e há nelas uma energia infinita e diversa.»

Lapidário Órfico (vv. 407-410)¹



Frontispício: *Gemmarum et Lapidum Historia* (História de Gemas e Pedras, 1609) por Anselmus Boetius.
(Obtidas Google Books)



Amonite - *Gemmarum et Lapidum Historia* (História de Gemas e Pedras, 1609) Liber Secundus, Anselmus Boetius, ilustrando fósseis do Cretácio do sul da Inglaterra (pág. 437).

O uso de fósseis e de outro material paleontológico com fins terapêuticos remonta ao Neolítico e faz parte da medicina tradicional². As amonites eram frequentemente vistas como serpentes enroladas. Os fósseis eram utilizados como amuletos e como antidotos contra mordeduras de cobras e outros animais venenosos. Era-lhes atribuída uma ação benéfica no tratamento da cegueira, impotência e esterilidade³. Às pedras preciosas e semi-preciosas era igualmente atribuído valor terapêutico, habitualmente ligado ao mágico e ao religioso.

Na Antiguidade Clássica, o interesse pelas pedras ficou registado nos lapidários. O mais antigo remonta a Teofrasto (c.372- c. 287 aC) que escreveu um tratado que é considerado o primeiro trabalho que aborda os minerais de forma científica⁴. Pedaneio Dióscorides (c. 40-90 d. C.) dedicou os capítulos 80 a 129 da sua obra, *Materia Medica*, à descrição das propriedades dos metais, minerais e pedras preciosas, com destaque para as suas propriedades e uso medicinal⁵.

O fascínio pelas pedras englobou a tradição mágica e esotérica, muito popular entre os gregos, como

testemunham os lapidários gregos apócrifos de datação incerta, escritos a partir do séc. II a. C., a saber, *Líthica Orphéôs*, *Orphéôs Líthica Kêrygmata*, *Socrátous Dionísou perì líthon e Damígeron-Evax*⁶.

O enciclopedista romano, Plínio, o Velho (séc. I d. C.) dedicou aos minerais os livros XXXVI e XXXVII da sua *Historia Naturalis*. Na sua obra, recolheu vastas informações de autores anteriores. O seu legado constituiu talvez a maior referência para os autores posteriores⁷.

Na chamada linha científica que se caracteriza por uma descrição bastante objectiva dos materiais, metais, pedras preciosas, semi-preciosas, fósseis, terras e das suas propriedades e uso medicinal, conta-se a obra *Etymologiarum* de Santo Isidoro de Sevilha (c.560-638) que incluiu capítulo sobre as pedras, as gemas e as suas propriedades curativas. Esta obra foi uma das obras de referência mais marcantes para os autores posteriores⁸.

A litoterapia foi particularmente apreciada no Próximo Oriente e Oriente. Entre as pedras curativas, há uma que se destaca, o bezoar. Yuhannā Māsawayh (777-857) que pertenceu à escola médica de Bagdad, conhecido na Europa como Mesuë, Mesuë Senior, Janus Damascenus or Serapion foi um dos primeiros a referir o seu nome, bem como as suas propriedades curativas e uso terapêutico⁹.

Encontra-se referência ao uso de pedras preciosas e bezoares em quase todos os médicos árabes. No entanto, o tratado mais notável nesta área é o *Kiab al-Jam ahir fi maYrifat aljaw ahir* (*Book on the Multiple Knowledge of Precious Stones*). A obra está traduzida para inglês. O autor, Muhammad ibn Ahmad al-Beruni (973-depois de 1050), de origem shiíta, nascido na Pérsia, é uma das figuras cimeiras da cultura oriental. Filósofo, matemático, astrónomo, geógrafo e enciclopedista, viveu na Índia onde aprendeu sânscrito, o que lhe permitiu o acesso aos textos nessa língua. Aborda os minerais, combinando os seus conhecimentos de física medicina e mineralogia, descrevendo a sua proveniência, descrição física, origens lendárias e etimologia das palavras que os designam, tendo recolhido material, proveniente de fontes helenísticas, romanas, sírias, islâmicas e indianas. Entre as pedras que aborda, encontra-se o bezoar ao qual dedica um capítulo. Num apêndice, fornece informação sobre um assunto surpreendente. Fornece setenta receitas cujos ingredientes são pérolas, pedras preciosas e semi-preciosas, ouro, marfim, coral, bezoar mineral e outros minerais,

unicórnio (chifres de veado), misturadas com ingredientes vegetais e especiarias. As receitas destinam-se a tratar as mais variadas doenças¹⁰.

Outro autor, Mesuë Junior, conhecido como Pseudo-Mesuë, devido à escassez de informações que envolvem os seus escritos, pensa-se que terá escrito um livro, *Grabadin*, que foi muito popular na Idade Média. Uma receita, o Electuário de Gemas, foi particularmente apreciado. Era uma pasta que combinava o pó de várias pedras preciosas e semi-preciosas e metais preciosos (pérolas brancas, safiras azuis, esmeraldas, granadas, coral vermelho, âmbar, ouro, prata, raspas de marfim, e ingredientes vegetais, tais como açafrão, cardamomo, canela, almíscar, mel e açúcar rosado. Os ingredientes eram diluído em água e vinho, formando um xarope. Era essencialmente, um tónico¹¹.

No séc. XII, o uso de bezoares, concreções calcárias do segundo estômago dos ruminantes asiáticos, já se tinha generalizado. A palavra deriva do persa *padzahr* (*pad*, expelir; *zahr*, venenos) significa antídoto contra venenos. Inicialmente utilizados como antídotos passaram a ser também prescritos em febres e outras afecções, mantendo uma carga mágica e apotropaica forte, sendo apreciadas como talismãs¹².



Fig. 1 – Pendente. Bezoar encastado em filigrana de ouro. Séc. XVI. Coleção Távora Sequeira Pinto. Os bezoares eram também usados como talismãs.

Tal como as pedras preciosas, as pedras eram encastadas em filigrana de ouro, trazidas ao pescoço.

De acordo com Cyril Elgood, historiador da medicina persa, a história da pedra é longa e gloriosa, dando como certo que tenha sido utilizada no Médio Oriente pré-islâmico e estando comprovado que era

conhecida dos hebreus na Antiguidade, tendo sido conhecida pelo nome de *Bel Zaard* (O mestre), tal como comprovam as referências dos médicos árabes e cita um excerto do *Liber Almansoris* de Rhazes que elogia as propriedades terapêuticas da pedra contra venenos perniciosos, especialmente um chamado *Napelo*, mais pernicioso que qualquer outro veneno.

Os bezoares eram usados fundamentalmente no tratamento de envenenamentos e mordeduras de animais venenosos. Havia também um vasto leque de pedras usadas desde tempos imemoriais, além das pedras-de-cobra. Estas pedras, mais acessíveis que os bezoares eram utilizadas. Havia outras substâncias usadas como antídotos desde a Antiguidade, entre elas, a *terra sigillata* e a *terra Lemnia* que possuíam algum efeito terapêutico, actuando como absorventes. Os bezoares, pelo seu elevado teor em calcite e brushite, actuavam como absorventes e quelantes¹³.

A primeira referência ao bezoar na literatura médica europeia surge na obra de Avenzoar (Ibn-Zuhr -1094-1162), médico árabe de Sevilha, por volta do ano 1140 d. C. Os bezoares continuam a ser utilizados com fins terapêuticos no território actual correspondente à Persia antiga. O médico sírio Imád-ul-Dín (1118-1174), nascido em Damasco, escreveu a primeira monografia sobre o assunto, tendo coligido as informações dos autores anteriores e dado a conhecer o método de distinguir a pedra verdadeira da falsa. Definuiu a pedra verdadeira como um cálculo encontrado no abdómen (este conceito compreendia o estômago e a vesícula biliar) da cabra selvagem, oriunda do nordeste da Pérsia. Os médicos persas não sabiam exactamente em que órgão se formava o bezoar, mas excluía a bexiga.

Imád-ul-Dín descreveu os bezoares verdadeiros como sendo negros ou avermelhados, pesando cerca até 20 *misqáls*. As pedras falsificadas eram difíceis de distinguir, por isso descreveu um teste que consistia em aquecer uma agulha até ao rubro numa chama e introduzir no bezoar. Caso fosse verdadeiro, provocaria fumo amarelo e a agulha também se tornaria desta cor, se fosse falsa, o fumo tornar-se-ia-se negro. Schlimmer, um autor holandês, escreveu em 1847 que, por essa altura, o bezoar ainda era considerado o antídoto mais potente entre os persas e que o método de Imád-ul-Dín ainda era utilizado nessa época, para distinguir bezoares verdadeiros de falsos¹⁴.

Os médicos árabes pensavam que os bezoares teriam sido utilizados pela medicina greco-romana. No entanto, Maimónides (1138-1204) notara já que a pedra não fora referida por Galeno e descreveu a sua estrutura em lâminas concêntricas que classificou como concreções de origem animal de cor verde escura. Quanto à sua origem, referiu duas explicações. Na primeira, alguém teria observado a sua formação nos olhos dos carneiros no Oriente. Na segunda, os bezoares se formavam na vesícula biliar. Maimónides ratifica esta última como sendo verdade.

Maimónides mencionou a existência de bezoares de origem mineral, provenientes do Egipto. Esses bezoares eram de várias cores, mas, de acordo com a sua experiência, tinham mostrado ser completamente ineficazes no tratamento das mordeduras de escorpiões. Da sua experiência, apenas os bezoares de origem animal haviam provado a sua eficácia. Terminando a sua referência aos bezoares, indica a forma de administração: pulverizado e diluído em óleo para administração *per os*, ou num emplastro a ser aplicado sobre a mordedura que cicatrizaria, salvando o doente¹⁵.

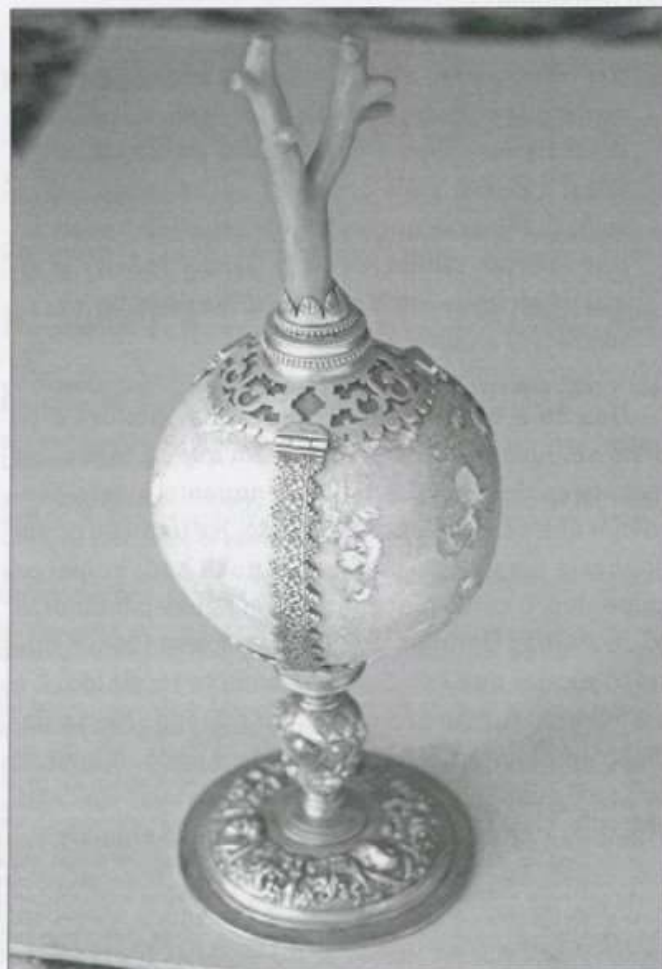


Fig. 2- Bezoar montado num suporte de filigrana de ouro, encimado por um ramo de coral. Séc. XVIII. Coleção Távora Sequeira Pinto.

O rei Afonso X, o Sábio (1221-1284) escreveu um lapidário no qual menciona o Bezoar que, de acordo com a tradição médica árabe, classifica como antídoto e indicado no tratamento da melancolia¹⁶. Tanto quanto sei, esta é a primeira referência ao bezoar em galaico-português.

Com as Descobertas e o comércio de mercadorias, trazidas da Índia pelos portugueses, o uso terapêutico de pedras preciosas e de bezoares aumentou consideravelmente. O bezoar do porco-espinho, muito apreciado no Oriente passou a ser usado também na medicina europeia. Garcia de Orta (1490-1568), na primeira grande obra na qual regista os conhecimentos sobre doenças tropicais e tratamentos específicos para essas doenças específicas e na qual também importa conhecimentos colhidos junto dos médicos árabes e hindus com os quais entrou contacto, no Oriente dedicou o Colóquio 45 a esse tipo de bezoar¹⁷.

No Comentário 39 das *Enarrationes*, Amato Lusitano (João Rodrigues de Castelo Branco (1511-1568) descreve o bezoar trazido da Índia. Quanto à origem da pedra, mantém as duas explicações, enunciadas por Maimônides:

“De resto, porém, circula hoje uma pedra, primeiramente importada da Índia para Portugal, quase sempre em tamanho e forma de uma glândula, de cor cinza, a pender para o azul-escuro, composta por muitas lâminas, a que outros, na verdade, chamam pedra-bezoar, conhecida como lágrima-de-cervo, e a aprovam como antídoto, tão eficaz como divino, contra toda a espécie de veneno”¹⁸.

Quanto à origem dos bezoares, as opiniões dividiam-se. Alguns autores pensavam que se formavam na cabeça de alguns animais, enquanto outros pensavam que se formavam no fígado. Na tradição oriental, havia uma lenda segundo a qual, após comer as serpentes, o cervo mergulhava em águas pantanosas onde as suas lágrimas coagulavam formando um precioso bezoar que era cuidadosamente recolhido. É a essa lenda que Amato alude, inscrevendo-se na tradição mitológica de explicação do mundo, à qual se opõe a da observação empírica, dando também como hipótese a origem da pedra no estômago animal:

“Com efeito, no Oriente, onde costumam encontrá-las de enorme tamanho, o cervo, depois de ter comido as serpentes, então verdadeiramente atacado pela sede, corre para águas estagnadas à sua

disposição, nelas ficando imerso, por instinto natural, do mesmo modo que o sedento Tântalo, no meio das ondas, nada bebeu, pois se tivesse saboreado um pouco de água, tinha logo caído morto. Entretanto um fluido escorre para os olhos dele, paulatinamente engrossa, torna-se espesso e coagula, e forma uma excrescência do tamanho de uma glândula, que, depois de o cervo sair das águas, os homens procuram, já desprendida dos olhos. E, tal como uma coisa preciosíssima, guardam-na, designando-a como lágrima-de-cervo, ou, melhor, pedra bezoártica, isto é, pedra-antídoto. Hoje, na verdade, os nossos Portugueses, que muitas coisas trazem da Índia, que nós até aqui transmitimos, testemunham que se trata desta fabulosa pedra, quando ela é, de preferência, extraída do estômago ou das entranhas de um animal”¹⁹.

O seu uso como antídoto, é referido num caso de envenenamento de uma família após ingestão de sublimado. O bezoar é o primeiro fármaco que utiliza, após ter feito o diagnóstico:

“Vendo-os, a todos a todos aflitos e a vomitar, disse que a causa era uma só e comum a todos e estava certo de que fora veneno. Por isso, sem qualquer demora fomos para remédios vomitivos. Entre eles é de citar a pedra bezoar (*lapis bezarticum*). Extraída do estômago duma certa cabra da Índia, sobre a qual muito falei nos nossos Comentários a Dioscórides, raspaduras de unicórnio, óleo comum, e principalmente o vomitório que levou a palma entre os utros, como verifiquei então pela experiência, foi a água de napha, isto é, de flor de laranjeira. Dela demos a beber a cada um, uma libra tépisa. Após a terem tomado, todos pareceram ficar melhor. Mas depois de terem vomitado muito, passamos ao antídoto feito de víboras a que chamamos teriaga, assim como ao preparado de acetosidade de cidra, à esmeralda, ao escórdio, ao poejo de Creta, à terra sigilatta, ao bolo arménio, oriental, que os antigos (como dissemos) chamavam terra lemnia, e a outras coisas semelhantes.”

(I Centúria, Cura LXIV)²⁰

A indução do vômito, preconizada por Amato é um procedimento terapêutico absolutamente correcto no tratamento dos envenenamentos por substâncias não corrosivas, nos nossos dias. O bezoar é usado como emético (vomitivo), juntamente com outras substâncias. É de notar o uso da esmeralda, possivelmente

como absorvente, após o vômito, juntamente com outras substâncias absorventes como a terra *sigillata* e a *Terra lemnia*, entre a teriaga, adaptada do *mitridaticum* de Mitridates Eupator () por Andrômaco de Creta, médico do Imperador Nero²¹, entre outras substâncias vegetais, possivelmente com propriedades absorventes. A esmeralda era particularmente cara a Maimónides que a elegia como a melhor substância, a administrar nos casos de envenenamento e mordedura de animais venenosos²².

A popularidade destas pedras fabulosas levou a que bezoares provenientes de lamas e outros animais, já conhecidos pelos nativos, passassem a ser utilizados, sendo de referir o tratado de bezoares do Novo Mundo de Nicholas Monardes²³.

No início do séc. XVII, a obra *Gemmarum et Lapidum Historia* do mineralogista flamengo Anselm Boetius de Boodt (1550–1632), médico do Imperador Rudolfo II, incluiu, entre as pedras preciosas e semi-preciosas, os bezoares, embora não sejam pedras, no sentido estritamente mineralógico do termo²⁴.

No séc. XVII, Pierre Pomet (1658-1699) aludiu o embaraço dos boticários perante os clientes quando procuravam um bezoar animal, passando a enumerar quais eram os bezoares existentes: o Bezoar Oriental, o Bezoar Ocidental, a Pedra de Porco, a Pedra de Malaca, a Pedra de Fel, o Bezoar de Singe, o Pó e Fígado de Víboras ao qual chamou Bezoar de França, o Pó de Carne de Víbora, óleo de Víbora, Óleo de Escorpiões, de Mathiole; há também quem dê Teriaga ou Mitridático e o Orvietano (panaceia popular à base de ervas tóxicas) e, finalmente, o Bezoar Vegetal à base de sementes de Genebra, explicando que, destinando-se todas estas substâncias ao combate dos venenos, os médicos devem explicar nas receitas o que pretendem para cada doente²⁵.

No final do séc. XVII, o Jesuíta Gaspar Antônio começou a produzir bezoares artificiais em Goa, pensa-se que, numa tentativa evitar o comércio generalizado de bezoaras falsos, contendo substâncias perigosas, e de fornecer um produto mais acessível que os bezoares verdadeiros, concebeu a Pedra de Goa, espécie de Electuário de Gemas ao qual acrescentara o bezoar animal, reduzido a pó e novas substâncias vulgarizadas na *materia medica* quinhentista, a partir do contacto com a medicina oriental a partir dos Descobrimentos Portugueses, tais como olhos de caranguejo (*occuli cancrorum*), que não são propriamente olhos mas concreções calcárias. O almíscar

que também tinha sido um dos componentes do Electuário de Gemas, conferia-lhe um toque aromático muito agradável que ficou expresso num poema do poeta irlandês, Naham Tete (1625-1715):

A deliciosa, a deliciosa taça,
Que sacia a minha alma sedenta;
Quando toda a mistura do sumo jorra
Perfumada com a fragrante Pedra de Goa,
Escorrendo, com o seu brinde devasso,
Escorrendo, escorrendo, escorrendo
O seu líquido castanho cor de noz
Que desce, pela goela abaixo,
Em goles cor de rubi²⁶.

Agradecimento

Ao Dr. Álvaro Sequeira Pinto, agradeço a gentileza de autorizar a autorização para publicar as imagens dos bezoares da sua colecção (Távora Sequeira Pinto).

Notas ao texto:

- 1 - Opiano. *De la Caza, De la Pesca*, Anónimo, *Lapidario Órfico*, Delcán, C. C. (intr., trad. e notas), Gredos, Madrid, 1990, p. 388.
- 2 - Bassett, M. G., *Formed stones, Folklore and Fossils*, Cardiff: National Museum of Wales, 1982.
- 3 - Narváez, I. P. & Barris, I., El uso de Fósils en la Paleontología y Mineralogía. *Cidaris: Revista Illicitana de Paleontología y Mineralogía*. 30, 2010, pp. 211-216.
- 4 - Caley, E. C./Jonh F.C. Richards, J.F.C. (intr. trans. commentary), *Theophrastus on Stones*, Columbia University, Columbes, Ohio, 1956.
- 5 - Dioscoridae, P., *Anazabarbensis De material medica Libri V [...]* Iani Cornario. Basileae, Froben, 1557, pp. 453-484.
- 6 - Halleux, H. & Schamp, J., *Les Lapidaires Grecs*. Les Belles Lettres, Paris, 1985.
- 7 - Pliny, *Natural History*, X (Books 36-37), Latin/English, Henderson, J. (ed.), Eichholz, D. E. (trans.), Loeb Classical Library, London, 1962 (reprint 2006).
- 8 - Barney, S. A., *The Etymologies of Isidore of Seville*, Cambridge University Press, Cambridge, 2006.
- 9 - Campbell, D. 2006. *Arabian Medicine and its Influence on the Middle Ages*. Martino Publishing, Hertford, 2006, pp. 60-61.
- 10 - Muhammad, I. 1989. *English Translation of Al-Beruni's Book on Mineralogy: Kitab Al-Jamahir Fi Marifat Al-Jawahir*. Hijra Council, Islamabad, Pakistan, 1989, pp. 281-335.
- 11 - Mesuae, J. 1581. *Opera De medicamentorum purgantium delectu, castigatione & vsu, libri duo. Quorum priorem Canones vniuersales, posteriorem de Simplicibus vocant. Grabadin, hoc est Compendii secretorum medicamentorum, libri duo. Quorum prior Antidotarium, posterior de Appropriatis vulgo inscribitur. Cum Mundini, Honesti, Manardi & Syluii in tres priores libros observationibus...* His accessere Plantarum in libro simplicium descripturum imagines ex viuo expressae. Atque item Ioannis Costaei Annotationes... Reliqua vero quae cum Mesuae operibus exire solent, in aliud volumen coniecimus, quod nomine Supplementi in Mesuen proxime prodit, Venetiis apud Iuntas, 1581, p. 95.
- 12 - Kunz, G. F., *The Magic of Jewel and Charms*, Philadelphia: Lipincott, 1915, p. 203.

- 13 - Van Tassel, Bezoars and the Collection of Henri van Heurck (1878-1909), Antwerpen: Koninklijke Maatschappij voor Dierkunde van Antwerpen, 1970, p. 32.
- 14 - Elgoud, C., *A Medical History of Persia and the Eastern Caliphate, from the earliest times until the year A.D. 1932*, Cambridge: Cambridge University Press, 1951, pp. 369-371.
- 15 - Rosner, F. (Translation and notes), *Maimonides' Medical Writings*, The Maimonides Research Institut (V vol.), Haifa, 1984, Vol. I, pp. 49-50.
- 16 - Montalvo, S. (ed. intr. trans. notes), *Alfonso X, Lapidario Según el manuscrito escurialense H.I.15*, Gredos, Madrid, 1981, p. 64.
- 17 - Orta, A. G., *Coloquios dos Simples, e drogas he cousas medicinaes da Índia [...]*, Ioannes de Endem, Goa, 1563.
- 18 - Lusitanus, A., *In Dioscoridis/ Anazarbei De Medica/ Materia Libros Quinque/ Enarrationes Eruditissimae/ Doctoris Amati Lysitani Medici I Ac Philosophi Celeberrimi/ quibus non solum Officinarum Sepalaria/riis, sed bonarum etiam literarum studiis/ diosis utilitas adfertur, quum pas-/ sim simplicia Graece, Latine, Italice, Hispanice, Germa-/ nice, & Gallice pro-/ ponantur.* Cum Privilegio Illustriss. Senatus Veneti ad decennium./ Venetiis apud Gualterum Scotum, 1553, pp. 158-159.
- 19 - *Ibidem*.
- 20 - Amatus Lusitanus, introdução e tradução da edição de 1620 por Firmino Crespo, *Centúrias de Curas Medicinais*, II vol. Celom, Lisboa, 2010, I, p. 137.
- Lusitanus, A., (edição de 1620) Crespo F. (intr. Trad.). *Centúrias de Curas Medicinais*, II vol. Celom, Lisboa, 2010.
- 21 - Heitsch, E. (hrsg.) *Die Griechischen Dichterfragmente der Römischen Kaiserzeit*, II B., Vandenhoeck & Ruprecht, Göttingen, 1963.
- 22 - Rosner, F., *op. cit.*, p. 84.
- 23 - Monardes, N., *Dos libros, el vno que trata de todas las cosas que traen de nuestras Indias Occidentales, que sirven al uso de la medicina, y el otro que trata de la piedra bezaar, y de la yerba escuerzonera*, Sevilla: Hernando Diaz, 1569.
- 24 - De Boodt, A. B., *Gemmarum et Lapidum Historia, qua non solum ortus, natura, vis et precium, sed etiam modus quo ex iis olea, salla, tincturae, essentiae, arcana et magisteria arte chymica confici possint, ostenditur*. Typis Wecheliani, apud Claudium Marnium & heredes Joannis Aubrii, Hannover, 1609, p. 437.
- 25 - Pomet, P., *Histoire générale des drogues (...)*, Jean-Baptiste Loyson & Augustin Pilon, Paris, 1694, nota 12.
- 26 - The jolly, jolly Bowl,/That does quench my thirsty Soul;/When all the mingling juice is thrown,/Perfum'd with fragrant Goa Stone:/With its wanton Toast too curling,/Curling, curling, curling, curling the Nut-brown Rills,/Which down, down, down by the Gills,/Run thro ruby Swallows purling. Apud Duffin, C. Lapis de Goa: the "Cordial Stone" – Part Two. *Pharmaceutical Historian*, 40 (3), 2010, pp. 42-46.
- * Médica, escritora, investigadora.

ANOTAÇÕES METALINGUÍSTICAS NAS OBRAS DE AMATO E DE LAGUNA: A METÁFORA TERMINOLÓGICA*

Ana Margarida Borges**

Entre as várias manifestações da revolução científica e linguística do Renascimento está o aparecimento de um grande número de obras do âmbito da Medicina e da Botânica, considerada esta última, desde o seu nascimento, como uma parte da Medicina. Embora tenham sido publicadas numerosas obras dentro de outros ramos da ciência, o número de obras botânicas e médicas supera bastante o de outros domínios científicos.

Pedro Parrado¹ (2003: 155-169) e Telmo Verdelho (1995: 276-279) dão notícia dos numerosos dicionários e obras afins de orientação médica com maior difusão nos circuitos culturais europeus: *De Medicina* (1478) de Celso; *Margarita Philosophica* (1503) de Gregório Reisch; *Vocabulorum medicinalium et terminorum difficilium explanatio* (1508) de Symphorien Champier; *Officina* (1532) de Ravisi Textor; *Thesaurus Linguae Latinae* (1530) de Mario Nizoli; *Herbarum vivae eicones* (1530) de Otto Brunfels; *Thesaurus Linguae Latinae* (1531) de Robert Estienne; *Onomastikon medicinae, continens omnia nomina herbarum, fruticum* (1534) de Otto Brunfels; *Methodus anathomica seu de sectione humani corporis contemplatio* (1535) de Andrés Laguna; *De humani corporis fabrica libri septem* (1543) de André Vesálio; *Latinae Linguae Universae Promptuarium* (1545); *Historia animalium* (1551-1558) de Conrad Gesner; *Dictionarium medicum* (1564) de Henri Estienne.

Para além destas, merecem especial menção as inúmeras traduções e comentários ao tratado grego de Dioscórides, mais conhecido por *De materia medica*.

Do abundante número de reestruturações, traduções (em latim, grego e árabe) e comentários à obra *De Materia Medica* de Dioscórides, desde a Antiguidade até ao Renascimento², abordaremos especialmente os comentários do médico português Amato Lusitano e do médico espanhol Andrés Laguna ao tratado grego, em que se verifica um registo abundante de anotações metalinguísticas que evidenciam uma presença variada de metáforas terminológicas.

A obra do médico português Amato Lusitano (1511-1568), publicada no estrangeiro, por força do seu exílio, mas conhecida e divulgada em Portugal, alcançaria uma auspiciosa fortuna editorial com várias reedições nas principais cidades europeias.

Iniciou o seu tirocínio comentarista em 1536, publicando, com seu nome de batismo João Rodrigues de Castelo Branco, o *Index Dioscoridis* (Antuérpia), onde comenta apenas os dois primeiros livros do tratado de Dioscórides. O segundo trabalho de Amato, publicado em 1553 sob o título *In Dioscoridis Anazarbei de materia medica libros quinque enarrationes* (Veneza), compreenderia, desta vez, os comentários aos cinco livros do tratado grego, com consideráveis ampliações e correções do *Index*.

Embora o seu primeiro trabalho nos apresente já algumas anotações linguísticas, a prática frequente de facultar os equivalentes dos termos nas línguas modernas, observa-se, especialmente, nos seus trabalhos posteriores.

É sobretudo na edição de 1558 que se observa o maior registo de termos botânicos nas diferentes línguas modernas. Esta edição incorpora a língua árabe sob a marca *Arabice* e apresenta mais entradas em alemão, italiano e francês, como exemplifica a entrada relativa ao *caranguejo* (Figura 1 e Quadro1):



Figura 1: Aparato plurilíngue relativo à entrada caranguejo

<i>In Dioscoridis Anazarbei de Medica Materia [...] Enarrationes (1553)</i>	<i>In Dioscoridis Anazarbei de Medica Materia [...] Enarrationes (1558)</i>
De cancris Graece , καρκίνοϋ; Latine , cancer fluviatilis; Hispanice , cangreio pescado de agoa dulce; Italice , granchi di fume, molleche, mancinette.	De cancris Graece , καρκίνοϋ; Latine , cancer fluviatilis; Hispanice , cangreio pescado de agoa dulce; Italice , granchi di fume, molleche, mancinette; Arabice , sartan, et sarthan; Gallice , cancrs vel crabes, Ger. krebs.

Quadro 1: Exemplo da crescente incorporação de termos das diferentes línguas europeias nas obras de Amato.

Dois anos depois da primeira edição dos comentários de Amato aos cinco livros de Dioscórides, o médico espanhol Andrés Laguna, colega de Amato, traduz e comenta o tratado de Dioscórides em espanhol. Apesar de a obra de Amato preceder e anunciar a do seu colega, a obra de Andrés Laguna viria a ser mais célebre e mais completa, tanto pelos próprios comentários do autor, como pela prática recorrente de facultar termos nas diversas línguas europeias. A obra de Laguna, intitulada *Acerca de la materia medicinal y de los venenos mortíferos* e considerada uma obra fundamental do saber farmacológico do primeiro século da nossa era, contém uma grande quantidade de léxico especializado, importantíssimo tanto para a história do vocabulário e da língua espanhola, como para o vocabulário e história da língua portuguesa.

Amato Lusitano e Andrés Laguna identificam e descrevem as substâncias e a sua procedência, a forma de as distinguir das restantes, a sua preparação e aplicação.

Respeitando a estrutura do tratado médico de Dioscórides, a matéria distribui-se do seguinte modo:

Livro I: especiarias e condimentos, perfumes, óleos, unguentos, gomas, árvores e arbustos.

Livro II: produtos de origem animal, cereais, legumes e hortaliças.

Livro III: raízes, sucos, sementes e ervas.

Livro IV: raízes e ervas.

Livro V: videiras, vinhos e minerais.

A obra constitui um autêntico tratado farmacológico. Cada elemento tratado ocupa um capítulo independente com a identificação do elemento na natureza e com a descrição das suas propriedades terapêuticas. Geralmente corresponde a este esquema:

1. Nome do fármaco em grego e em latim e respetivos correspondentes nas línguas vernaculares.
2. Descrição do elemento natural que produz o fármaco (para os vegetais, descrição da planta inteira), com a sua localização geográfica.
3. Partes usadas em medicina e a sua preparação.
4. Propriedades terapêuticas.
5. Doenças contra as quais atua.
6. Quando é o caso, falsificações e métodos de autenticação do fármaco.
7. Outros usos: cosmética, veterinária, artesanato.

A preocupação com os nomes das plantas manifesta-se tanto pela precisão com que nomeiam cada elemento, como nas observações etimológicas que tecem.

O estudo destas obras consciencializa-nos, por um lado, da sua importância e vigência ao longo da história, constituindo um ponto de partida necessário e imprescindível para a história da medicina, em geral, e da botânica e da farmácia, em particular. Por outro lado, a análise das suas obras demonstra-nos que a recuperação dos clássicos greco-latinos pelo homem do Renascimento que observa, corrige e amplia os autores clássicos, consignou o nascimento da botânica, da farmácia e da medicina como ciências modernas. Também é importante destacar que estes autores humanistas, com a sua preocupação em identificar rigorosamente os elementos que descrevem, convertem-se, de igual forma, em autores nominalistas que facultam dados relevantes para a fixação e datação do léxico especializado e, por isso, de grande interesse, não só para a história da lexicografia, mas, especialmente, para o estudo da terminologia científica.

No que se refere particularmente à metáfora, os vários estudos levados a cabo por alguns cognitivistas, lexicógrafos e terminólogos (Pavel, 1993, Thoiron, 1994, Assal, 1995, Meyer et al. 1997, Oliveira, 2009) centram-se numa abordagem da metáfora terminológica enquanto resultado de uma construção a partir de valores sociais, históricos e culturais. Efetivamente, os comentários de Amato e de Laguna (textos de uma riqueza invulgar, peçados de descrições que refletem uma série de conhecimentos, crenças, lendas, leis e hábitos) permitem uma análise da metáfora de especialidade entendida como uma organização das representações e das experiências individuais, sociais e culturais através de denominações simples ou complexas lexicalizadas que se propagaram no tempo e no espaço e que têm uma existência para a comunidade científica.

De seguida, apresentamos algumas notas etimológicas facultadas pelos textos destes autores que,

como podemos observar, possibilitam a construção dos sentidos metafóricos em contexto e informam-nos sobre a sua evolução histórica, permitindo uma melhor compreensão do modo como o termo metafórico se instituiu na língua de especialidade, e a sua relação com o uso que dele faz hoje o especialista.

Apresentamos dois gêneros de fragmentos textuais em relação a cada termo: as anotações plurilíngues facultadas pelas obras de Amato e as considerações etimológicas presentes na obra de Laguna.

Nome científico: *Cyclamen europaeum* L.

Nome vernacular: Pão-de-porco (Amato); Pamporcino (Laguna)



Cyclaminus.
Imagem da edição de Amato, 1558



Imagem moderna
(fonte: Dioscórides Interactivo)

De Cyclamine.
Græce, κυκλάμις: Latine, cyclamen, cyclaminus, rapum, umbilicus terræ, arthanita, panis porcinus, botbomarion: Hispanice, pan de puerco hierna: Italice, pan porcino, ciclaminio: Gallice, pain de porceau: Germanice, erdwurtz, oder apffel, sebue ein oder seu brot.

Amato, 1558

El Cyclamino cobró aquel nombre à caula que su rayz es formada como vna rodaja, ò círculo. Lla nate tambien Panis porcinus, que quiere dezir pan de puero, por quanto la misma es mientenimiento excelente para engordar los pueros.

Laguna, 1563

Nome científico: *Cynoglossum officinale* L.

Nome vernacular: Língua-de-cão (Amato); Lengua de perro (Laguna)



Imagem da edição de Laguna, 1563

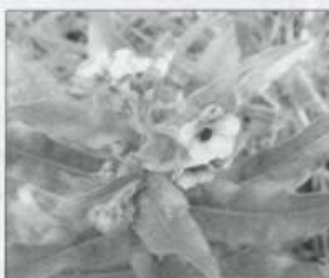


Imagem moderna
(fonte: Dioscórides Interactivo)

De Cynoglossa.
Græce, κυνόγλωσσα: Latine, cynoglossa, canis lingua, lingua canina: Hispanice, uniebla, lengua de perro yerna: Italice, lingua di cane: Gallice, langue de chien: Germanice, hundszung.

Amato, 1558

planta de tallo, y nate en arenosos lugares. Sus hojas enajadas con vnto de puero ajejo, tanan las mordeduras de perros, la tiña, y las quemaduras del fuego. Su cozimiento bevido con vino, es molificativo del vientre.

Laguna, 1563

Nome científico: *Ornithogalum umbellatum* L.

Nome vernacular: Leite-de-galinha (Amato);

Leche de gallina (Laguna)

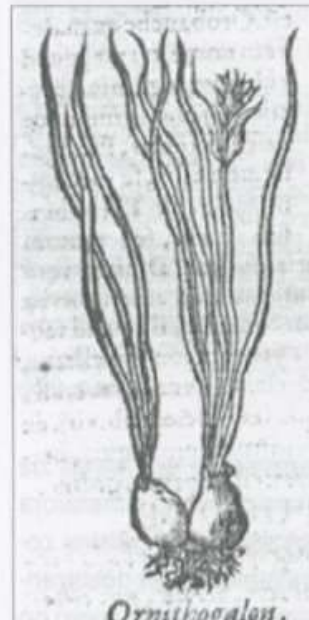


Imagem da edição de Amato, 1558



Imagem moderna
(fonte: Dioscórides Interactivo)

Nome científico: *Chelidonium majus* L.

Nome vernacular: Erva-andorinha (Amato); Celidonia (Laguna)

DE ORNITHOGALO.
Græce, ορνιθόγαλον: Latine, ornithogalum: Hispanice, leche de gallina yerna: Italice, latte de gallina: Gallice, churles: Germanice, Klein erdtuul.

Amato, 1558

Quadrá le muy bien aquel nombre Ornithogalon (que quiere dezir leche de gallina) à esta planta, pues cañ can rara es de hallar, como la mesma leche: dado que yo la vi en Roma, en el huerto del Maestro Iosephus en Padua, en el que alli tiene aquella Vniveridad tan

Laguna, 1563



Imagem da edição de Amato, 1558



Imagem moderna
(fonte: Dioscórides Interactivo)

Ῥακε γὰρ ἀνὰ πρῶτα πονία κηρύεται, Latine Celidonium maius, Celidonia
Hirundinaria maior, Hispanice la celi duenja, Lusitanice herua das andorin
has, Celidonia, Gallice de lefele, Germanice kholrountz, Teuthonice
ghelu moriel.

Amato, 1536

zillas. La rayz bevda con vino blanco, y anis cura
el mal de lctericio, sana las llagas que van cundien
do, si se aplica majada con vino, y mascada mitiga
el dolor de los dientes. Parece que le dieron este nō
bre de Celidonia, que quiere dezir golondrineria,
porque nace quando vienen las golondrinas, y quā
do le van se leca, y marchita. Escriven algunos, que
las golondrinas en cegando algunos de sus golon
drinitos, luego les restituyen la vista tocandoles con
la Celidonia los ojos.

Laguna, 1563

A análise da terminologia presente nas obras de Amato e de Laguna leva-nos a concluir que a metáfora de especialidade manifesta um substrato cultural comum que tende a uma certa universalidade, decorrente do facto de esta já estar presente no termo grego no tratado original que, posteriormente, foi traduzido pelos comentadores para as diversas línguas europeias:

leite-de-galinha ornithógalon

ὀρνιθό (ave) + γαλόν (leite)

orelha-de-rato myós ōta

μυός (rato) + ὠτα (ouvido/orelha)

língua-de-cão kynóglōsson

κυνό (cão) + γλῶσσον (língua)

pé-de-lebre lagópoun

λαγώ (lebre) + πουν (pé)

O conjunto de informação indagada em torno da estrutura e dos conteúdos destas obras deixa bem evidente a sua importância para a história da terminologia científica.

Embora o latim fosse a língua privilegiada da terminologia utilizada nos meios eruditos, a crescente pressão que as línguas modernas exerceram sobre as línguas eruditas durante todo este período originaria que médicos e botânicos tivessem que encontrar designações na sua língua moderna, apoiando-se nas línguas clássicas.

Estudar estas obras supõe, portanto, adentrar-se em território filológico e escudrinhar as origens das línguas nacionais, utilizando estes textos como um complemento dos dicionários a fim de compreender a realidade linguística da época.

Notas ao texto:

- 1 - No livro publicado sob a epígrafe *Hipócrates Latino: El de Medicina de Cornelio Celso en el Renacimiento*, da autoria de Pedro Conde Parrado, interessam-nos, sobretudo, as páginas que apresentam o estudo dos repertórios com terminologia médica: páginas 155 a 169 (Parrado, 2003).
- 2 - Para um conspecto detalhado de todas as reestruturações, traduções, anotações e comentários à obra de Dioscórides na Antiguidade, Idade Média e Renascimento, Cf. Manjarrés, Miguel Ángel, *Entre la imitación y el plagio. Fuentes e influencias en el Dioscórides de Andrés Laguna*.

Notas Bibliográficas:

- ASSAL J.-L., 1995, "La Métaphorisation terminologique", in *Terminology Update*, XXVIII, 2, pp. 22-24.
- LAGUNA, A., 1555, *Pedacio Dioscorides Anazarbeo, Acerca de la materia medicinal y de los venenos mortíferos*, traduzido de lengua griega en la vulgar castellana e ilustrado con claras y sustanciales annotations, y con las figuras de innumerables plantas exquisitas y raras. Amberes, Juan Latío.
- 1563, *Pedacio Dioscorides Anazarbeo, Acerca de la materia medicinal y de los venenos mortíferos*, traduzido de lengua griega en la vulgar castellana e ilustrado con claras y sustanciales annotations, y con las figuras de innumerables plantas exquisitas y raras. En Salamanca, Por Mathias Gast.
- LUSITANO, Amato (João Rodrigo Castelo Branco), 1536, *Index Dioscoridis. En, candide lector, Historiales Dioscoridis campi, exegeticaque simplicium, atque eorum collationes cum his quae in officinis habentur...* Joanne Roderico Castelli albi Lusitano auctore. [Consulta a 10 de janeiro de 2012]. Disponível em <http://www.bium.univ-paris5.fr/histmed/medica/cote?00830>
- 1553, *In Dioscoridis Anazarbei de medica materia libros quinque enarrationes eruditissimae doctoris Amati Lusitani medici ac philosophi celeberrimi [...]*. Venetiis: apud Gualterum Scotum. [Consulta a 19 de janeiro de 2012]. Disponível em <http://purl.pt/22521/1/>
- Segunda edição: 1554: Argentorati: excudebat apud [Wendelium Rihelium]. [Consulta a 20 de janeiro de 2012]. Disponível em <http://www.biblioteca.fm.ul.pt/>
- Terceira edição: 1557: Venetiis: ex officina Iordani Zileti. [Consulta a 23 de junho de 2012]. Disponível em <http://www.bium.univ-paris5.fr/histmed/medica/cote?07759>
- Quarta edição: 1558: Lugduni, apud Gulielmum Rouillium. [Consulta a 9 de fevereiro de 2012]. Disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k528220>
- MANJARRÉS, M. A., 2000, *Entre la imitación y el plagio. Fuentes e influencias en el Dioscórides de Andrés Laguna*. Segovia, Obra Social y Cultural de Caja Segovia.
- MEYER I., ZALUSKI V., et al., 1997, "Metaphorical Internet Terms: A Conceptual and Structural Analysis" in *Terminology IV*, 1, pp. 1-33.
- OLIVEIRA, 2009, *Nature et fonctions de la métaphore en science. L'exemple de la cardiologie*. Paris: l'Harmattan.
- PARRADO, P. C., 2003, *Hipócrates Latino: El de Medicina de Cornelio Celso en el Renacimiento*. Valladolid: Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial.
- THOIRON Ph., et BEJOINT, H. (eds), 2000, *Le Sens en terminologie*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon.
- VERDELHO, T., 1995, *As Origens da Gramaticografia e da Lexicografia Latino-Portuguesas*. Aveiro: Instituto Nacional de Investigação Científica.

* O presente trabalho foi realizado no âmbito do projeto de investigação "Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano", do Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro (Investigador Responsável: António Manuel Lopes Andrade), financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCOMP-01-0124-FEDER-009102).

** Bolseira de Investigação no projeto de investigação "Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano".

DA ROMÃ À NÊSPERA:

PROPRIEDADES E FINS TERAPÊUTICOS DE ALGUNS FRUTOS COMUNS EM PORTUGAL NAS ENARRATIONES DE AMATO LUSITANO**

Emília Oliveira*

O presente artigo tem como objetivo dar a conhecer o que diz e o que pensa Amato Lusitano sobre as propriedades curativas e o uso terapêutico de alguns frutos que habitualmente fazem parte do regime alimentar dos portugueses, a saber, a romã, a maçã, o marmelo, a laranja, a pera e a nêspere¹.



Assim, no comentário dedicado à romã (*Enarr.* I 138), Amato começa por enumerar os diferentes tipos deste fruto:

Pomum granatum, *malum punicum* dictum, omnibus notum esse arbitror, cuius genera Plinius quinque facit, libro 13, capite 19, scilicet, dulce, acre, mixtum, acidum, e vinosum, quae ad tria tantum Dioscorides Hippocratis more reduxit, dulce, acidum et vinosum (...). Recentiores vero, dulce, acre, et medium, quod Arabes musum appellant, dicunt, cuius loco ipso deficiente, dulci et acri mixtis utuntur.

"Julgo que a romã, chamada *malum punicum*, é conhecida de todos; dela enumera Plínio cinco espécies, no livro 13, capítulo 19, a saber, doce, acre, mista, ácida e avinhada. Dioscórides, de acordo com o pensamento de Hipócrates, redu-las a apenas três, doce, ácida e avinhada (...). Os mais modernos, porém, dizem doce, acre e intermédia; a esta, os Árabes chamam *musum*; na falta dela, usam, em seu lugar, a doce e a acre misturadas."

As propriedades da romã diferem consoante o seu sabor. Diferentes são também as respetivas aplicações medicinais:

Dioscorides (...) dulce, calidum esse intelligit, quae de re in febribus vitandum suadet, quia calores inducit. Item Hippocrates libro secundo de Diaeta: mali punici dulcis succus, inquit, alvum movet, habet autem quid aestuosum. Mala punica vinosa minus aestuosa sunt; acida vero magis frigefactoria. Nuclei autem omnium alvum sistunt.

"Dioscórides (...) considera que a doce [sc. a romã] é quente, razão pela qual aconselha a que seja evitada em estados febris, pois provoca calores². Do mesmo modo, Hipócrates, em *Sobre a dieta*, livro 2, afirma: "o sumo de romã doce provoca agitação no ventre; além disso, tem algo de ardente. As romãs avinhadas produzem menos ardor; as ácidas, na verdade, arrefecem mais. Os grãos, porém, de todas elas prendem o ventre".³

Pelo diálogo entre o médico Luís Bonacciolli⁴ e o próprio Amato Lusitano, ficamos a conhecer que partes da romã são conservadas nas boticas e qual o uso que lhes é dado (*Enarr.* I 138):

LVDOVICUS: Quae igitur ex malis granatis in officinis servata habentur, edocere ne graveris.

AMATVS: Servantur cortices, quin ipsa poma servata habentur, ex quibus et succus quoque extractus servatur, praecipue ex acidis, quem vinum granatorum practici appellant, et eum febricitantibus pro extinguenda siti, et roborando ventriculo, ac mitigando ardore febrili, in potu propinant, non minus oxysachara, ex hoc succo et saccharo dicta, paratur, quae

et simplex et composita passim in officinis habetur.

“LUÍS: Importar-te-ias de dizer que partes da romã encontramos, pois, conservadas nas boticas?

AMATO: Conservam-se as cascas e até se encontram guardadas as próprias romãs; também se conserva o sumo delas extraído, em particular, das ácidas, ao qual os práticos chamam vinho de romãs, dando-o a beber a quem se encontra febril, para matar a sede, fortalecer o ventre e diminuir o ardor da febre; com este sumo e açúcar também se prepara a chamada oxyzaccara, que se encontra, simples ou composta, por toda a parte nas boticas.”

A experiência clínica destes dois reputados médicos leva-os ainda deixar aos colegas de profissão uma advertência:

LVDOVICUS: In hoc syrupo malorum granatorum, medici monendi sunt, quia laborantibus putridis febribus ab obstructione pendentibus, continuo illum tribuunt, parum animadvertentes, quod syrupus iste constringat, et arctos meatus reddat, ut Galenus libro decimotertio Methodi medendi docet, cum de malo punico agit, dicens: “Malum punicum et caetera quae astringunt, dum bilis meatus os arctant, bilem ipsam excerni prohibent”; proinde mala granata, et ipsorum syrupus veluti similia alia, putridae febris curandae nullo modo conferunt.

“LUÍS: Os médicos devem ser advertidos sobre este xarope de romãs, já que continuamente o administram a quem padece de febres pútridas resultantes de obstrução, dando pouca importância ao facto de que este xarope constrixe e estreita os canais, conforme ensina Galeno no livro 13 *Sobre o método de cura*, quando trata da romã, ao dizer: “as romãs e outros [frutos] que adstringem, ao mesmo tempo que constrixe a abertura do canal biliar, impedem que a própria biliar seja excretada”⁶. Por conseguinte, as romãs e o respectivo xarope, tal como outros semelhantes, de modo algum contribuem para curar a febre pútrida.”

Tão importante quanto tratar o sintoma da febre é conhecer a sua origem. Os médicos, prossegue o albigastrense, nem sempre o fazem:

AMATVS: Detestandi sunt medici illi, qui tantum ad febrim, despecta eius causa advertunt, nunquam ut tu probe nosti, Galenus febres putridas frigidis constringentibus depulit, sed potius medicamentis aperientibus, quae non nihil caliditatis habent.

AMATO: Os médicos que apenas se concentram na febre ignorando a sua origem devem ser execrados. Como tu bem sabes, Galeno nunca curou febres pútridas com medicamentos frios adstringentes, antes com medicamentos desobstruentes, que são algo quentes.”

O comentário seguinte é dedicado às propriedades da flor de romãzeira.

Sobre esta assevera Amato (Enarr. I 139):

Cytinus flos est mali punici domestici, quem pharmacopolae vice balaustii exhibent, ex quo succus hypocistidis modo exprimitur, ad eadem valens ad quae hypocistis.

“Cytinus é a flor de romãzeira-comum que os boticários apresentam no lugar da flor de romãzeira-brava; dela se extrai sumo do mesmo modo que das coalhadas⁸, sendo eficaz para o mesmo que estas⁹.”

Depois do brevíssimo comentário relativo a outra parte da romã, as cascas (Enarr. I 140), em que se faz referência às suas propriedades adstringentes¹⁰, segue-se a *enarratio* dedicada à flor de romãzeira-brava. Numa breve alusão à sua passagem por Ferrara¹¹, diz-nos Amato (Enarr. I 141):

Balaustion sive ut Columella balaustum, sylvestris punicae flos est, quae arbor Ferrariae videtur, et praeter oculis gratos flores, quos emittit, nullum alium fructum profert. Qui apprime constringunt, et ea de causa in officinis servati habentur.

“Balaustion, ou, segundo Columela, balaustum, é a flor de romãzeira-brava; esta árvore é visível em Ferrara e, com exceção das flores benéficas para os olhos¹² que produz, não dá nenhum outro fruto. Estas são fortemente adstringentes e, por esse motivo, encontram-se conservadas nas boticas.”



Na *enarratio* consagrada à maçã (Enarr. I 145), o médico de Castelo Branco, prescinde da descrição das variedades existentes e das propriedades do fruto em geral, remetendo-nos para a leitura do que Galeno escreveu sobre o assunto¹³. Amato está mais interessado

em dar a conhecer que tipo de maçãs devem ser usadas na preparação do xarope “contra a palpação e a síncope do coração, assim como contra a doença cardíaca, os suspiros de tristeza e outras doenças atrabiliárias.”¹⁴

Com recurso, uma vez mais, ao diálogo, desta feita entre o médico Antônio Musa Brasavola e o próprio Amato, defende-se a preparação e utilização de dois xaropes de maçã distintos, conforme os sintomas e as necessidades dos pacientes.

Diz, pois, Amato ao amigo (*Enarr.* I 145):

(...) cupis tamen ab aromataris et seplasiariis, diversi pomorum syrupi ut fiant, alter ex pomis dulcibus odoriferis, quae vel dicente Galeno cor iuvantia sunt (...); alter vero ex acidis pomis, qui non cordis affectibus opitulatur, sed potius stomacho, et ipsius ventriculo, cum sitim arceat, ventriculum roboret, et bilis vomitum reprimat.

“(...) queres, então, que sejam preparados diferentes xaropes de maçã pelos perfumistas e boticários: um com maçãs doces perfumadas, que, no dizer de Galeno, são benéficas para o coração (...); outro, na verdade, com maçãs azedas, que não alivia as doenças do coração, mas o estômago e o respectivo ventre, já que mata a sede, fortalece o ventre e reprime o vômito da biliar.”

Responde-lhe Brasavola:

Recte sane perpendisti, cum dulcia poma odorata cordi succurrant, acida vero nihil cum corde habeant, sed ventriculum potius roborant, et ipsum constringant (...).

“Pensaste muito bem, pois as maçãs doces perfumadas protegem o coração, mas as azedas nada têm que ver com o coração, antes fortalecem e constriagem o ventre (...).”

Ao que conclui o albicastrente:

Parabunt, igitur deinceps seplasiarii syrupum ex pomis tantum dulcibus odoriferis, quo medici contra cordis affectiones utuntur; alium vero ex acidis ventriculo convenientem.

“Os boticários prepararão, por conseguinte, um xarope de maçãs exclusivamente doces perfumadas, que os médicos usam contra os problemas de coração; outro, de maçãs azedas, bom para o ventre.”¹⁵

Em teoria, pois, é aconselhável ter à disposição dois xaropes diferentes. Mas, da teoria à prática... O médico teme que os boticários enveredem por uma solução mais fácil, isto é, menos dispendiosa (*Enarr.* I 145):

Vereor tamen, ut cum pharmacolae avari sint, in ea variorum syroporum compositione impensas facere recusent, satis contenti, uno syrupo ex dulcibus et acidis pomis composito.

“Temo, no entanto, que os boticários, como sejam avaros, não queiram ter despesa nesta composição de diferentes xaropes, suficientemente satisfeitos com um único xarope, preparado com maçãs doces e azedas.”

Ao que Brasavola responde:

Immo cum mihi illorum ingenium perspectum esset, ut ex promiscuis pomis syrupus fieret, permisi.

“Pelo contrário, eu, tendo reconhecido o seu talento, acedi a que o xarope fosse feito de maçãs misturadas.”

Há ainda tempo para discutir a legitimidade e a eficácia da prática levada a cabo por grande parte dos médicos de então, que é a de receitar a ingestão de maçã assada ou cozida aos seus pacientes. Diz Amato (*Enarr.* I 145):

Vnum est, de quo maxime miror, quod tam raro aegrotantibus tuis, poma assa vel cocta, pro victus ratione offeras, cum tamen omnes fere medici, ea tanquam victum praestantissimum praebeant.

“Há uma coisa muito me admira: que tão raras vezes ofereças aos teus pacientes maçãs assadas ou cozidas no regime alimentar, apesar de quase todos os médicos as apresentarem como um ótimo alimento.”

Brasavola explica por que é exceção:

Ita est, quia plerumque in aegros incido obstructionibus laborantes, quibus poma adversissima sunt, cum pituitosa flatulosaque sint, et maxime astringentia, praecipue si acida fuerint.

“É assim porque quase sempre me deparo com doentes que sofrem de obstruções, aos quais as maçãs são muito prejudiciais, já que são pituitosas, flatulosas e particularmente adstringentes, sobretudo se forem azedas”¹⁶.

Amato lamenta que a maioria dos médicos recomende este alimento aos pacientes de forma indiscriminada:

Parum in Hispania medici hoc animadvertunt, immo multi Italorum, qui quoque in quovis morbo correpto aegro, pomum unum vel alterum assum saccharo cooptum concedunt.

"Na Hispânia os médicos dão pouca importância a isso, e até muitos italianos, que também permitem ao paciente afetado, em qualquer doença, um e outro tipo de maçã assada, coberta com açúcar."

Brasavola, evocando Galeno, volta a defender que as maçãs, dada a sua forte adstringência, devem ser usadas em circunstâncias muito específicas:

Sub calidis cineribus assatum, vel mediocriter aqua incoctum, laudat Galenus, modo a cibo detur, cum ventriculum et stomachum roborat, et delectam appetentiam incitat, et concoctionem adiuvat, immo qui diarrhoea, aut dysenteria, vomituve infestati sunt, eo maxime iuvantur, praesertim si acerbum fuerit.

"Galeno recomenda que [a maçã] seja oferecida imediatamente após a refeição, assada sob cinzas quentes ou levemente cozida em água, pois fortalece o ventre e o estômago, estimula o fraco apetite, facilita a digestão, mais, ajuda principalmente aqueles que foram acometidos de diarreia, disenteria ou vômitos, sobretudo se for azeda¹⁷."



No comentário seguinte (*Enarr.* I 146), depois de identificar os marmelos com as *aurea mala* evocadas pelo poeta Vergílio na *écloga terceira*, o médico albigastrense apresenta em poucas palavras os benefícios e usos terapêuticos deste fruto:

(...) stomacho enim cytonia gratissima sunt, ex quibus syrupus, miva cytoniorum dictus, et cum aromatis, et sine illis, frequenter in officinis paratur, veluti conditum diacytonites, cum succaro vel melle, quod nonnumquam scamonio ad ducendam alvum acuant: inest autem cydoniis, virtus, ac piris, austerisque fructibus aequalis, qui cum ante cibum comeduntur, alvum constringunt, a cibo vero eam fluidam reddunt, ut Galenum annotasse legimus libro secundo de Facultatibus alimentorum (...).

"Os marmelos são, de facto, muito bons para o estômago; a partir deles eles é muitas vezes confecciona-

do nas boticas um xarope, com especiarias ou sem elas, chamado *miva* de marmelos, tal como o preparado *diacytonites*¹⁸, com açúcar ou mel, que por vezes intensificam com escamónea¹⁹ para soltar o ventre²⁰. Existe, por outro lado, uma virtude nos marmelos, semelhante nas peras ou noutros frutos amargos: quando são comidos antes da refeição, prendem o ventre, depois da refeição, soltam-no, conforme vemos Galeno observar em *Sobre as Propriedades dos Alimentos*, livro 2²¹."

A *enarratio* I 150 é dedicada à cidra e a outros citrinos. Eis algumas das aplicações terapêuticas da so-bejamente conhecida laranja, considerada por Amato umas das várias espécies de cidra:

Altera vero citri species, narrantium pomum est, sive aurantium dictum, vel rancidum quod Avicenna citrangulum appellat, acidum et dulce; acidum bili adversatur; dulce vero facillime in pituitam vertitur, utriusque tamen cortices calidi sunt.

"Outra espécie de cidra é, sem dúvida, a laranja, também chamada *aurantium* ou *rancidum*, à qual Avicenna chama *citrangulum*, ácida e doce; a ácida atua contra os efeitos da biles; já a doce resulta muito facilmente em mucosidade; as cascas de uma e de outra são, todavia, quentes."

No final deste comentário, alude à enorme semelhança existente entre as diferentes árvores pertencentes à família das cidreiras, mas também à célebre *aqua naphae*, vulgarmente conhecida como água de flor de laranjeira, de comprovadas propriedades eméticas:

Omnium autem harum specierum arbores parum inter se differunt, quae florem emittunt album summae fragrantiae, et ex eo per campanam aqua ignis vi elicitur, tantae suavitatis, et redolentiae, ut caeteras odoriferas aquas superare certum fit; quae hodie pro levi vomitum proritante medicamento, apud medicos Hispaniae habetur, a quibus, aqua naphae vel narrantii appellatur.

"As árvores de todas estas espécies pouco diferem entre si; produzem uma flor branca de suma fragância e, a partir desta, obtém-se, por meio de uma campânula, pela ação do fogo, uma água tão suave e cheirosa, que certamente supera as restantes águas perfumadas²²; atualmente, entre os médicos da Hispânia, que lhe chamam *aqua naphae* ou de laranjeira, esta é considerada um medicamento leve para provocar o vômito."

Depois dos citrinos, as peras (Enarr. I 151). Muito resumidamente, Amato refere a existência de muitas espécies e a sua ampla utilização no regime alimentar²³. Para o final, reserva uma alusão especial às peras-bravas:

Caeterum pyra agrestia constrictioria sunt, et fungorum strangulationibus convenientia.

"De resto, as peras-bravas são adstringentes²⁴ e eficazes nas asfixias por efeito de cogumelos²⁵."

O último fruto a que aqui faremos menção é a nêspira (Enarr. I 152). Amato distingue duas espécies deste fruto. A primeira corresponde, na realidade, à azarola²⁶, espécie nativa da bacia do Mediterrâneo, também conhecida por nêspira mediterrânica ou de Nápoles. Diz, pois, o médico:

Sunt igitur ut capite de oxyacantha meminimus, folia huic primo generi mespili, tanquam apii, fructus vero ruber pillularum magnitudine, intus ossicula tria habens, sapore subacidus, stomacho gratus, qui apud Neapolitanos azarolus dictus optime et felicissime crescit, veluti apud Pisauenses, et alios nonnullos. Nam in Hispania universa, quod noverim, fructus iste non provenit.

"Como recordamos no capítulo sobre o piracanto²⁷, as folhas nesta primeira espécie de nespereira são, por conseguinte, como as do aipo; o fruto, na verdade, é vermelho, do tamanho de uma pequena bola, com três pequenos caroços dentro, de sabor um tanto ácido e bom para o estômago²⁸; este, chamado *azzarolo*, desenvolve-se ótima e abundantemente em Nápoles, tal como em Pisauro e alguns outros locais. Que eu saiba, na verdade, este fruto não se produz em região alguma da Hispânia."

Já a segunda espécie, aquela que ainda hoje conhecemos como nêspira, é sobejamente conhecida:

Secundum vero mespili genus, ubique vulgatum est, penticoccon dictum, quia intra se quinque contineat grana, quae, ut experientia comprobatur nonnulli habent, contra nephritim multum valent (...).

"A segunda espécie de nêspira propagou-se por toda a parte; chamaram-lhe penticoccon porque tem dentro de si cinco sementes que, como alguns consideram comprovado pela experiência, são muito eficazes contra a nefrite²⁹(...)."

A nêspira não é eficaz apenas no tratamento das inflamações dos rins. Por ser fortemente adstringente, é igualmente um vigoroso antidiarreico. É o que nos diz Amato, no mesmo comentário, quando evoca a autoridade de Galeno:

De quo Gallenus 7 libro de Facultatibus simplicium medicamentorum ita disserit: Mespili fructus admodum acerbus est, vixque edi possit, ventrem strenue coercens.

"Sobre isto, Galeno diz assim em *Sobre as Propriedades dos Medicamentos Simples*, livro 7: "O fruto da nespereira é bastante azedo, e mal se pode comer, prendendo fortemente o ventre."³⁰

Os frutos que aqui trouxemos são, ainda hoje, procurados e usados com fins terapêuticos diversos.



A nêspira, por exemplo, pelas suas propriedades anti-inflamatórias, é usada no tratamento de gastroenterites e, devido ao seu alto teor de vitamina C, para fortalecer do sistema imunológico; a doce e succulenta pêra, por ser rica em potássio, desempenha um papel regulador da tensão arterial, além de exercer uma ação diurética que purifica todo o organismo; já a laxante, igualmente diurética, calmante, digestiva, antifebril e anti-hemorrágica laranja, conhecida por ajudar a prevenir gripes devido seu alto teor de vitamina C, em virtude do efeito antioxidante dos seus nutrientes (que impedem a acumulação do "mau colesterol", LDL, nos vasos sanguíneos) é vista como um forte aliado contra as doenças cardiovasculares; a sua fibra solúvel facilita o trânsito intestinal, reduz a absorção dos níveis de colesterol e diminuiu a ocorrência de picos glicémicos; o marmelo, principal ingrediente da deliciosa marmelada, é indicado no tratamento de diarreias por gastroenterite e colite; a maçã, com uma forte ação antioxidante, favorece a redução do risco de doenças cardiovasculares; é rica em fibras que atuam no sistema digestivo, flavonóides que combatem os radicais livres responsáveis pelo envelhecimento precoce e vitaminas B1 e B2, que ajudam a regular o sistema nervoso;

por fim a célebre e outonal romã, rica em taninos nos bagos, mas sobretudo na casca, hoje, como outrora, é procurada pela acção anti-inflamatória sobre o intestino, tratando colites e gastroenterites.

Estes e muitos outros exemplos que poderíamos ter evocado vêm, simplesmente, pôr em evidência aquilo que já por diversas vezes foi reconhecido: a actualidade da grandiosa obra que Amato Lusitano nos deixou.

Notas ao texto:

1 - Este estudo centrar-se-á, pois, na análise das *enarrationes* (comentários) 138-141; 144-146; 150-152 do Livro I das *In Dioscoridis Anazarbei De Materia Medica libros quinque Enarrationes Eruditissimae*, Veneza, 1553, que o médico albicastrense dedicou ao comentário do tratado *De Materia Medica* de Dioscórides.

2 - Cf. Diosc. 1.110.

3 - *Enarr.* I 138.

4 - Médico (1475-1536) ginecologista de Lucrecia Borgia, Ensinou filosofia e medicina em Ferrara.

5 - Cf. Diosc. 5.26, onde se diz que o vinho de romã é eficaz contra os fluxos internos e febres acompanhadas de fluxos, benéfico para o estômago, adstringente do ventre e diurético.

6 - Cf. Galeno, *De methodo medendi*, 13.14 (Kühn 10.908).

7 - *Enarr.* I 138.

8 - Também conhecidas por pútegas-de-escamas.

9 - Cf. Diosc. 1.97.2; 1.110.2.

10 - *Enarr.* I 140: *Malicorium granatorum putamen est, sive cortex, (...) quae et ipsa astringendi vires habent.*

11 - Em 1540 já havia notícias da sua presença nesta cidade (vide António Manuel Lopes Andrade, "A Senhora e os destinos da Nação Portuguesa: o caminho de Amato Lusitano e de Duarte Gomes", *Cadernos de Estudos Sefardistas*, 10-11 (2011): 87-130).

12 - Tal como as flores de romãzeira-comum (cf. Diosc. 1.110.2).

13 - Na *Enarr.* I 145, diz Amato: "As maçãs são conhecidas em toda a parte; sobre a sua variedade e importância, lede Galeno, *Sobre as Propriedades dos Alimentos*, livro 2, capítulo 21." Cf. Galeno, *De alimentorum facultatibus* 2.21 (Kühn 6.594 sqq.).

14 - *Enarr.* I 145: *Caeterum in praesenti loco minime gravabor inquirere, quae potissimum poma accipienda sunt, pro conficiendo syrupo pomorum, quo contra cordis palpitacionem, et syncopem, veluti contra cardiacam et luctuosa suspiria, aliasque atrabiliaris aegritudines utimur.*

15 - *Enarr.* I 145.

16 - Cf. Diosc. 1.115.

17 - Cf. Galeno, *De alimentorum facultatibus* 2.21 (Kühn 6.597).

18 - À base de sumo de marmelos.

19 - Um forte laxante.

20 - Cf. Diosc. 1.115.1.

21 - Cf. Galeno, *De alimentorum facultatibus* 2.22 (Kühn 6.598 sqq.).

22 - A água de flor de laranjeira obtém-se mediante a destilação de flores de laranjeira-azedá (*Citrus aurantium* L.). O vapor condensado resultante da destilação tornou-se num diluente muito apreciado na elaboração de perfumes e águas de colónia preparadas a partir de óleos de citrinos.

23 - *Enarr.* I 151: *Pyri ut multifaria sunt genera, sic passim notissima et in continuo victus usu communia...*

24 - São, por conseguinte, um antidiarreico eficaz.

25 - Cf. Diosc. 1.116, onde se refere que os cogumelos cozidos juntamente com peras-bravas se tornam inócuos.

26 - *Crataegus azarolus* L.

27 - *Enarr.* I 112. Cf. Diosc. 1.93.

28 - Cf. Diosc. 1.118.

29 - Cf. Diosc. 1.118.

30 - Galeno, *De simplicium medicamentorum temperamentis ac facultatibus* 7.12.11 (Kühn 12.72).

* Centro de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro.

** Trabalho desenvolvido no âmbito do projeto de investigação «Dioscórides e o Humanismo Português: os comentários de Amato Lusitano» do Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/CLE-LUI/101238/2008).

GRÁCIA NASI (1510-1569) - A SENHORA JUDIA ÚNICA NO SEU TEMPO

João-Maria Nabais*

Introdução

Há 500 anos, nasce em Lisboa, uma grande senhora do Renascimento, Grácia Nasi¹, descendente duma família de conversos, baptizada sob o nome cristão de Beatriz de Luna. Graças a ela, pela primeira vez na história, os judeus são ajudados e protegidos na Europa pela sombra tutelar de uma mulher poderosa e influente pela força da sua pertinácia, determinação, riqueza e sagacidade.

A sua família faz parte daquele imenso grupo de judeus expatriados de Espanha, pelo Édito

de Granada ou Decreto de Alhambra², publicado em 31 de Março de 1492, no Alcázar (ou Alcácer) de Alhambra, na cidade de Granada, Andaluzia, pelos Reis Católicos, Fernando II de Aragão e Isabel I de Castela. Nele se estipulava que todos os judeus da Ibéria eram obrigados a converterem-se ao catolicismo ou em alternativa, a serem expulsos, tendo como limite decisivo, a data de 10 de Julho de 1492³. A expulsão tem como finalidade facilitar o trabalho de *purificação ou limpeza de sangue* contra os judeus e seus descendentes ou muçulmanos convertidos que a Santa Inquisição, implementada em Espanha desde 1478, vinha realizando paulatinamente. O objectivo final era a unidade religiosa e política na península – um Rei, um Reino, uma Religião.

Algumas dezenas de milhar de judeus refugiam-se então em Portugal, no reinado de D. João II, chegando a constituir perto de dez por cento do total da população, em troca do pagamento de uma caução de permanência por oito meses, entre eles encontram-se Álvaro e Filipa de Luna, os futuros pais de Grácia. Outra das famílias históricas é a da Garcia de Orta, um judeu converso, descendente dos primeiros hebreus expulsos de Espanha. Em 1497, os pais para não serem



Dama de vermelho e criança (Grácia Nasi? c. 1540)
de Agnolo Bronzino - Florença (1503-1572)

obrigados ao exílio optam pelo cripto-judaísmo.

É neste contexto que sucede o tristemente célebre episódio dos *meninos de S. Tomé*, em que cerca de duas mil crianças, dos dois aos dez anos são violentamente retirados aos pais e enviados, para povoarem o arquipélago, depois de baptizados à força⁴. A maioria irá perecer nos anos subsequentes devido ao clima, à fome, inanição e demais doenças então desconhecidas.

Muitos dos refugiados judeus clandestinos chegados, apelidados de gente infiel e sem religião, são feitos escravos, violentados

ou mortos, por este ou aquele motivo de circunstância mas quase sempre, o móbil é o confisco simples e arbitrário de bens pelo poder político-religioso.

No reinado seguinte, a partir de 1495, a situação de desconforto para eles acentua-se com a imposição pretendida por D. Isabel, a filha mais velha dos Reis Católicos, para que o seu casamento com D. Manuel tenha seguimento, este devia mandar expulsar do território todo e qualquer herege, leia-se judeus, “*só entrarei em Portugal, quando estiver limpo de infiéis*”⁵. O tratado de casamento é subscrito em 29 de Novembro de 1496 e em 5 de Dezembro, em Muge, perto de Santarém, o rei promulga o Édito de Expulsão⁶, de todos os judeus, *filhos da maldição* e mouros forros, no prazo limite de dez meses, “... sob pena de morte natural e perda das fazendas...”, para que houvesse a salvação em nome dos cristãos, por todos os grandes males (terramotos, secas, peste, miséria social, etc.) e blasfémias.

D. Manuel no seu íntimo, não estava nada interessado em perder de ânimo leve esta povo laborioso e bem enraizado em muitas regiões e terras, sempre úteis como senhores do dinheiro e da usura, para a qual os nossos monarcas, recorrentemente, se socorriam e beneficiavam, pelo recurso fácil a *bons cabe-*

daís, sempre que a oportunidade surgia, apesar das drásticas contrapartidas na imposição de tributos à comunidade judaica.

Assim com algum engenho e hipocrisia, com avanços e recuos à mistura, vai protelando a situação de impasse por si criada, sem acautelar aparentemente as devidas consequências, sempre na esperança da conversão voluntária ao catolicismo por parte dos ditos infiéis.

Com avizinhação da data limite da partida em finais de Outubro, cerca de vinte mil judeus aglomeram-se em Lisboa para um embarque fictício que não ocorrerá. Em vez disso são forçados a um vil e colectivo *baptismo de pé*.



Expirado o prazo de 30 de Outubro, como num acto de magia, desaparece oficialmente a distinção entre judeus, Cristãos-novos e Cristãos-velhos. O rei D. Manuel talvez em consciência acreditasse que com o passar do tempo, houvesse uma verdadeira assimilação e integração, mas tal não irá acontecer pois vão preservando entre eles os laços de solidariedade militante e mais importante ainda, a qualidade da sua consciência identitária religiosa judaica.

Esta expulsão forçada interrompe bruscamente uma história de sucesso da presença judaica de mais de um milénio na Espanha Sefardita.

Breve história dos sefarditas e a nova diáspora

A lusofonia resulta da confluência duma miscelânea de culturas, religiões sangue e povos que transitam e ocupam o-nosso território nos últimos 2.500 a 3.000 anos. Entre eles sobressaem as importantes minorias de judeus e mouros.

Apesar de Portugal ser constituído por uma nação predominantemente cristã, encontramos ainda inúmeros exemplos da sua influência na presença judaica também na nossa literatura (incluindo expressões verbais), no teatro, na imprensa, culinária, etc.

A origem dos judeus na Ibéria (ou Sefarad judaica) perde-se ao longo dos tempos da história e da nossa memória histórica; segundo Maimônides, "os judeus de Espanha já seriam exilados de Jerusalém, pertencentes à classe nobre e dirigente."

Os judeus já habitavam a Ibéria há muitos séculos e aparentavam na sua grande maioria, nomes e sobrenomes portugueses e espanhóis. Além disso, tinham orgulho da sua condição *Sefaradi*, ou seja, naturais de Sefarad - o nome geográfico (topónimo de origem hebraica) da Península Ibérica.

A vida aqui nem sempre corre fácil devido às rivalidades profissionais. Assim, estão-lhes interditas certas profissões, com excepção da medicina e do comércio ou outras de interesse para a comunidade, como são, por exemplo, as tipografias hebraicas.

Após muitas contradições internas, em que ocorrem realidades impossíveis de prever, como é a matança (*pogrom*) da Pascoela de 1506 – a Inquisição estabeleceu-se em Portugal em 1536, após a sua instituição em 1531, por meio da bula *Cum ad Nihil Magis*. Pessoas e livros (As *Centúrias* têm algumas das páginas traçadas a tinta, para impedir a leitura) são levados à fogueira e, na melhor das hipóteses, há a censura a importunar. A partir daqui vai ter lugar o acentuar da expulsão ou emigração activa de judeus e cristãos-novos.

Muitos dos cristãos-novos (judeus e não só, foram forçados a converter-se ao cristianismo a fim de não serem torturados e *purificados pelo fogo* nas fogueiras, em Autos-de-Fé, da Santa Inquisição), numa demanda de gerações pela sua identidade, devido à intolerância religiosa e social e, ao mesmo tempo no respeito pelo silêncio dos antepassados, vão construir histórias de vida muitas delas de sucesso. Na altura, muitos podem ser considerados verdadeiros precursores da modernidade por não terem, de todo, aceite a submissão à opressão obstinada e cega das leis inquisitoriais.

Conversões forçadas e os alvares da Inquisição provocam a diáspora judaica que dilatará o mapa-múndi e exportará para as recentes terras descobertas, as no-

vas ideias duma Europa renascentista e mais humanista em ruptura com um passado recente.



Com a subida à tiara papal de Giovanni Pietro Carraffa (1476-1559), Papa Paulo IV, é criado em 1555 pela bula *Cum nimis absurdum*, o Gueto Romano (em italiano, *Ghetto di Roma*), um dos mais antigos da Europa, sendo os hebreus obrigados de noite a um recolher obrigatório e a usar de dia, sinais distintivos como um chapéu amarelo para os homens e xaile ou manto para as mulheres. Os guetos vão assim perpetuar-se na Europa até meados do século passado. Nos Estados Papais, a partir de 1569, somente as cidades de Roma, Avinhão, Ancona podem permitir a permanência de judeus.



Estão no auge por toda a Europa as lutas religiosas entre os partidários da Reforma de Martinho Lutero (1483-1546) e a Contra-Reforma. Expulsos de cá, pelo extremar crescente do cristianismo no século XVI, migram para os Países Baixos, Balcãs, Turquia, Palestina e, também estimulados pela colonização europeia, chegam ao continente americano e à Índia.

Convertidos à força (os *baptizados de pé*) em 1497, durante o reinado de D. Manuel I, exteriormente cristãos mas de interior Judeu, estes seres condenados a uma angustiante vida dúplice passam a ser designados de marranos^{8,9}, criptojudeus, judeus clandestinos ou pelo termo *anuss*¹⁰ (forçado), usada habitualmente pelos judeus sefarditas da Península, para nomearem os seus irmãos convertidos à força.

Von dem christlichen streyt geschehē
im. MD. LXXX. vi. Jar zu Lissbōna
ein hauff stat in Portugal zwischen den chafften vnd neuen chris-
ten oder jaden, von wegen des gezeur: igiten got.



Dois textos fundadores da descrição do desterro de Portugal: *Consolação às tribulações de Israel*, de Samuel Usque - em que as dores e as esperanças aparecem expressas de modo claro porque a vida deve sobrepor-se à morte; e, *Menina e Moça* (ou livro das Saudades), de Bernardim Ribeiro, um texto cifrado, mas curiosamente, ambos editados pela mesma impressora, na casa do Judeu português Abraham Usque, em Ferrara, o primeiro em 1553 e o segundo no ano seguinte.

Os senhores do desterro em Portugal lutam para sobreviver, "mestres na arte da duplicidade no pior dos exílios, aquele que se vive interiormente sem sair da pátria nem sequer das suas casas nem no segredo dos seus corações"¹¹.

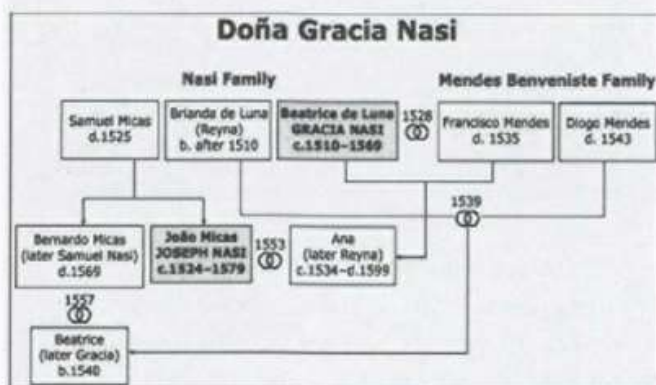
Em consequência, podemos dizer que a diáspora dos cristãos-novos portugueses, começa logo no mais íntimo recôndito das suas almas, pois reflecte de há muito, uma luta entre o ser e o parecer, mesclando-se esta com a sobrevivência económica, a posse de bens e do poder. Eles eram o outro, por vontade própria e por rejeição da velha maioria cristã.

Beatriz de Luna ou Grácia Nasi

A comunidade portuguesa de origem judaica - alcu-nhada com uma longa sinonímia de conversos, marra-nos, cristãos-novos, gente da nação, etc. - preservou após a conversão forçada embora com enormes per-das e humilhações, uma identidade diferenciada no seio da massa maior dos cristãos-velhos, muitas vezes refugiando-se numa *sabedoria de ocultação* ou num verdadeiro jogo de sombras e máscaras, nas zonas mais periféricas, isoladas, do interior de País, como sejam as praças arraianas, das beiras e Alentejo.

É neste contexto que surge a família de Beatriz de Luna. É vária a bibliografia e literatura, muita dela ro-manceada, em torno da figura histórica desta mulher que viveu em pleno século XVI, apesar de haver pouca documentação real e autêntica sobre a sua vida.

Os De Luna terão tido como antepassado, um proe-minente funcionário cobrador de impostos na corte de D. Juan II de Castela (1406-1454), Yuçaf el Nasci, sobre-nome adoptado mais tarde por Beatriz de Luna quan-do assume em definitivo já em terras do Levante o seu judaísmo. São três, os seus irmãos: Brianda, Guiomar e Aires de Luna.

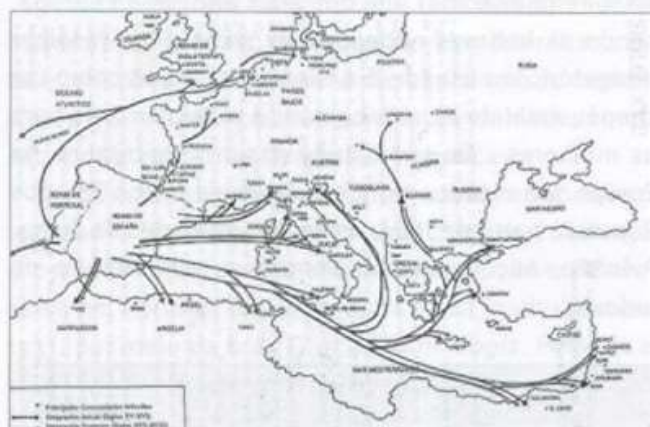


Beatriz nasce em Lisboa em 1510. O seu futuro ma-rido Francisco Mendes Benveniste também ele judeu converso, é descendente de Abraão Benveniste, Rabi-mor na corte de Castela nos meados do século XV. O nome Benveniste pertencia a uma das famílias mais prestigiadas e ancestrais do judaísmo hispânico, com gerações de médicos e financeiros nos reinos de Cas-tela e Aragão. Francisco tal como irmão Diogo Mendes, "o rei das especiarias na Europa" que se estabelecera em Antuérpia, é comercialmente um judeu de sucesso, na boa ancestral tradição judaica, como banqueiro e mercador de pimenta¹² e demais especiarias, pedras preciosas e produtos exóticos vindos da prodigiosa nova rota das Índias recentemente descoberta. Muito rapidamente passam a dominar o seu comércio, cons-tituindo um império que transaccionava, como verda-deiro monopólio, com toda a Europa.

Casa-se, aos dezoito anos, em 1528, com um judeu, o já referido Francisco Mendes, norma habitual entre os con-versos para preservarem a tradição geracional judaica. Por certo um duplo matrimónio para manter as aparências: um casamento judaico em privado seguido de um casa-mento católico. Deste enlace nasce uma filha de nome de baptismo Ana – igual ao nome bíblico Hanna, equivalente hebraico de Grácia – a quem chamavam de Reina.

Mas com a morte precoce em 1535 do marido, Bea-triz/Grácia assume com o seu cunhado Diogo Mendes, a direcção e gestão dos negócios e começa adminis-trar a sua enorme fortuna.

Jovem viúva, com uma filha ainda criança, mais a sombra do espectro da Inquisição, instituída entre nós 1536, a acentuar-se e atormentar todos os não católi-cos, Grácia vê perigar o seu futuro e toma uma decisão sempre difícil mas irrevogável, partir sem mais delon-gas... assim dirige-se para Antuérpia, ao momento sob domínio espanhol de Carlos V, ao encontro do cunha-do Diogo também ele comerciante e um verdadeiro homem de negócios de sucesso, além de reconhecido argentário de diversos Soberanos europeus.



A partir daqui Grácia inicia uma diáspora muito se-melhante e em muitos aspectos coincidente - a evo-car circunstâncias do acaso -, tanto geográfica como temporalmente, à do nosso patrono de há longos anos destas jornadas, o grande médico cosmopolita euro-peu João Rodrigues de Castelo Branco que para a his-tória ficará conhecido por Amato Lusitano (1511-1568).

Há alguns pontos de concordância entre os dois, logo pela ascendência como cristãos-novos e, na aproxima-ção das datas e locais de nascimento em Portugal e na morte, estas ocorridas nas terras do sultão. Grácia Nasi vai viver os últimos anos em Istambul (antiga Constan-tinopla) até aos 59 anos, Amato sucumbe de peste em Salónica com 57 anos... ambas as cidades integradas no Império Otomano possuem uma grande população ju-daica e, se possível, o mais psicologicamente perto, da sempre mítica Jerusalém na Terra Santa.

Durante o périplo pelas suas longas errâncias vão-se cruzar mais de uma vez, Antuérpia, Veneza, Ferrara, Ancona, Ragusa. Muito possivelmente, tanto em Antuérpia como em Ancona terão mesmo chegado pessoalmente à fala, pois Amato chegou a ser médico de Diogo Mendes, o seu cunhado, a quem designava “o mais rico mercador da nossa época”.

Além da gestão do império financeiro, a família Mendes incluindo Grácia Nasi, têm como missão secreta, a ajuda contínua e apoio económico aos seus irmãos de sangue numa tentativa de resgate, para os trazerãos e salvos dos locais da Europa cristã onde são perseguidos e maltratados, tanto por gentios como pela Santa Inquisição, para as várias comunidades judaicas de marranos, espalhadas ao longo do Mediterrâneo, na busca incessante de refúgio, num itinerário que vai de Lisboa até ao império do Sultão, onde aqui embora desterrados podem professar livremente a sua religião, sem fazer perigar a própria vida.

Para isso vão tentar de tudo, “como a mudança de nome, de identidade, de lugar, das instituições de subornos a vários níveis, na busca tão desejada e segura de sossego sempre com pensamento confiante no seu deus.”

Grácia Nasi como co-administradora vai também se preocupar com a coesão e solidariedade dos seus, num esforço de preservar a fortuna familiar e a sua continuidade na tradição religiosa ancestral, como é próprio imaginar na oração de acolhimento do Shabat¹³: “... Abençoado sejas Tu, Adonai (Meu Senhor), nosso Deus, Rei do Universo que nos santificaste com os teus mandamentos e nos ordenaste acender a vela de Shabat...”.



Após a morte de Diogo Mendes, em 1543, a Senhora, como ficou conhecida, torna-se a principal regedora do negócio da família que se iniciara anos antes pela

clarividência do seu marido Francisco Mendes e já em Istambul, assume a sua condição por inteiro de judia com o nome de Grácia Nasi. Para o seu povo ela será, unicamente, “A Senhora”, *Ha Guiveret*. É reconhecida a sua acção em prol do mecenato cultural, na fundação de sinagogas, academias de estudo talmúdico e no apoio à impressão de textos hebraicos.

Não acabou os seus dias na Terra Santa como desejaria para ser enterrada no Monte das Oliveiras, do mesmo modo como antes conseguira fazer, ao cumprir uma promessa antiga trasladando os restos mortais do seu marido Francisco Mendes Beneviste, de Lisboa para Jerusalém, vinte anos após o seu falecimento.

Poderosa como política e estratega, resgatou da fogueira da inquisição milhares de judeus que punha a salvo para terras mais tolerantes, como em algumas cidades-estado italianas, em Istambul ou na própria Palestina.

A sua morte significa a perda de uma personalidade reconhecidamente única no seu tempo, uma grande senhora que pelo seu comportamento e sentido de liberdade, simboliza o triunfo sobre a adversidade e uma veemente paladina do judaísmo.

Conclusão

A consciência lusitana, quase sempre trata mal, de uma maneira por vezes subtil, outras de um modo mais ostensivo e impudente, algumas das personalidades maiores da nossa terra, mas que, apesar de tudo, vão ter a coragem, a dignidade e a determinação, sempre que têm uma oportunidade, para se projectarem condignamente além-fronteiras. Intramuros são porém sujeitos às maiores diatribes e vexames quando não mesmo ao silêncio do ostracismo ou ao degredo. De quando em quando só a morte mais infame pode ser libertadora.

Um lento declínio vai ocorrer em Portugal à medida que se entrava no ocaso pela influência do domínio castelhano que se acentua na transição para o século XVII. Na verdade a nossa História, com muito poucas excepções, das quais apenas se destaca, o período da Epopeia dos Descobrimentos e mais alguns outros nomes carismáticos, sempre tem sido norteadada por princípios mesquinhos e de grande mediocridade intelectual, social e humana.

Pretendi neste meu ensaio, submeter a visão da representação da figura feminina judia, a um olhar transdisciplinar da nossa história quinhentista bem como do seu simbolismo, numa época em que a figura da mulher na sociedade era subalternizada num contexto de silêncio quase total, condicionada ainda mais, pelo predomínio da tradicional imagem masculina ao logo dos tempos.

Notas ao texto:

1 - Conhecida como "A Senhora" ou Ha Giveret.

2 - "...Hemos decidido ordenar que todos los judíos, hombres y mujeres, de abandonar nuestro reino, y de nunca más volver. Con la excepción de aquellos que acepten ser bautizados, todos los demás deberán salir de nuestros territorios el 10 de julio de 1492 para no ya retornar bajo pena de muerte y confiscación de sus bienes..."

3 - Por motivos logísticos alargou-se o prazo até 2 de Agosto, às doze da noite que coincide com a partida de Cristóvão Colombo na sua primeira viagem de descoberta da América, em busca das Índias. Segundo Simon Wiesenthal, no seu livro *Operação Novo Mundo - A missão secreta de Cristóvão Colombo*, põe a possibilidade de Colombo ter sido judeu pelo seu comportamento, coincidente com o de muitos judeus conversos que tudo faziam para ocultar a sua origem ancestral. No seu livro, explica que os judeus viam com esperança renovada a possibilidade de nas novas terras descobertas, se encontrarem os descendentes de algumas das tribos de Israel, pelos relatos de mercadores e marinheiros ao referirem que no Oriente viviam hebreus livres de qualquer opressão, integrando as classes mais privilegiadas ou até mesmo administrando territórios.

4 - "... E muitos dos filhos dos hebreus, procedentes da expulsão da Espanha, o rei de Portugal forçou-os ao baptismo e mandou-os para lá, já faz 14 anos, todos inocentes machos e fêmeas, em número acima de 2000 almas..." segundo Elvira Cunha de Azevedo Meã, *O resgate dos meninos de S. Tomé* em *Orion, Literatura e História - Actas do Colóquio Internacional*, vol. II, Porto 2004, pp. 25-39.

5 - Cristãos-novos em Portugal, Jana Hamerská, tema de Bacharelado, Brno, 2006.

6 - "...Determinamos, e Mandamos, que da pubricaçam desta Nossa Ley, e Determinaçam atá per todo o mez d'Outubro do anno do Nascimento de Nosso Senhor de mil e quatrocentos e nouenta e sete, todos os judeus, e Mouros forros, que em Nossos Reynos ouuer, se saiam fóra delles, sob pena de morte natural, e perder as fazendas, pera quem os acusar..."

7 - Devido a mais de trezentos anos de isolamento do resto da cidade, os judeus do gueto, vão desenvolver o seu próprio dialecto, o judeu romanesco.

8 - Segundo Carl Gebhart, marrano (igual a porco), designação de origem espanhola, é um católico sem fé e um judeu sem conhecimentos, mas judeu pela vontade de o ser. Uma expressão mais coloquial será a de *criptojudeu* ou *gente da nação*. Possivelmente porque se encaravam a si mesmos como uma nação à parte das outras, pelo seu separatismo e uma consciência assumida da sua superioridade étnica.

9 - "Marrano" é a designação tradicional dada aos judeus forçados a converterem-se ao catolicismo na península Ibérica, sob pena de morte e confiscção de bens, nos séculos XV e XVI. Durante séculos a expressão foi considerada depreciativa por se julgar que derivava de "porco" em castelhano, na verdade, ela é obtida pela contracção das palavras hebraicas *márre* (amargo/amargurado) e *anúze* (forçado / violado) - refere-se também aos seus descendentes, muitos dos quais optam agora pelo processo de conversão para "regressar" à sua tradição ancestral. Em hebraico, os marranos são conhecidos simplesmente como "anussim".

10 - Pl. *anussim* (constrangido).

11 - *Os Judeus do Desterro de Portugal*, António Carlos Carvalho, Quetzal Editores, Lisboa, 1999, p.p. 31-32.

12 - Nos primeiros anos, a pimenta representa 90% das exportações da Ásia com a canela do Ceilão, a noz-moscada e o cravo das Molucas. Em 1508 é criada a primeira feitoria por D. Manuel na Flandres, filial d casa da Índia.

13 - Sábado, sétimo dia da semana. Dia consagrado dos judeus segundo o quarto mandamento divino, para a oração, ao estudo e convívio familiar. Na sinagoga lê-se semanalmente partes da Tora.

Bibliografia

- *Les juifs en France, en Italie et en Espagne*. Bédarride, J.- 3^{ème} ed., revue et corrigée. - Paris : Michel Lévy Frères, 1867.

- *The House of Nasi: the Duke of Naxos*. Roth, Cecil (1899-1970) Philadelphia: The Jewish Publication Society of America, 1948. - 1 v.

- *História dos cristãos-novos portugueses*, Azevedo, J. Lúcio de (1855-1933) - 3a ed. - Lisboa: Clássica, 1989.

- *Ficções e contradições da identidade na consolação às tribulações de Israel de Samuel Usque* por Lúcia Liba Mucznik. - [S.l. : s.n.], Imp. 1995 (Braga : Of. Graf. Barbosa & Xavier). - p. 39-135. [2] p. : 25 cm. - Sep. Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian, 33.

- *Os baptizados em pé: estudos acerca da origem e da luta dos cristãos-novos em Portugal* / Elias Lipiner - 1a ed. - Lisboa: Vega, 1998

- Documenta histórica, Série especial.

- *Mendes, Benveniste, de Luna, Micas, Nasci: the state of the art* (1532-1558). Salomon, Herman Prins, 1930 [S.l.]: Center for Judaic Studies, Univ. Pennsylvania, 1998. - pp. 136-206. - Sep. The Jewish Quarterly Review, 3-4.

- *Os judeus do desterro de Portugal* / António Carlos Carvalho, 1947. - Lisboa : Quetzal, 1999.

- *A judia* / Ferri, Edgard; trad. Paola D'Agostino, Antonio Rocha - Lisboa: Quetzal, 2002.

- *A mulher judia* [Texto policopiado]: da história à ficção: memória, omissão e imaginário / Oliveira, Ana Cristina Tomás de; orient. Maria José Pimenta Ferro Tavares. - Leiria: [s.n.], 2004.

- *A longa viagem de Gracia Mendes* / Birnbaum, Marianna; trad. Jaime Araújo - Lisboa: Edições 70, 2005. - 222 pp. (A história como romance ; 3. - Tit. orig.: The long journey of Gracia Mendes).

- *O fantasma de Hannah Mendes: romance histórico* / Ragen, Naomi; trad. Maria do Carmo Romão; rev. Leão da Mata. - 1a ed., 1a imp. - Lisboa: Replicação, 2005.

- *A senhora* / Clément, Catherine, 1939; trad. Maria do Rosário Mendes - 14a ed. - Porto: Asa, 2006. (Romance - Tit. orig.: La senora).

- *Dicionário do judaísmo português* / coord. Lúcia Liba Mucznik. [et al.] - 1a ed. - Lisboa: Presença, 2009.

- *Grácia Nasi: A judia portuguesa do século XVI* que desafiou o seu próprio destino / Esther Mucznik, 2.^a ed. - A Esfera dos livros, Lisboa, 2010.

*Médico, escritor, poeta e investigador

Doutoramento em história na Universidade Nova

HISTÓRIA DA HISTÓRIA DE AMATO LUSITANO

João Rui Pita*

Ana Leonor Pereira**

No presente estudo retomamos o trabalho que havia sido publicado em 2003 nos *Cadernos de Cultura—Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI*. Esse estudo resultou do projecto de investigação que realizámos há anos atrás e que deu origem a uma linha de pesquisa do nosso Grupo de Investigação de História e Sociologia da Ciência e da Tecnologia do Centro de Estudos Interdisciplinares do Séc. XX da Universidade de Coimbra — CEIS20. O projecto intitula-se *Repertório Bibliográfico da Historiografia Sanitária Portuguesa. Problemáticas*

e *Fontes Especializadas / SANISTÓRIA (Sécs. XVIII-XX)* (desenvolvido para a FCT entre 1998 e 2000). A linha de investigação designa-se: “Fontes e bibliografia para a história da ciência em Portugal”. Somos os responsáveis científicos por essa linha cujo objectivo é: “Publicar e fazer publicar fontes impressas e manuscritas relacionadas com a história das ciências da saúde e com a história das ciências exactas e naturais por forma a dar a conhecer esses materiais com vista a investigações posteriores. É objectivo desta linha-projecto publicar as investigações sob a forma de repertórios bibliográficos gerais ou sob a forma de bibliografias temáticas”¹. Dada a natureza do objecto, trata-se de uma pesquisa permanente e continuada.

O trabalho que agora apresentamos resulta pois da actualização que temos realizado nesse projecto / linha e especificamente sobre Amato Lusitano.

Retomando o que foi publicado em 2003, sublinhamos, que Amato Lusitano é uma das figuras mais relevantes da história da medicina portuguesa e da história universal das ciências da saúde. As comemo-



rações dos 500 anos em que muitos investigadores estiveram envolvidos provam, justamente, essa universalidade e as marcas da sua acção clínica e científica. Estas figuram em conceituados manuais de história da medicina e de história da farmácia para ficarmos apenas em estudos do domínio das ciências da saúde.

A sua obra tem sido estudada por diversos investigadores dentro e fora do país. As *Jornadas de Estudo Medicina na Beira Interior, da Pré-História ao Século XXI*, da responsabilidade dos Drs. Louren-

ço Marques, António Salvado, bem como da Doutora Maria Adelaide Salvado, realizadas em Castelo Branco são uma prova de que a obra de Amato tem merecido e continua a exigir um estudo regular, envolvendo equipas multidisciplinares integrantes de historiadores da cultura, historiadores da ciência, antropólogos, linguistas, médicos, geógrafos, etc.

Merece igualmente registo particular o projecto de investigação financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia - FCT que se encontra em curso na Universidade de Aveiro tendo como investigador responsável o Prof. Doutor António Andrade da Universidade de Aveiro. O projecto intitula-se *Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano*. Trata-se de um projecto pleno de originalidade e que envolve uma enorme quantidade de tradutores e especialistas de diversos domínios científicos, garantia do rigor científico necessário a investimentos dessa natureza e cujo objectivo é traduzir para português algumas das obras mais relevantes de Amato Lusitano. Sublinhe-se que nos *Cadernos de Cultura* de 2010

António Andrade inscreve um artigo intitulado *Projecto de Investigação "Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano"* onde aborda, justamente, os estudos a realizar e seu interesse³.

A história da medicina portuguesa até meados do século XX não apresenta muitos vultos com projecção internacional, quer na dimensão clínica, quer na vertente científica. Em obras internacionais, raramente se encontra referência a outros nomes portugueses além de Amato Lusitano, de Garcia da Orta, de Ribeiro Sanches, de Bernardino António Gomes e de Egas Moniz, sendo muito curioso que praticamente todos tiveram profundas relações com a Beira Interior.

Pedro Laín Entralgo expõe na sua obra que nos séculos XVI e XVII, vários médicos na Europa cultivaram uma nova vertente da literatura médica. Justamente uma vertente descritiva, clínica, protagonizada por grandes mestres com o objectivo de "transmitir aos outros o seu saber próprio"⁴. Laín salienta que entre os séculos XVI e XVII vários desses autores "cultivaram com brilhantismo esse novo género de literatura médica".⁵ Entre eles, o consagrado historiador espanhol cita o nome de Amato Lusitano⁶, sublinhando que todos os autores quinhentistas desse novo estilo de literatura médica tinham como denominador comum uma maior individualização, um tratamento biográfico na descrição das doenças e, para além disso, uma "intenção estética co-cognoscitiva"⁷. Conforme se lê textualmente, "mais do que a prescrição de um saber fazer"⁸, a observação do doente sensibilizar para um "saber ver"⁹ e um "saber entender"¹⁰.

Muitos outros historiadores da medicina e da farmácia invocam ou referem a figura de Amato Lusitano, a sua vida e a sua obra. Tanto em tratados como em artigos científicos. É o caso, por exemplo, de M. Salomon¹¹, Pietro Caparoni¹², H. Friedenwald¹³, Glessinger¹⁴, Aldo Mieli¹⁵, Samoggia¹⁶, Francisco Guerra¹⁷, de Lopez Terrada, Salavert Fabiani¹⁸, Papaspyros¹⁹, Meunier²⁰, Leibowitz²¹, Hrvoje Tartalja²², Licurgo dos Santos Filho²³, etc..

Vários dicionários contemplam a figura e a obra de Amato Lusitano. É o caso, por exemplo, do famoso Dicionário Biográfico de Cientistas, *Dictionary of Scientific Biography*²⁴. Também em dicionários de judaísmo como a *Encyclopedia Judaica*²⁵ o nome de Amato Lusitano é tratado. José Maria Lopez Piñero na sua obra *La medicina en la historia* reporta-se a Amato Lusitano, valoriza a sua obra e atribui-lhe um lugar de relevo na medicina renascentista no que concerne à anatomia patológica²⁶. Lopez Piñero coloca Amato, nalgumas vertentes da sua actividade, a par de Mattiolo, Laguna, Vesálio, Fuchs, Monardes, etc.²⁷.

Ugo Baldini, no volume primeiro da obra editada por Leen Spruit intitulada *Catholic Church and Modern Science. Documents from the Archives of the Roman Congregations of the Holy Office and the Index*, publica o estudo *Amatus Lusitanus (João Rodriguez de Castelo Branco)*²⁸.

Por ocasião do quarto centenário da morte de Amato (1568-1968), multiplicaram-se os eventos comemorativos, dentro e fora de Portugal. Vejamos alguns exemplos: na *Academia das Ciências de Lisboa*, a 25 de Abril de 1968, Maximino Correia e Miller Guerra recordaram Amato Lusitano; o primeiro teceu considerações biográficas e o segundo abordou a sua obra. Na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Luís de Pina e Maria Olívia Rúber de Meneses, em 30 de Maio de 1968, evocaram nomes portuenses que estudaram a obra de Amato Lusitano. Em Siena, Itália, o XXI Congresso Internacional de História da Medicina, incorporou um simpósio subordinado ao tema "Amato Lusitano". O Simpósio congregou vários especialistas e interessados em Amato de diversos países europeus e de Israel. Em Castelo Branco o Liceu e a Escola Comercial e Industrial organizaram sessões públicas de homenagem a Amato. Destas comemorações resultou a publicação de obras marcantes no panorama historiográfico português e internacional. Saliente-se neste particular que, na obra *IV Centenário de João Rodrigues de Castelo Branco — Amato Lusitano*, obra prefaciada e compilada por José Lopes Dias em 1968, "coligem-se em tomo independente os estudos de História da Medicina dos investigadores que dentro e fora do País participaram nas comemorações quadricentenárias da morte de João Rodrigues de Castelo Branco — Amato Lusitano"²⁹.

De acordo com a nossa investigação em curso³⁰, entre estudiosos clássicos já desaparecidos, destacam-se três autores de escritos maiores sobre Amato Lusitano. São eles Maximiano Lemos, Ricardo Jorge e José Lopes Dias. Quanto às publicações periódicas que frequentemente abordam a obra de Amato destacam-se os *Estudos de Castelo Branco* e os actuais *Cadernos de Cultura. Medicina na Beira Interior, da Pré-História ao Século XXI*. Ambas as publicações, pelo conjunto e diversidade de artigos que reúnem constituem um valioso marco para a história de Amato e para a história de Amato Lusitano e indicam-nos os autores que hoje têm em Amato Lusitano um objecto de estudo. Muitos deles encontram-se presentes nas actuais Jornadas.

A biografia de Amato Lusitano feita por Maximiano Lemos

Em 1907 Maximiano Lemos publicou a obra *Amato Lusitano* que tem como sub-título *A sua vida e a sua*

obra³¹. Trata-se de um grosso volume, cerca de 200 páginas, dividido em 12 capítulos e que na época recebeu o reconhecimento escrito, nomeadamente de Eduardo de Sousa no *Diário da Tarde*, de Sousa Viterbo em *A Medicina Contemporânea* e de Ricardo Jorge nos *Arquivos da Medicina Portuguesa*.

Maximiano Lemos traçou uma biografia cronológica de Amato no contexto familiar e no quadro da condição dos judeus em Portugal. O leitor acompanha a formação de Amato Lusitano em Salamanca, o exercício clínico de Amato em Portugal, a sua saída do país e o seu percurso pela Europa: Antuérpia, Ferrara, Veneza, Ancona, Roma, Florença, Pesaro, Salónica, etc. A obra apresenta ainda uma inventariação dos trabalhos de Amato Lusitano. Por tudo isto e ainda pela riqueza dos contextos culturais, religiosos, científicos e outros, este é, sem dúvida, um escrito maior sobre Amato Lusitano. Obviamente é um trabalho com a marca do tempo em que foi escrito e por isso mais importante ainda no domínio da história da história da medicina em Portugal que é precisamente o registo em que nos colocamos.

Maximiano Lemos publicou outros trabalhos de menor extensão sobre Amato Lusitano. O seu instinto de historiador dava-lhe a plena consciência de que as pesquisas não acabam com a obra feita. Elas continuam, trazem novidades e perturbam a história já contada e escrita. Maximiano Lemos confessa no artigo *Amato Lusitano — Correções e aditamentos*³² publicado em 1927 mas definitivamente redigido em 1922: “Muito há que ampliar, corrigir e modificar no que escrevemos há quinze anos acerca dos anos que Amato passou em Antuérpia”³³. Entre outros textos de Maximiano Lemos sobre Amato assinalem-se: *Amato Lusitano e as valvulas das veias* (1900), *Medicos portugueses no estrangeiro. Século XVI* (1900)³⁵, *Amato Lusitano em Ferrara* (1906)³⁶ e *Amato Lusitano (novas investigações)* (1915 e 1927)³⁷. Posteriormente, a título póstumo (1955), foi recuperado o último capítulo da sua biografia de Amato para inclusão no volume intitulado *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)* publicado em 1955³⁸. Hoje, cerca de cem anos volvidos, a biografia de Amato publicada em 1907 afirma-se como um documento fundamental para a história em todos os seus ramos, desde a história dos judeus à história da ciência, sendo igualmente um escrito maior para a história da história. Desde logo, a história da história de Amato.

O Amato Lusitano de Ricardo Jorge

Ricardo Jorge é, também, um dos principais biógrafos de Amato Lusitano. Retrata-o muito justamente como “um caminhaireiro dominado pela paixão da

ciência”³⁹. Com o seu estilo inigualável, Ricardo Jorge converteu Amato num modelo para muitos cientistas e médicos, nomeadamente para o único Prémio Nobel de Medicina e Fisiologia português que foi Egas Moniz⁴⁰.

Em 1914, Ricardo Jorge publica nos *Arquivos de História da Medicina Portuguesa* uma biografia de Amato intitulada *Comentos à vida, obra e época de Amato Lusitano*⁴¹, que vinha preparando desde 1907. Motivado pela biografia de Amato escrita por Maximiano Lemos, acabou por traçar um novo Amato Lusitano: “O que era a princípio um simples ensaio de apresentação crítica e levemente comentativa, foi-se adensando e dilatando”⁴². Os textos publicados por Ricardo Jorge nos *Arquivos de História da Medicina Portuguesa* correspondem essencialmente à vida de Amato em Portugal e em Espanha, digamos ao primeiro período da vida de João Rodrigues de Castelo Branco. Em *A Medicina Contemporânea* Ricardo Jorge publicou em 1908 *Comentarios à vida, obra e epocha de Amato Lusitano*⁴³ e uns *Commentarios à vida, obra e epocha de Amato Lusitano*⁴⁴; ambos tinham como sub-título — d’um livro a publicar.

Ricardo Jorge escrevia a propósito da publicação de um novo artigo intitulado *Comentos à vida, obra e época de Amato Lusitano*⁴⁵: “Maus fados de berço perseguiram o aparecimento deste trabalho, a testemunharem a adversão da publicidade que o meio reserva para certas obras e certos homens como que a condenar-lhes a pena à inércia e ao silêncio. Começado em Maio de 1907, foi tal a azáfama febril com que o acometi que, dentro de dois meses, tinha levado a carreira de Amato até à sua partida de Portugal. Continuado no ano seguinte, ficava o texto integralmente prontificado em meados de 1909”⁴⁶. A publicação nos *Arquivos de História da Medicina Portuguesa* surgiu a convite de Maximiano Lemos. Aprontava-se uma edição total dos textos na Imprensa da Universidade de Coimbra, a convite do seu Director, Joaquim de Carvalho, em volume único, em 1933, quando esta instituição foi encerrada. Em 1936 publicou o referido artigo *Comentos à vida, obra e época de Amato Lusitano*⁴⁷, que o próprio autor considera como “a 2ª parte da obra que abrange o ciclo peninsular da vida e acção científica do Amato”⁴⁸. Não fora a intervenção directa do responsável da revista Dr. Armando Narciso e o artigo sobre a vida de Amato em Lisboa teria ficado apenas em manuscrito⁴⁹. Em 1955, no volume intitulado *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*, editado pela Câmara Municipal de Castelo Branco, retoma-se, em capítulo autónomo, parte da escrita de Ricardo Jorge sobre Amato publicada nos *Arquivos de História da Medicina Portuguesa* (1914)⁵⁰.

A biografia de Amato feita por Ricardo Jorge só postumamente foi editada: *Amato Lusitano. Comentários à sua vida, obra e época*⁵¹, numa edição integrada na colecção comemorativa do centenário de Ricardo Jorge e intitulada "Obra Literária e Médico-Literária de Ricardo Jorge". Esta obra compila os artigos dispersos sobre Amato e inclui um capítulo mantido inédito até 1963, intitulado *As conquistas e as drogas das Índias*. Ricardo Jorge não terá tido tempo para redigir uma bibliografia de Amato como parece ter sido sua ideia⁵².

As 200 páginas que Ricardo Jorge consagra a Amato⁵³ incidem sobre a vida do médico de Castelo Branco até à sua saída para o estrangeiro, para terras de Antuérpia, Ferrara, Veneza, Roma, Salónica, etc. Para além duma nota editorial onde se referem as razões da publicação, a obra abre com um prefácio intitulado "Carta ao prof. Maximiano de Lemos", documento já publicado nos *Arquivos de História da Medicina Portuguesa* (vol. 5, 1914, p. 1) e onde Ricardo Jorge ao dirigir-se a Maximiano Lemos justifica o seu interesse por Amato e a profunda motivação que recebeu com a leitura da biografia de Amato feita por Maximiano Lemos⁵⁴. Na obra de Ricardo Jorge, Amato Lusitano também é integrado no contexto científico e cultural da época. Ambos compreenderam que biografar Amato implicava fazer uma viagem pelo Renascimento português e pela cultura e medicina do século XVI. São extremamente elucidativas as palavras de Américo da Costa Ramalho no artigo intitulado *A propósito do Amato Lusitano de Ricardo Jorge*⁵⁵ onde, para além de pequenas notas relacionadas com algumas imprecisões que deveriam ser entendidas "não como crítica, mas como homenagem à memória venerada de Ricardo Jorge"⁵⁶ refere: "... apesar de constituído por elementos díspares e tão afastados no tempo, o livro apresenta uma certa unidade e, o que é mais, a sua leitura depressa se torna um agradável prazer intelectual. Contribui para isso, não apenas a elegância da prosa de Ricardo Jorge, mas ainda o tom de amena narrativa, sempre reavivada por agudas observações da vida e dos homens. E não lhe falta a nota cáustica de quem escreve para informar, e também para corrigir, no passado e no presente, os vícios dos seus compatriotas"⁵⁷. Em 1963, no periódico *Imprensa Médica* publica-se um texto póstumo de Ricardo Jorge: um artigo intitulado *Amato Lusitano*⁵⁸ e que é, afinal, a introdução da obra do higienista publicada em 1963.

José Lopes Dias — outro biógrafo de Amato

É extensa e valiosa a bibliografia sobre Amato Lusitano produzida por José Lopes Dias, compreendendo vários artigos dispersos em publicações periódicas e

algumas monografias. Refiram-se, por exemplo, os textos biográficos sobre Amato publicados no *Jornal do Médico*(1943)⁵⁹, na *Revista Portuguesa de Medicina*(1956)⁶⁰, na *Imprensa Médica*(1961)⁶¹, em *O Médico* (1965; 1969)⁶², no *Colóquio* (1969)⁶³ em *Estudos de Castelo Branco* (1970; 1971)⁶⁴.

Outros estudos versando sobre questões anatómicas, clínicas e terapêuticas na obra de Amato foram publicados por José Lopes Dias. Por exemplo: o problema das válvulas das veias⁶⁵; questões gerais de terapêutica (*Imprensa Médica*, 1945)⁶⁶; a sífilis (*Arquivos do Instituto de Farmacologia e Terapêutica Experimental*, 1944-45)⁶⁷; casos clínicos (*Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, 1969; *Semana Médica*, 1969)⁶⁸.

José Lopes Dias também se dedicou aos estudos sobre Amato Lusitano, dando, assim, um contributo para a história da história de Amato Lusitano. Assinalam-se, por exemplo, os trabalhos: *Ensaio do Dr. J. O. Leibowitz sobre Amato Lusitano* (*Imprensa Médica*, 1952)⁶⁹; *João Rodrigues de Castelo Branco e a crítica histórica* (1955)⁷⁰; a polémica mantida com Abílio Mendes a propósito de Amato, publicada em *O Médico e Estudos de Castelo Branco*⁷¹. Refira-se também o seu trabalho sobre o texto do humanista Ambrósio Nicanoro publicado em *Estudos de Castelo Branco* (1968)⁷².

José Lopes Dias legou-nos outros estudos fundamentais: *O Renascimento em Amato Lusitano e Garcia d'Orta* (*Estudos de Castelo Branco*, 1964)⁷³; os *Comentários ao "Index Dioscoridis"*⁷⁴; *O clima de Lisboa, de Castelo Branco e da Guarda, segundo os comentários de Amato Lusitano* (1968)⁷⁵ e outros textos⁷⁶.

A iconografia amatiana também foi objecto de estudo de José Lopes Dias que publicou sobre esta matéria⁷⁷, para além de vários textos alusivos às comemorações do IV Centenário de Amato⁷⁸. Ficaria incompleta esta abordagem sumária da bibliografia de José Lopes Dias sobre Amato se não referíssemos os textos de prefácio à publicação das *Centúrias* de Amato, publicados em colaboração com Firmino Crespo⁷⁹.

No conjunto da obra de José Lopes Dias sobressai o grosso volume de textos dispersos, publicado em 1971 como número autónomo da revista *Estudos de Castelo Branco*, intitulado *Biografia de Amato Lusitano e outros ensaios amatianos*⁸⁰ e, ainda, *Amato Lusitano. Doutor João Rodrigues de Castelo Branco. Ensaio bio bibliográfico* publicado em 1941⁸¹, trabalho que aborda as relações iniciais de Amato com Portugal, acompanha o percurso de Amato de Portugal para Espanha e depois a saída de Portugal para Antuérpia, Ferrara, Ancona, Roma, Ragusa e Salónica, incide sobre a actividade científica de Amato e ainda se dedica ao tema "Historiadores, críticos, amigos e tradutores. Testamento

profissional de Amato", um documento também importante na perspectiva da história da história.

Outros estudos e outros estudiosos

É longa a lista de autores e de estudiosos que publicaram em Portugal sobre Amato.

Alguns fizeram um retrato biográfico de Amato como é o caso de: Maximino Correia⁸², Diogo Barbosa Machado⁸³, Rodrigues de Gusmão⁸⁴, Sousa Viterbo⁸⁵, Abílio Mendes⁸⁶, Barbosa Sueiro⁸⁷, Ferreira de Mira⁸⁸, Xavier Morato⁸⁹, A. Tavares de Sousa⁹⁰, Eduardo Ricou⁹¹, José Manuel Pereira da Silva⁹², Garcia e Silva⁹³, Pires de Lima⁹⁴.

Em obras gerais de autores portugueses sublinhem-se, por exemplo, Maximiano Lemos que, ao referir-se aos estudos da anatomia no Renascimento, sublinha que para esse período "ocorre logo o nome de um português, notável por muitos outros títulos, João Rodrigues de Castelo Branco, mais conhecido pelo nome de Amato Lusitano"⁹⁵. Américo Pires de Lima Lima que refere que "a sua obra é notabilíssima e ocupa-se de vários ramos das ciências médicas"⁹⁶, sublinhando que Amato se mostrou, também, como um "grande naturalista, nos seus comentários às obras de Dioscórides"⁹⁷. M. Ferreira de Mira considerou que "os passos de Amato pelo mundo, e foram muitos, marcou-os ele próprio na sua obra científica: os *Comentários* aos dois primeiros livros de Dioscórides e as *Centúrias* de curas médicas"⁹⁸. A. Tavares de Sousa que considera Amato como "o mais ilustre médico português do século XVI".⁹⁹

Rocha Brito dedicou-se ao Juramento de Amato¹⁰⁰, publicando e ocasionando reflexões sobre a matéria¹⁰¹. Também teve semelhantes preocupações Miller Guerra¹⁰².

Silva Carvalho ocupou-se da relação de Amato com a urologia¹⁰³. José Paiva Boléo preocupou-se com a invenção do obturador palatino¹⁰⁴. Caria Mendes incidiu a sua atenção sobre Amato anatomista¹⁰⁵, tal como Quintino Rogado. Por seu turno Luís de Pina tem, entre outros, um interessante estudo sobre as ideias de Amato em questões psiquiátricas¹⁰⁶ e de colaboração com Olívia Ruber de Meneses um estudo sobre as relações da escola médica do Porto com os estudos biográficos de Amato¹⁰⁷. Miller Guerra interessou-se pela obra científica de Amato Lusitano¹⁰⁸. Costa Sacadura estudou um caso clínico de Amato¹⁰⁹.

Pelo seu valor historiográfico é de sublinhar com particular destaque a obra de A.J. Andrade Gouveia, *Garcia d'Orta e Amato Lusitano na ciência do seu tempo*, monografia com perto de 100 páginas e, do mesmo autor, *Posições de Garcia d'Orta e de Amato Lusitano na ciência do seu tempo*¹¹⁰.

A tradução das *Centúrias* e outros estudos

Firmino Crespo foi um tradutor das *Centúrias* de Amato. Legou-nos, também, alguns trabalhos de investigação sobre João Rodrigues¹¹¹ e colaborou noutros trabalhos de co-autoria com José Lopes Dias¹¹². Relativamente à tradução das *Centúrias*, assinala-se a edição, traduzida e prefaciada por Firmino Crespo, editada pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, obra em quatro volumes. No prefácio do primeiro volume Firmino Crespo faz um breve historial das traduções para português das *Centúrias* de Amato, desde a proposta de José Lopes Dias, passando pela publicação das três primeiras centúrias, em 1946, 1949 e 1956, na revista do Instituto de Oncologia e no Arquivo de Patologia e graças ao empenho de Francisco Gentil e de Mark Athias, passados mais de vinte anos, em 1979, Carlos dos Santos Reis intenta publicar as restantes *Centúrias* nos Anais do Instituto de Higiene e Medicina Tropical. Finalmente, a concretização, nos anos oitenta, em virtude do empenho de Luís Nuno Ferraz de Oliveira e da Faculdade de Ciências Médicas em patrocinar a edição completa das *Centúrias*. Assinala-se, muito recentemente, a reedição das *Centúrias* traduzidas por Firmino Crespo numa edição da Ordem dos Médicos. Trata-se de uma edição que retoma a versão de Firmino Crespo, com umas palavras de abertura de Pedro Nunes. Teria sido interessante que esta edição tivesse um estudo introdutório relevante, sobretudo quando se vivem os quinhentos anos do nascimento de Amato.

Muito úteis neste horizonte são, também, as publicações de Américo da Costa Ramalho¹¹³. Assinalem-se e sublinhem-se, também, os estudos actuais de António Manuel Lopes de Andrade sobre Amato Lusitano (vários aspectos biográficos) e ainda alguns estudos sobre algumas questões contextuais e familiares de Amato. É o caso de *Ciência, Negócio e Religião: Amato Lusitano em Antuérpia*¹¹⁴; *Os Senhores do Desterro de Portugal: Judeus portugueses em Veneza e Ferrara, em meados do século XVI*¹¹⁵; *As tribulações de Mestre João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano) à chegada a Antuérpia, em 1534, em representação do mercador Henrique Pires, seu tio materno*¹¹⁶; *A mundividência de Diogo Pires à luz da colectânea poética dos Xenia*¹¹⁷; *A Senhora e os destinos da Nação Portuguesa: o caminho de Amato Lusitano e de Duarte Gomes*¹¹⁸. Neste âmbito assinala-se ainda de António Andrade a entrada no *Dizionario storico dell'Inquisizione* sobre o tio de Amato, pai de Diogo Pires¹¹⁹.

Outros textos

Diversos artigos de reduzidas dimensões, tipo nota, abordam a figura de Amato. Compilámos textos

desta natureza em publicações como *O Bacilo* (1963)¹²⁰ e a *Revista da Associação Portuguesa de Clínicas Privadas de Hemodiálise* (1994)¹²¹.

Volumes monográficos e publicações periódicas

Um volume intitulado *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*, editado em Castelo Branco em 1955 e prefaciado por José Lopes Dias constitui também um valioso estudo colectivo sobre Amato. Nas 250 páginas da obra encontramos trabalhos de vários autores, alguns já referidos, sendo outros estrangeiros. É igualmente de registar o grosso volume de cerca de 200 páginas, comemorativo do IV Centenário de João Rodrigues de Castelo Branco — *Amato Lusitano*, prefaciado por José Lopes Dias e editado em 1968¹²².

A revista *Estudos de Castelo Branco* cuja publicação se iniciou em 1961 constitui um espólio de enorme valor para o estudo da vida e obra de Amato Lusitano, dada a qualidade dos artigos que encerra sobre o médico albi-castrense, muitos dos quais já referidos.

Incontornável é a publicação *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI — Cadernos de Cultura* pois apresenta para o estudo da vida e obra de Amato Lusitano, contributos muito diversificados de vários autores como António Andrade (já referido), Romero Bandeira¹²³, Maria de Lourdes Barata¹²⁴, Firmino Crespo¹²⁵, Fanny Xavier da Cunha¹²⁶, A.M. Lopes Dias¹²⁷, António Lourenço Marques¹²⁸, Albano Mendes de Matos¹²⁹, Manuel Lourenço Nunes¹³⁰, José Morgado Pereira¹³¹, Alfredo Rasteiro¹³², Maria Adelaide Neto Salvado¹³³, Daniel Cartucho, Gabriela Valadas¹³⁴, João Maria Nabais¹³⁵, Maria de Lurdes Cardoso¹³⁶, Maria de Fátima Paixão, Fátima Regina Jorge, Ana Isabel Flórida¹³⁷, Manuel Costa Alves¹³⁸, Maria José Leal¹³⁹, Aires Gameiro¹⁴⁰, Armando Moreno¹⁴¹, J.A. David de Moraes¹⁴², Isilda Teixeira Rodrigues¹⁴³, Pedro Salvado¹⁴⁴, António Romeiro Carvalho¹⁴⁵. De todos estes sublinhamos os nomes de Alfredo Rasteiro, António Lourenço Marques, José Morgado Pereira, Maria Adelaide Neto Salvado e Fanny Xavier da Cunha pelos estudos que têm realizado sobre Amato, sendo, igualmente dinamizadores importantes das *Jornadas e dos Cadernos de Cultura*. Nos últimos anos sublinhem-se os estudos de António Andrade integrados no projecto de investigação referido. Em 2011, ano de comemoração dos 500 anos de Amato Lusitano, os *Cadernos de Cultura* publicaram sobre Amato os seguintes estudos: António Andrade, *De Antuérpia a Ferrara: o caminho de Amato Lusitano*¹⁴⁶; Alfredo Rasteiro, *João Rodrigues Lusitano, Doutor Amato (1511-1568) e Armando Tavares de Sousa, estudioso de Amato*¹⁴⁷; João Maria Nabais, *Amato e*

*os médicos da diáspora: a face oculta das atribuições dos judeus portugueses*¹⁴⁸; Emílio Rivas Calvo; Carlos d'Abreu, *Amato Lusitano; na Universitatis Studii Salamantini*¹⁴⁹; Maria José Leal, *Amato, Inédia e Chi Kung: quebrando o circuito da fome*¹⁵⁰; António Lourenço Marques, *Amato Lusitano: o médico vai até ao fim*¹⁵¹; Aires Gameiro, *Amato Lusitano (1511-1568): identidade e cultura judaico-cristã europeia do século XVI*¹⁵².

Autores estrangeiros estudiosos de Amato que publicaram em Portugal

Vários autores estrangeiros publicaram sobre Amato Lusitano, designadamente em Portugal. Com frequência aborda-se a presença de Amato em Itália ou no extremo da Europa. É o caso de Jacob Seide¹⁵³, J. Nehama (1955)¹⁵⁴, Hirsh Rudy (1955)¹⁵⁵, Harry Friedenwald (1955)¹⁵⁶, Lavoslav Glesinger (*Estudos de Castelo Branco*, 1968)¹⁵⁷, Joshua O. Leibowitz (*Estudos de Castelo Branco*, 1961, 1968)¹⁵⁸, Ivolino de Vasconcelos¹⁵⁹, Marija Ana Dürriegl, Stella Fatovic Ferencic (*Acta Médica Portuguesa*, 2002)¹⁶⁰, Alfredo Pérez Alencart (*Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI — Cadernos de Cultura*)¹⁶¹.

Conclusão

Pelo que fica exposto, Amato Lusitano, figura maior da história da medicina portuguesa é igualmente uma referência na história da medicina internacional.

Apesar de tantos estudos, sendo uma boa parte muito recente, Amato Lusitano aguarda um trabalho historiográfico de grande fôlego, segundo os mais recentes e autorizados métodos da história cultural da ciência e da medicina.

Notas ao texto:

1 - João Rui Pita; Ana Leonor Pereira, Escritos maiores e menores sobre Amato Lusitano. *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI — Cadernos de Cultura*. 17 (2003) 6-17. O estudo publicado em 2003 foi retomado, sujeito a actualizações e aumentado. Este estudo realiza-se no âmbito da linha de investigação do CEIS20 da Universidade de Coimbra, "Fontes e bibliografia para a história da ciência em Portugal" e articula-se, também, com o projecto de investigação "Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano" do Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade — COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Projecto FCOMP-01-0124-FEDER-009102.

2 - Texto de caracterização da linha de investigação. Ver esta indicação no site do CEIS20: <http://www.ceis20.uc.pt>

3 - António Manuel Lopes Andrade, Projecto de Investigação "Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano". *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao séc. XXI — Cadernos de Cultura* 23 (2010) 5-9.

4 - Cf. Pedro Laín Entralgo, *Historia de la medicina*, Barcelona, Salvat, 1989, p. 312.

5 - Cf. *Idem*, *Ibidem*, p. 313.

6 - Ao lado de Amato Lusitano encontram-se os nomes de Jean Fernel, Giambattista da Monte, Francesco Valleriola, Peter van Forest, Reiner Sondermann, Schenck von Grafenberg, Félix Platter, etc.

7 - Cf. Pedro Laín Entralgo, *Historia de la medicina*, ob. cit., p. 313.
 8 - Cf. Idem, *Ibidem*, p. 313.
 9 - Cf. Idem, *Ibidem*, p. 313.
 10 - Cf. Idem, *Ibidem*, p. 313.
 11 - Cf. M. Salomon, "Amatus Lusitanus in seine Zeit", *Zeitschrift für klinische medizin*, 41-42, 1901.
 12 - Cf. Pietro Caparoni, Amato Lusitano e la sua testimonianza della scoperta delle valvole delle vene fatta da Giambattista Canano, Congresso, 1941.
 13 - Cf. H. Friedenwald, "Amatus Lusitanus", *Bulletin of the Institute of History of Medicine, Johns Hopkins University*, 4, 1937, pp. 14-15.
 14 - Cf. Ladoslav Glessinger, *Amatus Lusitanus*, Zagreb-Belgrado, 1940.
 15 - Cf. Aldo Mieli, *Amatus Lusitanus*, Archeion, Roma, 1910.
 16 - Cf. L. Samoggia, Aspetti del pensiero scientifico di Amato Lusitano, *Pagine di Storia della Medicina*, Ano X, nº 3, p. 14 (1966).
 17 - Cf., por exemplo, Francisco Guerra, *Historia de la medicina*, vol. 1, Madrid, Ediciones Norma, S.A., 1989, p. 294 e ss.; e 305 e ss.
 18 - Cf. Maria Luz López Terrada; Vicente L. Salvador Fabiani, "Le médecin de la Renaissance à l'aube des Lumières", In: Louis Callabert (Dir.), *Histoire du médecin*, Paris, Flammarion, 1999, p. 143 e ss.
 19 - Cf. N. S. Papaspyros, *The history of diabetes mellitus*, 2ª ed., Stuttgart, Georg Thieme Verlag, 1964. O autor refere que Amato teve deliradas preocupações com as causas de diabetes: excesso de comida, álcool e sexo (p. 15).
 20 - Cf. Meunier, *Histoire de la médecine. Depuis ses origines jusqu'à nos jours*, Paris, Librairie J.B. Baillière et Fils, 1911. Outra edição: Paris, Librairie E. le François, 1924. O autor faz uma breve súmula da vida de Amato, referindo-se à sua competência profissional, sobretudo em Ancona e refere a publicação das Centúrias (p. 216).
 21 - Cf., por exemplo, J. O. Leibowitz, "A probable case of peptic ulcer described by Amatus Lusitanus", *Journal of the History of Medicine and Allied Sciences*, 27, 1953, pp. 212-216; "Amatus Lusitanus and the Obliterator in Cleft Palates", *Bulletin of the History of Medicine*, 13, 1958, 492-503.
 22 - Cf. Hrovoje Tartalja, Les médicaments qu'Amatus Lusitanus utilisait à l'occasion de son travail à Dubrovnik. In: F.J. Puerto Sarmiento, — *Farmacia e industrialización. Homenaje al doctor Guillermo Folch Jou*, Madrid, Sociedad Española de Historia de la Farmacia, 1985, p. 237-246.
 23 - Cf. Licurgo dos Santos Filho, *História Geral da Medicina Brasileira*, vol. 1, Editora HUCITEC / Editora da Universidade de São Paulo, 1991. Diz o autor: "E João Rodrigues Castelo Branco (1511-1568), o celebrado 'Amato Lusitano', judeu português que estudou em Salamanca, clinicou em Castelo Branco e emigrou para Antuérpia, temeroso do Tribunal da Inquisição, reconheceu a púrpura e escreveu sobre as plantas medicinais das ilhas da Madeira e de São Tomé" p. 283.
 24 - Cf. A.G. Keller, "LUSITANUS, AMATUS (RODRIGUES, JOÃO)", In: Charles Gillispie Coulston (Ed.), *Dictionary of Scientific Biography*, vol. 8, New York, Charles Scribner's Sons, 1973, pp. 554-555.
 25 - Cf. Joshua O. Leibowitz, "Amatus Lusitanus (João Rodrigues de Castelo Branco)", *Encyclopedia Judaica*, Vol. 2, Jerusalem, Keter Publishing House Ltd., 1971, 795-797. Veja-se, também, por exemplo, "Amato Lusitano (Juan Rodrigo de Castelo Branco)", In: *Enciclopedia Judaica Castellana*, Mexico, Editorial Enciclopedia Judaica Castellana, S. de R.L., 1948, pp. 248-249.
 26 - Cf. José María López Piñero, *La medicina en la historia*, Madrid, La Esfera de los Libros, S.L., 2002, p. 207 e ss..
 27 - Cf. José María López Piñero, *La medicina en la historia*, ob.cit., p. 232.
 28 - Cf. Ugo Baldini, "Amatus Lusitanus (João Rodrigues de Castelo Branco)", In: Leen Spruit (ed.), *Catholic Church and Modern Science. Documents from the Archives of the Roman Congregations of the Holy Office and the Index*, Vol. 1 - 16th Century Documents, Roma, Libreria Editrice Vaticana, 2010, pp. 744-768.
 29 - Cf. IV Centenário de João Rodrigues de Castelo Branco — *Amato Lusitano* (Prefácio de José Lopes Dias), Castelo Branco, Estudos de Castelo Branco, 1968, p. 7.
 30 - Os resultados da nossa investigação aqui apresentados não pretendem ser um repertório completo da historiografia sobre Amato Lusitano.
 31 - Maximiano Lemos, *Amato Lusitano. A sua vida e a sua obra*, Porto, Eduardo Tavares Martins, editor, 1907, 212 p.
 32 - Maximiano Lemos, "Amato Lusitano — Correções e aditamentos", *Revista da Universidade de Coimbra*, 10, 1927, pp. 1-38.
 33 - Idem, *Ibidem*, p. 5. No artigo fazem-se aditamentos e correções a alguns dos capítulos da obra *Amato Lusitano. A sua vida e a sua obra*, Porto, Eduardo Tavares Martins, editor, 1907. Estão nesta situação aditamentos à presença de Amato em Antuérpia, em Ferrara e em Veneza.
 34 - Maximiano Lemos, "Amato Lusitano e as valvas das veias", *Gazeta Médica do Porto*, 4(2)1900, pp. 37-41.
 35 - Maximiano Lemos, "Médicos portugueses no estrangeiro. Século XVI" *Gazeta Médica do Porto*, 3(7-8) 1900, pp. 198-205.
 36 - Maximiano Lemos, "Amato Lusitano em Ferrara", *A Medicina Contemporânea*, 24(37)1906, pp. 294-296; 24(38)1906, pp. 299-301.
 37 - Maximiano Lemos, "Amato Lusitano (novas investigações)", *Revista de História*, 2, 1913, pp. 25-31; "Amato Lusitano: novas investigações", *Arquivos de História da Medicina Portuguesa*, Nova série, 6, 1915, pp. 1-12; 33-43; 89-96; 97-106; 129-145.
 38 - Maximiano Lemos, "Os trabalhos científicos de Amato", In: *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*, Castelo Branco, Câmara Municipal de Castelo Branco, 1955, pp. 37-56.
 39 - Ricardo Jorge, *Amato Lusitano. Comentários à sua vida, obra e época*, Lisboa, Edição do Centenário, 1963, p. 29.
 40 - Cf. Egas Moniz, *Do lado da medicina*, 1940, p. 247.
 41 - Ricardo Jorge, "Comentários à vida, obra e época de Amato Lusitano", *Arquivos de História da Medicina Portuguesa*, Nova série, 5, 1914, pp. 1-21; 97-119; 173-183; 6, 1915, pp. 161-175; 7, 1916, pp. 23-32; 47-57; 65-84. Ricardo Jorge publicou em 1910 "Mestres d'Amato em Salamanca" em *Arquivos de História da Medicina Portuguesa*, Nova série, 1(1)1910, pp. 3-12. Veja-se, também, "Celestina (La) em

Amato Lusitano", *A Medicina Contemporânea*, 26:52 (1908) 410-411.
 42 - Ricardo Jorge, "Comentários à vida, obra e época de Amato Lusitano (d'um livro a publicar)", *Arquivos de História da Medicina Portuguesa*, Nova série, 5, 1914, p. 8.
 43 - Ricardo Jorge, "Comentários à vida, obra e época de Amato Lusitano (d'um livro a publicar)", *A Medicina Contemporânea*, 26(25)1908, pp. 193-196.
 44 - Ricardo Jorge, "Comentários à vida, obra e época de Amato Lusitano", *A Medicina Contemporânea*, 26(34)1908, pp. 265-268.
 45 - Ricardo Jorge, "Comentários à vida, obra e época de Amato Lusitano", *Clínica, Higiene e Hidrologia*, 2(9) 1936, pp. 331-337.
 46 - Idem, *Ibidem*.
 47 - Idem, *Ibidem*.
 48 - Idem, *Ibidem*, p. 331.
 49 - Diz-nos Ricardo Jorge: "Há três anos, prestava-se bizarramente o dr. Joaquim de Carvalho à feitura duma edição total na Imprensa da Universidade que, para cúmulo de má sorte e dano irreparável das nossas letras, foi incontinenti fechada. A instâncias do redactor desta revista [*Clínica, Higiene e Hidrologia*] o dr. Armando Narciso, será agora arrancada ao esquecimento esta 2ª parte, depois de 26 anos de sono pesado nas gavetas" (Ricardo Jorge, "Comentários à vida, obra e época de Amato Lusitano", *Clínica, Higiene e Hidrologia*, 2(9) 1936, p. 331).
 50 - Cf. Ricardo Jorge, "Comentários à vida, obra e época de Amato Lusitano", In: *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*, Castelo Branco, Câmara Municipal de Castelo Branco, 1955, pp. 57-123.
 51 - Ricardo Jorge, *Amato Lusitano. Comentários à sua vida, obra e época*, Lisboa, Edição do Centenário, 1963.
 52 - Cf. O que nos diz a este propósito José Lopes Dias em "João Rodrigues de Castelo Branco e a crítica histórica". In: *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*, Castelo Branco, Câmara Municipal de Castelo Branco, 1955, p. 17.
 53 - A obra *Amato Lusitano. Comentários à sua vida, obra e época*, Lisboa, Edição do Centenário, 1963 tem um total de 278 páginas.
 54 - Referimo-nos a Maximiano Lemos, *Amato Lusitano. A sua vida e a sua obra*, Porto, Eduardo Tavares Martins, editor, 1907.
 55 - Cf. Américo da Costa Ramalho, "A propósito do 'Amato Lusitano' de Ricardo Jorge", *Revista Portuguesa de História*, 10, 1962, pp. 501-508. Veja-se também em "A propósito do 'Amato Lusitano' de Ricardo Jorge", In: *Estudos sobre a época do Renascimento*, Coimbra, 1969, pp. 187-195.
 56 - Américo da Costa Ramalho, "A propósito do 'Amato Lusitano' de Ricardo Jorge", *Revista Portuguesa de História*, 10, 1962, p. 501.
 57 - Cf. Américo da Costa Ramalho, "A propósito do 'Amato Lusitano' de Ricardo Jorge", *Revista Portuguesa de História*, 10, 1962, p. 501.
 58 - Ricardo Jorge, "Amato Lusitano", *Imprensa Médica*, 28(2)1963, pp. 58-68.
 59 - Cf. José Lopes Dias, "Amato Lusitano", *Jornal do Médico*, 3(66)1943, pp. 417-418.
 60 - Cf. José Lopes Dias, "[Amato Lusitano]", *Revista Portuguesa de Medicina*, 5(6)1956, pp. 178-181.
 61 - Cf. José Lopes Dias, "Laços familiares de Amato Lusitano e Filipe Montalto (novas investigações)", *Imprensa Médica*, 25(1)1961, pp. 22-36; 25(2)1961, pp. 53-69.
 62 - Cf. José Lopes Dias, "Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)", *O Médico*, Nova série, 35(721)1965, p. 947; "IV Centenário de João Rodrigues de Castelo Branco", *O Médico*, Nova série, 50(916), 1969, pp. 1213-1214.
 63 - Cf. José Lopes Dias, "Pré-memória do Dr. João Rodrigues de Castelo Branco — Amato Lusitano (1511—1568)", *Colóquio*, 2, 1969, pp. 58-63.
 64 - Cf. José Lopes Dias, "João Roiz de Castell Branco — Poeta do 'Cancioneiro Geral' de Garcia de Rezende, e João Rodrigues de Castelo Branco, Amato Lusitano — Insigne Médico do Séc. XVI", *Estudos de Castelo Branco*, 34, 1970, pp. 5-18; "Biografia de Amato Lusitano e outros ensaios amatianos", *Estudos de Castelo Branco*, 37, 1971, pp. 3-234.
 65 - Cf. José Lopes Dias, "Nota especial sobre a descoberta das válvulas das veias na cátedra de anatomia de Ferrara, durante o ano de 1547", In: *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*, Castelo Branco, Câmara Municipal de Castelo Branco, 1955, pp. 125-136.
 66 - Cf. José Lopes Dias, "Terapêutica de Amato Lusitano", *Imprensa Médica*, 11(4)1945, pp. 54-56; 11:6 (1945) 84-88; 12(3)1946, pp. 36-42; 12(4)1946, pp. 53-58.
 67 - Cf. José Lopes Dias, "Terapêutica da sífilis em Amato Lusitano", *Arquivos do Instituto de Farmacologia e Terapêutica Experimental*, 8, 1944-1945, pp. 7-36.
 68 - Cf. José Lopes Dias, "Apontamento breve sobre Amato Lusitano (casos clínicos de Portugal e dos portugueses)", *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, 133(6)1969, pp. 495-505; José Lopes — Apontamentos sobre Amato Lusitano (casos clínicos de Portugal e dos portugueses), *Semana Médica*, 11:512 suplemento (1969) 1-3.
 69 - Cf. José Lopes Dias, "Ensaio do Dr. J. O. Leibowitz sobre Amato Lusitano", *Imprensa Médica*, 16(10)1952, pp. 495-502.
 70 - Cf. José Lopes Dias, "João Rodrigues de Castelo Branco e a crítica histórica", In: *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*, Castelo Branco, Câmara Municipal de Castelo Branco, 1955, pp. 7-36. Este trabalho foi retomado e alterado nalgumas partes e novamente publicado com o título "Biógrafos, críticos e adversários de Amato Lusitano". Cf. José Lopes Dias, José Lopes, "Biografia de Amato Lusitano e outros ensaios amatianos", *Estudos de Castelo Branco*, 37, 1971, pp. 3-234.
 71 - Cf. José Lopes Dias, "Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano) [artigo de polémica com Abílio T. Mendes]", *O Médico*, Nova série, 36(724)1965, pp. 150-155; "Um desafinado dueto de médicos, sobre Amato Lusitano", *Estudos de Castelo Branco*, 19, 1966, pp. 106-126.
 72 - Cf. José Lopes Dias, "Elogio de Amato Lusitano pelo humanista Ambrósio Nicandro", *Estudos de Castelo Branco*, 26, 1968, pp. 164-171.
 73 - José Lopes Dias, "O Renascimento em Amato Lusitano e Garcia d'Orta", *Estudos de Castelo Branco*, 11, 1964, pp. 5-34.

- 74 - José Lopes Dias, *Comentários ao "Index Dioscoridis" de Amato Lusitano*, Castelo Branco, Gráfica S. José, 1968, 28 p.; "Comentários ao "Index Dioscoridis" de Amato Lusitano". In: *Centenário (IV) de João Rodrigues de Castelo Branco — Amato Lusitano*, Castelo Branco, Estudos de Castelo Branco, 1968, pp. 87-109; "Comentários ao "Index Dioscoridis" de Amato Lusitano", *Estudos de Castelo Branco*, 28, 1968, pp. 135-157; "O Index Dioscoridis de Amato Lusitano", *Semana Médica*, 11(521)1969, pp. 16-18; 11(522)1969, pp. 14-20; "Comentários ao "Index Dioscoridis" de Amato Lusitano", *O Médico*, Nova série, 50(905), 1969, pp. 156-167.
- 75 - Cf. José Lopes Dias, "O clima de Lisboa, de Castelo Branco e da Guarda, segundo os comentários de Amato Lusitano", *Estudos de Castelo Branco*, 25, 1968, pp. 138-156.
- 76 - José Lopes Dias, "Médicos portugueses da renascença vizinhos da Estremadura espanhola", *O Médico*, Nova série, 66(1114)1973, pp. 110-119; "Médicos portugueses da renascença vizinhos da estremadura espanhola", *Notícias Médicas*, 2(97) 1973, p. 10; 15; 2(98)1973, p. 10; 15.
- 77 - Cf. José Lopes Dias "Iconographic memento on Amato Lusitanus (1511-1568)". In: *Centenário (IV) de João Rodrigues de Castelo Branco — Amato Lusitano*, Castelo Branco, Estudos de Castelo Branco, 1968, pp. 69-86; "Iconographic memento on Amatus Lusitanus (1511-1568)", *Estudos de Castelo Branco*, 28, 1968, pp. 117-130 com tradução inglesa para "Memória iconográfica sobre Amato Lusitano", *Estudos de Castelo Branco*, 28, 1968, pp. 131-134.
- 78 - Cf. por exemplo, José Lopes Dias, "Prefácio". In: *Centenário (IV) de João Rodrigues de Castelo Branco — Amato Lusitano*, Castelo Branco, Estudos de Castelo Branco, 1968, pp. 7-12; José Lopes Dias, "IV Centenário de João Rodrigues de Castelo Branco", *O Médico*, Nova série, 50(916)1969, pp. 1213-1214.
- 79 - Cf., por exemplo, José Lopes Dias; Firmino Crespo (Introdução e notas), "Primeira Centúria de Curas Médicas de João Rodrigues de Castelo Branco (Amatus Lusitanus)", *Arquivo de Patologia*, 16 (1944) I-LIX. José Lopes Dias; Firmino Crespo, (Introdução e notas), "Segunda Centúria de Curas Médicas de João Rodrigues de Castelo Branco (Amatus Lusitanus)", *Arquivo de Patologia*, 20 (1948). José Lopes Dias; Firmino Crespo, "Terceira Centúria de Amato Lusitano. Fragmentos da Introdução", *Clínica Contemporânea*, 7:3 (1953) 186-193. José Lopes Dias; Firmino Crespo (Introdução e notas), "Primeira Centúria de Curas Médicas de João Rodrigues de Castelo Branco (Amatus Lusitanus)", *Arquivo de Patologia*, 16 (1944) I-LIX. José Lopes Dias; Firmino Crespo (Introdução e notas), "Segunda Centúria de Curas Médicas de João Rodrigues de Castelo Branco (Amatus Lusitanus)", *Arquivo de Patologia*, 20 (1948).
- 80 - Cf. José Lopes Dias, "Biografia de Amato Lusitano e outros ensaios amatanianos", *Estudos de Castelo Branco*, 37, 1971, pp. 3-234.
- 81 - Cf. José Lopes Dias, *Amato Lusitano. Doutor João Rodrigues de Castelo Branco. Ensaio biobibliográfico*, Lisboa, 1942. Este texto foi apresentado ao Congresso sobre a Actividade Científica Portuguesa (1940), constando no volume XIII do livro das comunicações.
- 82 - Cf. Maximino Correia, "[Amato Lusitano]. *Revista Portuguesa de Medicina*, 5:6 (1956) pp. 181-184; Comemorações do IV Centenário da morte de Amato Lusitano, *Estudos de Castelo Branco*, 27(1968) pp. 5-21; Alguns passos da vida de Amato Lusitano. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Ciências*, 12(1968) pp. 117-134; "Comemoração do IV Centenário da morte de Amato Lusitano na Academia das Ciências de Lisboa". In: *Centenário (IV) de João Rodrigues de Castelo Branco — Amato Lusitano*, Castelo Branco, Estudos de Castelo Branco, 1968, pp. 13-28.
- 83 - Cf. Diogo Barbosa Machado, "Amato Lusitano". In: *Bibliotheca Lusitana*, Tomo 1, Coimbra, Atlântida Editora, 1965, pp. 128-130 (Facsimile da edição de Lisboa, Na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741).
- 84 - F. A. Rodrigues de Gusmão, "João Rodrigues de Castelo Branco", *Coimbra Médica*, 5:10 (1885) pp. 170-171.
- 85 - Cf. Sousa Viterbo, "Amato Lusitano", *A Medicina Contemporânea*, 25:13 (1907) 98-100; "Bibliografia. Amato Lusitano. A sua vida e a sua obra por Maximiano Lemos. 1 vol. De 212 pag. Porto 1907", *A Medicina Contemporânea*, 25:11 (1907) pp. 82-84.
- 86 - Cf. Abílio T. Mendes, "Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano) [artigo de polémica com José Lopes Dias]. Ao Dr. José Lopes Dias", *O Médico*, Nova série, 36:723 (1965) 100-101; "Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano) — Nota biográfica", *O Médico*, Nova série, 34:714 (1965) pp. 430-431.
- 87 - Cf. Barbosa M.B. Sueiro, "A propósito de Amato Lusitano", *Imprensa Médica*, 9(13-14) 1943, pp. 210; 221.
- 88 - Cf. Ferreira de Mira, "Amato Lusitano", *Médico Policlínico*, 3:44 (1980) pp. 41-44.
- 89 - Cf. Xavier Morato, "[Amato Lusitano]", *Revista Portuguesa de Medicina*, 5:6 (1956) pp. 1172-174.
- 90 - Cf. A. Tavares de Sousa, "[Amato Lusitano]", *Revista Portuguesa de Medicina*, 5:6 (1956) pp. 174-178; "No quarto centenário da morte de Amato Lusitano". In: *Centenário (IV) de João Rodrigues de Castelo Branco — Amato Lusitano*, Castelo Branco, Estudos de Castelo Branco, 1968, pp. 177-189; "No quarto centenário da morte de Amato Lusitano", *Coimbra Médica*, 16:4, 3ª série (1969) pp. 303-314; "No quarto centenário da morte de Amato Lusitano", *Estudos de Castelo Branco*, 29 (1969) pp. 8-20. Veja-se, também, "La valeur de l'oeuvre scientifique de Amatus Lusitanus, quatre siècles après sa mort", *Clio Médica, Acta Academiae Internationalis Historiae Medicinae*, 7(1972) pp. 69-72.
- 91 - Cf. Eduardo Ricou, "A longa jornada de Amato Lusitano", *Jornal do Médico*, 125:2293 (1988) p. 732.
- 92 - Cf. José Manuel Pereira da Silva, "Acerca de Amato Lusitano", *Estudos de Castelo Branco*, 17 (1965) 130-134; *Acerca de Amato Lusitano, Itinerário*, 1 (Março-Abril 1965).
- 93 - Cf. L. Garcia e Silva, "Amato Lusitano: um médico europeu no tempo dos descobrimentos", *Acta Médica Portuguesa*, 2ª série, 3:5 (1990) pp. 297-300.
- 94 - Cf. F.C. Pires de Lima, "Amato Lusitano". In: *Verbo. Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Lisboa, Editorial Verbo, s.d., 1621-1622.
- 95 - Cf. Maximiano Lemos, *História da medicina em Portugal. Doutrinas e instituições*, Lisboa, Publicações Dom Quixote/Ordem dos Médicos, 1991, p. 189.
- 96 - Cf. J.A. Pires de Lima, *Epítome de história da medicina portuguesa*, Porto, Portucalense Editpra, SARL, 1943, p. 41.
- 97 - Idem, *Ibidem*.
- 98 - M. Ferreira de Mira, *História da medicina portuguesa*, Lisboa, Edição da Empresa Nacional de Publicidade, 1948, p. 110.
- 99 - Cf. A. Tavares de Sousa, *Curso de história da medicina. Das origens aos fins do século XVI*, 2ª edição, Lisboa, FCG, 1996, p. 304. Na primeira edição da obra vide página 300.
- 100 - Sobre o juramento de Amato vejamos, por exemplo, os artigos: "Juramento (O) de Amato Lusitano", *Médico Hospitalar*, 12 (1998) pp. 31-32 e "Juramento de Amato Lusitano (um dos notáveis documentos médicos da renascença)", *Clínica Contemporânea*, 3:28 (1949) pp. 1622-1623.
- 101 - A. Rocha Brito, "Poeira dos arquivos — juramento de Amato Lusitano", *Coimbra Médica*, 4(1) 2ª série, 1937, pp. 33-38.
- 102 - Cf. Miller Guerra, "Amati Jusjurandum". In: *Centenário (IV) de João Rodrigues de Castelo Branco — Amato Lusitano*, Castelo Branco, Estudos de Castelo Branco, 1968, pp. 173-175. "Amati Jusjurandum", *Estudos de Castelo Branco*, 29(1969) pp. 5-7.
- 103 - Cf. Augusto da Silva Carvalho, "João Rodrigues na história da urologia". In: *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*, Castelo Branco, Câmara Municipal de Castelo Branco, 1955, pp. 137-141.
- 104 - Cf. José de Paiva Boleão, "Amatus Lusitanus, the inventor the palatine obturator", *Estudos de Castelo Branco*, 28, 1968, pp. 205-213; tradução em "Amatus Lusitanus inventor do obturador palatino", *Estudos de Castelo Branco*, 28, 1968, 213. Veja-se também em "Amatus Lusitanus, the inventor the palatine obturator". In: *Centenário (IV) de João Rodrigues de Castelo Branco — Amato Lusitano*, Castelo Branco, Estudos de Castelo Branco, 1968, pp. 159-172.
- 105 - Cf. J. Caria Mendes, "Amatus Lusitanus anatomista", *Estudos de Castelo Branco*, 28(1968) pp. 179-204. "Amatus Lusitanus anatomista". In: *Centenário (IV) de João Rodrigues de Castelo Branco — Amato Lusitano*, Castelo Branco, Estudos de Castelo Branco, 1968, pp. 133-158; "Amatus Lusitanus anatomista", *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, 35 (1971) pp. 269-291; "Amatus Lusitanus", *Notícias Médicas*, 18:1812 (1989) pp. 11-12. Veja-se o trabalho de colaboração J. P. Miller Guerra; J. Caria Mendes; L. Quintino Rogado, "As válvulas das veias ázigos. As experiências de Amatus Lusitanus e a posição actual do problema", *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, 135:1 (1970) pp. 35-59. Ver também "As válvulas das veias ázigos. As experiências de Amatus Lusitanus e a posição actual do problema", *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, 35 (1971) pp. 147-167.
- 106 - Cf. Luís de Pina, "Amato Lusitano na história da psiquiatria portuguesa". In: *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*, Castelo Branco, Câmara Municipal de Castelo Branco, 1955, pp. 143-175. Veja-se também de Luís de Pina, "Amato Lusitano — lusitano e europeu", *Imprensa Médica*, 20:6 (1956) pp. 342-350. Veja-se uma biografia muito sintética de "Amato em [Amato Lusitano]", *Revista Portuguesa de Medicina*, 5:6 (1956) pp. 168-172.
- 107 - Cf. Luís de Pina; Maria Olívia Rúber de Meneses, "A Escola Médica do Porto nos estudos biográficos e críticos de Amato Lusitano", *Estudos de Castelo Branco*, 28(1968) pp. 96-116. Veja-se também em: "A Escola Médica do Porto nos estudos biográficos e críticos de Amato Lusitano (no 4º centenário da sua morte)". In: *Centenário (IV) de João Rodrigues de Castelo Branco — Amato Lusitano*, Castelo Branco, Estudos de Castelo Branco, 1968, pp. 47-67.
- 108 - Cf. Miller Guerra, "A obra científica de Amato Lusitano", *Estudos de Castelo Branco*, 26(1968) pp. 22-32; "A obra científica de Amato Lusitano", *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Ciências*, 12 (1968) pp. 135-146. Ver também "A obra científica de Amato Lusitano". In: *Centenário (IV) de João Rodrigues de Castelo Branco — Amato Lusitano*, Castelo Branco, Estudos de Castelo Branco, 1968, pp. 29-39. Veja-se o texto de colaboração: J. P. Miller Guerra; J. Caria Mendes; L. Quintino Rogado "As válvulas das veias ázigos. As experiências de Amatus Lusitanus e a posição actual do problema", *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, 135:1 (1970) pp. 35-59. Ver também "As válvulas das veias ázigos. As experiências de Amatus Lusitanus e a posição actual do problema", *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, 35 (1971) pp. 147-167.
- 109 - Cf. Costa Sacadura, "Certo caso, admirável mas verdadeiro, de uma mulher grávida, de que nos fala Amatus Lusitanus em 1564, repetido em nossos dias", *A Medicina Contemporânea*, 73:7 (1955) pp. 347-350.
- 110 - Cf. A.J. Andrade Gouveia, *Garcia d'Orta e Amato Lusitano na ciência do seu tempo*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1985, 93 p.; do mesmo autor, "Posições de Garcia d'Orta e de Amato Lusitano na ciência do seu tempo". In: *História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal*, vol. 1, Lisboa, Publicações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa, 1986, pp. 303-333. Veja-se "Severo de Melo, Garcia de Orta e Amato Lusitano na ciência do seu tempo", *Vértice*, 46:470-472 (1986) p. 189.
- 111 - Cf. Firmino Crespo, "Amato Lusitano revelado através da sua obra". In: *Centenário (IV) de João Rodrigues de Castelo Branco — Amato Lusitano*, Castelo Branco, Estudos de Castelo Branco, 1968, pp. 193-204; "Amato Lusitano revelado através da sua obra", *Estudos de Castelo Branco*, 29 (1969) pp. 23-24; "Bristol e Londres nas Centúrias de Amato Lusitano", *Occidente*, 76:369(1969) pp. 4-5; "Amatus Lusitano, professor universitário de Ferrara", *Occidente. Revista Portuguesa de Cultura*, Nova Série, 80:393 (1971) pp. 36-38; "Alguns aspectos da vida e obra de Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX — Cadernos de Cultura*, 8 (1994) pp. 3-4.
- 112 - Cf. Firmino Crespo; José Lopes Dias (tradução), "Cura de Amato Lusitano de uma queda por coice de cavalo", *Imprensa Médica*, 19:1 (1955) pp. 61-62; Firmino Crespo; José Lopes Dias, "Escorço biográfico [de Amato Lusitano]". In: *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*, Castelo Branco, Câmara Municipal de Castelo Branco, 1955, pp. 215-250.
- 113 - Cf. Américo da Costa Ramalho, "Prefácio". In: Mário Santoro, *Amato Lusitano ed Ancona*, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra /

Instituto Nacional de Investigação Científica, 1991, 177 p. Vejam-se os artigos "A propósito do 'Amato Lusitano' de Ricardo Jorge", *Revista Portuguesa de História*, 10, 1962, pp. 501-508. Veja-se também "A propósito do 'Amato Lusitano' de Ricardo Jorge", In *Estudos sobre a época do Renascimento*, Coimbra, 1969, pp. 187-195.

114 - António Manuel Lopes Andrade, "Ciência, Negócio e Religião: Amato Lusitano em Antuérpia", In Inês de Ornellas e Castro; Vanda Anastácio (coord.), *Revisitar os Saberes - Referências Clássicas na Cultura Portuguesa do Renascimento à Época Moderna*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010, p. 9-49.

115 - António Manuel Lopes Andrade, "Os Senhores do Desterro de Portugal: Judeus portugueses em Veneza e Ferrara, em meados do século XVI", *Veredas - Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, 6 (2006) pp. 65-108.

116 - António Manuel Lopes Andrade, "As tribulações de Mestre João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano) à chegada a Antuérpia, em 1534, em representação do mercador Henrique Pires, seu tio materno", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao século XXI - Cadernos de Cultura*, 23 (2009) pp. 7-14.

117 - António Manuel Lopes Andrade, "A mundividência de Diogo Pires à luz da colectânea poética dos *Xenia*", Francisco de Oliveira; Cláudia Teixeira; Paula Barata Dias (Coords.), *Espaços e Paisagens: Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas*, Vol. 2. *Línguas e Literaturas. Idade Média. Renascimento. Recepção*, Coimbra: Associação Portuguesa de Estudos Clássicos - Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2009, p. 345-351. Trata-se de uma colectânea poética que resultou da parceria entre Diogo Pires e Amato, amigos e primos diretos, inspirada em parte nos comentários a Dioscórides.

118 - António Manuel Lopes Andrade, "A Senhora e os destinos da Nação Portuguesa: o caminho de Amato Lusitano e de Duarte Gomes", *Cadernos de Estudos Sefarditas* 10-11 (2011), pp. 87-130.

119 - António Manuel Lopes Andrade, s. v. PIREZ, Henrique: *Dizionario storico dell'Inquisizione*, diretto da Adriano Prosperi con la collaborazione di Vincenzo Lavenia e John Tedeschi. Pisa: Edizioni della Normale, 2010.

120 - Cf. João Rodrigues Castelo Branco, "Amato Lusitano (1511-1568)", *O Bacilo*, 3ª série, 2 (1963) pp. 3-15-16.

121 - Cf. "História (Da)... João Rodrigues de Castelo Branco", *Revista da Associação Portuguesa de Clínicas Privadas de Hemodiálise*, 1 (1994) p. 21.

122 - Cf. Centenário (IV) de João Rodrigues de Castelo Branco - *Amato Lusitano* (Prefácio de José Lopes Dias), Castelo Branco, Estudos de Castelo Branco, 1968, 204 p.

123 - Cf. Romero Bandeira, "Amato, médico sem fronteiras", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 10 (1996) pp. 45-46. Romero Bandeira; José Viana Pinheiro; Mário Lopes, "Evolução e conceitos revendo o Juramento de Amato. O segredo na iatrofísica", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 6 (1993) pp. 22-23.

124 - Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata, "Um poder do fogo - de Amato Lusitano aos poetas", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 14 (2000) 58-63.

125 - Cf. Firmino Crespo, "Alguns aspectos da vida e obra de Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 8 (1994) pp. 3-4.

126 - Cf. Fanny André Font Xavier da Cunha, "A arte de curar em Amato Lusitano (1511-1568) e o quotidiano terapêutico português no século XVIII. Panaceias nossas de cada dia, 'ontem e hoje'", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 9 (1995) pp. 11-19; "A alimentação na obra de Amato Lusitano (1511-1568)", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 11 (1997) pp. 9-14; "A água, medicina universal, e Amato Lusitano (1511-1568)", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 13 (1999) pp. 10-16; "O 'fogo' na obra de Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 14 (2000) pp. 30-33; "A cultura clássica nas obras de dois grandes autores-médicos naturais da Beira Interior: Amato Lusitano e Ribeiro Sanches", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 15 (2001) pp. 30-37; "Amato Lusitano (1511-1568) e o homem desse desconhecido", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 20 (2006) pp. 42-45; "As terapêuticas preferenciais de Amato Lusitano (1511-1568) e seu ressurgimento", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 21 (2007) pp. 32-35; "A cirurgia na obra de Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 23 (2009) pp. 20-22.

127 - Cf. A. M. Lopes Dias, "Algumas plantas aromáticas usadas por Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 5 (1992) pp. 16-18; "Plantas usadas por Amato Lusitano. Sua localização em solos aráveis do Distrito de Castelo Branco, algumas em perigo de extinção", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 6 (1993) pp. 24-28; "Estudo da Primeira Centúria de Amato Lusitano - O uso das plantas, imagens de aromáticas da região da Serra da Estrela e abordagem da sua composição florística", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 8 (1994) pp. 11-16; "Notícias das plantas medicinais e aromáticas da 2ª Centúria de Amato Lusitano. Acheques para o estudo da ecologia de vegetação da Beira Interior", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 9 (1995) pp. 25-30; "A influência mediterrânica na vida científica do século XVI. A botânica da bacia mediterrânica em Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 11 (1997) pp. 32-36.

128 - Cf. António Lourenço Marques, "Para a história da morte do século XVI. A certificação da morte em Amato Lusitano e as novas artes de morrer em Frei Heitor Pinto", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 2 (1990) pp. 26-30; "A medicina e o médico perante o doente incurável e moribundo no século XVI - testemunhos de Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 4 (1991)

pp. 13-15; "A realidade da dor nas curas de Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 5 (1992) pp. 19-22; "A velhice no tempo de Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, "A procura da idade do cancro nas Centúrias de Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 9 (1995) pp. 21-24; "Amarguras do nascimento e o gênio de Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 10 (1996) pp. 21-24; "O vinho na época de Amato Lusitano: consolo, sustento e alívio", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 11 (1997) pp. 23-26; "A água e a vida quotidiana à luz das IV e V centúrias de curas medicinais de Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 13 (1999) pp. 19-21; "Os quatro elementos e a vida quotidiana dos doentes na obra de Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 14 (2000) pp. 34-37; "Amato Lusitano e o uso da palavra médica na tradição hipocrática", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 15 (2001) pp. 25-29; "Os temas Universais em Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 16 (2002) pp. 25-28; "Saberes efêmeros duradouros - o caso da sangria com passagem por Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 18 (2004) pp. 38-43; "Sentir dor no tempo de Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 20 (2006) pp. 37-41.

129 - Cf. Albano Mendes de Matos, "A mulher e as suas doenças em Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 10 (1996) 9-11; "Os produtos de origem animal na terapêutica de Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 12 (1998) pp. 13-19.

130 - Cf. Manuel Lourenço Nunes, "A saúde oral em Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 12 (1998) pp. 25-26.

131 - Cf. José Morgado Pereira, "A melancolia nas centúrias de Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 7 (1993) pp. 3-5; "A doença e a condição feminina em Amato", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 12 (1998) pp. 21-23; "Os comportamentos alimentares nas centúrias de curas medicinais", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 12 (1998) pp. 4-7; "A ironia em Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 13 (1999) pp. 30-33; "A epilepsia nas Centúrias de Curas Medicinais", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 15 (2001) pp. 22-24; "Amato Lusitano e as fronteiras da prática médica", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 16 (2002) pp. 29-32; "Considerações sobre o Morbo Gallico nas Centúrias de Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 17 (2003) pp. 31-35.

132 - Cf. Alfredo Rasteiro, "João Rodrigues de Castelo Branco e a solidariedade médica na luta contra a doença e a morte", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 1 (1989) pp. 16-18; "Memória de Amato", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 5 (1992) pp. 3-7; "Amato, Vesúlio, Paré e os traumatismos da cabeça em 1559", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 6 (1993) pp. 20-21; "Amato, Montalto e a arte dos olhos nos séculos XVI e XVII", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 8 (1994) pp. 5-9; "Amato e os nasci", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 9 (1995) pp. 3-10; "A mulher, o sofrimento e a compaixão na obra de Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 10 (1996) pp. 13-20; "A receita do 'manjar de fígados' do Doutor Amato Lusitano (1511-1568)", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 11 (1997) pp. 3-7; "Salamanca e os Lusitanos", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 11 (1997) pp. 66-69; "Índias de Castela e Índias de Portugal na obra de Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 12 (1998) pp. 8-11; "A água em 'De Medica Materia', Dioscórides, segundo Amato Lusitano e Andres Laguna", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 13 (1999) pp. 5-9; "Quatro elementos, reacção Hipocrática, Amato Lusitano e 'O Múmia', *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 14 (2000) pp. 13-18; "Cultura clássica, barbarismos e arcaísmos em Amato Lusitano (1511-1568)", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 15 (2001) pp. 10-14; "Amato Lusitano - Fronteiras políticas, religiosas e linguísticas", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 16 (2002) pp. 11-18; "Religião, medicação e informação / desinformação na época de Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 17 (2003) pp. 18-22; "Amato Lusitano e a medicina das navegações no século XVI", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 18 (2004) pp. 24-28; "Amato Lusitano (1511-1568). Tensões e diferenças na Europa do século XVI", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 19 (2005) pp. 6-16; "Escorbuto, pepinos, inquisição e opúncias na época de Amato Lusitano (1511-1568)", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 20 (2006) pp. 23-36; "Amato Lusitano (1511-1568). Religião e imagem", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 21 (2007) pp. 28-31; "Calcanhar de Amato", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 22 (2008) pp. 17-25; "Amigos de Amato, cidadãos do mundo", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 23 (2009) pp. 15-19; "O Juramento do Doutor Amato e o compromisso dos essênios", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 24 (2010).

- 133 - Cf. Maria Adelaide Neto Salvado, "O espaço geográfico nas centúrias de Amato", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 5 (1992) pp. 9-15; "Catástrofes naturais na visão de Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 6 (1993) pp. 15-19; "A mulher do século XVI no olhar de Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 10 (1996) pp. 3-8; "Os frutos e as leguminosas nas Centúrias de Curas Mediciniais de Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 11 (1997) pp. 15-21; "As águas santas - das velhas crenças à voz de Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 13 (1999) pp. 23-29; "Os quatro elementos, os astros, as doenças e o homem - a visão de Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 14 (2000) pp. 21-28; "A História Natural de Plínio, o Velho, no olhar de Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 15 (2001) pp. 15-21; "Amato Lusitano - Médico sem fronteiras em Ragusa do Século XVI", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 16 (2002) pp. 19-24; "De Amato Lusitano a Mircea Eliade - os elos de religião", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 17 (2003) pp. 23-30; "O 'mau olhar' em dois tratados de médicos portugueses contemporâneos de Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 19 (2005) pp. 25-35; "De um caso de raiva contado por Amato Lusitano, em Salônica do século XVI, aos casos de raiva na região de Castelo Branco em finais do século XIX", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 20 (2006) pp. 47-54; "Dos casos de varíola tratados por Amato Lusitano na 3ª centúria às epidemias de varíola na Beira Interior em finais do século XIX", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 22 (2008) pp. 49-55; "Amato - 'amável de nome e de facto' -", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 23 (2009) pp. 36-38.
- 134 - Cf. Daniel Cartucho; Gabriela Valadas, "Abscessos de drenagem pura e branca - a propósito de uma cura em Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 16 (2002) pp. 33-36.
- 135 - Cf. João Maria Nabais, "A importância de Amato Lusitano na medicina do século XVI", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 16 (2002) pp. 37-40; "Garcia de Orta, um contemporâneo de Amato (médico naturalista do século XVI: cerca 1500-1568)", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 18 (2004) pp. 44-48; "Contributos de Amato Lusitano para a história das religiões e da ciência", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 21 (2007) pp. 48-54; "A criança no tempo de Amato Lusitano, uma análise historiográfica das centúrias de curas medicinais", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 23 (2009) pp. 53-62; "O humanismo na medicina: a importância de Amato Lusitano na visão ecumenical de Ricardo Jorge", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 24 (2010) pp. 21-27.
- 136 - Cf. Maria de Lurdes Cardoso, "História da ciência e ensino das ciências - a história da ciência a partir da vida e obra de Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 16 (2002) pp. 79-80; "O cruzamento de olhares: humanismo em Amato Lusitano e Luis Vives", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 23 (2009) pp. 39-43; "Saúde e ambiente - perspectivas amatianas e darwinianas", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 24 (2010) pp. 28-35.
- 137 - Maria de Fátima Paixão, Fátima Regina Jorge, Ana Isabel Florido, "Pesos e medidas na obra de Amato Lusitano: dos saberes e das certezas da época", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 19 (2005) pp. 17-24.
- 138 - Manuel Costa Alves, "Amato Lusitano e a doença de D. Sebastião", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 19 (2005) pp. 36-39.
- 139 - Maria José Leal, "As incursões de Amatus Lusitanus pela cirurgia pediátrica", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 22 (2008) pp. 29-34; "Nempe color - o preceito galenico nas centúrias de Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 24 (2010) pp. 16-20.
- 140 - Aires Gameiro, "Amato Lusitano (1511-1568) e S. João de Deus (1495-1550): contemporâneos, aventureiros e cuidadores de doentes com princípios éticos", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 22 (2008) pp. 35-43.
- 141 - Armando Moreno, "Ética em Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 23 (2009) pp. 55-86; "Os mitos em Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 23 (2009) pp. 23-29.
- 142 - J.A. David de Moraes, "O tratamento vernáculo do cobro (herpes zoster) nas Centúrias de Amato Lusitano e no Sul de Portugal: abordagem médico-antropológica", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 21 (2007) pp. 43-47.
- 143 - Isilda Teixeira Rodrigues, "Paralelismos e divergências entre as Centúrias e o traité des Monstres et des Prodiges", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 23 (2009) pp. 30-35; "O contributo de Amato Lusitano para a história da sexologia", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 23 (2009) pp. 44-52.
- 144 - Pedro Salvado, "Amato Lusitano e outras presenças médicas no espaço urbano albacastrense - visibilidades e invisibilidades", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 23 (2009) pp. 69-82.
- 145 - António Maria Romeiro Carvalho, "O número e a superstição em Amato Lusitano", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 24 (2010) pp. 36-39.
- 146 - António Manuel Lopes Andrade, "De Antuérpia a Ferrara: o caminho de Amato Lusitano e da sua família", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao séc. XXI - Cadernos de Cultura*, 25 (2011), pp. 5-16.
- 147 - Alfredo Rasteiro, "João Rodrigues Lusitano, Doutor Amado (1511-1568)", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao séc. XXI - Cadernos de Cultura*, 25 (2011), pp. 17-20; "Armando Tavares de Sousa, estudioso de Amato. In Memoriam", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao séc. XXI - Cadernos de Cultura*, 25 (2011), pp. 47-48.
- 148 - João Maria Nabais, "Amato e os médicos da diáspora: a face oculta das atribuições dos judeus portugueses", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao séc. XXI - Cadernos de Cultura*, 25 (2011), pp. 21-30.
- 149 - Emílio Rivas Calvo; Carlos d'Abreu, "Amato Lusitano: na Universitatis Studii Salamantini", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao séc. XXI - Cadernos de Cultura*, 25 (2011), pp. 31-36.
- 150 - Maria José Leal, "Amato, Inédia e Chi Kung: quebrando o circuito da fome", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao séc. XXI - Cadernos de Cultura*, 25 (2011), pp. 37-40.
- 151 - António Lourenço Marques, "Amato Lusitano: o médico vai até ao fim", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao séc. XXI - Cadernos de Cultura*, 25 (2011), pp. 41-44.
- 152 - Aires Gameiro, "Amato Lusitano (1511-1568): identidade e cultura judaico-cristã europeia do século XVI", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao séc. XXI - Cadernos de Cultura*, 25 (2011), pp. 45-46.
- 153 - Cf. Jacob Seide, "The two diabetics of Amatus Lusitanus", *Imprensa Médica*, 19:11 (1955) pp. 670-674.
- 154 - Cf. J. Nehama, "Amato Lusitano à Salonique". In: *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*, Castelo Branco, Câmara Municipal de Castelo Branco, 1955, pp. 213-214.
- 155 - Cf. Hirsch Rudy, "Amatus Lusitanus (Biographischer Rahmen)". In: *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*, Castelo Branco, Câmara Municipal de Castelo Branco, 1955, pp. 193-211.
- 156 - Harry Friedenwald, "Medical works of Amatus Lusitanus". *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*, Castelo Branco, Câmara Municipal de Castelo Branco, 1955, pp. 177-191.
- 157 - Cf. Lavoslav Glesinger, "Amatus Lusitanus à Raguse". In: *Centenário (IV) de João Rodrigues de Castelo Branco - Amato Lusitano*, Castelo Branco, Estudos de Castelo Branco, 1968, pp. 111-131; Amato Lusitano em Ragusa. Estudos de Castelo Branco, 28(1968) 170-178.
- 158 - Cf. Joshua O. Leibowitz, Amatus Lusitanus on sudden death due to "Obstruction in the heart" (1560). *Estudos de Castelo Branco*, 4 (1961) 11-26; "Simpósio de Amato Lusitano em Sena. Amatus Lusitanus à Salonique". In: *Centenário (IV) de João Rodrigues de Castelo Branco - Amato Lusitano*, Castelo Branco, Estudos de Castelo Branco, 1968, pp. 41-46; Amatus Lusitanus (1511-1568) à Salonique. *Estudos de Castelo Branco*, 28(1968) 90-93; Amato Lusitano (1511-1568) em Salônica. *Estudos de Castelo Branco*, 28(1968) 93-95.
- 159 - Cf. Ivollino de Vasconcelos, "Discurso de encerramento de 'Simpósio de Amato Lusitano', em Sena, do Prof. (...)". In: *Centenário (IV) de João Rodrigues de Castelo Branco - Amato Lusitano*, Castelo Branco, Estudos de Castelo Branco, 1968, pp. 191-192; Discurso de encerramento do "Simpósio de Amato Lusitano" em Siena. *Estudos de Castelo Branco*, 29 (1969) 21-22.
- 160 - Cf. Marija-Ana Durrig; Stella Fatovic-Ferencic, "The medical practice of Amatus Lusitanus in Dubrovnik (1556-1558) a short reminder on the 445th anniversary of his arrival", *Acta Médica Portuguesa*, 15:1(2002) pp. 37-40.
- 161 - Alfredo Pérez Alencart, "Descubrimiento de Amato Lusitano", 19 (2005) pp. 40-41.

*Professor da Faculdade de Farmácia; Investigador do CEIS20
(Co-cordenador Científico do Grupo de História e Sociologia
da Ciência e da Tecnologia) - Universidade de Coimbra.
E-mail:jrpita@ci.uc.pt

** Professora da Faculdade de Letras; Investigadora do CEIS20
(Co-cordenadora Científica do Grupo de História e Sociologia
da Ciência e da Tecnologia) - Universidade de Coimbra.
E-mail:aleop@ci.uc.pt

CRISE ECONÓMICA E SAÚDE PÚBLICA EM CASTELO BRANCO NO SÉCULO XIX – NOTA DE INVESTIGAÇÃO

Maria Adelaide Neto S. Salvado*



Castelo Branco (1840) - J. Pires da Fonseca

Das belas crónicas com que Fernando Paulouro das Neves nos apresentava semanalmente no *Jornal do Fundão*, uma que tem por título «A pequena história e o clamor colectivo», publicada no número de 10 de Maio deste ano de 2012, trouxe-me à flor da memória um documento que relata acontecimentos ocorridos em Castelo Branco em 1837 e 1843, cujas consequências, pelo grave retrocesso que provocaram na Saúde Pública, despertaram na cidade, e em outras povoações do Concelho, «clamores de hum grande parte da pobreza»,¹ para usar as palavras de um vereador que, na época, tornou público o caso em sessão camarária.

Na sua crónica centrada numa decisão tomada pela Câmara do Fundão em 1961, que, cedendo a interesses privados, mandou apear um elemento dominante na paisagem urbana do velho Fundão relegando-o para um incarácterístico subúrbio, circunstância que gerou por parte dos fundanenses um clamor colectivo, Fernando Paulouro escreveu: «A pequena história, embora por vezes remetida à opacidade do silêncio, sobrevive às contingências locais, e, mais tarde ou mais cedo, ganha surpreendente visibilidade».

Parece-me que os clamores da pequena história albicastrense do século XIX, que me proponho trazer até vós possui uma força que, o passar do tempo não conseguiu desvanecer e uma pertinente actualidade neste

nosso desencantado tempo marcado por clamores gerados pela angústia dos mais pobres e desfavorecidos que, em cada dia, vêm tornar-se mais difícil o acesso aos mais elementares cuidados de saúde.

Mas vamos aos factos.

Corria o ano de 1837. Em Março, a nova direcção da Câmara de Castelo Branco, ao avaliar o estado das finanças camarárias, verificou a existência de uma dívida de dois contos quatrocentos e setenta e oito mil e duzentos e três réis, quantia grandemente significativa na época.

A situação era calamitosa e impunha-se a tomada de medidas orçamentais restritivas que permitissem ultrapassar a situação de fragilidade das finanças do concelho e debelar o «horroroso defficit»² - como se lê na acta da sessão camarária de 11 de Março de 1837, agravado pelos juros de um empréstimo que o anterior executivo contraíra. Nesse sentido, decidiu a Câmara reduzir os ordenados dos seus empregados ao mínimo e, também, abolir alguns empregos. Guiado por uma visão profundamente economicista que, colocando a resolução dos problemas financeiros no centro das preocupações, esquecia as pessoas, decidiu o executivo abolir os Partidos de medicina e cirurgia, privando as populações do Concelho dos mais elementares cuidados de saúde. Feita ao abrigo da lei

de 18 de Abril de 1832 que dava às Câmaras o direito de substituírem ou darem continuidade ao trabalho de quaisquer dos seus funcionários, a dispensa dos médicos e do cirurgião, embora injusta, era perfeitamente legal e, do ponto de vista de quem detinha na época o poder em Castelo Branco, inteiramente justificada, pois os ordenados dos médicos e do cirurgião, outrora pagos pelos sobejos das sisas, passaram a ser feitos pelas rendas do Concelho depois do decreto que abolira a cobrança desse imposto.

Desconcertante e insólita nos parece a supressão dos Partidos médicos tanto mais que, na acta da sessão onde essa decisão fora tomada, se afirma que as medidas orçamentais restritiva seriam tomadas «sem quebra do Serviço Municipal e sem vexame dos Povos».³

Embora ténue, a consciência de que a dispensa dos médicos exigia ponderação e cuidado levou à deliberação de que fossem consultados os chefes de família do Concelho afim de se pronunciarem sobre o mínimo de médicos e cirurgiões que julgassem suficientes para o cuidado dos doentes, bem como para averiguar a sua receptividade de voluntariamente pagarem a «finta» que fosse lançada para que a Câmara continuasse a assegurar às populações cuidados médicos.

A decisão final sobre o restabelecimento dos Partidos caberia à Câmara depois de realizados os ajustes das cláusulas e condições que lhe fossem apresentadas.

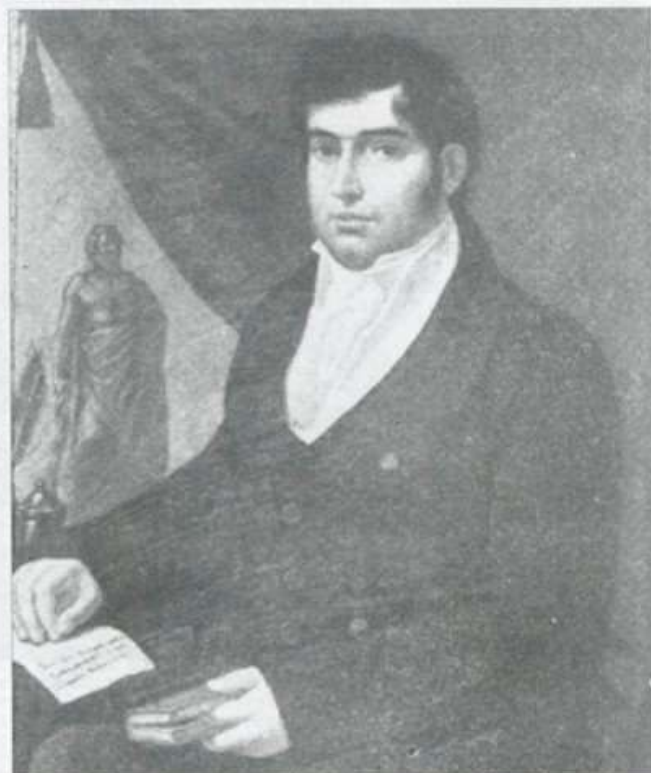
Vários meses entretanto se passaram...

E a 21 de Fevereiro de 1838, o vereador Gregório Pessoa Tavares d'Amorim apresentou a proposta relativas ao restabelecimento dos Partidos de Medicina e Cirurgia pelo facto, e são palavras suas, de «não poder ser indiferente aos clamores de huma grande parte da pobreza que instantemente se queixa da deliberação que a Câmara anterior tomou despedindo aquellos Facultativos».⁴

A proposta foi aceite por todo o executivo. Deste modo, os médicos Filipe Joaquim Henriques de Paiva, José António Morão e o cirurgião Manuel António d'Abrunhosa, convidados a comparecerem foram interpelados acerca da sua vontade de reingressarem novamente nos Partidos que durante anos haviam ocupado na Câmara de Castelo Branco e dos quais dois anos antes haviam sido dispensados.

Foi José António Morão que, falando em nome dos colegas, declarou que todos aceitavam o reingresso nos seus Partidos, impondo no entanto a seguinte condição: futuramente os médicos e o cirurgião só

se sentiriam obrigados a cumprir as obrigações que se achassem prescritas nas provisões dos seus Partidos que se encontravam registadas nos livros da Câmara. Aceite esta condição, José António Morão avançou com a proposta relativa ao montante dos vencimentos:



José António Morão - retrato a óleo de 1863

Lê-se na acta

«(...) lidas as Provisoes annuo esta Camara às condições nellas marcadas, ficando por esta forma ultimado o contracto com os Facultativos – Sr.^o Presidente, continuou o Médico Morão, acha-se concluído o contracto entre a Camara e os Facultativos, porem estes conhecendo que seus pagamentos lhes são feitos em metal, posto lhes parece que haja redução em seus ordenados; pela parte que me toca declaro que dozentos mil réis por anno, hé sufficiente; o mesmo disse o Médico Felipe, e o cirurgião Manoel António, disse, que igualmente se satisfazia com o ordenado annual de cento e trinta mil réis e assignarão»⁵

Assinaturas dos médicos na Acta da Câmara

Assim, ficaram acordados: - 200\$000 réis por ano para cada um dos Partidos dos médicos e 130\$000 mil réis por ano para o Partido do cirurgião.

E, logo após as assinaturas, lêem-se na acta as seguintes deliberações da Câmara:

«Deliberarão que para conhecimento do publico, se annuncie por Editaes o Contracto que a Câmara acordou de fazer com os Médicos e Cirurgião.»

«Foi appresentado pelo Veriador Fiscal a Sentença que os Médicos obtiverão contra a Câmara relativamente ao pagamento do ordenado que se lhes deve, na razão de dozentos e quarenta mil réis por anno a cada hum, e deliberarão que não convinha appelar».⁶

A publicitação através de editais, do novo contrato estabelecido entre a Câmara e os médicos, constante na primeira deliberação; o acatamento pacífico da sentença do Conselho de Distrito impondo à Câmara o pagamento aos médicos dos ordenados em dívida, bem como a consideração de que «não convinha appelar», isto é, contestar a sentença imposta, referidos na segunda deliberação, traduzem por parte da Câmara, e do meu ponto de vista, dois objectivos: o de apaziguar os ânimos da população albicastrense no respeitante a qualquer tentativa de revolta por falta de cuidados de saúde e, por outro, a não hostilização dos médicos e do cirurgião, provocando destes novas posições de contestação que abalariam, por certo, as condições de um serviço pacífico e eficaz às populações.

Um ano depois, a 16 de Março de 1839, o cirurgião Manuel António d'Abrunhosa, alegando que a quantia de 130\$000 réis era insuficiente para pagamento justo do seu trabalho e para os seus encargos pessoais, pediu que o seu ordenado fosse aumentado para 140.000 réis.

Um período de acalmia se viveu em Castelo Branco entre a Câmara e os Serviços de Saúde, mas ventos de violência e crispação política começaram a soprar em Castelo Branco.

Diz António Roxo que, em 1840, «foi renhida a eleição de deputados», sendo eleito por Castelo Branco António Bernardo da Costa Cabral.⁷

Pelo mês de Agosto, na noite de 26, desse ano de 1840, parte do regimento de infantaria 6, aquartelado no Convento de Santo António, sob o comando do tenente coronel Miguel Augusto de Sousa, revoltou-se

contra o governo da Rainha D. Maria II.

E, por uma portaria, datada de 7 de Setembro, ordenava-se que a autoridade administrativa de Castelo Branco, e de acordo com a autoridade militar, tomasse as medidas necessárias para a manutenção da ordem.

O Corpo de Segurança Pública do Distrito, composto de 40 praças de infantaria e 17 de cavalaria, um comandante e dois subalternos, organizado pelo Administrador Geral de Castelo Branco, a 23 de Setembro de 1839, em cumprimento do decreto de 6 de Agosto de 1838, revelara-se pouco eficaz.

A Secção de infantaria de Segurança de Castelo Branco, seria dissolvida por decreto datado de 20 de Dezembro de 1842.

Este clima de instabilidade política repercutiu-se negativamente na economia.

E em 1843 uma nova crise económica abalou a Câmara albicastrense, tendo a permanência dos Partidos Médicos voltado a ser questionada.

A sessão realizada a 15 de Janeiro desse ano dá conta de um déficite de «dois contos e cento e noventa e dois mil novecentos e vinte e cinco réis». Para o minimizar, a Câmara tomou várias medidas restritivas.

Lê-se na Acta:

«Depois de maduras reflexões accordarão que para supprir aquelle deficit impunhão o tributo de dez reis em cada hum arratel de vacca, ou vitela que se consumir nas Povoacoens deste Concelho, e o de cinco réis em arratel de rez miuda, e de porco em fresco que igualmente se vender no Concelho, e isto por tempo de hum anno (...)»⁸

Neste contexto de crise financeira e rompendo unilateralmente aquilo que haviam acordado quatro anos antes e ignorando as obrigações constantes nas provisões, os responsáveis camarários decidiram, mantendo o mesmo ordenado, impor aos médicos e cirurgião novas condições de trabalho. Assim: 1º - os médicos seriam obrigados «a tratar dos doentes a todas as terras do concelho sempre que fossem chamados cobrando por cada visita os seguintes honorários: 300 réis aos doentes da cidade e subúrbios, 720 réis por légua de ida e volta nas deslocações às povoações do Concelho. No entanto, se acaso se encontrassem numa dada povoação e fosse chamados a ver mais do que um doente receberiam apenas 240 réis por visita realizada; 2º - não poderiam os médicos receber coisa alguma dos doentes pobres do Con-

celho. A 3ª condição prendia-se com a proibição de saírem para fora do Concelho por mais de três dias sem licença da Câmara. Quanto ao cirurgião, embora sujeito às mesmas condições impostas aos médicos, viu o seu ordenado baixar de 140\$000 réis/ ano para 110\$000 réis.⁹

Estas novas condições, fortemente defendidas pelos vereadores Francisco Rebelo de Albuquerque e José Dias Goulão não foram no entanto aceites por toda a vereação. Contra ela se insurgiu o vereador Agostinho da Silva Fevereiro alegando que entendia que pelo código administrativo a Câmara não poderia diminuir os ordenados dos Facultativos e por considerar igualmente que a imposição de condições estranhas às que constavam nas provisões não possuíam fundamento legal. Confrontados com as novas exigências quanto às suas condições de trabalho, os médicos e o cirurgião compareceram na sessão camarária realizada no dia seguinte à apresentação desta proposta, 15 de Janeiro de 1843, e apresentando as suas Provisões, rejeitaram liminarmente as condições que o executivo lhes pretendia impor. A cisão instalou-se entre os membros da Câmara. Os vereadores Agostinho Nunes Fevereiro, João Duarte Rato e João Nunes Casqueiro tomaram o partido dos médicos. Opuseram-se os vereadores Francisco Rebelo de Albuquerque e José Dias Goulão a que se juntou o voto do presidente da Câmara. Com a discordância instalada, foi decidido remeter a questão para o Conselho do Distrito afim de este avaliar a legalidade das propostas e do modo como elas haviam sido apresentadas. O parecer do Conselho do Distrito deu razão ao protesto dos médicos. Embora concordando com o direito do voto do presidente e com algumas das condições impostas na prática das visitas, não reconheceu ser da sua atribuição taxar os ordenados dos médicos e do cirurgião pelas suas visitas.¹⁰

Apesar desta resposta favorável, as tensões entre a Câmara de Castelo Branco e os Partidos médicos não terminaram; pelo contrário, foram recorrentes no tempo. Em épocas de crise, os cortes orçamentais mais significativos eram sempre no sector da saúde afectando as populações mais desfavorecidas. E esta circunstância criava entre a classe médica um mercado mal estar, considerando-a como um agravo à sua dignidade profissional e um não reconhecimento do esforço e dos perigos a que os médicos estavam expostos no desempenho do seu trabalho. Na verdade, o cumprimento das cláusulas dos seus contractos impunha deslocar-se a qualquer hora do dia ou da noite às povoações do Concelho onde não existisse médico. Atendendo ao mau estado da maioria das estradas e dos caminhos, mui-

tos deles de terra batida, à inclemência das condições climáticas, e às constrangedoras condições de pobreza e insalubridade que, por esta época, se registavam na maioria das povoações da Beira, os médicos ficavam expostos ao contágio das cíclicas epidemias, exigindo-lhes um redobrado e contínuo esforço para travar a sua propagação e o seu rasto de morte.

Outra razão me parece justificar o recorrente protesto dos médicos. A comparação dos montantes auferidos pelos profissionais de saúde relativamente aos dos outros funcionários constantes no orçamento de despesas do ano económico 1845/1846 na Câmara de Castelo Branco evidencia gritantes anomalias e injustiças. Assim, por exemplo, o escrivão da Câmara tinha o ordenado igual ao de um médico: 200\$000 réis por ano; o Administrador do Concelho recebia de gratificação 160\$000 réis, quantia maior do a que era paga como ordenado ao cirurgião.¹¹

Foi possivelmente este leque diversificado de razões que conduziu o médico José António Morão, a 8 de Maio de 1848, a apresentar o pedido de despedida do seu serviço de médico do Partido por a Câmara lhe «haver cerceado o seu ordenado previsto para o ano económico seguinte».¹²

E, por mais uma vez, o Conselho do Distrito se opôs a esta nova decisão camarária facto que levou José António Morão a pedir a anulação do seu pedido de dispensa e o reingresso no seu Partido. Mas marcada foi a oposição de alguns vereadores à continuidade de José António Mourão como médico de Partido. E ao longo de vários meses um forte clima de tensão se instalou entre o médico e a Câmara.¹³

A 16 de Agosto de 1848 obteve licença para se ausentar de Castelo Branco e ir tomar “banhos sulphurosos”.

Mas na sessão da Câmara de 23 de Dezembro de 1848, foi lido um ofício com a data de 22 desse mês onde José António Morão se despedia definitivamente de médico do Partido da Câmara de Castelo Branco.

A Saúde Pública e as populações da cidade e das aldeias perderam um médico conhecedor e dedicado.

Acerca dele escreveu José Hermano de Castro e Sylva, grande figura da medicina albicastrense do século XIX:

«Distinguiu-se não só pelo seu saber, tacto médico e pouco vulgar ilustração, sendo sempre a sua opinião escutada com merecidíssima atenção, como pelo excessivo rigor que empregava no exacto cumprimento das suas prescrições que elle impunha que religiosamente fossem cumpridas. Tendo a sua profissão como um sacerdócio, deixou, por isso, um

exemplo digno de imitar-se».¹⁴

Perdeu a Saúde Pública ganharam a Educação e a Cidadania.

Por Carta Régia de 12 de Março de 1852, do ministro Rodrigo da Fonseca Guimarães, José António Morão foi nomeado Comissário de Estudos e Reitor do Liceu de Castelo Branco, onde imprimiu importante marca. Foi por sua iniciativa que, a 11 de Junho de 1852, se iniciaram os registos de matrícula regulares.

A 2 de Maio de 1853 deixa a reitoria do Liceu.

Provedor da Misericórdia de Castelo Branco entre 1864-1865, volta a integrar a Junta Geral do Distrito, lugar que já ocupara em 1836, quando, foi eleito vogal do primeiro Conselho do Distrito.

Mas nunca abandonaria a medicina.

A 1 de Agosto de 1864 morreu em Castelo Branco, com 78 anos, vítima de uma hemorragia cerebral, depois de um dia de intensa actividade clínica.

Não só como médico se evidenciou José António Morão no Castelo Branco do século XIX.

Foi conferencista brilhante, tradutor e autor de uma significativa obra de teor polifacetado.

Grande bibliófilo, possuidor de uma biblioteca de cerca de 10.000 volumes, abrangendo temáticas variadas (medicina, política, direito, botânica, poesia, religião, teatro – de que era particular cultor) legou-a, por testamento à cidade de Castelo Branco. Foi esse o seu último grande acto de cidadania e seria esse valioso fundo o germen da Biblioteca Pública de Castelo Branco, a origem desta casa onde hoje nos encontramos.

Notas:

1- Actas da Câmara Municipal de Castelo Branco, Maç. 34 (1836-1838), liv. 19, fl. 121v. 1- Actas da Câmara Municipal de Castelo Branco, Maç. 34 (1836-1838), liv. 19, fl. 121v.

2- Actas da Câmara Municipal de Castelo Branco, Maç. 34, liv. 19, fl. 37 v. (Sessão de 11 de Maio de 1837).

3- ibidem.

4- Actas da Câmara Municipal de Castelo Branco, Maç. 34, liv. 19, fl. 121v. (Sessão de 26 de Fevereiro de 1838).

5- Actas da Câmara Municipal de Castelo Branco, Maç. 34, liv. 19, fls. 121 v.-122 f.

6 - Actas da Câmara Municipal de Castelo Branco, Maç. 34, liv. 19, fl. 121 v.

7- António Roxo, *Monographia de Castello Branco*, p. 219. Elvas Typographia Progresso, 1890, p. 219.

8- Actas da Câmara Municipal de Castelo Branco, Maç. 35, liv. 22, fls. 23v e 24 f.

9- Actas da Câmara Municipal de Castelo Branco, Maç. 35, liv. 22, fls. 22f. e 22v.

10- Actas da Câmara Municipal de Castelo Branco, Maç. 35, liv. 22, fl. 25f.

11- Actas da Câmara Municipal de Castelo Branco, Maç. 35, liv. 22, fl. 99f.

12- Actas da Câmara Municipal de Castelo Branco, Maç. 35, liv. 22, fl. 171v.

13 - Actas da Câmara Municipal de Castelo Branco, Maç. 35, liv. 22, fl. 171v. (Sessão de 25 de Maio de 1848); V. Acta da Sessão de 8 de Julho, Maç. 35, liv. 22, fls 177 f. e 178 v.

14- Hermano José de Castro e Sylva, in *A Misericórdia de Castelo Branco (Apontamentos Históricos)*, Castelo Branco, 1958, pp. 163-165.

Bibliografia Geral:

- DIAS, José Lopes; MORAIS, Francisco Morais, *Estudantes da Universidade de Coimbra naturais de Castelo Branco*, Castelo Branco, 1955.

- SYLVA, Hermano José de Castro e, *A Misericórdia de Castelo Branco (Apontamentos Históricos)*, Castelo Branco, 1958, 2ª edição.

- ROXO, Antonio, *Monographia de Castello Branco*, p. 219. Elvas Typographia Progresso, 1890.

Fontes:

Actas da Câmara Municipal de Castelo Branco:

Maç. 34 (1836-1838);

Maç. 35 (1838-1848).

*Geógrafa investigadora

BREVE HISTÓRIA DA ASSISTÊNCIA EM VILA VELHA DE RÓDÃO

Maria de Lurdes Cardoso*

Esta sinopse do livro *Assistência em Vila Velha de Ródão: Elementos para a sua história* (2012) faz parte do projecto *Vidas e Memórias de uma Comunidade*, da Biblioteca Municipal coordenado pela sua bibliotecária Graça Batista.

No arquivo da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, o livro de Matrículas das Mães Subsidiadas (1862-1887) apresenta o sistema de assistência à maternidade cuja matrícula das mães que declarassem espontaneamente que criariam os seus filhos recebiam, durante três anos, dois terços do vencimento, igual ao dos expostos, enquanto as mães que o fizessem por intimação apenas o recebiam durante ano e meio, de acordo com a deliberação da Junta Geral do Distrito de 20/2/1856.

Nos livros de *Matrículas dos filhos de pessoas miseráveis* (1887-1891) e dos expostos (1898-1919) apresenta-se a lista das crianças desvalidas e subsidiadas desta Câmara nos termos dos artigos 284 e 294 do código civil.

Nos livros de Actas dos serviços camarários, na década de 20 do século XX, continua a ser referida a despesa com os subsídios de lactação a crianças pobres e, na década de 30, toma-se conhecimento de um ofício do vice-presidente da Comissão Administrativa do Dispensário de Puericultura Dr Alfredo Mota de Castelo Branco onde se informa que a Junta Geral deste distrito se organiza na colónia Marítima Infantil para crianças pobres (11/6/1931).

Outra forma de assistência social, em Vila Velha de Ródão, a *Confraria do Santíssimo Sacramento* que, além do apoio prestado nesta vila e no Fratel, contribuía com alguma verba para o Asilo da Infância Desvalida de Castelo Branco (segundo o Livro da Correspondência oficial expedida para o Governo Civil, 1890), em 1916, apresenta à Câmara um ofício



pedindo a cedência da antiga casa da escola para nela estabelecer uma enfermaria para tratamento dos pobres.

Também a Conferência de S. Vicente de Paulo, formada a convite do padre José Bernardino dos Santos (8/4/1965), prestou apoio humanitário em Vila Velha de Ródão.

Uma breve nota sobre o vicentino, o médico Luís Pina (1901-1972), professor catedrático de História da Medicina e Deontologia Pro-

fissional e autor de uma vasta obra científica, literária e artística, que esculpiu as estátuas de S. Vicente de Paulo (1581-1660) e do obreiro Frederico Ozanam (1813-1853) expostas numa das salas do Museu de História da Medicina Maximiano Lemos, da Faculdade de Medicina, Universidade do Porto.

Em Vila Velha de Ródão, a Obra das Mães pela Educação Nacional (OMEN), instalada em 1968 a pedido do padre Bernardino, visava preparar as raparigas, que após a conclusão da escola primária apenas as esperava o trabalho no campo, para empregadas domésticas e boas donas de casa, recebendo um subsídio mensal de cem escudos.

No Fratel (Vila Velha de Ródão), desde 1991, um pequeno número de Franciscanas Missionárias de Maria, coordenado pela Ir. Rosária, é uma itinerância missionária ao longo da linha do curso de água do Tejo cuja obra social é conhecida em Portugal, desde 1895, quando a sua fundadora, a Madre Maria da Paixão (1839-1904), abriu a primeira casa para famílias operárias, em Lisboa.

A Misericórdia de Vila Velha de Ródão, que recebeu alguns bens da já referida Confraria do Santíssimo Sacramento (Auto de Entrega, 27/10/1927), teve os seus Estatutos aprovados por portaria de 4/8/1930, sendo um dos seus fins, entre outros, prestar assistência facultativa aos pobres.

A construção do Lar para a Terceira Idade contou com a verba proveniente da venda de propriedades e de bens doados pelo seu benemérito Jaime Miguéns de Oliveira (1884-1953) e primeiro provedor da Misericórdia (1930-1932). Também a sua esposa Adelaide da Cruz Morgado (1897-1968) doou à Casa Paroquial a sua antiga habitação e Farmácia Miguéns.



A Misericórdia, através do seu primeiro hospital, prestou socorros aos doentes pobres, às grávidas e recém-nascidos, aos velhos e inválidos de trabalho (Livro de Correspondência da Santa Casa, 30/9/1933).

Em 1948, foi anexada à Misericórdia o Centro de Assistência Social e de acordo com as regras da organização hospitalar (1946) foram construídos hospitais concelhios com dinheiros públicos e depois entregues às Misericórdias, tendo sido o de Vila Velha de Ródão inaugurado em 3/6/1950.

Em 1975, depois da revolução de 25 de Abril de 1974, os hospitais concelhios passaram a ser administrados por comissões nomeadas pelo governo e no edifício hospitalar passou a funcionar o Centro de saúde concelhio de Vila Velha de Ródão. Após a oficialização do hospital, em Janeiro de 1977, a Misericórdia reorganizou-se e outras obras de cariz social surgiram como, por exemplo, o Lar I em 1989, a Creche em 1990, os Centros de Dia de Perais e de Sarna-

das em 1997, o Lar II em 2000 e o Lar III, no edifício hospitalar, em 2011.

Segundo o autor do Posfácio, o médico Lourenço Marques, "envelhecer não significa necessariamente estar doente... Os idosos devem usufruir de ambientes e de envoltórias humanas capazes de manter as suas energias e travar o sofrimento. A animação passou a ser uma palavra-chave porque tudo se dirige à pessoa total, interessada em sustentar a sua personalidade em todos os aspectos: físico, afectivo, intelectual, social, moral e espiritual. Esta a grande riqueza potencial à vista, que deve ser cultivada no caminho da idade."

E como o *Registo* do poeta António Salvado, no seu livro *O Sol de Psara* (2011), é preciso envelhecer com amor:

Só os olhos do amor
pela manhã conseguem
a luz solar beber
brilho melodioso
que a outros olhos cega
porque o amor não vêem.

Prof. jubilada da Escola Superior de Educação
Instituto Politécnico de Castelo Branco

A PAIXÃO DO DR. VASCONCELOS SOBRAL

Antonieta Garcia*

Quem se desloca ao cemitério da Guarda não fica imune ao encanto e estranheza do mausoléu do Dr. Sobral. Afirmamo-lo até pelas múltiplas histórias que se geraram em torno do médico e local de inumação.

Nos anos cinquenta do século XX, ainda se falava da decisão do Dr. Sobral; afiançava-se ter entrado sozinho na pirâmide e fechado a porta, onde nunca ninguém penetraria. Falava-se de sons que se ouviam por perto, criou-se a ideia de uma alma penada, em clausura, que perturbava quantos se aproximavam do local. Constava também que quem ousasse tocar na pirâmide corria risco de vida.

Por que razão o temor tomou conta do espaço?

Na verdade, a arquitetura, a estatuária tumular, os ritos mortuários rodeiam-se de preceitos. O respeito e o medo que a morte infunde são visíveis em diferentes linguagens que a representam. Ora, o mausoléu do Dr. Sobral é, em tudo, um desafio às ortodoxias. Construído por subscrição pública, as duas figuras femininas, a Glória e a Fama, que encimam a pirâmide, atraem e escandalizam os olhares. Colocado em espaço não sagrado, na altura da inumação, não permite, ainda hoje, a indiferença. Não é por acaso que muitas obras que se dedicam à arte nos cemitérios em Portugal incluem este mausoléu. Imponente, destaca-se pela singularidade, pela heterodoxia, pela originalidade das duas mulheres nuas em espaço de dor e de recato. Quem as entenderia como figuras mitológicas? Aliás, não é a Fama mensageira de Júpiter, a figura monstruosa com asas, agitada, e numerosas bocas e ouvidos que ali se vê. É uma mulher igual à Glória, alada, agradável, com uma coroa de louros.

E estas imagens ajudaram, por certo, na construção de histórias em torno da vida do Dr. Sobral, um modelo da aventura humana na linha do irrealizável.

I - A 19 de Outubro de 1843 nasce no Porto, Francisco Maria de Barros e Vasconcelos da Cruz Sobral, o primeiro filho do casamento de Francisco Maria Melquiades da Cruz Sobral e de Maria Bárbara de Barros e Vasconcelos.

O pai era de Alenquer, da aldeia Galega de Merceana. General de divisão nascera a 10 de Dezembro

de 1813. Contava 30 anos, quando o primogénito viu a luz do dia.

A mãe, Maria Bárbara de Barros e Vasconcelos, era natural de Lisboa. Tiveram outros filhos: Maria Isabel de Barros e Vasconcelos da Cruz Sobral; Carolina Bárbara de Barros e Vasconcelos da Cruz Sobral; Luís Maria de Barros e Vasconcelos da Cruz Sobral; Carlos Maria de Barros e Vasconcelos da Cruz Sobral.

Francisco Maria Vasconcelos Sobral formou-se em Medicina; pretendia trabalhar no Exército. Será *médico distinto e cidadão prestantíssimo aos povos deste distrito - Guarda* -, desde que assenta praça em 1864; foi promovido a cirurgião ajudante em 1868 e colocado no Regimento de Caçadores 4. A 15 de Outubro de 1869, é transferido para o Regimento de Infantaria 12, instalado no Convento de São Francisco. Sai da Guarda para Caçadores 7, no Fundão, em 1873; em 1879 é colocado de novo na Guarda, a urbe que escolhera para viver.

Cirurgião-mor, em 1883, mantém-se na cidade onde residia há 20 anos. Será chefe do serviço médico da construção da linha da Beira Baixa, médico da Companhia Real dos Caminho-de-ferro portuguesa e da Beira Alta.

Conta muitos admiradores que louvam o homem bom, sempre disponível para socorrer quem o procurava.

II - Celebrizou-o a atividade médica¹, sobretudo a desenvolvida em Manteigas, relataram-na jornalistas e amigos. A cidade memorizou-a.

No ano de 1882, uma epidemia de tifo destróçou algumas povoações da serra da Estrela. Atingira cruelmente Manteigas, onde o médico, Dr. José Correia Tanganho², de 29 anos, e o administrador do concelho, José Augusto do Pego Feio³, de 48 anos, acabariam, também, por sucumbir.

A doença obrigou à criação de um Hospital provisório, que estava a funcionar em Fevereiro de 1882; são 20 os assentos de óbitos que incluem a referência ao Hospital.

Na freguesia de Santa Maria⁴, no ano de 1881, tinham falecido 23 pessoas, um número que aumenta para 42, em 1882, contando-se 81 mortos em 1883.

Na freguesia de São Pedro⁵, estão registados 35 óbitos, em 1881; em 1882 somavam 92; cresceram para 93, em 1883. A maioria morria em casa; as ruas Direita, e da Encruzilhada são frequentemente mencionadas; mas também há alusão às palheiras de São Sebastião, Rua dos Conqueiros, Rua de São Pedro, Casas das Caldas, do Adro...

O governador Civil da Guarda, Dr. Sousa Cavalheiro, conhecedor do drama que dizimava a população em Manteigas, lança um pedido a todos os facultativos para socorrerem "a qualquer preço", a vila, enquanto durasse a epidemia. Não obteve resposta. Apesar das intimações que se seguiram aos delegados de saúde, apesar das benesses prometidas, nenhum médico se disponibilizou⁶.

O Dr. Sobral informa, então, o governador civil que se "o ministério da guerra lhe concedesse a licença indispensável, iria para lá, mas sem retribuição alguma, argumentando que tanto estava ao serviço da nação, na Guarda, como em Manteigas."

Durante um ano, segundo o jornal *Civilização*, "travou uma luta homérica contra o terrível morbus," que encontrara na vila condições ideais para se desenvolver. Havia na localidade, segundo o Dr. Sobral, "oito casa e seiscentas pocilgas."

Jornais de Lisboa relatam a assistência prestada pelo "ilustre facultativo em prol daquela vila, que justamente lhe chamava o seu anjo salvador." Para além do tratamento, despense somas importantes em esmolas e subsídios a famílias "a quem a epidemia deixara na miséria pela morte dos seus chefes"⁷. A imprensa glorificou-o. Afirma a *Civilização* "que o governo quis dar-lhe um título. Recusou-o modestamente. A câmara dos deputados consagrou-lhe um voto de louvor."

Ainda assim, tinha inimigos, a fazer jus às palavras de António Vieira quando no Sermão de sexta-feira da Quaresma, pregado em Lisboa, em 1649, comenta, o dito de Séneca: "Foste tão mofino que passaste toda a vida sem ter inimigo. Não ter inimigos tem-se por felicidade, mas é uma tal felicidade que é melhor a desgraça de os ter do que a ventura de os não ter. Pode haver maior desgraça que não ter um homem bem algum digno de inveja? Pois isso é o que se argui de não ter inimigos"⁸. É esta a humana condição.

Conta o articulista: "Ultimamente um jornal da Covilhã, a pretexto da organização do serviço médico do caminho-de-ferro da Beira Baixa" ofendeu o brio do clínico.

Exigiu o Dr. Sobral saber quem tinha sido o autor das insinuações que atentavam contra a sua dignidade. Era um colega, "que se recusa a bater-se em duelo..."

Recorre aos tribunais e o julgamento, no Porto, foi desfavorável ao médico da Covilhã. Certo é que a intervenção de Sobral é comentada a nível nacional, "sem distinção de partidos". Todos reconheciam o *benemérito*, o adjetivo com que a *vox populi* o agraçaria. Por diploma de 19 de Maio de 1886, é-lhe conferida a Ordem da Torre e Espada. Na mesma data, concedem-lhe a Ordem Militar de São Bento de Avis. Pela ordem do exército nº 14, de 9 de Junho de 1886, atribuem-lhe a medalha de prata de comportamento exemplar. Aquando do seu falecimento, noticia a *Civilização*: "O cadáver, vestido com o seu grande uniforme da cirurgia-mor tendo ao pescoço o colar de Torre e Espada e no peito o hábito de Aviz e a medalha de exemplar comportamento, foi exposto em câmara ardente na sala principal do hospital militar."⁹

O exemplo do Dr. Francisco Sobral



No final do ano de 1888, a Guarda estremece com a notícia da morte do Dr. Sobral. Toda a imprensa refere a desolação, a agonia que envolve a população. O jornal *Civilização*, órgão dos Regeneradores dedica-lhe a primeira página.

Por isso, no dia do seu falecimento, sintetiza um articulista: "As imaginações mais positivas recusam-se a aceitar como verdade o aniquilamento desse pedaço de matéria que nos acostumámos a julgar semi-deus."¹⁰ Comenta J. M: "Não sei a quem ouvi chamar-lhe louco, comentando-lhe as acções generosas que todos conheceram. Louco?! Era. Tinha a loucura da honra, a loucura do trabalho, e a loucura da abnegação, as três manifestações mais grandiosas do homem, e perante as quaes se curvam reverentes osãos princípios da nossa sociedade."

É a linguagem do tempo a expressar vivências e emoções que a morte inesperada e prematura do médico desencadeou. O que acontecera?

Explica J. M.: "(...) não pode resistir a uma paixão que há meses começou de minar-lhe a existência e acabou por derribá-lo."

Lamenta: "Foi ralado por uma dor profunda que o Dr. Sobral baixou ao túmulo. Debalde os amigos, que o rodeavam, procuraram dissipar-lhe as apreensões infundadas, levantar-lhe o espírito abatido (...). Nada conseguiram."

Adianta: "O benemérito de Manteigas, que arrostou com mil fadigas para debellar a epidemia, que grassou naquela vila, (...) o cavalheiro sem mancha, que desprezou sempre o interesse, antepondo ao seu o bem-estar dos outros, sem distinção de classes, succumbiu vítima d'um desgosto."¹¹

No mesmo periódico, constam outros testemunhos. L. F. De M. e M. (como assina) escreve:

Se eu pudesse molhar a minha pena
Na amargura de tantos corações
Todo o drama reunira n'uma scena
De profundas, sentidas commuções.

/Mas não devem heroes ser lamentados,
se cahiram, vão erguer-se Além.
A campa purifica os desgraçados
E entrega-os à Glória, que lhe é mãe.

Levanta-te immortal! Só volve ao nada
A matéria despida de razão.
A memória tua immaculada
Vive eterna em cada coração.

António Júlio d' Abreu regista:
A morte é reposteiro além do qual
Apenas pressentimos o Mistério,
Sombra infinita, sombra impenetrável
Na orla da qual fica o cemitério!

Sombra eterna a todos horroriza,
Mas à qual prendeu toda a humanidade
Uns elos que jamais se despedaçam
Os elos inquebráveis da saudade.

Como aqueles que desta despedida
Nos vão ligar à sombra indefinida.

Amigos do médico seguem a tradição da época. Na memória estaria, por certo, o livro de poemas, *A maior dor Humana*, com a colaboração de vários escritores

dedicado a Teófilo Braga, depois de perder três filhos. Em vez de flores ou com as flores lamentavam a perda do homem bom que toda a cidade chorava.

*O Districto da Guarda*¹² inclui vários depoimentos e refere a homenagem da Academia da Guarda. Mandara rezar uma missa em São Vicente e "constituídos todos os estudantes em préstito fúnebre, foram ao cemitério depor uma coroa de lilaz, rosas chá, louro e bagas, com fitas roxas franjadas de ouro, lendo nessa ocasião um dos mais jovens académicos, um discurso. Realçou: Há dores tão pungentes e amargas que prostram o homem no leito da agonia; outras que lhe minam tão lentamente a existência até que baqueia sobre a fria laje duma sepultura. Creio que uma destas dores foi a que nos roubou de entre os braços o protótipo da honra, da dignidade e do bem: tal era o distinto clínico dr. Francisco Maria de Barros e Vasconcellos da Cruz Sobral. Dirá ainda: Succumbiu o pai da caridade à força de desgostos e sofrimentos."¹³

O Diário de Notícias, em Dezembro de 1888, lembraria adjetivo "benemérito" que acompanhava sempre o nome do médico. Repetira-o a notícia telegráfica recebida no jornal fazendo jus ao qualificativo que a voz do povo elegera para o Dr. Sobral. O periódico lamenta a perda do médico bom, adiantando que será um "Nome que em uma parte das duas Beiras as mães hão de ensinar a decorar aos filhinhos transformando em lendas os inúmeros actos de generosidade e abnegação (...)."

Eduardo Coelho, jornalista do *Diário de Notícias*, define-o: "(...) Era um typo extraordinário, original e heróico. Não me admirei que fosse a loucura que o matasse. Ele era um doido sublime. Alguns doidos matam; d'estes é farto o número; outros, poucos morrem e dão a vida pela vida do próximo. Auxiliemos a ideia de se levantar uma memória que lembre ao povo o que elle foi, a ver se cresce o número d'estes doidos."

Não havia memória na cidade de uma manifestação coletiva tão grandiosa de dor. No funeral, estavam presentes pessoas de todas as instituições, de todas as classes sociais; transportou-o o carro fúnebre dos Bombeiros Voluntários de que era sócio e médico honorário. À beira da sepultura falaram entre outros, Moniz Bettencourt, José Villagelis, Vasco Homem de Figueiredo, e o Dr. Eduardo Ribeiro Cabral, de Trancoso, além de jovens da Academia Egitanien-se. Os officios fúnebres foram presididos pelo cônego Miguel Arcanjo, representante do prelado da diocese.

Foram muitas as manifestações de pesar. E a ideia da construção de um monumento que Eduardo

Coelho levantara, não se perdera. "Por iniciativa dos Drs. Lopo de Carvalho e Rodrigues Costa (...) em uma das salas do Posto Médico reuniram os principais cavalheiros desta cidade com o fim de se tratar de levantar um monumento à memória do benemérito Sobral." Concordaram que a Guarda devia perpetuar a memória do ilustre médico. Elegeram, então, por proposta de Francisco Patrício, uma comissão executiva para concretizar o projeto. Integraram-na: Dr. Oliveira Baptista, governador civil, como presidente; o Visconde de São Pedro do Sul, vice-presidente; os secretários eram Moniz Bettencourt e Germano d'Oliveira; designaram como tesoureiro Ferreira dos Santos; os vogais escolhidos foram os proponentes da criação do monumento. Francisco Patrício e o capitão João Franco participaram também. Em diferentes localidades para auxílio à comissão, recolha de fundos e rapidez na construção do monumento, participaram, entre outros: em Lisboa, Manuel Emygdio da Silva, Dr. Sousa Martins, Eduardo Coelho, Dr. Costa Cameira, Marrecas Ferreira e José Anastácio Monteiro; em Aguiar da Beira, Joaquim Augusto da Silva; em Almeida, Miguel Proença, Dr. Frederico R. dos Santos e tenente Luciano Costa; em Seia, Dr. Sebastião Costa e José Lopes Faia; em Celorico, Dr. Ferreira Dias, Diogo Leite, da Lageosa, Comendador Moniz, do Baraçal e major Leitão; em Gouveia, Dr. Cândido de Pádua Carvalho; em Figueira de Castelo Rodrigo, Dr. Soares de Vilhena, Matheus Pereira de Castro, Dr. Eduardo de Magalhães, da Mata, E Thomas Ribeiro Carrapatoso, de Escalhão; em Fornos, Drs. José d'Abreu, José d'Albuquerque e Manuel Homem; em Fozcôa, Dr. Júlio de Moura, José Saraiva Caldeira de Miranda, de Almendra, e João Albino d'Albuquerque, da Toiça; Manteigas, António Ribeiro Portugal, João Abrantes e António C. de Noronha; Meda, Dr. Alegre de Magalhães e Augusto César Moutinho d'Andrade; em Pinhel, Dr. António de Pádua Bandarra de Seixas, Dr. Rebelo da Silva, António Júlio do Nascimento e Dr. Alexandre Vilhena, das Freixedas; Trancoso, Dr. Eduardo Cabral, Adriano Moutinho, conde de Tavadede, Manuel Maria Caldeira e Maximino Xavier da Cunha; Sabugal, Dr. F. A. Silva Barbosa, Dr. Lucas Frazão e Manuel José Fernandes Mendes Guerra.

"Pela alma do Dr. Sobral", a imprensa local une-se e manifesta concordância; o *Districto da Guarda*, *Commercio da Guarda* e *Civilização* destinam o produto da venda avulso dos jornais aos pobres e mandam rezar missas. A *Civilização* acrescenta a venda, em papel cartonado, da gravura do Dr. Sobral cujas verbas reverteriam para o mesmo fim.

O Real Monte-pio Phylantropico Egyptaniense, presidido pelo Padre Joaquim Bernardo de Sousa, anuncia a celebração de missa, na Igreja de São Vicente, pela alma do "sócio benemérito da aludida associação, e a quem a mesma deve relevantíssimos serviços."¹⁵

Os Bombeiros Voluntários associam-se a todas as manifestações da cidade.

III – Que paixão estaria na origem do suicídio do Dr. Sobral?

Virgílio Afonso explica que se conhecem diferentes versões sobre a morte do médico. Segundo "uns ter-se-ia suicidado por razões passionais originárias do comportamento de D. Teodora de Vasconcelos, fidalga da Casa dos Condes de Sortelha."

Acrescenta: "O Dr. Sobral, que a cidade da Guarda homenageou na sua toponímia e nos seus monumentos, foi, pois, uma figura ligada por razões amorosas às casas da zona sul do concelho de Sabugal – Sortelha, Casteleiro e Santo Amaro.

(...) De qualquer forma, julgamos nunca se ter contestado a sua presença na toponímia guardense, onde naturalmente permanecerá, embora, isso sim, tenha havido já discordâncias quanto à estilização da pirâmide e sua decoração, no cemitério da cidade, que constitui a "memória" do Dr. Sobral, um homem benemérito, como os seus amigos lhe chamaram¹⁶. Questiona Terá sido exagerada esta homenagem a um médico sobre o qual existe a dúvida se terá sido mártir do dever, ao serviço dos doentes, ou antes se terá suicidado por razões e problemas passionais?"

Sugere-se que Eros teve intervenção nefasta nos destinos de Sobral. Já a imprensa noticiara também a paixão do médico. D. Teodora de Vasconcelos, fidalga da casa de Sortelha, foi a senhora que o médico amara. Casaram.

David Augusto Machado descreve a história da Casa solarenga, no Largo de São Francisco, no Casteleiro, afirmando: "...sabe-se que os seus últimos moradores terão sido um distinto médico militar, Dr. Sobral (...) e sua esposa, D. Teodora de Vasconcelos, fidalga da Casa dos Condes de Sortelha."¹⁷

Em *Memórias sobre o concelho do Sabugal*¹⁸ conta-se: "Quando visitámos um dia o Casteleiro, no lindo palacete que pertenceu aos falecidos D. Teodora e marido, Dr. Sobral, que foi um dos mais distintos médicos do país, vimos a mobília destinada a uma escola primária." O casamento é, pois, um dado adquirido.

Em demanda de lembranças no Casteleiro, o nome de D. Teodora não fora esquecido. Dizem-nos: “Eu não sei o que se passou, mas quando a minha avó falava dela, havia pouco respeito. As senhoras importantes eram senhoras donas... Esta era a Dona Teodora...” A entoação desvelava um menosprezo amaratado pelo comportamento da senhora.

Na imprensa lê-se que, lembramos, “(...) não pode resistir a uma paixão que há meses começou de minar-lhe a existência e acabou por derribá-lo; diz outro: Foi ralado por uma dor profunda que o Dr. Sobral baixou ao túmulo. Debalde os amigos, que o rodeavam, procuraram dissipar-lhe as apprehensões infundadas, levantar-lhe o espírito abatido (...). Nada conseguiram. Adianta: O benemérito de Manteigas, (...) succumbiu vítima d’um desgosto.”¹⁹

Decidimos, então, procurar documentação que garantisse o estado civil de Francisco Vasconcelos Sobral. Regista a certidão de óbito: “Aos quatro dias do mês de dezembro de mil oitocentos e oitenta e oito, pelas oito horas da manhã, nesta cidade da Guarda, e freguesia da Sé, faleceu, recebendo apenas o sacramento da Extrema-Unção, um indivíduo do sexo masculino, por nome Francisco Maria de Barros e Vasconcelos da Cruz Sobral, de quarenta e cinco anos de idade, viúvo de D. Teodora Moraes Sarmiento, cirurgião-mor do regimento de infantaria doze, natural do Porto, parochiano e morador nesta cidade e freguesia, filho legítimo... Não fez testamento nem deixou filhos, e foi sepultado no cemitério público...”²⁰

Assina o Padre Francisco da Ressureição Quelhas.

Tínhamos colocado várias hipóteses, mas nunca a de viuvez. Que se passara?

IV As intenções da construção do mausoléu concretizaram-se. Notícia o jornal *Civilização*: “Deve realizar-se em Outubro próximo a inauguração do mausoléu mandado erigir por subscrição pública sobre a campa do grande benemérito, Dr. Sobral.

As estátuas da Glória e da Fama estão em adeantada execução. O medalhão com a effigie do chorado e inolvidável médico está já concluído.

As esculturas serão colocadas sobre uma grande pyramide quadrangular de granito escuro que como os leitores sabem, está há perto d’um anno, construída.

Estas ornamentações estão confiadas à hábil direcção artística do sr. Moreira Rato, laureado escultor de Lisboa, que conta poder remmetel-as para a Guarda em fins de Setembro.”

O articulista cita o *Diário de Notícias*, que elogiava o projeto do monumento e de homenagem a quem *em vida era chamado o “médico dos pobres”*. Considera que “O mausoléu do Dr. Sobral fica sendo um dos

mais notáveis do país como notável também a obra do malgrado facultativo.”²¹



A pirâmide estava concluída. Faltava o medalhão e as estátuas que o escultor Moreira Rato finalizava. Célebre pela musculatura dos nus, são vários os medalhões que criou representando médicos como António da Cruz, Santucci, Guevara, Gomes Lourenço – Antiga faculdade de Medicina de Lisboa – e o grupo Sem casa e Sem pão presente no Museu da Chiado.

A ação altruísta e desinteressada envolvendo os dignos de misericórdia, produtos de uma miséria ancestral, desencadeou admiração e conquistou a cidade. E na altura da inauguração do mausoléu o Dr. Sousa Martins escreveu e publicou *Discurso pronunciado na inauguração do Mausoléu Sobral na cidade da Guarda*²².

A cidade prezava o médico, a história de amor que o desesperara tão forte quanto a sua entrega à medicina como a um velho credo de resistência: *Faz com que seja moderado em tudo, mas insaciável no meu amor pela ciência*²³. A força, a vontade e a oportunidade para beneficiar os que sofriam foi o lema que escolhera.

Ao longo da vida, peregrinou em busca de uma paz de consciência que coincidirá com a luta contra a doença.

O Dr. Sobral era amigo de muitos. A coragem, as qualidades do homem cuja morte emocionou e afligiu a cidade ficaram registadas. A loucura sadia de quem ousa remar contra a maré, em nome de princípios que humanizam a humanidade, salvaguardou-a a memória da urbe.

A morte é uma situação limite. Ainda que amarrado à certeza de um final, o indivíduo recusa a aniquilação absoluta. Perante um homem como o Dr. Sobral, a comunidade quis preservar o legado do médico que lhes curara dores do corpo e da alma, do homem bom, exemplar, que morrera absurdamente.

Tem nome de rua na vila de Manteigas e na cidade da Guarda. Afinal, pela sua determinação, A *Civilização* de 20 de Janeiro de 1883, podia certificar: "Tem diminuído consideravelmente os efeitos da febre typhoide, que grassava em Manteigas; não podemos, contudo, dizer que aquela epidemia esteja próxima a debelar-se, pois que ainda hoje se encontram affectadas 114 pessoas, das quais 97 são servidas com a sopa dos pobres. Desde o dia 1 do corrente até hoje temos apenas de registar 3 óbitos; comparando com a mortandade até então dá um esperançoso futuro à Sciencia. Os jornais da capital ocupando-se d'este flagelo, que tanto tem oprimido os habitantes de Manteigas, tecem as mais brilhantes coroas ao benemérito cirurgião de infantaria 12, sr. Dr. Sobral. Tudo quanto a imprensa possa dizer d'este cavalheiro está muito aquém da sua benemérita acção."

Notas ao texto:

1 - Entre outras notícias, esclarece *O Districto da Guarda*, de 22 de Janeiro de 1882: "O distinto operador d'esta cidade, o Sr. Francisco Maria Sobral, fez na semana finda as seguintes operações cirúrgicas: Estripou uma encefaloide na região cervical anterior a Manuel Simão, filho de António Simão, lavrador, de Aldeia do Bispo, concelho da Guarda; um Kisto cebaceo na região frontal direita ao soldado nº 132 da 7ª Companhia, António Joaquim da Cunha, filho de João da Cunha, da Mesquitella; ao soldado nº 32 da 1ª Companhia, Manuel Ferreira, filho de António Ferreira, de Mangualde da Serra, um Kisto purulento na região parietal direita. Em todas estas operações se empregou a anestesia local pelo ether-sulphurico. Foi ajudante o hábil facultativo municipal, o Sr. Dr. Sacadura".

2 - De acordo com o Livro de óbitos da freguesia de Santa Maria, de Manteigas, a 24 de Abril de 1882, faleceu, numa casa da Rua da Praça, José Correia Tanganho, de 29 anos, solteiro, médico (...). Era natural de Manteigas, filho de António Correia Tanganho e de Maria dos Santos. Assina o vigário, Thomas d'Aquino Gomes.

3 - O Administrador do concelho era natural da Alpedrinha, casado com D. Maria José Adelino Ramos Feio. Filho de Joaquim Gomes do Pego Feio e de D. Cândida d'Assumpção Azevedo, naturais de Alpedrinha, faleceu a 6 de Abril de 1882., no Hospital Provisório. Deixou um filho.

4 - Em 1880 são 26 os registos de óbitos; em 1877, contámos 25, trinta e três em 1878 e 34 em 1879.

5 - Em 1884 e 1885 o Padre José Casimiro de Moura Lemos inclui no Livro de Assentos 36 óbitos.

6 - Lia-se em A *Civilização* de 16 de dezembro de 1882: "A epidemia de febres typhoides, que há tempos grassa na villa de Manteigas, continua alli fazendo bastantes victimas dando-se ainda na semana passada trez casos fataes. O governo deu instrucção ao exmº governador civil d'este districto para fundar alli um hospital provisório, porem, S. excª tendo empregado os máximos esforços para encontrar um facultativo, que vá regularizar alli o hospital e tratar os doentes, ainda o não poudo conseguir, não obstante estar superiormente autorizado a oferecer uma retribuição, que compense o perigo, que vai correr. São já dois os facultativos, um após outro, que a epidemia affeta, o primeiro dos dois succumbiu, e o outro consta que está em grave perigo de vida. Esta circunstância enche de terror os facultativos, que d'elle têm conhecimento, e por isso nenhum se abalança a ir expor-se a um grave perigo. É de esperar, no entanto, que em consequência do grande abaixamento de temperatura, que n'estes últimos dias se tem experimentado, e da grande quantidade de neve, diminua a intensidade daquele flagelo, pelo que fazemos votos".

7 - A *Civilização* de 15 de Dezembro de 1888.

8 - Sermão da 1.ª Sexta-feira da Quaresma, Pregado em Lisboa, em 1649, Vol. II, op. cit., p. 314

9 - A *Civilização* de 8 de Dezembro de 1888.

10 - Idem..

11 - *Civilização*, idem. Também José Villagelis, Vasco Homem Figueiredo, A. S. F. da Academia Egytaniense dedicam palavras ao médico que a cidade estimava.

12 - *Districto da Guarda* de 16 de Dezembro de 1888.

13 - Idem.

14 - A *Civilização* de 15 de Dezembro de 1888.

15 - Idem.

16 - Virgílio Afonso, *Toponímia Histórica da Guarda*, Guarda, Ed Câmara Municipal, 1984, p. 205.

17 - David Augusto Machado, *Memórias, usos e costumes dum povo. Casteleiro*, Ed de autor, Viseu, Tipografia Guerra, 2008, pp. 149 e 150.

18 - Joaquim Manuel Correia, *Memórias sobre o concelho do Sabugal*, Sabugal, ed. fac-similada do Município do Sabugal, 1988, (Lisboa, 1946, Ed. da Federação dos municípios da Beira Serra) p. 174.

19 - *Civilização*, idem.

20 - Livro de óbitos da freguesia da Sé, assento nº 54. Arquivo Distrital da Guarda.

21 - A *Civilização*, Setembro de 1893.

22 - *Discurso pronunciado na inauguração do Mausoléu Sobral na cidade da Guarda*., Lisboa, Tipografia da Companhia Nacional Editora, 1894.

23 - Maimónides, in Herbert le Porrier, *O médico de Córdoba*, Lisboa, Bizâncio, 1998, p. 231.

* Universidade da Beira Interior

EVOCACÃO/MEMÓRIA DE ALGUNS MÉDICOS NOTÁVEIS DA BEIRA INTERIOR – CONCELHO DO FUNDÃO (X):

DR. JOÃO JOSÉ DE AMARAL E SEU FILHO PROF. DR. JOÃO MANUEL VIDEIRA DE AMARAL

*Joaquim Candeias Silva**

Introdução

Mais um ano (2012). Mais umas Jornadas de Estudo “Medicina da Beira Interior da Pré-história ao século XXI”. Que são já as XXIV, numa organização absolutamente singular, regular e a todos os títulos notável da responsabilidade dos nossos amigos Drs. António Lourenço Marques e António Salvado. O que significa que temos “bodas de prata” à vista...

Por diversas razões, era um imperativo não faltar a este quase familiar encontro. E colaborar uma vez mais. Mas como, se os temas vão ficando um pouco gastos? Como, se já por duas vezes deixei antever que era minha intenção terminar esta espécie de saga de evocações-memórias (ao menos sobre o Fundão)?

Em boa verdade – e como afirmei numa anterior edição – era tempo de dar voz a outras terras e outros concelhos, onde também houve clínicos notáveis, merecedores de serem historiados e evocados. Seria também altura de passar a palavra a novos biógrafos e colaboradores. Acontece, todavia, que a “fonte” da Gardunha e do Fundão, não só pelo seu excelente enquadramento orológico mas também sociológico e sanitário, continua longe de esgotar. Aquilo é um “fundão”...

E, desta vez, mais alguns médicos fundanenses me acudiram à mente, como merecedores de figurar nesta já vasta galeria, alguns familiares entre si, deles avultando um que recentemente foi galardoado com a Medalha de Ouro da cidade do Fundão (2011): o Prof. Doutor João Manuel Videira de Amaral. Apesar de não ser meu hábito biografar pessoas vivas (neste contexto é mesmo o primeiro caso), penso que seria uma falha grave e uma injustiça não o trazer aqui.

Do conjunto de elementos carregados, se bem cerzidos e entrecruzados com outros já nossos conhecidos, penso que poderá resultar um quadro cultural e sócio-profissional de algum interesse histórico, susceptível de caracterizar uma época e uma ambiência da Medicina na Beira Interior, e em particular na área fundanense, mormente das décadas de 40 a 70 do século XX.

Por dever de honestidade, quero no entanto sublinhar que devo ao Sr. Prof. Videira Amaral a informação basilar para o desempenho desta tarefa. Sem a sua prestimosa ajuda, mormente quanto ao suporte documental, não teria sido possível levá-la a bom termo.

1. João José de Amaral (1910-1975)



Figs. 1, 1A e 1B – João José de Amaral respectivamente aos 7, aos 17 e 35 anos

Este fundanense de adopção, ainda hoje lembrado por muitos, nasceu em Penamacor a 14 de Novembro de 1910. Era filho de um funcionário público, José Afonso Amaral, e de D. Maria José Claro, doméstica. Os estudos liceais veio fazê-los nesta cidade de Castelo Branco, sempre com muito boas classificações, pelo que não lhe foi nada difícil enveredar pelo curso da sua preferência e para o qual sentia já forte vocação.

Curso então as ciências médicas, na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, entre os anos de 1928 e 1935. Segundo testemunhos diversos, que os registos oficiais comprovam, revelar-se-ia um aluno brilhante, sem nunca conhecer reprovações e com “jeito de mãos para operador”, como então se dizia¹. Em função disso, no final, seria mesmo convidado pelo professor de Cirurgia da referida Faculdade para assistente de Cirurgia Geral. O recém-licenciado recusou, porém, tão honroso convite por diversas razões, sobretudo pela “exigência logística” de ter de se radicar em Coimbra, o que implicava encargos económicos de difícil concretização.



Figs. 2, 3 e 3A
A formatura em Coimbra (pasta com fitas amarelas/de Medicina) e página do Livro de Curso com versos e caricatura tradicional



Fig. 4 – Curso de Histologia (Coimbra, 1930/31)



Fig. 5: Em Coimbra, de capa e batina com um seu grande amigo de Curso, Melo e Sousa.



Fig. 6: Ainda em Coimbra, no ano da Queima das Fitas.



Fig. 7: Finalista em Coimbra, no Jardim Botânico (com o chapéu que era habitual usar-se até à década de 50), sendo a foto dedicada à sua noiva.

E foi assim que, após o serviço militar obrigatório, acabou por instalar consultório no Fundão, aí se iniciando na actividade clínica. Foi no Largo da Igreja, inicialmente no rés-do-chão do prédio que pertencera ao Visconde do Sardoal e, depois, bem perto (quase em frente), na casa que servira ao Dr. D. Fernando de Almeida (pai) – cf. *Medicina na Beira Interior*, Cadernos XVIII e XIX (2004 e 2005). Para a escolha do Fundão como localidade de exercício da clínica terá contribuído, entre outros, o seu relacionamento com uma jovem estudante nascida na Guarda onde estudou o curso liceal, Maria Guilhermina das Neves Castro e Silva Videira, cinco anos mais nova, filha de João Antunes Videira (um capitão retirado compulsivamente da carreira militar por razões políticas na sequência da queda de Sidónio Pais) e de D. Emília Guilhermina das Neves Castro e Silva (prima de um médico)². Uma vez que os futuros sogros viviam no Fundão, em 1936 casaram e fixaram aí residência. Tiveram seis filhos, sendo primogénito o segundo dos nossos biografados de hoje, Prof. João Manuel das Neves Videira de Amaral (nome profissional João M. Videira Amaral).

Aspecto interessante a ter em conta, numa “família de médicos”, é que o Dr. João José Amaral tinha um irmão mais novo, Júlio Afonso Amaral (1914-1952), que seguiu as suas pisadas nas artes de Hipócrates e de Amato Lusitano licenciando-se também em Medicina por Coimbra, em 1938. Chegou a exercer clínica no consultório do irmão, no Fundão, após a formatura; mas, tendo obtido colocação em Tinalhas e depois em Sarzedas, veio a falecer por acidente em Lisboa, antes de completar 38 anos. Na altura deu dele o *Jornal do Fundão*, na sua secção necrológica (de 15.6.1952, p.4), a seguinte notícia:

«Natural de Penamacor, o extinto viveu os anos da sua juventude no Fundão e, sem esquecer a sua terra natal, considerava-se todavia fundanense. E o Fundão estimava-o deveras. O Dr. Júlio Amaral, cuja modéstia encobria um médico estudioso e sabedor, era homem de carácter íntegro, lealíssimo, extremanente bondoso. Discreto nas expansões de amizade, só aqueles que muito bem o conheceram podem apreciar as extraordinárias qualidades que possuía. Sem ambições de poder ou de dinheiro, foi um exemplo de desinteresse por mesquinhas vaidades e lucrativas subserviências. Por tudo isso, a infausta notícia da sua morte causou nesta vila a maior e mais sincera consternação».

O médico no quotidiano fundanense

Para além da observação dos doentes no consultório, passava visita diária no hospital da Misericórdia aos doentes sob sua responsabilidade (não auferindo daí qualquer vencimento), tendo como “braço direito” uma enfermeira religiosa – a Irmã Teresa – verdadeira amiga e até conselheira. No consultório tinha, efectivamente, muitos doentes de todas as idades e cobrava honorários, se bem que, em casos especiais relacionados com carências económicas, mormente de famílias rurais, a consulta fosse gratuita. Não podia queixar-se, todavia, da ingratidão dos “socorridos”, pois era frequentemente obsequiado com a oferta de pequenas lembranças em géneros, como por exemplo galinhas, coelhos, perdizes, bolos regionais, produtos hortícolas, etc..

Das suas actividades quotidianas, podemos registar algumas particularidades. Assim, no hospital velho (edifício situado ao lado da igreja da Misericórdia), era ele próprio quem procedia aos exames radiográficos dos doentes sob sua responsabilidade (devidamente protegido com avental de chumbo, como mandavam as regras de segurança) e revelava as “chapas” na câmara escura, facto que foi observado e também protagonizado inúmeras vezes por seu filho mais velho, ainda estudante de medicina e que “com ele muito aprendeu de clínica médico-cirúrgica desde que entrou para a Universidade”. De facto, nesse tempo não havia técnicos de Raios X para proceder a tais tarefas. Por outro lado, frequentemente as consultas ou o seu tempo de lazer (em casa, no cinema ou onde quer que se encontrasse), eram interrompidos devido a chamada urgente do hospital, em geral relacionada com acidentes de viação ou emergências: era um tempo em que o serviço de atendimento permanente no hospital não estava institucionalizado.

A propósito das visitas domiciliárias, merecem aqui particular referência certos hábitos populacionais da época, tipicamente rurais. Na sequência de solicitação por familiares dos doentes fora da área do Fundão – o concelho tinha então 29 freguesias (hoje tem 31) e algumas muito distantes da pequena urbe – o costume era o transporte do médico ser realizado por carro de aluguer a pedido e a expensas da família do doente. Acresce que, por vezes, após a chegada do automóvel ao término da estrada ou à aldeia, ainda havia alguma distância a percorrer, a cavalo, de mula, de carroça ou em pachorrento de carro de bois, senão mesmo a pé. E o profissional da saúde, qual João Semana, não tinha outra opção senão fazer-se ao caminho com os meios de que dispunha...

Outra circunstância deveras curiosa era a das chamadas “conferências médicas”, nas décadas de 40 a 60. Perante situação clínica complexa de determinado doente, era habitual a respectiva família solicitar uma terceira opinião, confrontada com opiniões divergentes de dois clínicos da “terra”. Em geral era pedida a presença, para discussão do caso, de uma autoridade médica de Lisboa, Porto ou Coimbra, em geral professor universitário. Ficaram testemunhos, neste âmbito, de que os Mestres consultados felicitavam João Amaral pelas suas opiniões.



Fig. 8: No Hospital do Fundão, coordenando os procedimentos num doente submetido a transfusão de sangue.



Fig. 9: Numa sessão administrativa como director clínico do Hospital do Fundão (hospital novo) tendo à sua direita o Pe. Bento (prior), o Dr. José Monteiro e a enfermeira-chefe (Irmã franciscana do Hospital), enquanto à sua esquerda figurava o Sr. António Saraiva, pertencente à Mesa da Santa Casa da Misericórdia. Em primeiro plano, vista detrás, a cabeça do Dr. José Gonçalves, veterinário e seu amigo assistindo à sessão.

Por feito, empenhava-se em prestar bom serviço aos doentes, gostando até de inovar, o que lhe criava auto-estima; e sendo algo reservado e sóbrio, era porém dotado de espírito crítico, que muitas vezes manifestava. Embora com abundante clientela no seu consultório, susceptível de lhe trazer proventos, era frugal e desprendido de bens materiais: preferia investir na educação dos filhos, que considerava o seu melhor legado. Com excepção da fase outonal da sua vida, viveu sempre em casa alugada, já que não

garantira posses suficientes para adquirir património. E no entanto trabalhava muito, as solicitações eram frequentes, sendo raros os anos em que gozou férias.

O gosto pela actualização permanente

A circunstância de iniciar o exercício da clínica num meio pequeno – a então vila do Fundão – com fracos recursos técnicos e carências de diversa índole, cedo fez sentir no jovem médico a necessidade de adquirir competências em determinadas áreas, na perspectiva de melhor poder servir os doentes a quem prestava cuidados. Por essa razão foi o Dr. João Amaral um estudioso incansável acerca da matéria médica. Possuía um vasto acervo bibliográfico na sua biblioteca, parte da qual viria a ser doada pela família à Biblioteca do Hospital do Fundão, com entrega directa pelo seu filho médico. Também assinava diversas revistas médicas, entre elas a conceituada *Lancet*, e *New England Journal of Medicine*, bem como a *Science et Vie*, assim cultivando o gosto pela clínica médico-cirúrgica, pelas técnicas e pela inovação. Tinha por hábito fazer sublinhados nos livros que ia adquirindo e nas revistas médicas que assinava, espontaneamente, mas sobretudo quando estudava casos de doentes mais difíceis da sua clínica.

Sempre que aparecia uma obra nova relacionada com avanços em Medicina, comprava-a, através da Livraria Luso-Espanhola ou de uma Livraria Universitária de Salamanca, revelando nisso um certo autodidactismo e uma indómita preocupação em se manter actualizado, isto num tempo em que a formação contínua em Portugal não estava institucionalizada. Por outro lado, com essa sua perseverante atitude prospectiva, falava frequentemente nos seus “Mestres de Coimbra” e deslocava-se frequentemente a Lisboa, Salamanca, Madrid, com o objectivo de contactar colegas especialistas em diversas áreas e frequentar serviços hospitalares por curtos períodos, criando desse modo mais conhecimentos e amizades.

A testemunhar essa grande avidez pelo aperfeiçoamento profissional, ficou notícia da sua participação em múltiplos encontros e eventos científicos médicos, tendo o último ocorrido em Sevilha sobre “Traumatologia” (1973); mas, muito para além disso, detemos o registo da frequência de cursos e estágios diversos. E, porque podem ter interesse para uma visão geral do Homem e da sua Época, a seguir se sintetizam os principais, alguns sob os auspícios da Ordem dos Médicos:

- Estágio de Saúde Pública em 1938 no Instituto Ricardo Jorge conferindo-lhe competência para a exe-

cução de medidas prevenção e tratamento da “raiva”, doença que então era altamente prevalente em Portugal; nesta perspectiva foi designado director do Dispensário anti-rábico no Fundão;

- Estágio no Hospital de São José / Hospitais Cíveis de Lisboa em 1943 no Serviço dirigido pelo Dr. Ferreira da Costa, tendo-lhe sido conferido pela Ordem dos Médicos o título de especialista de Estomatologia (Doenças da Boca e Dentes);

- Frequência bimensal durante dois anos (estadias médias de uma semana) do Serviço de Cirurgia dirigido pelo Dr. José Maria Sacadura Botte, prestigiado Cirurgião dos Hospitais Cíveis de Lisboa, acompanhando igualmente a sua equipa no Serviço de Urgência do Hospital de S. José (vulgo Banco de S. José), onde adquiriu assinalável prática cirúrgica capacitando-o para a resolução de problemas cirúrgicos e traumatológicos correntes (décadas de 40 e 50);

- Curso e Estágio no Serviço de Hemoterapia do Hospital de Santa Maria durante três meses em 1957, sob a orientação do Dr. J. Madahil, conferindo-lhe competência para a criação de um Centro de Hemoterapia no Hospital (novo) do Fundão. A partir de então passou a ser possível realizar transfusões de sangue, criando-se um Banco de Sangue e um centro de dadores em condições de segurança;

- Frequência periódica do Serviço de Ortopedia e Traumatologia do Hospital Militar Principal (HMP), onde praticou intervenções cirúrgicas sob a orientação do ortopedista Dr. Biscaia da Silva e o apoio do Dr. J. M. Sacadura Botte (simultaneamente brigadeiro médico-cirurgião no HMP). Tal estágio conferiu-lhe competência para o tratamento (incluindo métodos cruentos) de lesões traumáticas esqueléticas/fracturas no Hospital do Fundão;

- Preparado para a realização de partos, num tempo em que era habitual nascer em casa (pois a escola de Coimbra, tradicionalmente formava médicos de clínica geral com competência para a realização de partos, um pouco em contraste com o que se passava noutras Escolas Médicas), sempre que se deslocava a Coimbra contactava com um dos colegas de curso de quem era amigo, abordando questões de âmbito clínico, por vezes passando um ou dois dias na maternidade dos Hospitais da Universidade.

Não consta, todavia, que tenha deixado publicações científicas, em livros ou revistas.

O médico na sua relação com colegas

Na época que começou a exercer clínica no Fundão, ainda jovem (26 anos), outros colegas mais antigos tinham já consultório instalado. Lembramos os Drs. José Carvalho (figura política de grande influência regional e até nacional, governador civil durante bastantes anos, nas décadas de 40-50), Guilhermino da Cunha Vaz, Alfredo Mendes Gil e João Nabinho Amaral (os três últimos já por nós aqui biografados), António da Silva Lino e César Gonçalves. Da listagem dos que exerceram clínica em época anterior, portanto mais velhos, cabe citar os Drs. Matos Fernandes, Pedro Campos, Pedro Chorão, Eduardo Figueira e D. Fernando de Almeida (pai), quase todos também já aqui trazidos a estas jornadas.

Posteriormente ao Dr. João Amaral, embora em épocas muito próximas, outros clínicos vieram exercer no Fundão: os Drs. Eugénio Gago Nabinho, Alfredo Mendonça de Oliveira (1918-2001), João da Rocha Afonso (1919-1995), Albano Antunes de Oliveira (1929-2009), José Duarte Oliveira (1911-1989) e Pina Monteiro (este oriundo da Beira Alta). No que toca a relações profissionais com outros colegas da região, João José de Amaral privou em algumas circunstâncias com os Drs. Carlos Coelho, Amadeu Leitão, Amândio Leitão e António Ferreira de Almeida (exercendo na Covilhã), Drs. António Serra e Sá Pereira (fixados em Alpedrinha), Alberto Trindade e Maria Cândida Monteiro (em Castelo Branco), e também com Afonso de Paiva (a exercer na Guarda).



Fig. 9 – Encontro médico em Castelo Branco promovido pelo então Governador Civil, Dr. José Carvalho (ao centro), tendo à sua direita a Dr.ª Maria Cândida Monteiro Trindade, esposa do Dr. Alberto Trindade e única mulher colega de Curso em Coimbra. Em segundo plano, logo atrás do Dr. José Carvalho e da direita para a esquerda, respectivamente: Júlio Amaral (irmão), J. Rocha Afonso e João Amaral [Alberto Trindade no 2.º plano, entre a sua esposa e o Dr. José Carvalho].

A somar aos precedentes, privou o Dr. Amaral com muitos outros colegas, alguns residentes em Lisboa mas ligados ao Fundão. Estão nesta escala: o Dr. Virgílio Tavares, natural das Donas (Fundão), que tradicio-

nalmente passava as férias em Setembro na região e que, sendo pediatra com formação no Hospital Dona Estefânia em Lisboa, durante as férias ou curtas estadias na região era solicitado para observar crianças e jovens com problemas de saúde; o Dr. Júlio Salgueiro, da mesma idade, contemporâneo em Coimbra mas nascido no Fundão; o Dr. António Paulo Alves Monteiro, filho do Conselheiro e museólogo José Alves Monteiro e cunhado do Dr. João Rocha Afonso.



Fig.10 – O curso médico coimbrão de 1934/35 numa reunião ocorrida a 23.6.1945, com a presença do reitor Prof. Maximino Correia. Identificamos o Dr. João Amaral no 2.º plano, de pé, 5.º a contar da direita da foto.

Os primórdios da Medicina especializada no Fundão

Antes de João José de Amaral ter iniciado a actividade clínica no Fundão, por iniciativa do Dr. Alfredo Gil e no seu consultório, comparecia periodicamente para dar assistência a “doentes dos olhos”, vindo de Coimbra, o Dr. António da Cunha Vaz, ligado familiarmente ao Fundão (sobrinho do Dr. Guilhermino da Cunha Vaz, já aqui trazido a este forum científico – cf. Cadernos Medicina na Beira Interior, n.º XXV, de 2011, pp. 88-90). Posteriormente passou a colaborar no mesmo consultório, também como oftalmologista, o Dr. Elias Tavares Cravo (que durante alguns anos foi meu médico pessoal em Castelo Branco e em Coimbra). Ainda no campo da Oftalmologia torna-se obrigatório citar o Dr. Amândio Leitão (décadas 40-70), natural de Unhais da Serra e radicado na Covilhã, que passou a dar consultas periodicamente no Hospital do Fundão. Com um ficheiro clínico numeroso e dotado de grande capacidade de trabalho, cabe realçar que observava os doentes com enorme dedicação e humanismo “até altas horas da noite”.

Desde os tempos de juventude no Liceu, em Castelo Branco, fomentou-se uma amizade de João José de Amaral com o Dr. Alberto Trindade, também colega de curso na Universidade de Coimbra. Este último, especializou-se em Cirurgia Geral em Lisboa e em Madrid,

passando a exercer clínica em Castelo Branco. Por influência de João Amaral, foi proposta à Mesa da Santa Casa da Misericórdia a realização de intervenções de grande cirurgia no velho Hospital sob a responsabilidade de Alberto Trindade. Apesar dos escassos recursos existentes, concluiu-se que seria exequível operar entre outras patologias, hérnias e apendicites, utilizando anestesia geral com éter e o apoio das irmãs franciscanas treinadas como “anestesistas”, de modo logicamente artesanal mas com grande empenho da equipa médica Amaral-Trindade.

Assim, a partir de 1944 e até por volta de 1960, João Amaral fazia a triagem de doentes para operar e Alberto Trindade comparecia todos os domingos sendo ajudado pelo primeiro, sendo que, por vezes, trocavam. Mas o cirurgião-chefe era o amigo e colega Dr. Trindade. As operações duravam toda a manhã, a partir das 08 horas, e era frequente este ir almoçar a casa da família Amaral no Fundão³. A vigilância do pós-operatório ficava a cargo de João Amaral. Por vezes eram realizadas também intervenções ginecológicas sob a direcção da Dr.^a Maria Cândida, mulher de Alberto Trindade, que se especializara em Ginecologia e Obstetrícia. Colega de curso de Trindade e Amaral, natural de Bragança, ela era (como vimos) a “única mulher do Curso”, aspecto que contrasta flagrantemente com a realidade actual, conforme também tivemos já ocasião de observar nestas Jornadas a propósito da 1.^a Mulher Médica da Beira Interior, natural do Fundão (Olívia Pessoa Cabral, “Cadernos”, XXII, 2008, pp. 86-92). Entrando-se na era do hospital novo do Fundão e a partir da década de 60, a Cirurgia Geral ficou a cargo do Dr. José Duarte de Oliveira.

Já no âmbito da Otorrinolaringologia (ORL), notabilizou-se o Dr. Afonso de Paiva, falecido recentemente com 95 anos. Radicado na Guarda, de início (década de 40) dava periodicamente consultas por convite de João Amaral – de quem era amigo e com o qual conviveu – no respectivo consultório e, mais tarde no hospital novo do Fundão. Também operava. Tal aconteceu até final da década de 60. Dotado de extraordinárias qualidades humanas, teve um papel altamente relevante a nível nacional na formação de novos otorrinolaringologistas. Exerceu sempre um papel altamente interventivo sob os pontos de vista profissional e científico.

Afonso de Paiva teve um filho que é médico e académico, exercendo clínica também otorrinolaringológica, em Coimbra. Trata-se do doutorado pela Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra – Prof. António Paiva. Através da frequência dos serviços hospitalares em Lisboa, o Dr. João Amaral conheceu e fomentou amizade igualmente com o cardiologista Prof. Eduardo

Paiva, assistente do Prof. Eduardo Coelho, da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa. Proposta a sua colaboração em consultas periódicas, passou a deslocar-se periodicamente ao Fundão nas décadas de 50-60 prestando serviço altamente relevante a doentes do foro cardiovascular na região.

Um homem de cultura

Como aspectos característicos da sua personalidade, extravasando a especificidade do campo profissional, há aspectos que também merecem ser destacados. Assim, até à década de 60, integrava-se com frequência nas chamadas “Reuniões de Curso”, onde encontrava velhos colegas da Universidade. Duas das fotos atrás apresentadas testemunham esses eventos.

Relativamente ao seu quotidiano, hábitos e tempos de lazer, regista-se aqui o testemunho pessoal do filho médico João Manuel:

«Tinha que estar sempre ocupado. Apreciava muito a natureza e, quer a pé, quer de carro, deu a conhecer a todos os seus filhos, para além da capital do País, praticamente todas as regiões das Beiras, e de modo especial as Serras da Estrela e Gardunha. Um dos grandes amigos no Fundão era o Dr. José Gonçalves, médico veterinário com o qual fazia todos os dias, sobretudo na época menos invernosa, longas caminhadas a seguir ao jantar. Gostava de estar actualizado com o dia-a-dia de Portugal e do mundo. Para isso, foi assinante de O Século (enquanto existiu), passando para o Diário de Notícias quando o primeiro foi extinto. Gostava de ler obras da literatura portuguesa e internacional. Camilo, Eça e Herculano, a par de Shakespeare, Kafka e Pitigrilli, eram os preferidos. Apreciador do teatro de revista, sempre que ia a Lisboa gostava de ir sobretudo ao Teatro D. Maria, apreciando muito e comentando com os filhos as peças a que assistia. Quanto a actores de cinema e filmes emblemáticos, apreciava Hamlet, Luzes da Ribalta, Laurence Olivier, Charles Chaplin e James Stewart. Também era melómano: tinha uma colecção notável de discos em vinil, de música clássica, em que se destacava uma excelente gravação do Requiem de Mozart. Lembro-me que apreciava especialmente Mozart, Beethoven, Bach e Rimsky Korsakov. Deste último compositor deliciava-se a ouvir a “Canção de Scherazade”, com o que conseguia “contaminar” a família.

Nos tempos em que não havia televisão, como sócio do Casino Fundanense, tinha assinatura de um camarote, no respectivo cine-teatro, lamentavelmente

destruído na década de 50. Gostando de se aperfeiçoar no inglês, fez um curso por correspondência da BBC que incluía discos para treino em conversação e incluía avaliação contínua e final com realização de provas, tendo com ele obtido um diploma de “proficiency”. Um outro aspecto que merece destaque relaciona-se com a sua habilidade manual e o gosto pela mecânica...».

Mais. No pós-guerra inscreveu-se num curso técnico de rádio por correspondência (da National Schools de San Francisco da Califórnia, USA), com avaliação contínua após envio periódico de textos em português e material para construir um aparelho de rádio ao longo de dois anos. Também respondia aos testes escritos periodicamente enviados, os quais eram classificados; e o aparelho de rádio, ainda antes de haver em Portugal a “frequência modulada ou FM” de que já falava, foi finalmente concluído e funcionou perfeitamente durante muitos anos. Estava sempre ocupado, preocupando-se por explicar aos filhos “o que estava a fazer, porquê, e para quê”...

Referimo-nos atrás aos seus consultórios privados. Foram sempre em casa alugada e em locais emblemáticos do Fundão, como o Largo da Igreja: primeiramente no rés-do-chão do prédio conhecido por Casa do Visconde do Sardoal e, nas últimas décadas da vida, na casa que foi de D. Fernando de Almeida (pai), a qual já por diversas vezes aqui foi referida. Ali perto, no Hospital da Misericórdia do Fundão, exerceu também o lugar de director por convite. Aquando do falecimento vivia numa casa da família de sua esposa, na Rua João Franco, onde nascera o Dr. Alfredo da Cunha (1863-1942) e vivera o pai deste, o prestante José Germano da Cunha (1839-1903).

Em 1947, visitando então seus sogros, que viviam em Mangualde (Beira Alta) e onde também estudava na instrução primária seu filho mais velho, criou empatia e amizade com um colega reconhecido por todos como de grande competência profissional, verificando que tinha os mesmos hábitos de estudo da Medicina, e que muito apreciava. Era o Dr. Diamantino Teixeira Furtado. Ora, aconteceu certo dia que, por circunstâncias diversas, tivessem ambos chegado a realizar uma cesariana... a uma porca. E a intervenção foi coroada de êxito.

Na década de 50 o papel do Dr. Amaral foi decisivo pela investigação experimental que levou a cabo relacionada com um episódio lamentável surgido no Fundão, de que resultou a morte de um indivíduo por injeção de um medicamento à base de penicilina: foi

o chamado “caso da Lipocina”. As conclusões a que chegou e transmitiu à tutela permitiram que a mesma tomasse determinadas medidas – que foram elogiadas – evitando desse modo que a situação se repetisse.



Fig. 11 – O Dr. João Amaral em final de vida

O Dr. João José de Amaral faleceu de doença oncológica aguda, no Fundão, a 27 de Novembro de 1975, dias depois de completar 65 anos. Da curta notícia, na página de Necrologia do Jornal do Fundão (de 30.11.1975, p.4), lê-se: «Exerceu a clínica durante 40 anos, sendo notável a sua acção, a ele se devendo o início da cirurgia nesta terra, bem como um modelar serviço de sangue. Apesar da sua intensa actividade, terminou a sua carreira modestamente e sem bens materiais».

2. João Manuel das Neves Videira de Amaral

Filho do anterior e figura bem destacada entre os seus concidadãos, felizmente ainda vivo e activo, o seu *curriculum* daria para encher largas páginas deste artigo e destes Cadernos. Procurarei, no entanto, sintetizar ao máximo estas notas a seu respeito, por duas razões: primeiro, porque é a primeira personalidade médica que aqui trago fazendo ainda parte do mundo dos vivos e como tal não existe o necessário distanciamento para se fazer já o seu historial (e não serei eu seguramente a pessoa mais competente para isso); segundo, porque sendo ele uma pessoa de grande modéstia, não me perdoaria se aqui me alargasse no traçado do seu perfil de forma encomiástica. Entendi, todavia, que o deveria incluir como exemplo, pelo seu reconhecido profissionalismo e estatura académica, que ultrapassa largamente as fronteiras da Beira Interior e mesmo do País.

Nasceu a 2 de Setembro de 1937, no Fundão, numa casa que já não existe, no Largo das Oito Bicas à Senhora da Conceição. Fez os primeiros estudos (1.ª e 2.ª classe) na terra natal. Concluído o secundário, com dispensa do exame de aptidão, ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa (FMUL). En-

tre 1955 e 1962 frequentou, sempre com êxito, a dita Faculdade (6 anos acrescidos de estágio no 7.º ano, que era concluído, ao tempo, após realização de um estudo de investigação / tese de licenciatura). Terminou o Curso com a elevada média final de 18 valores e tese de licenciatura com 19 valores (título: *Valor da Citologia Esfoliativa no Diagnóstico do Cancro do Estômago*). Em Janeiro de 1963 inscreveu-se na Ordem dos Médicos, pelo que lhe foi atribuída a respectiva cédula profissional.

Estando a decorrer a “guerra colonial” e não podendo escusar-se ao serviço militar (obrigatório), foi então mobilizado como Alferes Miliciano Médico para uma comissão de serviço em Angola, após frequência dos necessários cursos [COM em Mafra e especialização no Hospital Militar Principal e no Instituto de Medicina Tropical]. Regressou a Portugal em Julho de 1965, iniciando então o Estágio de Medicina e Cirurgia em regime de voluntariado nos Hospitais Cíveis de Lisboa, condição necessária ao concurso de provas públicas para o Internato Geral da Carreira Hospitalar (1966). Findo o internato geral, iniciou o internato da especialidade de Pediatria em 1968, no Hospital de Dona Estefânia (HDE), instituição onde sempre ficaria colocado, desde a pós-graduação até à sua jubilação em 2007. E, após diversos concursos de provas públicas, teóricas e práticas, eliminatórias, foi sucessivamente tomando posse dos diversos cargos e funções de pediatra do quadro permanente, em 1975 como assistente e em 1980 como chefe de serviço (este o grau mais alto da carreira hospitalar).

Foi ainda em 1975 que foi designado director da Unidade de Recém-Nascidos do HDE, já que se vinha interessando especialmente pela Medicina do Feto e Recém-Nascido (*Perinatologia*), desse modo contribuindo por longos anos para a formação de muitos jovens internos de Pediatria e de uma equipa médica e de enfermagem especializada em cuidados intensivos a recém-nascidos. E, após estágios como bolseiro do antigo INIC, do British Council e da Fundação Gulbenkian em diversos hospitais estrangeiros [Hospital Universitário La Paz em Madrid (Espanha), John Radcliffe em Oxford (UK), e Addenbrooke’s Hospital em Cambridge (UK)], com o apoio do seu Mestre Prof. Nuno Cordeiro Ferreira, criou em 1983 no HDE uma Unidade de Cuidados Intensivos para Recém-Nascidos, que foi pioneira em Portugal pela inovação, quer em equipamento quer em filosofia na prestação de cuidados. Em 1989 seria também nomeado director da Clínica Universitária de Pediatria do HDE, cargo que exerceu até à jubilação (2007).



Fig. 12 – Prof. Doutor João Manuel Videira Amaral, numa entrevista dada no âmbito da Fundação Francisco Manuel dos Santos em 2011, publicada no YouTube, a propósito do seu papel na criação de unidades de cuidados intensivos neonatais em Portugal.

Uma importante faceta da sua carreira, que o tornou particularmente notado, foi sem dúvida a docência universitária. Foi por convite do seu director, Prof. Cordeiro Ferreira, ao tempo regente da disciplina de Pediatria na Universidade de Luanda, que no ano lectivo 1972-1973 iniciou as funções de Assistente Convidado, para colaborar no ensino pré-graduado. Seria posteriormente convidado para também colaborar no ensino pré-graduado no âmbito dos Hospitais Cíveis de Lisboa (1975-76), num período que precedeu a criação da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa (FCM/UNL). A partir do ano lectivo de 1979, e uma vez fundada a FCM/UNL, passou a desempenhar, continuamente, as funções de Assistente Convidado da disciplina de Pediatria. Depois, em 1985, foi nomeado Professor Associado Convidado; em 1989 prestou provas públicas defendendo tese de doutoramento, após um trabalho de investigação intitulado “Estudo do perfil de lipoproteínas em Recém-Nascidos”; em 1991, após provas públicas universitárias, foi aprovado como professor agregado; até que em 1992, na sequência de concurso, foi provido como Professor Catedrático, atingindo assim o topo da carreira.

Entretanto, por muitos outros caminhos foi circulando, em Portugal e pelo mundo, ganhando e cimentando saberes, experiências, e também transmitindo-os. Nesse sentido, fez cursos de pós-graduação e estágios em múltiplos países, isto para além de visitas de estudo a centros pediátricos e perinatais noutras cidades, como Cincinnati, Washington e New York (nos Estados Unidos), São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e Brasília (no Brasil), Londres, Oxford e Cambridge (Reino Unido), também em Hong Kong, Paris e outras, umas vezes como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, outras do British Council ou do Instituto Nacional de Investigação Científica. Pelo meio ficam os serviços prestados às sociedades científicas, nacionais e internacionais,

a que pertenceu ou ainda pertence, designadamente a Sociedade Brasileira de Pediatria, a Sociedade Portuguesa de Aterosclerose, a European Society for Pediatric Research, International Society on Pediatric Nutrition (ISPN) e a Sociedade Portuguesa de Pediatria (SPP), tendo mesmo pertencido aos corpos directivos destas duas últimas (foi Secretário-Geral, Vice-Presidente e Presidente da SPP). Pertence ainda ao Steering Committee do grupo organizador do evento anual designado por European Workshop on Neonatology, tendo sido *chairman*/organizador da sua 11.^a edição, realizada em 2003, em Portugal (Sintra).

Outro capítulo relevante do seu percurso foram os prémios relacionados com Investigação. Neste âmbito foi distinguido, entre 1979 e 2007 (em co-autoria), com 18 prémios científicos relacionados com estudos nas seguintes áreas: nutrição pediátrica, antropometria, lipidologia, doenças hereditárias do metabolismo, relação entre medicina da criança e medicina do adulto, marcadores de infecção no recém-nascido, bioquímica do recém-nascido, dismorfologia, etc.. Desempenhou também funções editoriais, em revistas científicas nacionais e internacionais; e foi assim que, entre 1990 e 2000 integrou o Conselho Editorial (*Editorial Board*) da revista internacional *Developmental Physiology and Clinics* (*The Center-Southern Journal of Fetal Neonatal Medicine and Pediatrics*), com sede em Milão; que entre 1998 e 2004 foi editor chefe da revista *Pediatrics* (versão em português da revista publicada pela American Academy of Pediatrics, com o mesmo nome); e que desde o ano 2000 integra o *Editorial Board* da revista internacional publicada em inglês *Einstein*, com sede em São Paulo (Brasil). Desde 2004 é editor-chefe / director da revista *Acta Pediátrica Portuguesa*, órgão oficial da Sociedade Portuguesa de Pediatria, com sede em Lisboa.

Um outro capítulo que se torna indispensável mencionar é o das Publicações. Videira Amaral é autor ou co-autor de mais de 300 estudos científicos originais, distribuídos revistas nacionais (c.260) e internacionais, e de 4 livros monográficos internacionais em língua inglesa, na maioria sobre estudos nas áreas da Pediatria do Recém-Nascido (Neonatologia), Pneumologia, Hematologia e Educação Médica. É também autor do livro *Neonatologia no Mundo e em Portugal - Factos Históricos* (Lisboa, Angelini, 2004) e co-autor dos livros *Recém-Nascido - Normas Práticas de Actuação* (Lisboa, Direcção Geral de Saúde, 1981), *Orientação Diagnóstica em Pediatria* (Lisboa, Lidel, 2002), *Antropometria do Recém-Nascido* (Lisboa,

Nestlé Nutrition Institute, 2007), *Microbiologia* (Lisboa, Lidel, 2010). É ainda editor-coordenador, autor e co-autor do primeiro tratado sobre clínica em Pediatria no nosso País, 3 volumes / 2070 páginas, *Tratado de Clínica Pediátrica* (Lisboa, Abbott, 2008/2010, 1.^a edição não comercial, também em DVD).

Conferências e comunicações proferidas em eventos científicos (congressos, seminários, workshops, cursos de pós-graduação, etc.), em Portugal e no estrangeiro, contam-se por cerca de meio milhar... E há ainda outras actividades, científicas, profissionais e de intervenção cívica. Ao longo da sua carreira fez parte de 32 grupos de trabalho para elaboração de relatórios e recomendações atinentes a problemas clínicos da criança e do adolescente e ao ensino-aprendizagem da Pediatria, na pré e pós-graduação. Citemos mais a publicação de artigos dedicados ao grande público, a pais e famílias de crianças, a adolescentes, sobre problemas relacionados com saúde infantil e juvenil e problemas sociais; e a participação em entrevistas na rádio, televisão, jornais diários e semanários (incluindo o *Jornal do Fundão*), e revistas de informação médica, sobre questões diversas. Citemos ainda três publicações em forma de livros, de que é co-autor, editadas pela *Nestlé Nutrition Institute*, contendo informação diversa sobre desenvolvimento infantil e juvenil, prevenção, assim como sobre alimentação e nutrição: *O Livro da Mamã I - Todos os cuidados a ter com o seu bebé* (1990); *Livro da Mamã II - Todos os cuidados a ter com o seu bebé* (1997); e *Primeiros Passos* (2003).

Embora por razões profissionais ele resida no Fundão (cidade que, no entanto, visita amiúde), sempre tem estado atento às questões relacionadas com a sua terra natal e concelho. Prova disso são três escritos recentes no *Jornal do Fundão*: "Nascer fora dos grandes centros", "A questão do túnel da Gardunha" e «A propósito do "polo de saúde"» (este no número de 9.2.2012). Ainda no âmbito das referidas visitas tem deixado na Câmara Municipal sugestões escritas em espírito de cidadania e, por vezes, críticas que pretendem ser construtivas e colaborantes em prol do cidadão. Registe-se, por fim, uma pública homenagem de que foi alvo no dia do concelho do Fundão de 2011 (evocação dos 264 anos da fundação): a atribuição pelo senhor presidente da edilidade, Dr. Manuel Frexes, do galardão máximo do município: a medalha de ouro!...

Enfim, um "médico de ouro".
Com o Fundão por matriz.

E, na raiz, uma referência. Um médico. Seu pai. Sim, é o próprio Prof. João Manuel Videira Amaral que no-lo afirma numa das suas obras de referência, o *Tratado de Clínica Pediátrica*, quase a abrir:

«Na minha memória tenho o exemplo de meu pai [Dr. João José de Amaral]: muito me ensinou, me influenciou pelo exemplo de trabalho, e me incutiu o gosto pela clínica exercida com rigor e humanismo, tendo como base o estudo perseverante para a actualização permanente».

João Manuel Videira Amaral. «Um dos raros Homens Grandes da Pediatria Portuguesa», como lapidadamente o definiu um seu colega, o Prof. Doutor João Gomes-Pedro. Um nome para a História da Medicina em Portugal. E, logicamente, também para a História da Medicina desta nossa Beira Interior.

Notas ao texto:

1 - O seu processo, com a carta de curso ou certificado da conclusão e o diploma em latim, que se encontra arquivado na Universidade de Coimbra (cota IV-2ºD-13-5-18), refere que a licenciatura em Medicina e Cirurgia foi concluída no dia 27 de Julho de 1935 com o exame de Química Cirúrgica, sendo a média aritmética final de 15 valores, e está datado de 2 de Dezembro de 1935.

2 - Tratava-se do médico fundanense já aqui trazido a estas Jornadas [Cadernos de Cultura, n.º XXI, 2007, pp. 132-133], Dr. Hermano José das Neves Castro e Silva (1846-1892).

3 - Em finais da década de 40, o Dr. Trindade criara uma Casa de Saúde em Castelo Branco, que era uma instituição privada de internamento vocacionada para cirurgia geral e ginecologia-obstetrícia. Esta foi sendo ampliada e modernizada ao longo do tempo, com a colaboração de sua mulher, Dr.ª Maria Cândida, mantendo-se até 1974.

* Doutor em Letras (História),

Professor aposentado, da Academia Portuguesa da História

ASSISTENCIALISMO E MISERICÓRDIAS NO DISTRITO DE CASTELO BRANCO: UM BALANÇO HISTORIOGRÁFICO.

*Inês Nogueira de Melo**

A mendicância e pobreza existem desde os tempos idos. Não são uma consequência, ou reflexo, da sociedade actual, ou um problema de séculos anteriores. Embora se saiba que ao longo dos tempos se tenha praticado a caridade e a assistência, não é menos verdade que, na Época Moderna o crescimento de tais propósitos se tenha propagado, de forma um tanto acelerada, um pouco por todo o continente Europeu.

Numa Europa acabada de entrar na Modernidade, os fundamentos Medievais estavam, profundamente, enraizados, visto

que a religiosidade dominava. Não será, portanto, difícil perceber o alcance que os preceitos morais e espirituais, pregados pela Igreja (Católica ou Protestante) se tenham tornado num dos propósitos mais importantes, e até dignificadores, dos grupos sociais mais poderosos, quer política, quer financeiramente.

Em Portugal, a partir de 1498, começou a efectuar-se aquilo a que podemos chamar a padronização da assistência, visto que é nessa data que se funda a primeira Misericórdia Portuguesa, em Lisboa que, por ter sede na capital do Reino, iria torna-se na maior e mais importante de Portugal, bem como o modelo de todas as outras que foram surgindo no Continente, Ilhas e Colónias. O próprio rei, D. Manuel I, aderiu, de imediato, à iniciativa da sua irmã, D. Leonor¹. E a adesão foi de tal forma entusiástica que, entre 1499 e 1500, o rei enviou cartas às Câmaras Municipais, apelando para que estas seguissem o exemplo de Lisboa, ou seja, que aceitassem a criação e instalação de uma Misericórdia. Havia o sentimento da necessidade de



incorporar esta instituição de assistência em todos os núcleos urbanos do Reino. Por outro lado, as Misericórdias ofereciam ao rei a possibilidade de serem interlocutoras do seu poder junto das populações por esse Reino fora. Para exemplificar tal situação, bastará, porventura, referir que o Provedor de uma Misericórdia só tinha que prestar satisfações ao rei, através dos Provedores das Comarcas².

Os beneficiários directos desta instituição eram os pobres, os doentes, os peregrinos, os mendigos, os enjeitados, os presos, as viúvas e as donzelas pobres³. Não obstante, havia um outro

tipo de pobreza, a pobreza envergonhada. Os pobres envergonhados eram aqueles que pertenciam às ordens sociais mais elevadas, mas que, por motivos vários, se encontravam em condições financeiras graves ou mesmo falidos. Em situações como esta, a ajuda era prestada de forma discreta ou mesmo secreta, perante os olhos da sociedade.

Ao longo dos tempos, o caminho das Misericórdias fez-se no sentido do reforço da vertente material da assistência⁴, nunca deixando de ter presente as Obras de Misericórdia espirituais e materiais, como seja rezar pelos vivos e pelos mortos, acompanhar os mortos às sepultura, dar bons conselhos, dar beber a quem tem sede ou cobrir os nus, por exemplo.

Por outro lado, as Misericórdias foram decisivas para a estruturação e consolidação dos poderes locais. Os interesses das elites locais eram um ponto de confluência, visto que ser-se Irmão numa Misericórdia era, altamente, prestigiante, não só para o próprio Irmão, mas, também, para as respectivas famílias.

Eram as elites locais que ocupavam os cargos mais importantes e prestigiantes das Misericórdias, por estipulação dos Compromissos⁵. Porquê? Porque a maioria da população era analfabeta e não tinha conhecimentos necessários para dirigir uma instituição de tal envergadura, nem tempo livre, duas das condições impostas pelos Compromissos. Como impunham restrições, os Compromissos previam, então, a divisão entre os membros componentes das Misericórdias, isto é, a existência de dois tipos de membros na administração da Misericórdia - os Irmãos: os nobres e letrados, chamados de Primeira Condição (ou Maiores) e os não nobres (geralmente, pertenciam à elite do Terceiro Estado)⁶, ditos de Segunda Condição (ou Menores). Não será, portanto, estranho, encontrar-se, eventualmente, referência de um Irmão Maior, na direcção de uma Misericórdia, alternando este cargo com o de vereador, numa Câmara Municipal, por exemplo. Em Portugal, as Misericórdias transformaram-se num elemento fundamental de poder local que passou a basear-se na triologia Câmara-Bispo-Misericórdia⁷.

No respeitante à organização social das Misericórdias, havia regras para o recrutamento e admissão dos confrades. O Compromisso de 1577 excluía indivíduos de sangue judeu, mouro ou de qualquer outra raça⁸. As Misericórdias eram Confrarias, marcadamente, masculinas, visto que as mulheres não eram admitidas nesta organização benemérita. Embora nalgumas Misericórdias haja o relato da existência de mulheres, tal acontece até ao Compromisso de 1577⁹. Esta exclusão das mulheres só vem reforçar a importância e o peso políticos das Misericórdias, instituições que tinham chancelaria régia, nas comunidades.

Mesmo em relação aos homens, havia normas muito rígidas para poderem entrar na Confraria. Estes não podiam ter idade inferior a 25 anos, pois a lei previa que só a partir dessa idade os homens atingiam a maioridade para assumir o papel de *pater famílias*¹⁰. Porém, mesmo tendo mais de 25 anos, sabendo ler, escrever e tendo tempo livre para se dedicar à Confraria, seriam os indivíduos mais qualificados, de entre os Irmãos Maiores, que exerceriam os cargos mais importantes: Provedor, Escrivão e Tesoureiro.

As Misericórdias tinham vários campos de acção, como já referimos. No entanto, há duas situações que se destacam, pela importância que adquiriram, ao longo de cinco séculos: a incorporação dos hospitais¹¹ e a assistência às crianças (os enjeitados ou expostos). Os expostos assumem o protagonismo da assistência às crianças, nas Misericórdias, até ao século XIX. Pelo decreto de 19 de Setembro de 1836 (confirmado pelo Código Administrativo de 1842),

os expostos passam a ser responsabilidade das Câmaras Municipais. Esta situação veio aliviar as Misericórdias (que desde o século XVIII passavam por dificuldades financeiras), por um lado, e a constituir mais um encargo para as Câmaras¹², por outro.

A Reforma do Compromisso das Misericórdias de 1577 trouxe uma novidade, se assim se poderá chamar-lhe: a anexação dos hospitais. Entre 1577 e 1580, 30 Misericórdias de vilas e cidades, espalhadas pelo Reino, anexaram hospitais pré-existentes. A maioria deles não tinha uma grande envergadura, mas havia as excepções dos hospitais das zonas urbanas importantes, como é o caso do de Montemor-o-Novo, os de Évora e o Hospital de Todosos-Santos, em Lisboa.

Os hospitais, até ao século XX, eram locais de assistência aos pobres, não tinham a ambivalência que têm actualmente. As pessoas que tinham possibilidades financeiras, nunca se deslocavam ao hospital, visto que eram assistidas em casa, através do serviço médico domiciliário.

Os hospitais da Era Moderna eram, geralmente, divididos em duas partes: as enfermarias para tratamento de doentes e as enfermarias de assistência aos peregrinos. Somente quem padecia de doenças contagiosas era isolado. Apesar da indiferenciação existente entre os estabelecimentos de assistência, havia, já, hospitais especializados: os hospitais para estudantes (nos colégios universitários), os hospitais de meninos/crianças e os estabelecimentos destinados a leprosos¹³. Grande parte dos hospitais (e aqui englobamos vários tipos de estabelecimentos que iam desde o hospital geral, até instituições especializadas de origens medievais, na maioria das vezes) locais era administrada pelas Misericórdias. Não obstante, seria a fundição de todos os hospitais lisboetas num único, o Hospital de Todosos-Santos, que iria marcar a ruptura entre a Medievalidade e a Modernidade, no que aos estabelecimentos de assistência diz respeito.

As Misericórdias funcionaram, nas primeiras décadas da sua existência, graças à boa vontade de muitos. O voluntariado assume, naquelas instituições, uma importância protagonística e propagandística. Se, por um lado, se praticava a caridade católica, pregada pela Igreja, por outro, praticava-se a caridade social, isto é, a prática caritativa era feita de acordo com os padrões morais e sociais da época, por outras palavras, praticava-se a caridade para se ficar bem visto perante a sociedade. Embora muitas vezes alguns dos actos caritativos não fossem desprovidos de interesse, acreditamos que a maioria dos voluntários e

dos seus actos seriam genuínos, quer na sua vocação, quer na sua prestação de entreajuda, visto que se deslocavam às prisões, aos hospitais e às casas particulares, para prestarem auxílio material e espiritual. Além disso, acompanhavam as procissões e os funerais, tal como recomendavam as Obras de Caridade. Estamos, então, perante de uma relação de proximidade entre os dadores e os receptores de assistência.

As Misericórdias foram ganhando tamanha importância que, entre 1557/58 e 1580, há registo da criação de 55 Misericórdias, nas terras mais pequenas¹⁴. No seu início, estas instituições funcionaram, muitas vezes, em igrejas que já existiam nos locais onde as primeiras se estavam a instalar. É o caso de Lisboa, Porto, Braga ou Guimarães. Noutros casos, as Misericórdias foram instaladas em casas pertencentes às Câmaras Municipais. Em muitas situações, as Câmaras Municipais transferiram para a alçada das Misericórdias, rendas, terrenos, casas, hospitais e capelas¹⁵. Como as Misericórdias dependiam da protecção régia, desde que foram criadas, tornaram-se originais no campo da assistência, uma vez que eram laicas e não eclesiásticas, ou seja, eram uma criação régia e não da Igreja.

Relativamente à administração das Misericórdias, esta era feita pela Mesa, órgão de decisão da Misericórdia. A Mesa era composta pelos Irmãos de 1ª e de 2ª Condições, sendo que de entre os Irmãos de 1ª Condição eram eleitos três para os cargos directivos: o Provedor (autoridade máxima dentro da Misericórdia), o Escrivão (a quem cabia fazer toda a escrita da Irmandade ou Confraria) e o Tesoureiro (que estava encarregue das contas da Misericórdia). Todos os membros da Mesa se designavam de Mordomos. No total, a Mesa era composta por 13 Mordomos. O acesso aos cargos directivos era restrito, pois só os Irmãos Maiores podiam ser eleitos para os cargos directivos (Provedor, Escrivão e Tesoureiro). Esta situação ditava um certo controlo social, na medida em que o Próprio Compromisso impunha um rol de critérios específicos, os quais obrigavam a uma selecção, ou divisão, entre os Irmãos que podiam ser elegíveis e eleitos, para os cargos mais elevados, e os que não o podiam ser.

A Mesa tinha um mandato com a duração de um ano civil, realizando-se eleições todos os anos.

Relativamente aos estudos efectuados, tendo por base as Misericórdias e o assistencialismo, destacamos a obra *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*, dirigida pelo Professor Doutor José Pedro Paiva, docente da Faculdade de Letras da Universidade de

Coimbra. Quanto aos estudos efectuados na região da Beira Interior, focamos os casos de Castelo Branco, Covilhã, Fundão, Medelim, Monsanto, Proença-a-Nova, Sarzedas e Soalheira.

Para Castelo Branco, Hermano Castro Silva fez, em 1891, um estudo sobre a Misericórdia, ao qual deu o nome de *A Misericórdia de Castello Branco, Apontamentos Históricos*. Esta obra teve uma segunda edição em 1958, já com a colaboração de José Lopes Dias.

Em relação à Misericórdia da Covilhã, Maurício Humberto Gomes Simões escreveu *Santa Casa da Misericórdia da Covilhã: cibos para a sua história*, em 1999.

No caso do Fundão, logo em 1892, José Germano da Cunha faz referência, nos seus *Apontamentos para a História do concelho do Fundão*, à Santa Casa da Misericórdia, referência essa que é ressalvada por Alfredo Cunha, na sua obra *A Santa Casa da Misericórdia do Fundão*, publicada em 1925. Para além destes dois estudos, há, também, o estudo que Manuel Antunes Correia efectuou para a sua tese de Licenciatura, *Subsídios para a história da Santa Casa da Misericórdia do Fundão: séculos XVI, XVII e XVIII*, a qual foi apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 1971.

Quanto à Misericórdia de Medelim, concelho de Idanha-a-Nova, existe o estudo efectuado por Maria Adelaide Neto Salvado em 2002, *A Misericórdia de Medelim – apontamentos e lembranças para a sua história*. A autora publicou, também, o seu estudo sobre a Misericórdia de Monsanto, *Elementos para a História da Misericórdia de Monsanto*, em 2001.

Francisco Goulão estudou o caso de Proença-a-Nova na sua tese de licenciatura *A Misericórdia de Proença-a-Nova* que apresentou à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 1971.

No caso de Sarzedas, foram João Lourenço Roque e João Marinho dos Santos que fizeram um levantamento dos bens da Misericórdia, tendo publicado o seu estudo na Revista Biblos n.º 55, de 1971, *Os Bens da Misericórdia de Sarzedas em Meados do Século XVIII*.

Sobre a Misericórdia da Soalheira, o Pe. Augusto Duarte Ruivo publicou, na Revista de Estudos de Castelo Branco, em 1970, com prefácio de José Lopes Dias, *A Soalheira e a sua Misericórdia*.

Como se pode verificar, a maioria destes estudos têm, já, alguns anos. Assim, gostaríamos de terminar esta breve resenha histórica, com um desafio para as localidades referidas e para as outras que não possuem qualquer estudo acerca da assistência, em geral, e das Misericórdias, em particular: fazer, ou refazer, um estudo sobre as Misericórdias desta nossa Beira Baixa.

Notas ao texto:

- 1 - SÁ, Isabel dos Guimarães, Quando o rico se faz pobre: Misericórdias, caridade e poder no império português: 1500-1800, Ed. Comissão Nacional para os Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1997.
- 2 - Idem.
- 3 - Idem.
- 4 - ABREU, Lucinda, As Misericórdias de D. Filipe I a D. João V, in PAIVA, José Pedro (Dir.), Portugaliae Monumenta Misericordiarum, Ed. Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, vol. 1, Lisboa, 2002, p. 66.
- 5 - O conjunto de regras/normas que regia as Misericórdias designa-se por Compromisso.
- 6 - Artesão, mercadores, pequenos proprietários.
- 7 - SÁ, Isabel dos Guimarães, Ob.Cit.
- 8 - SÁ, Isabel dos Guimarães, Ob. Cit., p. 94.
- 9 - Idem.
- 10 - Ibidem.
- 11 - Nem todas as Misericórdias administraram hospitais. Por isso, podemos dividir estas instituições em dois grandes grupos: as que administravam hospitais e as que não exerciam tal valência.
- 12 - LOPES, Maria Antónia, As Misericórdias de D. José ao final do século XX, in Portugaliae Monumenta Misericordiarum, Ed. Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, vol. 1, Lisboa, 2002.
- 13 - SÁ, Isabel dos Guimarães, Ob. Cit, p. 30.
- 14 - SÁ, Isabel dos Guimarães, A criação das Misericórdias, in PAIVA, José Pedro (Dir.), Portugaliae Monumenta Misericordiarum, Ed. Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, vol. 1, Lisboa, 2002.
- 15 - Idem.

Bibliografia:

- ABREU, Lucinda, As Misericórdias de D. Filipe I a D. João V, in PAIVA, José Pedro (Dir.), Portugaliae Monumenta Misericordiarum, Ed. Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, vol. 1, Lisboa, 2002.
- CORREIA, Manuel Antunes, Subsídios para a história da Santa Casa da Misericórdia do Fundão (séc. XVI, XVII e XVIII), Coimbra, Tese de licenciatura policopiada, 1971.
- CUNHA, Alfredo, A Santa Casa da Misericórdia do Fundão, Porto, Off. de O Commercio do Porto, 1925.
- GOULÃO, Francisco da Conceição Carriço, A Misericórdia de Proença-a-Nova, Coimbra, Tese de licenciatura policopiada, 1971.
- LOPES, Maria Antónia, As Misericórdias de D. José ao final do século XX, in Portugaliae Monumenta Misericordiarum, Ed. Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, vol. 1, Lisboa, 2002.
- RUIVO, Augusto Duarte (Pe), A Soalheira e a sua Misericórdia, Soalheira, Santa Casa da Misericórdia, 1970.
- SÁ, Isabel dos Guimarães, A criação das Misericórdias, in PAIVA, José Pedro (Dir.), Portugaliae Monumenta Misericordiarum, Ed. Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, vol. 1, Lisboa, 2002.
- SÁ, Isabel dos Guimarães, Quando o rico se faz pobre: Misericórdias, caridade e poder no império português: 1500-1800, Ed. Comissão Nacional para os Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1997.
- SANTOS, João Marinho dos e Roque, João Lourenço, Os bens da Misericórdia de Sarzedas em meados do século XVIII, Coimbra, Sep. de Biblos 55, 1979.
- SALVADO, Maria Adelaide Neto, A Misericórdia de Medelim – apontamentos e lembranças para a sua história, Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, 2002.
- SALVADO, Maria Adelaide Neto, Elementos para a História da Misericórdia de Monsanto, Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, 2001.
- SILVA, H. Castro e Dias, José Lopes, A Misericórdia de Castelo Branco: apontamentos históricos, Castelo Branco, Misericórdia de Castelo Branco, 1958, 2ª Ed.
- SIMÕES, Maurício H. G., Santa Casa da Misericórdia da Covilhã. "Cibos para a sua história", Covilhã, Câmara Municipal da Covilhã, 1999.

*Mestre em história

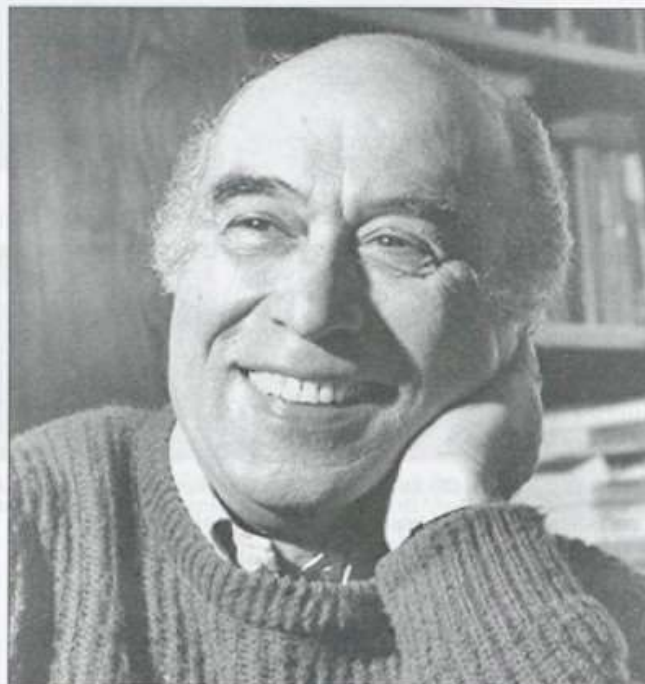
NOMES PARA UM TERRITÓRIO: FERNANDO NAMORA E A BEIRA BAIXA

Rui Jacinto*

O País em geral e a Beira Baixa em particular não podem desperdiçar o importante activo que representa o legado de Namora, património cujo significado pode ombrear com alguns recursos, materiais e intangíveis, que se tentam valorizar e promover, actualmente, como única redenção de todos os males que enfrentam os deprimidos territórios deste vasto Interior. Não incorporar o recurso Namora nas estratégias e iniciativas de desenvolvimento regionale local é não estar atento ao conselho avisado de Eduardo Lourenço quando, reflectindo sobre o nosso discurso colectivo, recorda: "Povos e indivíduos só têm o passado à sua disposição. É com ele que imaginam o futuro."

A obra de Namora, embora pareça datada e perdida na poeira do tempo, identifica os problemas que estas comunidades continuam a enfrentar, fornece elementos imprescindíveis para compreendermos as aspirações dos que ficaram, como se vêem e posicionam relativamente aos outros. Pensar um futuro melhor para a Beira Baixa não dispensa que se conheça uma obra onde se encontra uma reflexão profunda, para além das aparências, sobre a evolução económica e social duma região, não isenta de contradições, que Fernando Namora acompanhou como observador atento, empenhado e comprometido. Ao fixar as marcas mais telúricas e perenes da identidade regional e local, não deixa de dar contributos que identifiquem as forças e as fraquezas, as oportunidades e ameaças que pairam sobre um território que o autor viu mudar, perdendo pessoas e densidade enquanto, paulatinamente, adquiriria alguma melhoria nas suas condições de vida.

A obra de Fernando Namora será um atlas indispensável para guiar qualquer viagem à Beira Baixa, páginas que são verdadeiros mapas cujas coordenadas são o tempo e o espaço que o autor cristalizou na notável geografia literária que escreveu sobre a região. A obra de Namora ganha maior importância nos tempos que vivemos, quando o pensamento dominante, a "visão e a obsessão urbanas" tentam conceber e "pensar o mundo sem os rurais e sem as paisagens", esquecendo que "a paisagem permanece, persiste, mesmo quando colcada em perigo pelos homens. E o diverso reside nela, nos campos, visível e identificável nas epifanias naturais, longe dos artificios da cultura."



Depois de reduzido ao "ridículo" as tentativas de "querer congelar um lugar temporalmente visível numa eternidade inexistente" - Namora sempre reagiu à redução de Monsanto a um mero ícone - , "sob a espuma da mundialização liberal e da globalização económica persistem as correntes, as vagas de fundo, os dinamismos das profundezas eternamente induzidos pela geografia e pelas suas energias telúricas."

As páginas de Namora vão contra as correntes duma "modernidade" que "fabrica as megalópoles todas iguais, é certo, mas não consegue suprimir as geografias", prova provada como "a modernidade reduziu a história, mas poupou a geografia."

A obra de Fernando Namora, embora datada, é transversal ao tempo pois tem, como ele próprio afirmou, as suas "raízes na terra, a memória das ambiências da infância e da adolescência, o convívio medular com o povo (não o das demagogias, mas o genuíno), penso que tudo isso repercutiu fundo na minha personalidade e, conseqüentemente, nos meus livros. Família, lugares, pessoas, labores desse tempo, posso talvez resumir-los nesta palavra: autenticidade."

Universidade de Coimbra

APRESENTAÇÃO DA ANTOLOGIA *AMADO AMATO*



Apresentação da antologia *Amado Amato*. Da esquerda para a direita: Dr. António Lourenço Marques (Diretor dos *Cadernos de Cultura*), Prof.ª Dr.ª Maria Antonieta Garcia, Dr.ª Cristina Granada (vereadora da cultura da Câmara Municipal de Castelo Branco), Prof.ª Dr.ª Maria de Lurdes Brata e Dr. Pedro Salvado.

PRÓLOGO

A organização desta antologia esteve sob a égide de Amato Lusitano. Neste ano de comemorações dos quinhentos anos do seu nascimento, esta publicação pretende ser um marco para lembrar o insigne médico que se tornou cidadão do mundo e cuja memória não é apenas uma saudade de homem ilustre, mas um manancial de investigação num cotejo de desempenhos e de história da medicina.

As metas que aglutinam a selecção dos textos poéticos apontam para dois pólos temáticos: o próprio Amato Lusitano no seu percurso e os valores defendidos e postos na prática da sua vida de homem-médico, cumprindo-se como tal na fidelidade ao juramento «feito em Salónica, no ano do Mundo 5.319 (1559 da nossa Era)» e que se inicia com uma profissão da Verdade: «Juro perante Deus imortal e pelos seus dez santíssimos sacramentos, dados no Monte Sinai ao Povo Hebreu, por intermédio de Moisés, após o cativeiro no Egipto, que na minha clínica nunca tive mais a peito do que promover que a Fé intacta das coisas chegasse ao conhecimento dos

vindouros». Ao longo do juramento elevam-se os valores presentes na sua prática, valores como altruísmo e solidariedade (Nada fingi, acrescentei ou alterei em minha honra ou que não fosse em benefício dos mortais; e ainda: Quanto a honorários, que se costuma dar aos médicos, também fui sempre parcimonioso no pedir, tendo tratado muita gente com mediana recompensa e muita outra gratuitamente), imparcialidade e antiracismo (Nunca lisonjeei, nem censurei ninguém ou fui indulgente com quem quer que fosse por motivo de amizades particulares; Para tratar os doentes, jamais cuidei de saber se eram hebreus, cristãos, ou sequazes da Lei Maometana), a lealdade e a confiança (Nunca divulguei o segredo a mim confiado), a coragem e a fortaleza (Nem o prejuízo dos interesses particulares, nem as viagens por mar, nem as minhas pequenas deambulações por terra, nem por fim o próprio exílio, me abalaram a alma, como convém ao Homem Sábio), a competência e o amor ao estudo (Fui sempre diligente no estudo e, por tal forma, que nenhuma ocupação ou circunstância, por mais urgente que fosse, me desviou da leitura dos bons autores), o amor do Bem

pelo Exemplo que procurou e pelo exemplo da sua própria vida pelo que foi construindo (Os discípulos que até hoje tenho tido, em grande número e em lugar dos filhos, tenho educado, sempre os ensinei muito sinceramente a que se inspirassem no exemplo dos bons).

Dos princípios e da vivência de João Rodrigues de Castelo Branco (que nos honra por ter levado o nome da sua terra natal muito longe) emerge o homem do amor ao próximo, o homem da liberdade, genuinamente vivida, interiormente e nos seus actos, o homem de carácter que deve servir de exemplo. Assim, é esteio de inspiração na presente antologia, uma antologia poética. A força da palavra poética carrega a denúncia, a resistência, a reflexão, a visão do mundo sob o olhar humanista do amor e da fraternidade. Por isso, a palavra poética é indicada para homenagear um grande homem. Compreende e celebra.

No que podemos considerar como critérios de conteúdo, delinear-se propostas de poemas que são directamente dedicados a Amato Lusitano com referências à sua vida de médico ou à sua peregrinação humana e poemas que, mais indirectamente, falam de valores, do acto de viver sob os signos do Bem, da Liberdade, do Querer e do Crer. Pretende-se erguer um canto que se dirigisse a um homem, ao homem e aos valores humanos que dignificam a vida. A dor, o feito, a viagem sem fronteiras, a dimensão do amor e da coragem ocupam o espaço deste respirar poético, para que fique como que mais um talefe nas comemorações dos quinhentos anos do nascimento de João Rodrigues de Castelo Branco, Amato Lusitano. Foi esta bússola orientadora que chamou os mais variados poetas e de vários países, que são instrumento de cultura e de prazer de leitura evocadora de um cidadão do mundo. As vozes dos poetas rodeiam assim esta figura, mesmo que alguns poetas não estivessem a pensar em Amato Lusitano, quando criaram os seus poemas. Pedro Salvado, investigador inteligente, de fiabilidade e acuidade conhecidas, fez contacto e recolha junto da maioria dos poetas que integram a antologia e cabe uma palavra ao seu mérito. Deseja-se que esta leitura seja a do fascínio pela palavra da arte poética, com a manifestação do brilho de João Rodrigues de Castelo Branco neste ano especial de 2011 a trazer à luz o 1511 dum nascimento que definiria uma vida humana que dignifica os humanos.

Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

POSFÁCIO

Vários propósitos estiveram na génese desta antologia. O facto de se terem cumprido 500 anos do nascimento de João Rodrigues de Castelo Branco, conhecido na Europa da Renascença como o médico Amato Lusitano, apontou a coordenada basilar e unificadora desta tessitura de escritas providas de variadas geografias. Esta reunião poética constrói uma poliédrica e matizada metáfora amatiana, revelando e religando Amato a outros itinerários e labirintos íntimos. Nas construções afloram a vida de solidão e de continuadas partidas, os despojos das memórias, os circunstanciais naufrágios dos saberes e dos viveres.

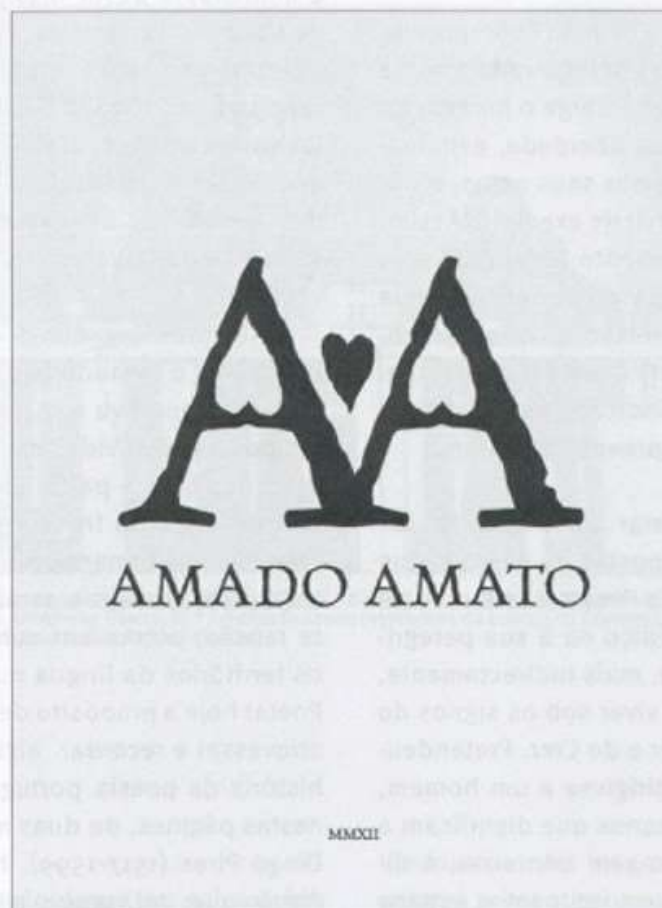
Diferentes lugares e epidermes misturam-se e justapõem a idealidade da vida com os mistérios do sentir, o figurativo e o simbólico, a sismicidade dos tempos e das dúvidas em cortantes anatomias e dissecações que, a partir das fronteiras do corpo inerte, inter-rogam o transcendental do ser. Os poemas orientam e iluminam uma tímida rede de reiterações sintácticas, léxicas e semânticas às vezes em gritante tensão, outras em autênticas litánias, dilatando os territórios da língua num laboratório de paixões. Poetar hoje a propósito de Amato é, intrinsecamente, atravessar e recordar alguns temas e intérpretes da história da poesia portuguesa. Daí, a comparência, nestas páginas, de duas magníficas composições de Diogo Pires (1517-1599), humanista poeta primo de Amato que, tal como o médico albicastrense, foi um judeu errante perseguido, em difícil e terrível imposta diáspora. Lilio Gregorio Giraldi, um seu contemporâneo, apontou: "E, entretanto, não obstante honreres Portugal com o brilho da tua poesia, a pátria revela ingratidão tanto maior para contigo, quanto é certo que consente que há tantos anos peregrines, exilado e fugitivo, por diversas partes da terra. Quantas obras não comporias tu, maiores e melhores, se pudesses levar vida sossegada e sem cuidados!"

Em elevado círculo biográfico amatiano, as duas composições de Diogo Pires interpelam a existência, principalmente o fim que se acelera devido a imposições e a todas as contrariedades, incompreensões, externas às dinâmicas do ciclo da vida, o final como um retorno ao sítio, às geografias e às estratigrafias primordiais do húmus do viver que estes tropos, fraternalmente, descodificam dissipando todas as sombras.

Pedro Miguel Salvado

ANTOLOGIA "AMADO AMATO"

PREMIADA PELA UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES



A antologia poética Amado Amato, organizada pelo Dr. Pedro Miguel Salvado e co-coordenada pela Prof^a. Doutora Maria de Lurdes Gouveia Barata, ganhou o prêmio "Joaquim Montezuma de Carvalho" atribuído pela União de Escritores Brasileiros.

A antologia, lançada no quadro das comemorações do 500 aniversário do nascimento de João Rodrigues Amato Lusitano, foi uma edição da Câmara Municipal de Castelo Branco e reúne poemas de Albano Martins, alice macedo campos; Alice Spín-dola; Alfredo Pérez Alencart; Álvaro Diz; Américo Rodrigues; Ana Luísa Amaral; António Ferra; António José Queiroz; António Miranda, António Ramos Rosa, António Ribeiro, António Salvado, Araceli Sa-güillo, Astrid Cabral, Aurelino Costa; Carlos Nejar; Carlos Vaz; Conceição Riachos; Daniel Abrunheiro; Eddy Chambino; Eduardo Aroso; E. M. de Melo e Castro; Fernando Aguiar; Fernando Díaz San Miguel; Fernando Grade; gabriela rocha martins; Gisela Ra-mos Rosa; Graça Pires; Hendrick Van Noort; Isabel

Leonor Forte Salvado; Ivan Junqueira; Jesus Fonseca Escartín; Jesús Losada; João Camilo; João-maria na-bais; João Rasteiro; João de Sousa Teixeira; Joaquim Simões; Jorge Fragoso; Jorge Velhote; José Antunes Ribeiro; José do Carmo Francisco; José Emílio-Nel-son; José María Muñoz Quirós; José Miguel Santo-laya Silva; Leocádia Regalo; Luís-Cláudio Ribeiro; Luís Frayle Delgado; manuel a. domingos; Manuel António Pina; Manuel da Mata; Manuel Silva-Terra; Margalit Matitiah; Maria Estela Guedes; Maria José Leal; Maria de Lourdes Hortas; Maria de Lurdes Gou-veia Barata; Maria do Sameiro Barroso; Maria Tosca-no; Mário Hélio; miguel de carvalho; Nicolau Saião; Orlando Jorge Figueiredo; Óscar Rodrigues; Paulo Jorge Brito Abreu; Pedro Outono; Pompeu Miguel Martins; Porfírio Al Brandão; Raúl Vacas; Rui Almei-da; Ruy Ventura; Sandra Guerreiro; sara canelhas; Stefaania di Leo; Stella Leonardos; Sylvia Beirute; Tiago Nenê; Tiago Veiga; Verónica Amat e Victor Oli-veira Mateus.

POSTER - AMATO LUSITANO NA MEDALHÍSTICA PORTUGUESA

DUAS NOVAS OBRAS

Pedro Miguel Salvado
Hugo Landeiro Domingues

AMATO
LUSITANO
NA MEDALHÍSTICA
PORTUGUESA
DUAS NOVAS OBRAS

2011

XXIV JORNADAS DE ESTUDO
MEDICINA
NA BEIRA INTERIOR
DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉCULO XXI
AMATO LUSITANO E A MEDICINA
DO PASSADO AO FUTURO

Coordenação:
Pedro Salvado

Design:
Hugo Landeiro Domingues

Colaboração:
Tudo Landeiro

Apresenta:
Casa da Cultura das Beiras

AMATO LUSITANO NA MEDALHISTICA PORTUGUESA DUAS NOVAS OBRAS



Medalha mandada cunhar pela Câmara Municipal de Castelo Branco no âmbito das comemorações do V centenário do nascimento de João Rodrigues, Amato Lusitano. O anverso filia-se numa genealogia de representações amatianas cujas raízes remontam ao século XVIII. O busto de perfil é envolvido por uma legenda que, aproveitando tipos da imprensa da época, reforçou a ideia da relevância que a tipografia teve na difusão da obra do sábio. O reverso da medalha é ocupado por uma das muitas plantas estudadas por Amato-o Visco.

TIAGO MARQUES

Tiago Navarro S. Marques Natural é natural de Castelo Branco, designer e investigador, tem-se dedicado a estudos relacionados com a tipografia digital e imprensa; é doutor em Belas-Artes, variante de Design/Tipografia pela Universidade Politécnica de Valência (2006-11); Mestre em Tipografia, Disciplina y Usos pela Universidade de Barcelona (2008-9); licenciado em Design de Comunicação e Técnicas Gráficas pelo Instituto Politécnico de Portalegre (1998-2003); possui ainda um Mäster em Design e Produção Gráfica pela Universidade de Barcelona (2004-6).

Iniciou a sua actividade enquanto designer gráfico em 1995, colaborando em diversas empresas destacando-se a Criaturas e publicidade (Lisboa, 1997) e Olinger & Strauer agence de publicité (Luxemburgo, 2001). Referência para alguns projectos desenvolvidos para o Banque Générale du Luxembourg (campanhas de publicidade), Museo del Athletic de Bilbao (design de informação), Câmara Municipal de Castelo Branco e Scutvias - autoestradas da Beira Interior.

Tem colaborado com artigos científicos para a Revista Portuguesa de História do Livro (Centro de Estudos de História do Livro e da Edição, Lisboa) e BláblArt (Universidad del País Vasco, Bilbao); Colaborador no projecto de investigação "Diseño y digitalización de la fuente tipográfica Yciar: recuperación del patrimonio caligráfico de Juan de Yciar", financiado pela Universidad del País Vasco (2008-09); Director e fundador da revista Grafema (Centro de Estudos Albicastrenses Aplicados ao Design, Castelo Branco); Co-director da revista DeForma (Editorial Sendemá, Valência).



AMATO LUSITANO NA MEDALHISTICA PORTUGUESA DUAS NOVAS OBRAS



No quinto centenário do seu nascimento, o escultor Hugo Maciel, a convite da INCM, concebeu uma medalha comemorativa em bronze cunhado e patinado que exhibe no seu anverso o retrato de Amato Lusitano e a representação de um livro como marca definidora do médico, escritor e investigador. Ainda no anverso da medalha, surgem os vasos sanguíneos, signos relacionados com a sua descoberta, que se estendem no reverso com a definição de um coração no meio dessa malha venosa.

HUGO MACIEL

Hugo Maciel reside em Sesimbra. Licenciado em Escultura pela FBAUL (2006-2009), frequenta o mestrado em Escultura Pública na mesma Faculdade (2009-2011). Iniciou a sua formação artística - Escultura e Pintura - no atelier particular de Dulce Nunes (2002-2004). É membro do FIDEM - Fédération Internationale de la Médaille d'Art e do Volte Face - Medalha Contemporânea.

Participou em várias exposições coletivas, em Portugal e no estrangeiro: VI Bienal Internacional de Medalha Contemporânea, Seixal (2010); "Tensão e Equilíbrio - A Alma do Ferro", Aljustrel (2010); FIDEM XXXI - Congresso Internacional da Medalha, Finlândia (2010); V Bienal Dorita Castel-Branco, Sintra (2009); "New Ideas in Medallion Sculpture" - Rack and Hammer Gallery, Nova Iorque; Reitoria da Universidade de Lisboa; The University of the Arts, Philadelphia (2008-2011).

Autor da escultura pública "Dois Apolos" (Sesimbra, 2011), Monumento ao Mineiro de Aljustrel (2010) e do relevo "Presépio" (Lisboa, 2009-2010).



Biblioteca Municipal de Castelo Branco

Registo: R.E. 73959

Cota: 61(469.36) MED Med



BMCB BB 73959



Castelo Branco

| uma cidade para o século **XXI** |



QUALIDADE DE VIDA

Património, cultura e lazer | Boas acessibilidades | Mercado de emprego dinâmico

| www.cm-castelobranco.pt